AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS DE CRISTO

EXPOSIÇÕES SOBRE EFÉSIOS 41-16

D.M. LLOYD-JONES

AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS DE CRISTO

EXPOSIÇÃO SOBRE O CAPÍTULO 3 DE EFÉSIOS

- D.M.LLOYD-JONES
- PREFACIO
- AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS DE CRISTO
- “O PRISIONEIRO DE JESUS CRISTO”
- “O MISTÉRIO DE CRISTO”
- <ÉOS DOIS MISTÉRIOS”
- “AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS”
- “A MULTIFORME SABEDORIA DE DEUS”
- O ESTRANHO PROPÓSITO DE DEUS
- OUSADIA, ACESSO, CONFIANÇA
- ORANDO AO PAI
- “O HOMEM INTERIOR”
- “FORTALECIDOS COM PODER
- CRISTO NO CORAÇÃO
- A VERDADE COMEÇA A BRILHAR
- O CORAÇÃO PREPARADO
- “ALICERÇADOS EM AMOR”
- «FUNDADOS EM AMOR”
- “PODER COMPREENDER COM TODOS OS SANTOS”
- “LARGURA, COMPRIMENTO, ALTURA, PROFUNDIDADE”
- Conhecendo o Incognoscível
- O Círculo Mais íntimo
- PROCURANDO COMPREENDER
- PREPARANDO-NOS PARA O HÓSPEDE
- “TODA A PLENITUDE DE DEUS”
- A EXPERIÊNCIA DA PLENITUDE
- A GRANDIOSA DOXOLOGIA
- AS INSONDAVEIS RIQUEZAS DE CRISTO

D.M.LLOYD-JONES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Caixa Postal 1287 01059-970 — São Paulo - SP

Título original:

The Unsearchable Riches of Christ Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:

1979

Copyright:

Lady E. Catherwood

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Revisão:

Antonio Poccinelli Capa:

Ailton Oliveira Lopes

Primeira edição em português: 1992

Composição e impressão: Imprensa da Fé

ÍNDICE

(Efésios, capítulo 3)

PREFACIO

Cada capítulo deste livro registra um sermão por mim pregado nalgum domingo de manhã durante o ministério que exerci regularmente na Capela de Westminster, Londres, no transcorrer do ano de Í956.

De imediato o título dá a entender que temos aqui o ensino mais profundo ou mais elevado do apóstolo Paulo. Ao mesmo tempo é, possivelmente, das suas Epístolas todas, o capítulo mais caracterizado pela experiência prática, e no qual o fervor do grandioso espírito pastoral do apóstolo é mais evidente. Isto, com as referências que faz a si e à sua vocação, e juntamente com o registro que fez das suas fervorosas orações em favor destes cristãos efésios, leva a uma das mais sublimes, mais eloqüentes e mais comoventes declarações que Paulo escreveu em toda a sua vida.

Seu valor intrínseco requer atenção o tempo todo, mas é particularmente relevante para as condições da Igreja dos nossos dias. Sua ênfase prática e experimental é urgentemente necessária devido a certas tendências alarmantes.

Uma destas é a descrita como fideísmo, ou fé fácil. Esta, em sua mais tosca forma, ensina que, à luz de Romanos 10:9, se tão-somente dizemos que cremos, estamos salvos. Mas talvez a mais perigosa é a atitude altamente intelectualista que alega que, à luz do versículo três do capítulo primeiro da Epístola aos Efésios, todos os crentes já receberam tudo que é possível ao cristão receber, e que jamais se deve buscar alguma bênção posterior. Este ensino errôneo, avesso a toda e qualquer ênfase à experiência fatual, não passa de uma versão moderna daquilo que outrora foi propagado pelos glassitas na Escócia e pelos sandemanianos na Inglaterra, [1] no século dezoito, e que levou a muita aridez, dureza e esterilidade espiritual.

A resposta simples a esse ensino acha-se neste capítulo três de Efésios, onde Paulo nos conta que orava constantemente no sentido de que os efésios, que já criam e recebiam tanto, recebessem muito mais — a ponto de serem "cheios de toda a plenitude de Deus"! Os puritanos do século dezessete, igualmente, traçavam e acentuavam a vital distinção entre crer no que é possível ao cristão, e apropriar-se dessa possibilidade. Esta atitude moderna que tanto teme a experiência do amor de Deus, devido aos excessos de certas pessoas que põem as experiências à frente da verdade, constitui virtualmente uma defesa da atitude dos membros da igreja de Laodicéia, que diziam: "de nada tenho falta".

Se me pedissem para mencionar o maior problema entre os cristãos atuais, incluindo-se os conservadores, eu diria que é a nossa falta de espiritualidade e de um verdadeiro conhecimento de Deus. Tetpos algum conhecimento a respeito de Deus, e somos peritos na "atitude cristã" para com a política, as atividades sociais, o teatro, as artes, a literatura e que tais, mas poderíamos dizer com Paulo que o

nosso mais profundo desejo é “conhecê-lo”?

Ninguém teve maior entendimento teológico e intelectual do que o apóstolo Paulo, porém, ao mesmo tempo, ninguém teve conhecimento mais profundo, mais pessoal e mais experimental do “amor de Cristo, que excede todo o entendimento”. Pôr toda a nossa ênfase a um ou ao outro, ou exagerar a ênfase num ou no outro, é o perigo dominante hoje. Devemos interessar-nos por ambos. Devemos crescer “na graça e no conhecimento do Senhor”. Jamais poderemos conhecer demasiadamente as grandes doutrinas da fé, mas se esse conhecimento não nos leva a uma experiência cada vez mais profunda do amor de Cristo, não passa de conhecimento que “incha” (1 Coríntios 8:1).

Graças a Deus, ambos nos são possíveis, e a minha oração e a minha confiança é que a leitura deste livro ajude muitos a obter crescentemente ambos. Que sabemos de fato?

D.M. Lloyd-Jones

Como sempre, estou muito agradecido à inestimável ajuda e assistência da Sra. E. Bumey, que mourejou na datilografia, do Sr. S. M. Houghton e da minha esposa.

Londres, julho de 1979

[1]

Em ambos os casos, discípulos do escocês John Glass (1695-1773). Nota do tradutor.

AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS DE CRISTO

Efésios 3:1-21

1 - Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por

vós, os gentios;

2 - Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para

convosco me foi dada;

3 - Como me foi este mistério manifestado pela revelação (como

acima em poucas palavras vos escrevi;

4 - Pelo que, lendo, podeis entender a minha ciência neste mistério

de Cristo),

5-0 qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora é revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas;

6 - A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo,

e participantes da sua promessa em Cristo pelo evangelho;

7 - Do qual sou feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me

foi dado segundo a operação do seu poder.

8 - A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de

anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo,

9 - E mostrar a todos qual seja a comunhão do mistério, que desde

todos os séculos esteve oculto em Deus, que por Cristo Jesus criou todas as coisas;

10 - Para que agora pela igreja a multiforme sabedoria de Deus seja

manifestada aos principados e potestades nos céus,

11 - Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso

Senhor:

12 - No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela fé nele.

13 - Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória.

14 - Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,

15 - Do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome,

16 - Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior;

17 - Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; para que, estando arraigados e fundados em amor,

18 - Possais perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade,

19 - E conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus.

20 - Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundan temente do que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera,

21 - A esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém.

“O PRISIONEIRO DE JESUS CRISTO”

“Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por

vós, os gentios. ” Efésios 3:1

Ao começarmos a considerar o capítulo três desta Epístola aos Efésios, é deveras importante lembrar-nos do seu contexto e do seu cenário. A mente do grande apóstolo sempre funcionava com muita lógica. Ele não era um pensador intuitivo; era um pensador lógico. Ele não lançava idéias a esmo; sempre tinha um plano e um esquema. Por mais que se afastasse desse esquema aqui e ali, fundamentalmente sempre retomava a ele. A própria expressão “Por esta causa”, no começo do capítulo, lembra-nos da conexão. Foi para nosso proveito que estas Epístolas do Novo Testamento foram divididas em capítulos; mas nunca devemos esquecer-nos de que originariamente não eram divididas assim. Duvido se houve até mesmo uma indicação neste ponto de que era novo parágrafo, mas as autoridades que fizeram as divisões sentiram que devia ser assim, e em geral as divisões são úteis. Às vezes isso pode ser um estorvo, porque dá a impressão de que um novo capítulo introduz um novo assunto.

Aqui, clara e obviamente, não é o que acontece. “Por esta causa”, ou “Por causa disto”, diz o apóstolo; mas a que se refere ele? Evidentemente ao que acabou de dizer, a saber, que a estupenda verdade que veio à luz no evangelho de Jesus Cristo é que os gentios que creram no evangelho foram feitos um só corpo com os judeus em Cristo Jesus. Essa é a mensagem do capítulo dois. Estes gentios efésios que antes estavam “mortos em delitos e pecados”, que eram “estranhos às alianças da promessa e separados da comunidade de Israel, não tendo esperança, e sem Deus no mundo”, foram “trazidos para perto” (de Deus). Não só isso, mas destes dois fora criado um “novo homem, fazendo a paz”. Isto levou à doutrina da natureza da Igreja Cristã, mostrando que os cristãos gentios são agora “concidadãos dos santos, e (membros) da família de Deus”, “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas”, e são feitos “santuário” para o Senhor habitar

nele. Isso é verdade tanto com relação aos gentios como com relação aos judeus; todas as paredes intermediárias de separação foram derrubadas e abolidas; e toda a inimizade se foi. Esta admirável unidade e paz foi levada a efeito por meio do sangue de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2:13).

Tendo exposto essas verdades aos efésios, diz o apóstolo: agora, pois, por causa disso, “eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios, ...”. De repente, porém, parece que ele pára. Obviamente ele ia dizer mais alguma coisa, mas faz uma pausa, hesita, e não a diz, senão ao chegar ao versículo 14, onde vemos de novo a mesma fórmula — “Por esta causa (eu)” — e depois prossegue, dizendo-lhes

que está orando por eles. Noutras palavras, do versículo 2 ao fim do versículo 13, temos uma longa digressão, e a pontuação devia ter dado indicações disto no fim dos versículos 1 e 13.

Nesta digressão o apóstolo faz aos efésios um relato do seu ministério — sua vocação, seu ofício — e do seu grande objetivo e propósito. Depois, havendo feito isto, ele volta ao seu tema e diz o que estava começando a dizer no versículo primeiro.

Com isto em mente, devemos considerar por que o apóstolo interrompeu repentinamente o seu pensamento e introduziu esta digressão. Por que teria interrompido provisoriamente o fluxo da sua argumentação, fazendo-se assim culpado daquilo a que os puristas e os pedantes chamam nódoa em seu estilo? A crítica lançada contra Paulo como estilista é que ele constantemente se faz culpado daquilo que denominam anacoluto, isto é, interrupções nas quais o escritor de repente rompe o que está dizendo e parte para outra coisa, e nunca mais retoma, talvez, ao que tivera a intenção de dizer. Noutras palavras, em vez de fluir o estilo com consistência, leveza e serenidade, subitamente surge uma interrupção, uma interjeição, uma digressão, um parêntese. É mau estilo, dizem os pedantes, e um estilo totalmente ruim. Certamente o apóstolo tem culpa disso neste ponto particular, de modo que devemos indagar-nos por que o fez. Que será que de repente o tomou e o moveu a introduzir a digressão? A resposta a essa pergunta não oferece dificuldade real. Ele mesmo dá a resposta no versículo 13, que deverá ser tomado juntamente com os versículos 1 e 2, se de fato quisermos entender esta questão, pois ele diz: "Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória". Isto se liga à descrição que ele faz de si mesmo no versículo primeiro — "o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios". Ele insta com os cristão efésios a que não desfaleçam em suas tribulações por eles, mas que, em vez disso, as considerem como sua própria glória. Noutras palavras, o

que explica a digressão é uma das coisas mais maravilhosas e emocionantes relacionadas com o apóstolo. Vemos aqui o seu grande coração pastoral. Sua preocupação com os outros era a sua característica mais notável.

Devemos entender que Paulo não estava se pondo a escrever aqui um tratado ou uma obra prima de literatura. Talvez nenhuma das Epístolas de Paulo contenha mais teologia e doutrina do que esta Epístola aos Efésios, todavia ele a escreveu por motivo puramente pastoral. Escreveu-a com o fim de ajudar estes cristãos efésios, de animá-los na fé, de firmá-los, de levá-los para as maiores alturas e para as maiores profundidades desta grandiosa salvação. Visto que esse era o seu objetivo e o seu real motivo, estas questões de estilo e forma não passavam de impertinências para ele. Não lhes dava atenção. Que importância tem o estilo, em comparação com o desejo de que estas pessoas viessem realmente a compreender a verdade? Que

valor haveria, até em ensinar-lhes teologia, se iam sucumbir nalgum ponto prático? Portanto, todas estas coisas deviam ser tomadas juntas; e o apóstolo invariavelmente levava isso em conta.

Poderíamos tomar muito tempo com este assunto, porém não é meu propósito. Contento-me em dizer de passagem uma palavra aos pregadores, aos que pretendem vir a ser pregadores e aos que estão se preparando para serem pregadores. Muitas vezes penso que o que explica em grande parte as presentes condições da Igreja Cristã é que nós que temos o privilégio de pregar, de algum modo olvidamos o método apostólico e nos afastamos do modelo apostólico. Provavelmente foi por volta do segundo quartel do século passado que uma sutil mudança aconteceu em nossos púlpitos. A pregação começou a tomar-se erudita. Os pregadores começaram a dar atenção ao estilo literário e à forma literária. Bem pode ser que a publicação de livros tenha sido responsável por isto, pois disso resultou que se desse cada vez mais atenção à forma e ao estilo, à dicção e à linguagem, às citações e alusões históricas e literárias.

Este é um estudo fascinante. A longa história da Igreja Cristã mostra que cada novo avivamento e reforma teve que romper essa tendência. Isso aconteceu, por exemplo, na Reforma Protestante. O método católico-romano de pregar, com o seu manejo e exame de argumentos filosóficos e com as suas sutis distinções, tinha se tomado completamente árido e estéril espiritualmente. Pode ser que fosse estimulante, do ponto de vista intelectual, mas não transmitia nenhuma verdade e vida espiritual às pessoas. Por isso Lutero e Calvino tiveram que introduzir um estilo de pregação inteiramente novo, baseado num método expositivo.

No início do século dezessete, porém, a pregação anglicana se tomou predominantemente literária, quanto à forma. Vê-se isto nos escritos de homens como o bispo Launcelot Andrewes, Jeremias Taylor e outros. Estilo maravilhoso, prosa maravilhosa! Alguns diriam que Jeremias Taylor é o mais excelente estilista inglês que este país já produziu. Era maravilhoso do ponto de vista da forma, da dicção e do equilíbrio; jamais um anacoluto, jamais quaisquer digressões ou parênteses. E as clássicas citações em latim e grego eram sempre expostas com perfeição. Mas esse tipo de pregação não produzia nenhuma vida espiritual. Aos puritanos foi dado ver que o que se fazia necessário era uma vivida apresentação da verdade, a expensas do estilo e de todos estes embelezamentos cheios de enfeites. O século dezoito apresenta uma repetição das mesmas fraquezas na Igreja, tanto na Inglaterra como na América, entretanto o Senhor levantou homens para reagirem contra elas. Certos eruditos criticam o grande Jonathan Edwards por seu estilo terrível. Concedo que o estilo dele não é bom; mas estão presentes a verdade, a vida e o poder. Sua pregação estava sob a unção do Espírito e levou a um glorioso avivamento.

De maneira similar o apóstolo Paulo, com o seu coração amoroso e com o seu

interesse pastoral, preocupava-se em que os homens e as mulheres fossem edificados na fé. Por isso não hesitava em partir para uma digressão; mas sempre retomava, retomando o seu tema anterior.

Mas volto a perguntar, por que fez isso, por que a digressão? A resposta é que ele sabia que estes efésios iam ficar inquietos com o fato de que ele era um prisioneiro em Roma. O apóstolo sabia que iriam ficar preocupados com a sua saúde e com o seu futuro. Não só isso, mas sabia outra coisa, muito mais importante, a saber, que os seus sofrimentos e tribulações como prisioneiro poderiam muito bem tomar-se uma pedra de tropeço para eles. Sabia do perigo de ficarem a discutir e a perguntar-se: pois bem, quando Paulo estava conosco e nos pregava, falava-nos das bênçãos da vida cristã e de como, na qualidade de filho de Deus, ele sempre estava em segurança e nada poderia causar-lhe dano; de fato, que Cristo dissera que "os cabelos da nossa cabeça estão todos contados". Ele dava ênfase a estes gloriosos aspectos da vida cristã; porém agora está prisioneiro e está sofrendo como prisioneiro. Isto combina com o cristianismo? Deus permite que o Seu povo sofra desta maneira? Paulo sabia que talvez eles estivessem pensando e arrazoan-do desse modo (como os cristãos sempre tendiam a fazer) e que isto poderia levá-los a tropeçar na fé. Assim, conquanto o seu propósito fosse expor as gloriosas possibilidades da vida cristã, o que vemos do versículo 14 ao fim do capítulo, ele foi um mestre bastante prudente para perceber que de nada lhe valeria mostrar-lhes as riquezas espiri-

tuais da vida cristã se fossem levados a duvidar do próprio evangelho pelo fato de estar ele sofrendo em Roma naquele momento.

Nada tem deixado tantas vezes perplexo o povo de Deus como a questão do sofrimento. Por que Deus permite que o Seu povo sofra provações e tribulações? Por que um servo de Deus que tanto se distingue de todos os demais, como Paulo, deveria alguma vez ser deixado cair prisioneiro? Aí está por que este assunto é tratado tantas vezes nas Escrituras, e particularmente por este apóstolo Paulo. Vê-se isto em sua Epístola aos Filipenses, em cujos dois primeiros capítulos ele o expõe de maneira a mais extraordinária. Ele o fez particularmente ao escrever Timóteo, porque este parece ter sido o problema perpétuo de Timóteo. Ele estava perplexo com o fato de que o apóstolo Paulo fora deixado a sofrer e seria levado à morte. Timóteo não podia compreender isto, e isto sempre o deprimia. Por isso Paulo teve que escrever-lhe. Aqui, no início do capítulo três da sua carta aos efésios, o apóstolo toma este mesmo tema. É esse o propósito desta digressão. Ela trata deste problema particular do sofrimento dos piedosos e dos justos e da razão por que o povo cristão tem que passar por provações e tribulações neste mundo.

Voltando-nos agora para o método do apóstolo para ajudar os seus leitores e ouvintes, observamos negativamente que ele não lhes escreveu apenas uma

exposição geral, nem lhes enviou apenas uma palavra geral de consolação. Não lhes escreveu para dizer-lhes: bem, isto é uma infelicidade. Tenho meus planos e propostas, todavia vocês sabem, num mundo como este e numa vida como esta, acontecem estas coisas. Mas não fiquem muito preocupados, pois estou certo de que, por fim, tudo acabará bem. Não era esse o seu método. O que ele fez, como podem observar, foi dizer-lhes como ele mesmo via a coisa; mostrou-lhes sua própria atitude e sua própria reação face aos acontecimentos. E depois instou com eles a que vissem o problema do mesmo modo. Ele os ensinou e os habilitou a raciocinarem exatamente como ele. E estou chamando a atenção para isto, não só porque é uma parte essencial da exposição desta epístola, e sim porque temos aqui, uma vez por todas, os grande princípios que sempre devem governar o nosso pensamento quando enfrentamos este tormentoso e difícil problema. Esta é a mensagem para todo aquele que estiver passando por provações e tribulações e que poderá estar aflito a ponto de perguntar: por que Deus permite isto? Ou talvez seja alguém que lhe seja muito querido, que está sofrendo. Ou pode ser que alguma coisa na igreja esteja abalando a sua fé. Aqui está uma grande exposição sobre esta questão toda. Seja qual for a perseguição que você esteja sofrendo, ou seja qual for a doença

ou dor, ou seja qual for a decepção — não importa o que seja — aqui está o modo como se deve encarar isso.

Ao examinarmos a maneira pela qual o apóstolo olha para o problema, vemos que ele não profere nem uma palavra de queixa. Nada há que sequer levante a suspeita de uma murmuração. Nem por um segundo ele permite que entre em sua mente ou em seu coração a indagação: é justo? Servi a Deus durante anos, viajei, tenho sido infatigável, sofri, envelheci antes do tempo no serviço de Deus — por que me sobrevêm isto? Não há o mais leve vestígio disso! Nem uma palavra. Nada de queixas, nada de lamentações!

Em segundo lugar, notamos que Paulo não se resignou simplesmente, face ao problema, com uma espécie de fortaleza estóica. Muitos agem assim! Mas não há nada disso aqui. Ele não escreveu: bem, você sabe, você tem que receber o mal com o bem num mundo como este; não se pode ter uma rosa sem espinhos; você tem que harmonizar-se com o fato de que a vida é um misto de bem e mal, prazer e dor, e, devido ser assim, não se deve resmungar e reclamar. Até agora tudo saiu bem para você, portanto não fique lamuriando se as coisas começarem a ir mal. Seja equilibrado, seja firme, faça esforços, seja homem, tome coragem, seja rijo. Não há sombra desse ensino! Isso é estoicismo, isso é paganismo, é o que o mundo chama de coragem! Nada tem a ver com o cristianismo; na verdade, é quase uma antítese dele.

O fato é que se vocês lerem com serenidade este capítulo, só poderão chegar à conclusão de que o apóstolo parece alegrar-se em meio às suas provações. Há uma nota de exultação aqui, uma nota de triunfo. No fim do versículo 13 ele diz:

“Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória”. Ele quer que os irmãos efésios sejam “mais que vencedores”, como ele é “mais que vencedor”. Ele não está apenas suportando as circunstâncias que o envolvem; está indo além, está exultando em seu sofrimento. Está triunfante, está jubiloso. Há um elemento maravilhoso nisto, ele lhes diz, se tão-somente puderem vê-lo. Esta é uma característica do ensino do Novo Testamento. Já afirmei que o apóstolo dá o mesmo ensino na Epístola aos Filipenses, no versículo 12 do capítulo primeiro. Ali também ele está escrevendo como prisioneiro e diz: “E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho”. Não desperdicem as suas lágrimas por mim ou pela minha situação, diz o apóstolo. Quero que olhem para estas coisas de modo que vejam, como eu vejo, que todas estas coisas que me sobrevieram, certamente aconteceram “para maior proveito do evangelho”. Diz ele virtualmente: graças a Deus por isso! Ao escrever a Timóteo, toca na mesma tecla, na segunda Epístola, capítulo primeiro:

“Deus”, diz ele, “não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (versículo 7). De novo, no capítulo 2: “Sofre, pois, comigo, as aflições como bom soldado de Jesus Cristo” (versículo 3). “Se sofrermos, também com ele reinaremos” (versículo 12). E indo além disso, no capítulo 3, diz ele: “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (versículo 12). Essa é a doutrina.

Mas esta doutrina não se limita ao apóstolo Paulo. Vemos o mesmo ensino na Primeira Epístola de Pedro: “Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo: para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis. Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus”, (da parte deles, ele é difamado, mas da parte de vós, ele é glorificado)[1] (4:12-14). Aí está, pois, a essência do ensino. O apóstolo deseja que estes efésios olhem para o seu aprisionamento e para os seus sofrimentos de modo tal que realmente vejam a glória refulgindo através disso tudo e nisso glorifiquem a Deus.

Como, porém, os cristãos chegam a esta posição? Como chegou o apóstolo a esta posição, e como ele conduz a ela os efésios? Esta é, de todas, a questão mais prática. Ele age assim, não porque acontece que ele nasceu com temperamento plácido. Seu temperamento era exatamente o oposto. Paulo era homem que, por natureza, facilmente podia ficar deprimido. Era naturalmente doentio, introspectivo e sensível. Sua paz mental em meio às tribulações não era apenas uma questão de temperamento, mas sim o produto final de um método empregado por ele. Êle faz perguntas e depois, tendo anotado as respostas, elabora uma argumentação. Este é seu método invariável. É precisamente o que ele faz aqui, nesta digressão. A

primeira coisa que eu e você temos que fazer nesta vida cristã é aprender esse segredo. Em vez de deixar que as coisas nos dominem e nos deprimam, de sentar-nos e cair numa autocomiseração, devemos parar, examinar as circunstâncias e fazer perguntas sobre a coisa mesma, e não sobre Deus. Tendo feito isso, precisamos observar as respostas e então elaborar um argumento. Temos que pôr a questão toda dentro do seu contexto, em seu cenário, e relacioná-la com a totalidade da vida e fé cristã. Quando fizermos isso, veremos emergir um argumento. Consideremo-lo.

Eis aí Paulo prisioneiro. Ele está ciente desse fato; e os efésios

também estão. Agora, eis as indagações: como e por que ele é um prisioneiro? Qual a causa da sua prisão? Em vez de compadecer-se de si mesmo na cela, acorrentado a um soldado de cada lado, ele diz: devo investigar isto e inquirir por que estou aqui afinal; por que sou prisioneiro? Como aconteceu, qual é a explicação, qual a razão? Depois ele passa a dar as respostas, a si e aos efésios. Assim começamos examinando as respostas dadas no versículo primeiro.

A primeira coisa que nos diz é que ele não é um prisioneiro comum. Esta é a maneira como ele coloca a questão: "Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo". Num sentido, ao falar assim já resolveu o seu problema. Ele não é prisioneiro de Roma. Não está na prisão por causa do poderoso Império Romano. Ele não é realmente prisioneiro de Nero. Nero é o imperador, incidentalmente; mas Paulo não é prisioneiro de Nero. Ele não está na prisão por causa da lei romana; ele não está na prisão como todos os outros prisioneiros presumivelmente estão, em razão de alguma contravenção ou de algum crime. Pois bem, se não é isso, por que está na prisão?

Eis sua resposta: sou o prisioneiro de Cristo, de Cristo Jesus. Afirmação estonteante! Vocês já notaram que, com este apóstolo, toda verdade sobre ele é sempre expressa em termos de Cristo? Ele é "o apóstolo de Cristo", "o servo de Cristo", "o ministério de Cristo", "o escra vo de Cristo". Observem as suas expressões, sempre e principalmente nas introduções das suas epístolas. É tudo em relação a Cristo, e por causa de Cristo. E aqui ele não hesita em dizer que está na prisão por uma única razão, a saber, porque ele está "em Cristo". Ele é prisioneiro de Cristo.

Provavelmente ele disse a si próprio o seguinte: se eu ainda fosse o homem que fui, se ainda fosse Saulo de Tarso, se ainda fosse aquele fariseu, aquela pessoa blasfema e perniciosa que eu era, se eu ainda fosse mestre da lei judaica e dos comentários dessa lei feitos pelos escribas e pelas autoridades, se eu fosse ainda o que era como Saulo de Tarso, não estaria nesta prisão. Esse é um fato absoluto. Eu estaria em liberdade. Não há dúvida nenhuma quanto a isso. Bem, por que estou aqui então? Estou aqui pelo que me aconteceu naquele dia, em pleno meio-dia, no caminho de Damasco. Aquele acontecimento é que me trouxe para Roma e para esta prisão!

Uma vez que vocês comecem a pensar desta maneira, esquecerão as grades, as celas, os desconfortos e tudo mais. Paulo punha-se a recordar aquele maravilhoso evento em sua vida quando viu o rosto de Cristo que do alto olhava para ele, e ouviu a voz. A prisão o remete ao passado, fazendo-o pensar em sua conversão, na maravilhosa graça de Deus e no amor de Cristo. Ele reflete sobre o fato de que, embora tenha sido

aquela pessoa blasfema, perniciosa e perseguidora, não obstante Cristo o amara e morrera por ele na cruz para expiar os seus pecados, reconciliá-lo com Deus e fazer dele um filho de Deus. Tudo isso retomou a ele. Ele é um prisioneiro de Jesus Cristo. Tudo que lhe sucedeu como cristão, ali tem seu ponto de partida.

E depois ele rememorou a comissão que lhe fora dada por Cristo, como iria desenvolver mais tarde — como por revelação Cristo lhe esclarecera a verdade. Cristo lhe dissera: vou fazer de você "ministro e testemunha, livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te enviou" (Atos 26:16-17), para que lhes dê testemunho. A comissão! Tudo isso lhe voltou. Se forem estes o pensamentos que ocupem a sua mente numa prisão, esta se toma um palácio. Vocês estão assentados "nos lugares celestiais", embora possam estar sofrendo fisicamente. Esse é o método do apóstolo. Ele é prisioneiro de Cristo.

Mas a coisa não para aí! Paulo quer dizer também que ele está realmente sofrendo por causa de Cristo, e não por sua própria causa. Ele não está na prisão por algo de errado que tenha feito ou praticado pessoalmente. Está ali porque é pregador do evangelho de Cristo, por causa do seu zelo pelo nome e pela glória de Cristo. Está literalmente sofrendo como cristão, e por amor a Cristo. Esta era, para o apóstolo Paulo, uma das coisas mais maravilhosas do mundo. Escrevendo aos filipenses, diz ele: "Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele" (Filipenses 1:29). Não murmurem e não se queixem, ele lhes diz, se é que estão sofrendo por Cristo. Antes, considerem isso a suprema honra das suas vidas. Era desta maneira que estes cristãos primitivos sempre viam os seus sofrimentos. Davam graças a Deus porque finalmente foram achados dignos de sofrer por Cristo. Agiam assim mesmo quando estavam morrendo na arena, feridos pelos leões. A honra suprema, a coroa final de glória, era o martírio. Assim é que se deve ver a questão! É aí que a glória e o triunfo entram.

Todavia há mais uma coisa. Os sofrimentos de Paulo eram, para ele, uma prova absoluta da sua vocação e do seu discipulado. Isto vem exposto naquilo que já citei da sua Segunda Epístola a Timóteo: "E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições" (3:12). Essa é uma afirmação penetrante. Significa que, se de alguma forma não estamos padecendo perseguição por amor de Cristo, não somos cristãos. Vocês acreditam que as Escrituras são a Palavra de Deus? Vocês acreditam que Paulo é um apóstolo inspirado? Então devem aceitar esta

afirmação categórica: “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições”. Portanto, se estou padecendo perseguição de alguma forma ou

de algum modo, é prova do meu discipulado. O apóstolo Tiago, em sua epístola, afirma positivamente isso quando escreve: “Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em vários tentações”(1:2). Por quê? Porque, diz ele, esta é a prova da vocação e do discipulado dos cristãos. No capítulo primeiro da sua Epístola, Tiago raciocina e argumenta sobre isso. Também nesse sentido Paulo é o prisioneiro de Jesus Cristo.

No entanto esse pronunciamento é verdadeiro noutro sentido ainda. Uma das coisas mais surpreendentes jamais ditas pelo apóstolo Paulo acha-se em sua Epístola aos Colossenses: “Regozijo-me agora no que eu padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja”: (1:24). Noutras palavras, com respeito aos seus sofrimentos corporais, ele penetrou nos sofrimentos de Cristo. Em Filipenses, capítulo 3, expressa-se o mesmo pensamento: “Para conhecê-lo, e à comunicação de suas aflições” (versículo 10). Ele precisa do poder da ressurreição para fazê-lo! “Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições”. Nestas aflições, diz ele, estou enchendo, por assim dizer, até às bordas o que foi deixado para trás, o que resta dos sofrimentos de Cristo, em minha carne, pelo seu corpo, que é a Igreja. Estou na prisão, diz ele, mas não gastem nenhuma lágrima por mim, não se desanimem por minha causa. Isto é sumamente glorioso; estou tendo o maior privilégio da minha vida, estou completando o que resta dos sofrimentos do meu Senhor. Ele está tendo agora o grande e alto privilégio de seguir as pegadas de Cristo. Pedro igualmente expõe a mesma verdade em sua primeira epístola: “Segui suas pisadas”, diz ele, “o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando padecia não ameaçava” (2:21-23). Esse é o privilégio: estamos seguindo as pisadas de Cristo.

Finalmente, Paulo dá a entender que a sua lealdade à mensagem que Cristo lhe confiara é que era a causa imediata do seu encarceramento. Observem o que ele diz: “eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios”. Um melhor modo de traduzir isto seria: “eu, Paulo, o prisioneiro de Jesus Cristo por causa de vós, os gentios” — “por”, “por causa de”, “vós, os gentios”. Que é que ele quer dizer? A grosso modo, o argumento é como segue: por que, precisamente, ele está na prisão? “Por esta causa” — aquilo a que ele se havia referido. O que realmente colocou Paulo na prisão foi que ele ia por toda parte pregando que o evangelho de Jesus Cristo era tanto para os judeus como para os gentios. Foi isso que, mais que qualquer outra coisa, enfureceu os judeus. As narrativas da prisão de Paulo registradas no livro de Atos dos Apóstolos, capítulos 21 e 22, mostram claramente que foi essa a causa direta da sua detenção, do seu confinamento e do seu envio a

Roma. Ele persistia em pregar que os crentes gentios eram "co--herdeiros" com os crentes judeus. Se ele não tivesse salientado esta doutrina, os judeus bem podiam ter-lhe permitido continuar pregando, mas, para os judeus, o ensino de Paulo era absolutamente intolerável, era totalmente impossível. Daí se opuseram a ele, quase o mataram, e ele só escapou da morte pela intervenção das autoridades romanas. "Por esta causa." Assim, o que o apóstolo está realmente dizendo a estes cristãos gentios efésios é que ele está, de fato, sofrendo pelo bem deles, sofrendo porque insistia em dizer que os gentios haviam de tomar-se filhos de Abraão pela fé, exatamente do mesmo modo que os judeus. Para que vocês gozassem a liberdade do evangelho, estou em cadeias, estou na prisão, foi o que ele lhes falou. Se eu tivesse retirado esse aspecto da verdade, eu ainda estaria livre; mas quero que saibam, diz ele, que estou sofrendo alegremente por amor a vocês — regozijo-me nisto. Estou na prisão, porém vocês estão usufruindo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Que homem! Que cristão! Alguns de nós seriam muito mais populares na Igreja, como também no mundo, se não dissessem certas coisas. Se um pregador quiser ser popular, nunca deverá desgostar os outros. Todavia Paulo não queria ser popular. Foi-lhe dada a verdade, e ele pregava toda a verdade; não tirava nada. Se tão-somente retirasse este aspecto particular, tudo ficaria bem. Mas não, diz ele, foi-me dito que pregasse isto, o meu Senhor me enviou aos gentios, bem como os judeus. Por isso ele está sofrendo alegremente pelo bem deles.

Contudo Paulo vai mais longe ainda. Notem suas palavras no versículo 13 — "Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória". Há glória para eles nos sofrimentos do apóstolo. Como se dá isto? Podemos procurar uma resposta indagando que valor tem para nós a história dos mártires. Lemos as vidas dos santos e dos mártires, porém qual é o valor preciso da morte dos mártires para nós? Por que devêramos ler o *Livro dos Mártires*, de Foxe? Por que devêramos ler sobre os pactuários escoceses? Por que devêramos ler sobre todos os homens e mulheres que deram a vida pela fé cristã? Diz o apóstolo a estes efésios que os sofrimentos dele restabeleceriam a segurança deles com relação à verdade sobre eles mesmos. Por que Paulo está na prisão? A resposta é, porque ele está absolutamente certo da mensagem de que Cristo morreu pelos gentios, como pelos judeus. Embora soubesse que pregá-la significaria prisão e provavelmente a morte, não obstante a pregava porque era verdadeira. Que tremendo fortalecimento da fé dos efésios resultaria disso! Eles diriam a si mesmos: Paulo só pode estar absolutamente certo disso; jamais se submeteria ao sofrimento desta maneira,

se tivesse alguma dúvida sobre isso! Ele está com tanta certeza disso, como ele nos diz, que preferiria sofrer o que tivesse que sofrer, a evitá-lo. Então, isso só pode estar certo, esta é a verdade a nosso respeito, somos feitos um corpo com os judeus em Cristo Jesus. Vemos, pois, que os sofrimentos de Paulo centraliza a atenção neste aspecto sumamente glorioso do evangelho, do ponto de vista deles; e isto explica

por que ele continua a dizer-lhes, com minúcias, nos versículos subseqüentes, como Cristo lho revelara pessoal e individualmente, de maneira especial.

Os crentes efésios são levados a recordar que Cristo morreu por eles e que, por sua vez, Paulo agora está sofrendo por eles e está pronto até a morrer por eles, e que ele considera isto um privilégio. Muitos deles eram apenas escravos e pessoas muito simples e comuns, mas ele lhes diz que o Filho de Deus morreu por eles, e que ele, como apóstolo deles, considera grande privilégio estar na prisão por eles. Quando um homem como Paulo diz uma coisa dessas, sentimos desejo de levantarmos, cantar e gritar. Sentimo-nos indignos e, contudo, estamos cientes do privilégio, da maravilha e da glória disso tudo. E ao mesmo tempo, ao sofrer desta maneira, que magnífico exemplo o apóstolo dá aos cristãos quanto a como se deve encarar estas coisas. Haverá alguma coisa mais fortalecedora da fé, do que ler sobre a morte dos mártires? Se alguma vez você tiver dúvida ou se sentir hesitante acerca da fé cristã, se alguma vez sentir-se atraído pelo mundo, e ficar sem saber se deve perseverar sofrendo perseguição como estudante, por exemplo, ou em sua profissão, ou em seus negócios, leia as histórias da morte dos mártires. Observe o fim do homem reto, diz o salmista (37:37). "Lembrai-vos dos vossos pastores", diz o autor da Epístola aos Hebreus, "atentando para a sua maneira de viver (ou, segundo a AY: "considerando o fim do seu viver"). Observem o modo como eles morreram. "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e etemamente" (13:7-8). Não há nada que fortaleça tanto a fé como isso! Estes homens enfrentaram triunfalmente os tiranos e "a ensangüentada juba dos leões" porque conheciam a Cristo e a realidade da verdade.

O apóstolo está dizendo a estes efésios que se tão-somente vissem verdadeiramente o significado do seu encarceramento, se tão-somente observassem acertadamente estas coisa, isso os levaria ao conhecimento da glória da vida cristã como nunca a conheceram antes. O que Paulo está dizendo é que, para ele, a vida cristã é tudo; Cristo é "tudo em todos". A vida cristã é tão gloriosa e tão maravilhosa que, para ele, é muito mais preciosa que a própria vida. O que ele está realmente dizendo é o que disse aos filipenses nestas palavras: "para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho", e tenho "desejo de partir, e estar com

Cristo, porque isto é ainda muito melhor" (1:21,23).

Aí está, pois, o início da argumentação do apóstolo; aí estão os pontos básicos, os princípios fundamentais. Você se regozija nas tribulações? Você está desanimado pelo que lhe aconteceu ou pelo que aconteceu com a Igreja? Se você está sofrendo como cristão, encare de novo os argumentos, como Paulo os apresenta. Veja-os, creia neles, aplique-os, e por fim ponha-e de pé e dê graças a Deus, gloriando-se no fato de que a você também "foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele" (Filipenses 1:29). "Eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios." Você compreendeu?

1

Parte entre colchetes: AV. Nota do Tradutor

“O MISTÉRIO DE CRISTO”

“Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima em pouco vos escrevi; pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho; do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder. ”
Efésios 3:2-7

Ponderaremos agora as palavras que se acham nos versículos 2 a 7, e devemos ver isto como um todo, porque é unicamente uma frase com muitas subdivisões; e há um sentido em que, se hemos de entender corretamente qualquer das suas partes individuais, precisamos ter alguma concepção da declaração toda. É o início de uma longa digressão que continua até o fim do versículo 13. Vimos que o objetivo da mesma era ajudar estes efésios, que estavam aflitos pelo fato de que o apóstolo era prisioneiro. Ele queria que eles vissem as coisas de tal modo que não somente não desfalecessem ante o fato — como o diz no versículo 13 — mas que até se gloriassem nisso. Ele mesmo está se gloriando nisso, e aqui prossegue para mostrar-lhes que eles também deveriam gloriar-se no seu aprisionamento.

O apóstolo começa a fazê-lo no versículo 2: “eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios; se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada”. Poder-se-ia traduzir: “Supondo-se que sabeis”, ou “tomando como certo que estais cientes do fato” de que estou nesta condição especial com respeito a vocês. Alguns comentaristas vêem-se em dificuldade com esta expressão: “Se é que tendes ouvido”, como se o apóstolo estivesse em dúvida sobre isso. No entanto não é uma expressão de dúvida; é uma maneira de dizer, “supondo-se, naturalmente, que sabeis”, “tomando como certo”. Mesmo assim, embora pressupondo que o sabem, o apóstolo põe-se a falar daquilo. Aqui de novo está uma das lições que jamais devemos deixar de aplicar quando lemos as

Escrituras. Vocês sabem tudo sobre isto, diz o apóstolo, mas outra vez vou fazê-los recordá-lo. A quintessência do bom ensinar é a repetição. Todos nós pensamos e supomos que sabemos certas coisas, porém quando somos examinados a respeito delas, muitas vezes descobrimos que não as sabemos. Não só isso; conquanto possamos sabê-las teoricamente, de um modo ou de outro ao ver-nos em dificuldade ou com problemas, falhamos na aplicação do conhecimento. É, pois, necessário que nos façam recordá-las. É o que o apóstolo faz aqui. Eles sabiam tudo isso — o próprio apóstolo lhes falara a respeito, outros lhes tinham falado — entretanto desde que estavam perturbados por ele estar na prisão, era preciso fazê-los lembrar-se

disso de novo. Ele o faz com muita deliberação, pois eles estavam entendendo mal as suas tribulações porque na verdade não tinha entendido a lição. Contudo, ao mesmo tempo, não se pode ler esta digressão sem sentir que o apóstolo alegra-se em repassar mais uma vez a grande história. E tão gloriosa, tão magnífica! Há certas coisas que não se pode contar em demasia, tão magníficas elas são.

O objetivo de Paulo era levar os cristãos efésios a verem que somente quando compreendessem o que Deus fizera por eles por meio dele, como apóstolo de Cristo, é que não só não ficariam escandalizados com o seu aprisionamento, mas na verdade acabariam louvando a Deus, apercebidos da perfeição dos Seus inescrutáveis caminhos. Naturalmente a mesma coisa continua sendo aplicável a nós. Além de toda dúvida, não há nada que dê tanta consolação e segurança à fé, não há nada que nos cause tanta alegria na vida cristã, como simplesmente postar-nos a contemplar, e compreender nalguma medida o grandioso plano, esquema e propósito da redenção de Deus. É isso que o apóstolo descerra aqui para estes efésios e, por meio deles, descerra para nós. Ele lhes está oferecendo uma rápida descrição de como foi que o evangelho chegou a eles, pagãos como eram. Ele os faz lembrar-se de que levavam vida ímpia, adorando uma multiplicidade de deuses, e particularmente em Éfeso adorando a grande deusa Diana, fazendo imagens e ídolos e, naturalmente, vivendo no baixíssimo nível moral que sempre caracteriza o paganismo e o politeísmo. Tais foram eles outrora, porém agora são santos da Igreja de Deus, e juntamente com os judeus convertidos adoram a Deus. Esse fato é mais que surpreendente, é quase inacreditável. Mas a grande interrogação é: como foi que isto veio a acontecer? O apóstolo passa a dizer-lhes, e especialmente o faz na longa frase que começa aqui no versículo 2 e que vai até o fim do versículo 7.

Ao examinarmos este assunto, lembremo-nos de que não se trata apenas de uma questão de interesse acadêmico, ou de interesse pela história do apóstolo Paulo. Talvez alguns indaguem se a nossa pesquisa

traz algum proveito num mundo tão cheio de problemas e dificuldades, e perguntam que é que isso tem a ver conosco. A resposta é que o apóstolo trata aqui de questões absolutamente fundamentais para toda a posição cristã. Ao mesmo tempo ele tem coisas para dizer aqui, que me parecem sumamente relevantes e importantes quando considerados em relação ao interesse atual pelo ecumenismo e por uma possível grande Igreja mundial, incluindo até o catolicismo romano, que poderia opor-se ao comunismo e à perspectiva ateísta em geral. O apóstolo nos apresenta aqui certos princípios cardeais cuja negligência nos levará a grave erro. Noutras palavras, quando Paulo relata aqui uma parte de sua história pessoal, também nos está instruindo no ensino do Novo Testamento com relação à Igreja, a certos encargos na Igreja e a toda a natureza da verdade cristã.

A primeira coisa que ele diz aos crentes efésios é que, no momento, ele está na

prisão por ser um apóstolo dedicado a servi-los: “Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que *para convosco* me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação...”. Ele prossegue dizendo que este mesmo “mistério” foi “revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas (do Senhor), do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder” (versículos 2 a 7). Aqui começamos a olhar para a extraordinária provisão que Deus fez para nós e para a nossa salvação. Triste é dar-nos conta de quão poucas vezes paramos para meditar em tudo isto! É-nos dito com muita freqüência nas Escrituras que Deus planejou e quis a nossa redenção “antes da fundação do mundo”, porém quantas vezes contemplamos isso pormenorizadamente? Quantas vezes meditamos nesse grande plano-mestre de Deus, e compreendemos como cada parte e parcela foi planejada é predeterminada, e como, na plenitude do tempo, Deus o pôs em ação? Deus tivera este grande propósito de unir gentios e judeus e de enviar esta mensagem de salvação por todo o mundo. Para que isto acontecesse, como o apóstolo nos dirá no capítulo 4, Deus fez surgir a Igreja. Há “um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus de Pai e todos” (versículos 5 e 6). Também “deu dons aos homens”, incluindo-se vários encargos: “deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (versículos 11 e 12). Que perfeição de plano! Tudo isto foi ordenado por Deus, diz o apóstolo, e como uma parte disto, ele foi chamado por Deus para ser apóstolo. Observem a bela linguagem com a qual ele o expressa: “a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada.”Deus, diz o apóstolo, confiou-me uma tarefa

como um despenseiro desta Sua maravilhosa graça. Deus me designou para ser um dos defensores e guardiães deste precioso favor que Ele está manifestando para a humanidade no Filho do Seu amor, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Vemos agora por que o apóstolo não pede desculpas por repetir estas coisas. Jamais olvidou o espanto e a maravilha disto — que *ele,* que fora blasfemo e perseguidor, que odiara a Cristo e Sua Causa, e que pensava estar prestando serviço a Deus quando perseguia a Igreja Cristã — que a *ele* tivesse sido dada de fato esta dignidade, esta honra, este privilégio de ser chamado pelo próprio Deus para ser um apóstolo desta mensagem, um mordomo desta verdade, alguém chamado para propagar as estupendas boas novas vindas ao mundo por meio de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Noutras palavras, a sua reivindicação é que, como em toda parte nos diz em seus escritos, ele é um apóstolo no sentido mais completo do termo. É tão apóstolo como Pedro, Tiago, João e todos os demais. Ele, que fora tão oposto ao evangelho, é um dos principais arautos do evangelho. “Esta graça me foi dada”, diz ele. Devemos examinar o que ele inclui nesta definição, nesta designação.

Um apóstolo era alguém que fora muito definida e especificamente chamado pelo

próprio Deus, em particular pelo Senhor Jesus Cristo. Se vocês lerem as diversas Epístolas de Paulo no Novo Testamento e derem bastante atenção às introduções por ele escritas, verão que, quase invariavelmente, ele se refere a si mesmo como alguém que foi "chamado para ser apóstolo", expressão que se traduz melhor, "um chamado apóstolo". Ninguém poderia ser apóstolo, a não ser que fosse chamado desta maneira única e especial. Noutras palavras, um apóstolo é alguém não nomeado pela Igreja. Ninguém pode nomear ou criar um apóstolo. Uma parte essencial da definição de apóstolo é que de maneira única, especial e direta, ele é "chamado de Deus". Paulo transmite isso aqui, na expressão: "a graça de Deus, que para convosco me foi dada"; o dom foi-me dado, a honra foi-me conferida.

Temos outro exemplo desta ênfase na carta aos gálatas: "Paulo apóstolo" — depois, entre parênteses, "não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos" (1:1). Observem o modo como Paulo o coloca, e como é importante a negativa — "não da parte dos homens, nem por homem algum". Não se pode ser apóstolo "de" homens nem "por" homens. Ele dá ênfase à declaração por este bom motivo, que, perambulando pelas igrejas naqueles primeiros dias, havia certos falsos apóstolos, homens que diziam, "Eu sou apóstolo", e que instavam com as pessoas a que não dessem ouvidos à pregação do apóstolo Paulo, que segundo eles, não era apóstolo. Eles alegavam que eram os

verdadeiros apóstolos, ensinavam às pessoas que precisavam circun-cidar-se e submeter-se a certos ritos, e que o evangelho da salvação gratuita não era verdadeiro. O apóstolo sempre os denunciava como falsos apóstolos. Eram "anticristos", como lhes chama o apóstolo João; nunca foram chamados por Deus; foram nomeados por si mesmos ou por outros homens; eram "de" homens, e "por" homens, e não por Jesus Cristo e Deus o Pai.

Mas Paulo sustenta que ele é um verdadeiro apóstolo: "Esta graça", diz ele, "foi-me dada". Que expressão! O próprio ofício constitui uma graça; é uma dispensação da graça; todavia também inclui a idéia de que quando Deus chamava um homem para ser apóstolo, por Sua graça o equipava para ser apóstolo. Dava-lhe certos dons. Invariavelmente havia certos "sinais" e "marcas" de apóstolo. Ao verdadeiro apóstolo sempre era dada a graça e o poder de operar "milagres, prodígios e sinais". Homem nenhum era apóstolo, se não era capaz de produzir esta autenticação. Há muitas referências a isto nas Escrituras do Novo Testamento. Um dos "selos", "marcas", "sinais" de um apóstolo era que tivesse este poder sobrenatural, miraculoso. Assim, quando lemos o livro de Atos dos Apóstolos, encontramos expressões como esta: "Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias". Maravilhas extraordinárias! Eram tão numerosas que o povo se levantava, cheio de espanto e admiração. De fato isto acontecera nesta mesma cidade de Éfeso quando Paulo estivera lá, e se originou grande tumulto, como se pode ler no capítulo 19 do livro de Atos.

Acima disso tudo, e muito mais importante para o nosso propósito imediato, está o fato de que um apóstolo era um homem a quem Deus dera, de maneira muito especial, a mensagem de salvação. Paulo declara: "Uma dispensação da graça de Deus me foi dada". Os apóstolos foram os "despenseiros", os guardiães, os defensores do mistério da fé. Há vários outros lugares nas epístolas em que o apóstolo diz a mesma coisa. Lemos, por exemplo, na Primeira Epístola aos Coríntios: "Que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus" (4:1). Isso tudo é de tremenda importância para nós. Já nos foi dito pelo apóstolo, no fim do capítulo 2, que a Igreja de Deus está estabelecida "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (versículo 20). Aqui o apóstolo nos ajuda a entender isto. Deus toma estes homens, estes homens especiais, e os faz despenseiros, guardiães, administradores da mensagem da Sua maravilhosa graça redentora.

Vemos aí o desenrolar do plano de redenção. Deus o Pai o pensou; Ele o planejou. Na "plenitude do tempo" Ele enviou Seu unigênito Filho ao mundo para realizar a obra absolutamente necessária. Se o

Filho não tivesse vindo, ensinado e morrido, se não tivesse levado sobre Si os pecados dos homens e seu castigo, se não tivesse ressuscitado e retomado ao céu, a salvação jamais teria sido possível. A graça de Deus vem por intermédio do Senhor Jesus Cristo. Depois Deus enviou o Espírito Santo no dia de Pentecoste para que esta graça que fora preparada fosse administrada, nos fosse dispensada. Não haveria proveito em providenciá-la, a não ser que fosse preparado o canal pelo qual viesse até nós individualmente, para que pudéssemos recebê-la e desfrutá-la. O Espírito Santo faz isto dando esta habilitação e este entendimento, este poder e capacidade àqueles homens que Deus chamou e designou para serem os defensores, guardiães e despenseiros dela.

No início do livro de Atos dos Apóstolos pode-se ver claramente este plano e propósito de Deus. Nosso bendito Senhor ressurgira dos mortos e Se manifestara durante quarenta dias aos Seus discípulos. Eles conheciam os fatos acerca da Sua vida, morte e ressurreição, entretanto ainda não estavam em condições de ir e pregar. Não poderiam fazê-lo enquanto não recebessem a plenitude, o batismo do Espírito Santo (Atos 1:8). Mas depois podiam, e o fizeram. Cheios do Espírito de Deus, foram e pregaram esta mensagem do evangelho.

É isso que Paulo quer dizer quando fala que uma dispensação, uma administração deste admirável mistério da graça de Deus lhes fora dada. Deus o enchera do Espírito, capacitara-o a compreender. Deus o enviara a pregar e lhe dera poder para pregar, e para atestar a verdade com a realização de milagres. No tempo devido ele viera aos efésios e lhes pregara, e os que creram foram acrescentados à Igreja. E agora ele lhes diz que por isso está na prisão.

Que coisa tremenda! Estes crentes efésios, na maioria provavelmente simples e comuns escravos, tinham sido incluídos neste plano e esquema eterno de Deus. Vocês percebem a dolorosa situação a que Deus chegou a fim de que eu e vocês fôssemos resgatados e redimidos, e nos tomássemos santos e finalmente, viéssemos a passar a eternidade em Sua gloriosa presença? Agora, pois, diz Paulo aos efésios, não desfaleçam por causa das minhas tribulações, não pensem muito em minhas cadeias na prisão; pensem antes nesta coisa esplêndida que Deus fez — "uma dispensação da graça de Deus me foi dada para convosco"! Ele me deu essa dispensação no caminho de Damasco, quando me disse que me chamou para serum "ministro e testemunha". Fui designado e comissionado para pregar aos judeus e aos gentios. Pensem nisso, diz o apóstolo; vejam este grande propósito de Deus! Não desperdicem a sua compaixão por mim; glorio-me no fato de que estou sofrendo pelo nome de Cristo, e gostaria que vocês se gloriassem

nisso também.

Algo lhe foi confiado, diz o apóstolo. Ele foi feito despenseiro. O quadro é familiar. Um grande homem, dono de um castelo e de grandes possessões, não pode fazer tudo sozinho; o que ele faz é nomear mordomos. Coloca um a cargo disto, outro a cargo daquilo. São responsáveis perante ele e a favor dele administram os seus negócios de acordo com as diferentes "dispensações" a eles confiadas. Portanto, Paulo foi feito despenseiro. Mas despenseiros de quê? Ele lhe chama "mistério" — "Como me foi este ministério manifestado pela revelação" — e o repete — "como acima em pouco vos escrevi; pelo que quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo".

Quando lemos estas epístolas do Novo Testamento, freqüentemente encontramos esta palavra "mistério"; é, pois, essencial que entendamos o que o apóstolo quer dizer com ela. Muitos há que ensinam que este termo "mistério" significa que a mensagem cristã, a fé cristã, é uma coisa vaga, indefinida, nebulosa, uma coisa que de modo nenhum pode ser definida; noutras palavras, asseveram que o cristianismo não passa de uma forma de misticismo. Neste ponto vemos a relevância prática desta porção das Escrituras para a nossa presente situação. A tendência geral do "pensamento moderno" é desacreditar a definição, a doutrina, o dogma e toda formulação teológica. Afirma-se que as definições da fé dividem os cristãos e, como a única coisa que importa é estarmos todos unidos, não devemos dar ouvidos a definições precisas. Na verdade, muitos vão mais longe a e afirmam que, por sua própria natureza, o cristianismo é uma coisa que escapa à definição. Não devemos tentar definir o cristianismo, dizem eles, porque ele é uma experiência mística maravilhosa, é um mistério. Não podemos dizer o que ele é, mas podemos ser iniciados nele; não podemos declará-lo no papel, mas podemos senti-lo e experimentá-lo. No momento em que tentarmos dizer o que ele é, e defini-lo — dizermos que é isto, que não é aquilo — vocês o estarão destruindo, porque nesse

caso o cristianismo deixará de ser um mistério .Daí interpretam a palavra "mistério" no sentido de "misticismo", ou quase "nebulosidade", algo vago e indefinido, algo que não se pode expressar mediante proposições. Contudo o certo é que o apóstolo Paulo, nesta passagem e em toda parte, nega essa interpretação. O que ele diz é que o mistério lhe foi "revelado". Não é uma coisa vaga e indefinida, e sim uma mensagem que lhe foi tomada simples e clara.

"Mistério", no sentido do Novo Testamento, é um termo técnico pertencente a uma verdade que, em vista do seu caráter, jamais poderá ser alcançada; não se pode chegar a ela por meio do intelecto humano

desassistido, nem por meio da capacidade humana pura e simples. É algo claro em si mesmo, mas devido o homem ser o que é — finito e pecaminoso — não pode chegar a ele nem compreendê-lo com o seu intelecto desassistido. A exposição clássica disto acha-se na Primeira Epístola aos Coríntios, onde o apóstolo o definiu uma vez por todas. "Todavia", diz ele, "falamos sabedoria entre os perfeitos; não porém a sabedoria deste mundo, nem, dos príncipes deste mundo que se aniquilam; mas falamos a sabedoria de Deus oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória. Mas, como está escrito: as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-das revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus"(2:6-10).

A sabedoria que falamos, diz Paulo, não é "a sabedoria deste mundo", é a "sabedoria oculta", a "sabedoria de Deus oculta em mistério". O homem natural, mesmo que seja um príncipe, não a compreenda, não pode alcançá-la; seu intelecto não é adequado. "Mas Deus no-la revelou pelo seu Espírito. " Vê-se que o "mistério" não é uma coisa vaga, indefinida, nebulosa; é clara e definida, entretanto sem ajuda o homem nunca a pode alcançar. Ele tem que "recebê-la" de Deus; é preciso que a sua mente seja iluminada e aberta pelo Espírito Santo para entendê-la e, como parte da vocação do pregador, expô-la. Portanto, o que o apóstolo está dizendo aqui é que Deus o comissionara como guardião, mordomo, depositário de um discernimento e conhecimento deste estupendo mistério. Daí estar ele agora habilitado para transmiti-lo, explicá-lo e expô-lo aos outros. Era essa a sua ocupação e o seu privilégio como apóstolo.

Diz ele também que se tratava de algo que lhe foi *revelado:* "como me foi este mistério manifestado pela *revelação* ". Com que constância ele nos inculca isto! Repetidamente ele declara que não tinha chegado a este conhecimento por sua própria capacidade ou entendimento. Por exemplo, ao dirigir-se ao rei Agripa e ao governador Festo numa famosa ocasião, ele diz: "Bem tinha eu imaginado que contra

o nome de Jesus Nazareno devia eu praticar muitos atos" (Atos 26:9). Esse era o pensamento de Paulo como homem natural. E teria continuado a fazer a mesma coisa até a morte, denunciando o evangelho de Cristo, odiando-o, perseguindo-o, se tivesse continuado a pensar consigo mesmo em termos do seu próprio entendimento. Mas algo lhe acontecera. Saí pela estrada de Damasco, diz ele, com a intenção de exterminar os cristãos daquela cidade, "respirando ainda ameaças, e mortes"

contra eles, quando de repente, por volta do meio dia, vi uma luz nos céus, luz mais brilhante do que o sol, e ouvi uma voz. Foi o Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória, que me apareceu. E noutras palavras Ele me disse: "Eu te apareci, Saulo, com o fim de dizer-te certas coisas". Revelou-me o mistério concernente a Si próprio e ao Seu grande propósito, e me deu esta dispensação, fez de mim um apóstolo, e me disse que estava prestes a me enviar aos judeus e aos gentios.

Não há como exagerar a ênfase a este aspecto da verdade. Retomemos à Epístola aos Gálatas e observemos como o apóstolo, tendo-o afirmado no primeiro versículo da sua carta, repete-o nos versículos 11 e 12: "Faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo". Eles não devem dar ouvidos a nenhum outro ensino, e não devem permitir que ninguém ou nada perverta a sua fé, porque o que ele lhes pregara, tinha recebido, não de algum homem, nem o tinha aprendido de alguém, nem mesmo dos apóstolos; mas o aprendera do próprio Senhor Jesus Cristo quando Ele lhe aparecera na estrada de Damasco. Recebera-o por revelação direta. Também Cristo lhe aparecera noutra ocasião, quando ele estava no templo de Jerusalém, e ainda noutra ocasião, quando ele estava em Corinto. O "mistério"chegara a ele "por revelação". Não se tratava de uma mensagem que ele estava originando; foi-lhe dada diretamente pelo Senhor. Sua autoridade não é outra senão a do Senhor da glória. Apegai-vos a este evangelho, diz ele aos efésios. O que faz de mim um apóstolo é que eu recebi isso tudo mediante esta direta revelação do Senhor Jesus Cristo.

Observem que ele escreve a mesma coisa acerca de todos os "seus santos apóstolos e profetas". Lembra ele aos efésios que a Igreja é edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas", no sentido de que foi aos apóstolos e aos profetas que Deus revelou o mistério (2:20). Os maiores homens do mundo não puderam compreendê-lo. Olhavam para Jesus de Nazaré e nada viam, senão um homem, um carpinteiro; não viam que Ele era o Filho de Deus. Esta verdade tem que ser revelada como "o mistério de Cristo". Eles não o conseguiam ver; não lhes foi revelado. Cristo mesmo dissera: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve" (Mateus 11:25-26). Deus revelou esta verdade aos apóstolos e aos profetas uma vez e para sempre.

É evidente que os profetas não eram apóstolos. Os apóstolos eram uns poucos escolhidos, doze, incluindo-se Paulo. Os profetas eram homens aos quais foi dado um entendimento especial da verdade que

fora revelada, e podiam ensiná-la aos outros. Assim, o que temos no Novo Testamento é o ensino dos apóstolos e dos profetas. A Igreja Primitiva, conduzida pelo Espírito Santo, não admitia nenhum livro do cânon do Novo Testamento se não se provasse que havia sido escrito por um apóstolo, ou que o fora sob a influência de um apóstolo. Nada que não venha com a autoridade apostólica é canônico. Temos a mensagem apostólica, a revelação do mistério, aqui na Palavra de Deus.

Procuremos aprender de tudo isto certas lições vitais para nós. A primeira é a natureza gloriosa daquilo que Deus fez por nós mediante o evangelho da redenção . Acaso não nos vem algo da sua glória com renovado vigor quando nos damos conta de que o Todo-poderoso e eterno Deus tanto Se afanou com aqueles escravos de Éfeso, aqueles pagãos que vieram a conhecer esta verdade e se tomaram filhos de Deus? Que plano perfeito! Tudo de graça, tudo de Deus. Não foi Saulo de Tarso que decidiu fazer-se cristão e ir pregar em Éfeso. "Uma dispensação" desta graça maravilhosa "me foi dada", afirmava ele. O Senhor tinha olhado para ele no caminho de Damasco e tinha Se apoderado dele, porque o escolhera para ser um despenseiro deste mistério. A graça de Deus, a bondade, a misericórdia, a compaixão de Deus! Que verdade estupenda! Receio que nós, cristãos modernos, não contemplamos o plano de salvação como o faziam nossos pais. Refiro-me aos pais de um, dois e especialmente três séculos atrás, e aos grandes pais protestantes do século dezesseis. Eles se deleitavam em contemplar este grandioso plano de redenção. Quando eu e você o fizermos, seremos levados a gloriar-nos e a triunfar nele, como Paulo queria que estes efésios fizessem.

No entanto, além disso, aprendemos uma lição sobre a natureza e caráter de um apóstolo. Porventura já não percebemos que o ofício de apóstolo é algo inteiramente único, que um apóstolo era alguém chamado diretamente pelo Senhor, que ele tinha que ser uma testemunha da ressurreição de Cristo, que lhe foi dada uma singular inspiração e autoridade, e que lhe foi dado poder para atestar a sua vocação com milagres, sinais e prodígios? Estaríamos vendo o caráter singular de um apóstolo, vendo que um apóstolo pertence ao alicerce da Igreja, e unicamente ao alicerce?

Uma verdade clara nas Escrituras é que não pode haver repetição do ofício de apóstolo, e que falar em "sucessão apostólica" é simplesmente negar o ensino escriturístico. Não pode haver nenhum sucessor dos apóstolos; a verdade foi revelada uma vez e para sempre. Não temos necessidade de revelação adicional, pois a verdade foi revelada aos

apóstolos e aos profetas. Uma vez que eles a transmitiram e a pregaram, e a sua

mensagem foi escrita, nós a temos. Está, pois, implícito na definição de um apóstolo que ele é um homem que recebeu a revelação de maneira única e, portanto, é óbvio que não pode ter nenhum sucessor. Noutras palavras, nossa luta com a igreja católica romana e seus adeptos não é política, é escriturística; eles negam as Escrituras. Um alicerce é feito uma vez e para sempre: "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas".

Igualmente, espero que tenhamos visto algo da natureza da verdade cristã. Não é um conhecimento comum. Não é algo que o intelecto desassistido pode entender e receber. Sem a iluminação que somente o Espírito Santo pode dar, as verdades do evangelho permanecem tão escuras e ocultas para nós como o eram para "os príncipes deste mundo", quando o Senhor da glória estava concretamente entre os homens. "Mas Deus no-las revelou pelo seu espírito." "Nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus"(l Coríntios2:10,12). Esta não é uma verdade comum. Seja qual for a capacidade do nosso intelecto, seja qual for o nosso brilhantismo, não será suficiente. Todos nós temos que nos tomar "como crianças". Precisamos da inspiração, da bênção e da unção do Espírito, antes de podermos receber e compreender a verdade divina.

Por último, somos inteiramente dependentes das Escrituras, Não temos nenhuma verdade salvadora fora do que nelas encontramos. E obviamente, à luz do que vimos dizendo, nada pode ser acrescentado às Escrituras, jamais. Mais uma vez vemos onde nos separamos da igreja católica romana que, às vezes explícita, às vezes implicitamente, alega ter recebido revelação adicional. Todavia é claro que não pode haver revelação adicional, porque a revelação vem somente por meio dos apóstolos e dos profetas, e atualmente não existe apóstolo, e por definição não pode existir. Assim, estamos inteiramente limitados às Escrituras, e não podemos acrescentar-lhes nada. Tampouco podemos tirar delas alguma coisa. Não nos cabe escolher e retirar porções delas. Não podemos dizer: creio nisto e rejeito aquilo; gosto muito do ensino de Jesus, porém não acredito em milagres. Admiro a maneira como Ele morreu, mas não acredito que Ele nasceu de uma virgem, ou que ressuscitou da tumba. No momento em que começarmos a fazer isso, estaremos negando a revelação. Estaremos dizendo que o nosso intelecto desassistido é capaz de julgar a revelação e de peneirar e encontrar o que é verdadeiro e o que é falso. Isso é negar totalmente o princípio da revelação, do apostolado e desta obra singular do Espírito Santo.

Quão importante, pois, é esta digressão para nós! Estamos encerrados na Bíblia e em seu ensino. Nada sei fora dela. Nada posso acrescentar-lhe, nada posso tirar dela; tomo-a como nos foi dada com a autoridade dos apóstolos. Contudo, se este ponto de vista é rejeitado e a pessoa diz: isto é o que eu penso, é nisto que eu creio. Replico: você não tem direito de falar desta maneira; mas se você prefere fazê-lo, então, de

acordo com esta autorizada palavra dos apóstolos, a autorizada Palavra de Deus, você está nas trevas, não recebeu a iluminação; você permanece fora da vida de Deus e sem nenhuma experiência da Sua graça e da Sua bênção em Cristo, nosso Senhor.

A mensagem de Paulo a estes efésios é: sou um apóstolo chamado, foi-me confiada uma dispensação da graça de Deus, e eu a lhes tenho transmitido. Vocês a têm, vocês são cristãos. Por isso estou sofrendo. Mas, esqueçam isso; pensem na glória, maravilha e prodígio daquilo que Deus providenciou para vocês em Seu infinito amor e bondade, e no que vocês se tomaram como resultado da Sua maravilhosa graça.

<É OS DOIS MISTÉRIOS”

“Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima em pouco vos escrevi; pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos eprofetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de umsó corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho; do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder. ”
Éfésios 3:2-7

Ao darmos continuidade ao nosso estudo desta frase que vai do versículo 2 ao versículo 7, lembramos que estamos interessados em suas declarações, não simplesmente porque fazem parte da exposição desta grande Epístola, mas porque elas têm uma significação prática muito importante para nós. Estamos vivendo num mundo em que muitos cristãos estão sofrendo agudamente porque são cristãos. No caso de alguns deles, sua fé pode ficar abalada, e a nossa fé pode ficar abalada por causa daquilo que eles têm que suportar. Na verdade, poderá vir o dia em que nós, cristãos, talvez tenhamos que suportar provações semelhantes neste país. O apóstolo nos ensina como estar preparados para essa eventualidade. Todavia, mesmo sem isto, que poderá ser mais proveitoso do que meditar na grandeza desta plano de salvação? Somente quanto compreendermos isto é que louvaremos a Deus como devemos, e Lhe prestaremos culto como se espera que o façamos.

O apóstolo está lembrando a estes cristãos efésios a extraordinária maneira pela qual Deus planejara levar-lhes o evangelho. Paulo os faz lembrar-se de que ele, dentre todos os homens, recebera o grande privilégio de pregar-lhes em Éfeso; ele, apóstolo de igual nível e posição dos outros apóstolos, apesar de nunca ter estado com o Senhor nos dias da Sua carne como eles, e apesar de não ter recebido sua comissão da parte do Senhor enquanto Ele estivera na terra, como acontecera com os outros apóstolos. Não obstante, acrescenta ele, fora--lhe dada uma revelação especial no caminho de Damasco e, portanto,

ele é um apóstolo da mesma categoria dos outros, e nisto se gloria.

Passamos agora à questão quanto à natureza deste mistério que lhe fora revelado. Nesta longa frase o apóstolo emprega a palavra “mistério” duas vezes, nos versículos 3 e 4; primeiro, “como me foi este mistério manifestado pela revelação” — depois, na Versão Autorizada inglesa há uma afirmação entre parênteses. Infelizmente, outras versões, entre elas a Versão de Almeida, tanto a Edição Revista e Corrigida como a Edição Revista e Atualizada no Brasil, não utilizam os parênteses, e isto confunde a questão. A Versão Autorizada acertadamente começa

com parêntese (“como acima em pouco vos escrevi;”— quer dizer, “quando reexaminais isso”— “pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do *mistério* de Cristo”). A seguir, depois de fechar o parêntese, o trecho continua: “O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens”. Fica claro que a expressão entre parênteses é definidamente um parêntese. A afirmação principal é: “Como me foi este mistério manifestado pela revelação, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo”. As palavras entre parênteses são uma afirmação subsidiária (“como acima em pouco vos escrevi...”). Paulo se refere aí, não a alguma outra suposta Epístola, e sim ao que já disse nos capítulos 1 e 2. Hoje expressaríamos isto com as palavras: “Como eu disse acima, como vocês poderão reler”. O apóstolo os faz lembrar-se de que ele já lhes indicou algo da sua “compreensão do mistério de Cristo”.

Está bem claro que o apóstolo está empregando a palavra *mistério* com relação a duas coisas diferentes. Já definimos “mistério” como tendo o sentido de algo que a mente humana não pode alcançar por seus próprios esforços desassistidos, e que só pode ser revelado pelo Espírito. Não significa algo nebuloso ou incerto sobre o qual nunca se pode ter idéia clara; porém algo que, sem a iluminação e a revelação do Espírito Santo, nunca poderemos compreender. Ele utiliza o termo em dois sentidos. O mistério a que se refere no parêntese, no versículo 4, é “o mistério de Cristo”. Podemos denominá-lo mistério *geral*. Mas o que ele está realmente interessado em desenvolver é outro mistério, o mistério que ele descreve nos versículos 5 e 6. Este é um mistério que “noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros”. Este é o mistério particular.

Este esclarecimento é essencial, pois, se não estivermos cientes da distinção, provavelmente ficaremos atrapalhados e confusos quanto à

declaração inteira. Mais uma vez é interessante observar, não somente como funciona a mente deste grande apóstolo, mas também seu espírito. Ao que parece, é como se houvesse certas coisas que o apóstolo não pode deixar de fazer. Embora isto cause estrago em seu estilo literário (como vimos), parece que ele é totalmente incapaz de controlar-se. Assim, conquanto esteja primordialmente interessado em expor o mistério particular, não pode conter-se de dizer uma palavra sobre o mistério geral.

Começamos, pois, com o mistério geral, o mistério a que ele se refere no versículo 4 e que descreve como o “mistério de Cristo”. Ele se refere àquilo que já esteve expondo a estes efésios. Vocês não precisam ficar na incerteza, parece dizer ele,

quanto ao meu conhecimento desta mensagem a mim confiada; já lhes disse o bastante, já lhes escrevi o bastante para que tenham certeza. O "mistério de Cristo" é simplesmente outra maneira de referir-se a toda a mensagem do evangelho, ou a toda a verdade concernente ao Senhor Jesus Cristo; pois, na realidade, Ele é o evangelho. O evangelho está todo "nEle". Noutras palavras, o apóstolo está se referindo à mensagem a ele confiada, mensagem que ele já tinha pregado oralmente a estas pessoas. E essa mensagem é Cristo, o mistério de Cristo. Ninguém pode ler os escritos de Paulo sem ver que é sempre este o seu grande tema e a sua consumidora paixão. Leiam as epístolas de Paulo e vão pondo no papel todas as referências que ele faz a Cristo, ao Senhor Jesus Cristo, a Cristo meu Senhor, e assim por diante. É surpreendente e espantoso. Como alguém já o expressou, Paulo era um homem "intoxicado de Cristo". Não admira que ele diga: "Para mim o viver é Cristo" — Cristo é o princípio, o fim, o centro, a alma, tudo! Sua mensagem era que tudo que Deus tem para o homem está em Cristo, e em nenhum outro lugar. Assim o vemos escrever em sua Epístola aos Colossenses estas palavras: "Em quem (em Cristo) estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (2:3). Tudo está em Cristo; e em nenhum outro lugar. Portanto, Paulo não pode passar a tratar do mistério particular sem dizer uma palavra acerca deste grande mistério geral.

O mesmo elo de ligação se vê na Primeira Epístola de Paulo a Timóteo, uma epístola particularmente prática e pastoral em que ele instrui Timóteo sobre a ordenação de presbíteros e diáconos, e sobre outras questões. O capítulo três é uma das passagens mais práticas de todos os seus escritos; mas aqui de novo ele é arrastado pelo seu tema dominante. Preocupa-o que Timóteo saiba conduzir-se "na casa de Deus, que é a igreja de Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade". A seguir, repentinamente: "E sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne, foi justificado em

espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória" (3:16). "Grande é o mistério da piedade!"

Paulo não pode deixar de fazer esta declaração porque a vinda de Cristo ao mundo é a coisa mais tremenda, mais emocionante, mais grandiosa e mais gloriosa que já aconteceu na história. O mistério é a espantosa maneira pela qual Deus enviou a salvação aos homens; é a maneira pela qual Ele o fez; é tudo quanto aconteceu com o Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Que mistério! Quem jamais teria tido um simples vislumbre dele, quem jamais o teria conhecido, não fora a iluminação, a revelação que só o Espírito Santo pode dar!

Vamos examiná-lo de novo. Nasce um bebê em Belém e é posto numa manjedoura. Isso acontece muitas vezes. O nascimento de um bebê! Milhares de bebês nascem diariamente. Mas "O Bebê de Belém" é o maior mistério que o mundo já conheceu porque aquela criança, aquele bebê, é o eterno Filho de Deus. O mistério está em

que resultou em “duas naturezas numa pessoa! ” Ele é Deus, Ele é homem. Há estas duas naturezas nEle e, todavia, Ele não é duas pessoas, é uma. “Não entendo isso”, dirá alguém. Naturalmente que não, e não se espera que entenda! Se você pensa que a sua mente é suficientemente grande para captar e apanhar esse conceito, será melhor pensar de novo. Este é “o mistério da piedade”. Este homem, o apóstolo Paulo, que provavelmente o penetrou mais profundamente que todos quantos já viveram, simplesmente recua e diz: “Grande é o mistério da piedade”. Este lhe foi revelado, de modo que ele sabe que há duas naturezas numa só pessoa. Agora ele sabe quem é essa pessoa; não por um processo dele próprio, mas, como ele nos diz, pela revelação vinda mediante o Espírito Santo. De fato o Filho mesmo lho dissera quando, no caminho de Damasco, perguntara: “Quem és tu, Senhor?” — “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”. Esse é o mistério de Cristo! Este é o meio divino de salvação. Deus é Todo-poderoso, o eterno e sempitemo Deus, para quem as nações são “como o pó miúdo das balanças”, são vaidades, são menores e mais leves que a vaidade. Foi Ele que do nada fez tudo, e disse: “Haja luz, e houve luz”. Assim teríamos pensado que, quando Ele desejasse salvar o homem e o mundo, tomaria a proferir alguma palavra grandiosa que faria o universo inteiro balançar e tremer. Teríamos esperado alguma dramática exibição de poder pelo qual Deus salvaria os homens e destruiria o mal. Mas Deus não agiu dessa maneira. Seu meio de salvação acha-se neste mistério de Cristo, num frágil bebê. Não há nada que seja mais fraco ou mais frágil; nada que seja menor, nada que seja mais indefeso. Esse é o método de Deus!

Depois considere tudo que aconteceu a Ele e com Ele. Procure contemplar todo o processo da encarnação. Considere como Ele Se

despojou da insígnia da Sua etema glória para nascer como um bebê. Depois continue a pensar em Sua humilhação e em tudo que Ele suportou e sofreu; e então a morte, o sepultamento, a ressurreição e a ascensão. Esse é o caminho da salvação estabelecido por Deus! Esse é o modo como Deus trata as críticas condições do homem, o problema humano! Esse é o meio pelo qual Deus reconciliou conSigo os homens e pelo qual produzirá finalmente ordem e glória do caos das coisas como estas são agora! Esse é o mistério ao qual Paulo está se referindo! Esse é o mistério, a compreensão que lhe fora dada do mistério de Cristo!

Deixem-me fazer uma pergunta: “o mistério de Cristo” é o interesse mais absorvente da sua vida? O “mistério de Cristo” é, para vocês, a coisa mais comovente do mundo? Está ele no centro das suas vidas, ocupa ele a parte suprema dos seus corações, o ponto central das suas meditações? Nas Escrituras Cristo está sempre nessa posição central. Os nossos hinos mais grandiosos olham para Ele, contemplam-nO e, com Paulo, expressam grande admiração face ao mistério. O mistério de Cristo! Este nada dizia aos judeus e aos gentios. Esta é a última coisa em que Paulo jamais teria pensado ou imaginado. Mas é fato, é evangelho. É o que

pessoalmente Cristo tomara conhecido a Paulo na estrada de Damasco e o comissionara para pregar aos judeus e aos gentios, dizendo-lhe que somente nEle se pode obter a remissão dos pecados, a vida etema e a esperança da glória etema.

Creio que já não estamos tão surpresos como talvez estávamos quanto à razão pela qual Paulo fez este parêntese, deixando de lado o estilo. Muitas vezes achei que grande parte da explicação do trágico estado da Igreja moderna está no fato de que já não temos parênteses! Somos perfeitos demais, a nossa forma literária é soberba; o ensaio pode ser belo, mas falta vida, falta realização. Somos demasiadamente auto-controlados; e isto é porque não temos visto "o mistério de Cristo". Graças a Deus pelos parênteses que nos lembram "o mistério de Cristo"!

Devemos agora dirigir a atenção ao mistério *particular.* O mistério particular a que o apóstolo começou a referir-se no versículo 3, é por ele retomado agora no versículo 5 — "O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho". Esta porção se refere à matéria particular das relações entre judeus e gentios na Igreja Cristã. Diz-nos o apóstolo noutro lugar que se gloria no fato de que ele é, em particular, "o apóstolo

dos gentios", e se gloria nesse encargo. Ele se refere a isso nesta altura porque está escrevendo aos cristãos efésios, que tinham sido pagãos, e o seu objetivo, como eu já disse, é habilitá-los a dar-se conta da maravilha e do portento da sua salvação.

Mas nós temos nosso próprio motivo para dar cuidadosa atenção a esta declaração particular. Digo com a maior franqueza que preferiria não tratar deste assunto, porém o trabalho da pregação não é só exortar e consolar, e sim também instruir; e é só quando compreendemos as doutrinas com as nossas mentes que podemos viver verdadeiramente a vida cristã e desfrutá-la, como é o seu propósito para nós. Sei que há aqueles que usam certas "Bíblias" com notas que dão muita ênfase a esta declaração particular, e dela constroem toda uma perspectiva e esquema de ensino. Refiro-me ao ensino comumente conhecido como dispensacionalismo, e sei que há sempre o perigo, quando vemos notas na Bíblia, de crer inconscientemente que as notas são inspiradas como o texto. Temos a tendência de as engolir e tomá-las como autênticas. Portanto, somos impulsionados a ver essa declaração a partir desse ponto de vista particular.

O ensino dispensacionalista afirma que todas as promessas que se acham no Velho Testamento foram feitas aos judeus somente, e a estes se aplicam; isto é, não se aplicam à Igreja; afirma-se que a Igreja Cristã é algo que "entra" — este é o termo que empregam — como uma espécie de "parêntese". Os dispensacionalistas sustentam que quando o Senhor Jesus Cristo veio a este mundo, veio para oferecer o reino dos céus aos judeus, e foi somente porque os j udeus o recusaram que a

idéia da Igreja foi introduzida. Se os judeus tivessem aceitado o reino, dizem eles, nunca teria existido Igreja Cristã nenhuma. No entanto, tendo os judeus rejeitado o reino, a Igreja foi introduzida como uma nova dispensação, como uma espécie de parêntese. A Igreja terá fim e, então, mais uma vez haverá uma restauração dos judeus como nação, e Cristo estabelecerá Seu reino entre eles. Traçam, uma aguda linha de divisão entre a Igreja e o reino. Dizem eles que os judeus ainda constituem um povo separado e especial, e que as profecias do Velho Testamento só se aplicam a eles.

O significado disto para a nossa posição hoje é que aqueles que acreditam no ensino dos dispensacionalistas estão ocupados demais pregando sermões e fazendo discursos sobre o Egito e sobre o que está acontecendo na Palestina e no Oriente Próximo. Alguns têm até a pretensão de que podem predizer o que vai acontecer, e quando. Encontram isso tudo nas Escrituras, dizem eles. Por esta razão fazem grande uso da declaração particular que estamos examinando. Salientam que o apóstolo diz: "Como me foi este mistério manifestado, o qual

noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens", e param nisso. Depois dão prosseguimento, argumentando que estas palavras deixam perfeitamente claro que o "mistério" pertencente à Igreja não foi conhecido sob a antiga dispensação; na verdade, enquanto não foi revelado ao apóstolo Paulo. De fato alguns se aventuram a afirmar que em parte alguma o Velho Testamento ensina que os gentios seriam salvos.

Há só uma resposta a tal ensinamento. Se os seus expositores lessem o Velho Testamento sem preconceito, veriam muitas referências à matéria em discussão entre nós. A promessa foi feita a Abraão, como Paulo no-lo faz recordar no capítulo três de Gálatas: "Todas as nações serão benditas em ti" (3:8). Em Isaías há referências às "ilhas", aos "gentios" etc. Essa é a resposta pura e simples. Mas há outras respostas, e mais importantes, a modo de réplica aos que dizem que a Igreja, como tal, não foi conhecida sob a antiga dispensação. Aqui vai uma citação das Notas de uma bem conhecida "Bíblia": "A Igreja corporativamente não está na visão dos profetas do Velho Testamento", e depois, entre parênteses, para provar seu ponto de vista, "(Efésios 3:1-6)". Efésios 3:1-6, segundo essa afirmação, indica que a Igreja, corporativamente, não está na visão do profeta do Velho Testamento. Essa citação acha-se na introdução dos livros proféticos do Velho Testamento naquelas Notas particulares. Talvez eu deva acrescentar, para tomar completa a minha exposição, que há um sistema de ultra-dispensacionalismo associado ao nome do dr. Bullinger, o qual vai tão longe que chega a dizer que é somente nas Epístolas que temos realmente o evangelho do Novo Testamento aplicável a nós. O dr. Bullinger ensinava que os Evangelhos nada têm a ver conosco, que eles eram só para os judeus; é aqui no capítulo 3 de Efésios que temos a mensagem para esta era, para judeus e gentios na Igreja.

Qual será a resposta a este ensino? Certamente a doutrina concernente à Igreja foi claramente ensinada por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Considere o que transpirou em Cesaréia de Filipe, quando o Senhor disse a Pedro: "Sobre esta rocha edificarei a minha igreja". As famosas Notas têm que admitir que de fato Ele disse isso, mas afirmam que Ele não desenvolveu a idéia. O fato, porém, é que Ele o disse; assim, esta verdade concernente à Igreja não foi revelada somente a Paulo; já havia sido revelada. O Senhor a ensinara. Além disso, Pedro, pregando no dia de Pentecoste, disse: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe". É uma clara referência aos gentios. Do mesmo modo, é óbvio que Pedro e João compreenderam este princípio

quando reconheceram que os samaritanos, que não eram judeus, também tinham recebido os benefícios da salvação, pelo que impuseram as mãos sobre eles para que recebessem o Espírito Santo. De novo Pedro, no dramático acontecimento que ocorreu antes de sua ida à casa de Comélio, foi levado a ver a mesma verdade. Foi necessária uma visão oriunda do céu para fazer Pedro enxergá-la. Como judeu, ele não podia entender isto. A despeito do fato de que ele era um homem salvo e de que passara pela experiência do Pentecoste, a idéia de que os gentios haveriam de tomar-se co-herdeiros com os judeus era, em sua opinião, impossível. Mas com a visão que teve, e havendo testemunhado o cair do Espírito Santo sobre Comélio e sua casa, ele viu esta verdade uma vez e para sempre, e assim admitiu os gentios na Igreja. Ele foi criticado por fazê-lo e se defendeu, como se nos diz nos capítulos 11 e 15 do livro de Atos dos Apóstolos. Fica, pois, claro que, antes de Paulo haver-se tomado apóstolo aos gentios, esta verdade já fora pregada.

No entanto, esta verdade realmente se encontra no Velho Testamento. Há passagens, como Ezequiel capítulo 36 e outras, que mostram este retrato da Igreja. E como Paulo argumenta no capítulo três de Gálatas, na promessa a Abraão ela está perceptivelmente implícita. Quão importante é dar-nos conta do perigo de começar com uma teoria e impô-la às Escrituras! Eis o que de fato diz o apóstolo: "O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens"— e então vem, não um ponto final, e sim uma vírgula — "como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas". O apóstolo não está dizendo que o mistério nunca fora revelado antes. O que ele está dizendo é que ele não fora revelado antes "como", "na medida em que", agora foi revelado. Lá estava em embrião; agora está em plena florescência e desenvolvimento. Lá estava em sombra, como uma sugestão; agora está plenamente revelado. A expressão é, "como *agora* tem sido revelado...". Como são extraordinárias as sutilezas da mente humana, mesmo quando cristã, mesmo após ter recebido o Espírito Santo! Não é questão de desonestidade. Estou apenas indicando que as nossas mentes são falíveis e que, portanto, temos que ser cuidadosos quando estudamos as Escrituras para não suceder que elaboremos

um sistema completo de doutrina baseados num texto ou numa compreensão errônea de um texto.

O mistério *agora* feito claro e simples não é apenas o fato de que é para os gentios serem salvos, mas que é para os gentios e os judeus estarem juntos na Igreja Cristã — em estreitas relações uns com os outros. Paulo não está dizendo que agora se deve permitir que os gentios se tomem judeus prosélitos. Nisso os judeus já criam; na

verdade eles tinham praticado o proselitismo. Muitos gentios chegaram a ver a verdade de Deus nas Escrituras do Velho Testamento, e os judeus os instruíam e os circuncidavam e, assim, eles se tomavam judeus prosélitos. Permitia-se que o gentio entrasse, mas somente como prosélito; não era ainda um judeu completo. Não obstante, o mistério que fora feito claro para Paulo e para os demais apóstolos era que os gentios agora tinham ingressado, não como acréscimo, nem como prosélitos, mas haviam entrado nesta nova realidade, a Igreja, exatamente da mesma maneira como o judeu. Ele está afirmando que agora a Igreja é o reino, que aquilo que a nação judaica era no Velho Testamento, a Igreja é agora; e que aquela distinção antiga não existe mais. Noutras palavras, ele está dizendo que se cumpriu a profecia do Senhor registrada em Mateus 21:43: "Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos". O apóstolo Pedro repete isto a seu modo aplicando-o à Igreja, constituída de judeus e gentios, as próprias palavras que Deus empregara, mediante Moisés, referentes à nação de Israel, em Êxodo, capítulo 19: "Vós sois o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido" (ou "um povo peculiar"). A Igreja é a forma atual do reino.

O ponto defendido pelo apóstolo é que a velha distinção entre os judeus e os gentios foi abolida uma vez por todas. Ele já mostrou isso no capítulo dois, afirmando que "a parede de separação que estava no meio" já não existe, que Cristo a demoliu e criou "um novo homem, fazendo a paz". A antiga distinção se foi. A maneira particular como Paulo o afirma é sumamente interessante. Ele o expressa empregando a palavra "companheiro" três vezes (vs. 3-6). Infelizmente a Versão Autorizada (em inglês) e a Versão de Almeida omitem isto e dizem: "co-herdeiro, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa". Todavia, na verdade Paulo disse: "companheiros herdeiros, companheiros membros do corpo, companheiros participantes da promessa" (ou "co-herdeiros, co-membros do corpo, co-participantes da promessa").

Os gentios, diz ele, devem ser co-herdeiros com os judeus, o que significa que todas as promessas feitas por Deus aos judeus no Velho Testamento estão agora acessíveis aos gentios. O judeu é participante com o gentio, ambos no mesmo nível — igualmente o gentio com o judeu. Não há diferença. Ambos são co-herdeiros e, por assim dizer, têm o mesmo lugar na vontade de Deus; ambos recebem os

mesmos benefícios. Isto se refere à nova aliança que Deus tinha prometido. Ele dissera que ia fazer uma nova aliança, não semelhante à que fizera quando os tirara do Egito. Esta é: "Dos vossos pecados e das vossas iniqüidades não me lembrarei mais"; "Serei para vós Deus, e vós sereis

para mim um povo". Entretanto isto não é mais somente para os judeus; é também para os gentios; é para mim e para você. Estamos na vontade de Deus, somos herdeiros junto com os judeus, a velha nação, o antigo povo de Deus, nesta admirável promessa dos benefícios da nova aliança.

A segunda expressão é "co-membros do corpo". Poderíamos ter pensado que "co-herdeiros" diz-nos tudo e que não há nada que possa ir além. Talvez se possa explicar este elemento adicional com uma ilustração. Imaginemos um homem que só tem um filho, mas também um criado da família que está com ele, digamos, há quarenta anos, e que ele passou a considerar quase como filho. Assim, quando ele faz o seu testamento, declara que todos os seus bens deverão ser repartidos entre o seu filho e o seu fiel criado. Um criado pode se tomar co-herdeiro, porém continua sendo criado. Isto não faz dele um membro da família; não significa que ele tem o mesmo sangue; não significa que houve mudança na relação essencial. Por isso o apóstolo acrescenta a "co--herdeiros" o termo "co-membros do corpo". É isto que põe abaixo todas as tentativas para fazer perpetuar a distinção entre os judeus e os gentios. Não é, diz Paulo, que os gentios são apenas acrescentados superficialmente a alguma coisa; eles são interligados de forma compacta, unidos como juntas neste corpo. Já não há distinção; não há superioridade, nem inferioridade. O sistema dispensacionalista afirma que há, que existe um "povo celestial" e um "povo terrenal", e que os judeus serão trazidos de volta e que tomarão a receber um lugar muito especial numa era futura. Este ensino é uma negação do que nos é dito na passagem em foco, negação de que tudo isso terminou para sempre, de que há um só corpo, e que o judeu e o gentio são partes (juntas) igualmente implantadas no corpo.

O apóstolo dá mais um passo ainda, dizendo que somos "co--participantes da promessa". À luz doutras partes das Escrituras, isto significa duas coisas. Em Gálatas 3:14 lemos: "Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito". Esta é também chamada "a promessa do Pai", e isso passa como um fio de ouro através do Velho Testamento. É o que aconteceu no dia de Pentecoste, que Pedro explicou assim: "Isto é o que foi dito pelo profeta Joel". A promessa do Pai é o derramamento do Espírito e os resultados dele decorrentes. Vocês são co-participantes da promessa, diz Paulo aos efésios, vocês receberam a plenitude do Espírito exatamente como os judeus. Mas eu acredito que as palavras têm mais um sentido. Outra grande promessa foi a da ressurreição e do glorioso reino do Filho de Deus. Paulo afirma isto com muita clareza em Atos 2ó:ó-8, ao fazer a sua defesa perante o

rei Agripa e Festo. “E agora”, diz ele, “pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais estou aqui e sou julgado. À qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia. Por esta esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado pelos judeus. Pois quê? Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?” A promessa é que o Messias viria e venceria a morte e o túmulo, e traria à luz a vida e a imortalidade. É a promessa da ressurreição, da ressurreição final, e da vinda do reino glorioso, “novos céus e nova terra, em que habita a justiça”. Isso era uma coisa que o judeu pregava acima de tudo mais. Ele teve que sofrer muito em sua vida neste mundo, mas olhava para além disso tudo, como se nos diz em Hebreus, capítulo 11 — ele aguardava o cumprimento daquela promessa, a ressurreição e a vida gloriosa. Primeiro essa promessa estava restrita ao judeu; o gentio estava sem esperança, sem Deus no mundo, como Paulo já dissera no capítulo 2, versículo 12; mas agora diz ele que os gentios são co-participantes da promessa de Deus em Cristo pelo evangelho.

Para nós isto significa que podemos aguardar anelantes a ressurreição do corpo, um corpo glorificado. Podemos aguardar anelantes nossa morada numa nova terra sob novos céus, em que habita a justiça; co--participantes da promessa, “Cristo em vós, a esperança da glória”.

Esses são os dois mistérios que o apóstolo nos diz que lhe foram dados, para os pregar: o mistério geral, o mistério de Cristo; e o mistério particular de que o propósito de Deus agora é manifesto e está em operação na Igreja; e de que a Igreja é a forma final deste propósito, até completar-se. O judeu e o gentio estão juntos em Cristo, compartem as bênçãos de Deus agora e participarão dos benefícios da glória eterna e sempitema. Estarão sempre surpresos e maravilhados por toda a eternidade ante a graça de Deus que fez isto possível, que nEle nos juntou e que a nós e aos judeus fez co-herdeiros, co-membros do corpo e co-participantes de tão bem-aventurada esperança.

“AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS”

“Do qualfui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder.

“A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas insondáveis de Cristo. ” Efésios 3:7-8

Tendo descrito a natureza da mensagem que o Senhor Deus lhe revelou e o comissionou a pregar, o apóstolo continua a tratar disto de maneira ainda mais profunda e com uma declaração sumamente comovedora. Ele começa dizendo que foi feito “ministro” do evangelho. Um ministro é aquele que serve aos interesses de outros e em benefício de outros; assim, o que Paulo está dizendo é que o “mistério” lhe fora revelado por Deus a fim de que ele pudesse ensinar os gentios, de que pudesse levar-lhes este grande beneficio. Eles estavam “separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo”; estavam nas trevas do paganismo, e a ele fora dada esta dispensação da graça de Deus para que pudesse levar-lhes esta grande bênção. Por isso ele foi pregar-lhes. Ele foi chamado para fazê-lo, e foi habilitado para fazê-lo.

O apóstolo estava particularmente interessado em que os Efésios compreendessem que todos os benefícios que agora desfrutavam como co-herdeiros com os judeus, tinham chegado a eles por meio do evangelho que ele pregara, e do qual era ministro. E aqui ele faz uma descrição magnífica do ministério cristão como uma vocação divina. Presumivelmente esta é, talvez, a primeira coisa que a Igreja Cristã precisa recuperar nos dias atuais. O fato de que a Igreja tem tão pouco valor para o mundo moderno deve-se em grande parte à sua incapacidade de compreender a origem e o caráter da vocação ministerial. Toda a idéia de ministério sofreu rebaixamento. Muitas vezes ele é considerado como uma profissão. O filho mais velho de uma família talvez vá para a Marinha, outro para o Exercito, outro para o Parlamento; depois, o filho caçula “entra” no ministério cristão. Outros acham que o ministro é alguém que organiza jogos e entretenimentos agradáveis para os jovens; ou alguém que visita os idosos e toma com eles uma

saborosa chávena de chá. Tais conceitos do ministério cristão se tomaram por demais comuns. Contudo estes casos são caricaturas do ministério. O ministro é um arauto das boas novas, é um pregador do evangelho. Em grande medida é porque a verdadeira concepção da obra do ministério foi rebaixada, que o ministério perdeu a sua autoridade e tem tão pouco valor no presente. Queira Deus que num tempo como este os homens retomem a esta velha e neotestamentária concepção do ministério. O mundo de hoje está precisando de um Savonarola. Os homens e as mulheres precisam ser sacudidos para saírem da sua letargia, da sua

pecaminosidade, da sua indulgência ociosa e do seu relaxamento. Os ministros são chamados primordialmente para ensinar aos homens e mulheres a grande revelação de Deus sobre Si mesmo, sobre o homem, sobre o único meio de reconciliação, sobre a qualidade da vida que a humanidade foi destinada a viver.

Depois o apóstolo passa a expressar o seu assombro por lhe ter sido dirigido este chamamento para o ministério. Notem o modo como ele se expressa. "A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça. " Não e falsa modéstia, nem afetação, nem hipocrisia. Ao mesmo tempo, não é, em nenhum sentido, uma contradição daquilo que ele diz noutro lugar sobre si mesmo, quando alega, "em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos" (2 Coríntios 11:5). Como conciliar estas afirmações? A resposta é que ele nunca deixou de admirar-se do fato de que o pernicioso e blasfemo Saulo de Tarso fora chamado, não somente para a vida cristã, e sim também para ser apóstolo, e de que lhe fora dado o privilégio único de ser, de maneira muito especial, "o apóstolo aos gentios". É um mau dia na vida de qualquer cristão quando este se esquece da sua origem, quando se esquece da fossa da qual foi tirado. Não significa que devemos ficar perpetuamente olhando para trás e tomar-nos mórbidos, sempre nos lembrando dos nossos pecados. A essência da posição cristã é que sempre devemos compreender que é pela graça que somos salvos, que somos o que somos única e inteiramente pela graça de Deus. Se deixarmos de agir assim, perderemos o elemento de ação de graças e louvor em nosso testemunho cristão. O apóstolo jamais caiu nessa condição. Jamais se esqueceu de que era o que era "pela graça de Deus". Ah, o privilégio disso tudo!

Mas havia outro elemento também nesta situação. Paulo era um homem que vivia tão perto do seu Senhor que tinha vivida consciência das suas deficiências e defeitos. Trabalhando infatigavelmente como trabalhava, não obstante estava cônscio de quão pouco fizera e de quanto mais poderia ter feito. Ele expressa isto em muitos lugares e de muitas maneiras, demonstrando com isso verdadeira humildade, verdadeira modéstia. Se a pessoa não estiver sempre consciente da honra

e dignidade de sequer ser cristão, e especialmente de pregar o evangelho, e se não tiver consciência da sua inaptidão e insuficiência, estará numa posição muito falsa. Quanto mais percebermos estas coisas, mais maravilhados ficaremos, juntamente com o apóstolo, ante a graça, a bondade e a benignidade de Deus.

Ademais, o apóstolo explica aos efésios, e a nós, como tudo isso lhe aconteceu; e mais uma vez a sua explicação é que tudo lhe veio "pela graça de Deus". Notem como ele fica repetindo esta palavra, "dado": "Do qual", diz ele no versículo 7, "fui feito ministro, pelo *dom* da graça de Deus, que me foi *dado* segundo a operação do seu poder. A mim, o mínimo de todos os santos, me foi *dada* esta graça". Esta é a palavra que apresenta o evangelho e a salvação — "dado. É tudo de graça, tudo é "dado". O apóstolo não se achava digno de coisa alguma; tudo lhe fora dado

livremente segundo o amor, a misericórdia e a compaixão de Deus. Tomo a dizer que se não percebemos isto, é porque todo o nosso entendimento da salvação é defeituoso.

Paulo, porém, continua e nos diz que o *dom* lhe foi dado de maneira particular: foi "segundo a eficaz operação do seu poder". Desafortuna-damente a *Revised Standard Version,* tão popular hoje em dia, e tambéma *Versão de Almeida,* mormente a Edição Revista e Corrigida, são fracas neste ponto. Dizem simplesmente: "pela" ou "segundo a operação do seu poder". Mas a palavra é muito mais forte; e a *Versão Autorizada (Authorized Version*) a traduz acertadamente: "pela eficaz operação do seu poder". Também poderíamos traduzi-la, "pela vigorosa operação do seu poder". A palavra empregada veicula essa idéia; e o apóstolo a utilizou com o fim de explicar o que é que transformara aquele perseguidor e blasfemo inimigo de Cristo num dos Seus principais pregadores e apóstolos. Nenhuma outra coisa pode produzir tal mudança.

Uma das questões mais fundamentais que nos confrontam quando pregamos o evangelho é, o que é que pode levar uma pessoa a deixar de ser um inimigo de Deus para ser alguém que ama a Deus? O que é que pode transformar o homem natural, para quem as coisas de Deus são "loucura", num homem que se deleita nelas e as desfruta e vive por elas, e cuja suprema ambição é conhecê-las mais e mais? De acordo com o apóstolo Paulo, há somente uma resposta: é a "eficaz operação" do poder de Deus — nenhuma outra coisa.

O apóstolo Paulo estava bem cônscio deste poder. Se tivesse sido deixado a si mesmo, teria continuado sendo o fariseu perseguidor e blasfemo. Ele tinha ouvido falar da pregação de Cristo, tinha ouvido a pregação de Estêvão; sabia tudo que os cristãos pretendiam. No entanto ele odiava as "boas novas"; nada via nelas, exceto blasfêmia. Que foi que aconteceu com este homem? Há só uma resposta: ele tinha sido

feito um novo homem. Tinha sido regenerado, tinha nascido de novo, tinha sido feito "uma nova criatura" — nada menos que isso! E tudo como resultado da "eficaz operação" do poder de Deus.

É a eficaz operação do poder de Deus que faz deste ou daquele um cristão. Isto significa renascimento, regeneração. Não é resultado da nossa decisão, não é algo que eu e vocês podemos decidir fazer; é o que nos é feito! "A eficaz operação do seu poder!" Paulo nunca teria sido um cristão, se não fosse este poder. Mas mesmo após tomar-se cristão, ele teria sido ineficiente, sem este mesmo poder. E esta operação, é este poder de Deus que não só transformou totalmente a sua perspectiva, porém também o chamou para o ministério e lhe deu os dons que são os requisitos para o ministério, para a compreensão da verdade, para a capacidade de falar, para a capacidade de escrever, para a capacidade de ensinar. Era tudo de Deus. O apóstolo

trata disto detalhadamente no capitulo subseqüente e afirma que quando Cristo ressurgiu dos mortos e ascendeu às alturas, "deu dons aos homens", a alguns, apóstolos, a alguns, profetas, a alguns, evangelistas; e a alguns, pastores e mestres.

Tudo é dado por Deus. Os ministros são dados por Deus à Igreja, e todos os dons e toda ajuda presentes na Igreja são dados por Deus. Em nós e por nós mesmos, somos desvalidos. Ninguém pode pregar verdadeiramente o evangelho por sua própria força e poder. Talvez se possa falar, e falar eloquentemente; mas falar não é pregar, e não levará a nada. Sempre que há um ministério eficaz, é por causa desta "operação", desta "operação vigorosa" do poder de Deus mediante o Espírito Santo. Como nos diz o apóstolo em 1 Coríntios, capítulo 2, sua pregação "não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana". Ele não dependia de quaisquer dons ou métodos ou artifícios humanos. Foi "em demonstração do Espírito e de poder". Assim, aqui ele de novo salienta que recebeu o seu ministério e foi posto em sua posição pela "vigorosa operação" do poder divino.

Sabemos alguma coisa sobre isto? Vocês sentiram a mão de Deus sobre vocês? Vocês experimentam a operação de Deus em suas vidas e em suas almas? Vocês sabem o que é receber tratamento e ser moldado e modelado? Isto está envolvido no cristianismo verdadeiro. É tudo resultado da "vigorosa operação do seu poder". O apóstolo resume isto com perfeição numa grandiosa frase, no capítulo primeiro da Epístola aos Colossenses (vers. 29). Vinha ele dizendo que pregava "admoestando a todo o homem e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para apresentar todo o homem perfeito em Jesus Cristo", e em seguida acrescenta: "E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente". Estou labutando, diz Paulo, estou trabalhando, para não dizer agonizando em

meu trabalho. Sim, mas este e o resultado daquilo que Ele está fazendo em mim e operando em mim! Estou externando o trabalho que Ele está realizando em mim. Estou labutando, claro, porém em conformidade com esta tremenda operação de Deus que age em mim poderosamente. Temos assim esta perfeita fusão do divino e do humano, o poder de Deus "energizando" um homem e capacitando-o a levar avante a sua obra no ministério.

Diz o apóstolo que deste modo ele foi preparado, equipado e chamado para pregar entre os gentios "as insondáveis riquezas de Cristo". Que frase! Que profunda, que sublime afirmação! Todavia é também uma declaração que nos prova e nos examina. Não hesito em asseverar que a prova de toda pregação está em sua conformidade com esta definição da mensagem, e com este padrão. A função de todo aquele que alega ter sido chamado para ser ministro do evangelho é pregar "as insondáveis riquezas de Cristo".

Examinemos esta obra e vocação do ministro, primeiro negativamente. Ele não deve

pregar simplesmente sobre eventos comuns. Há os que nos criticam por gastarmos tempo domingo após domingo examinando Efésios, capítulo 3, por causa da situação do mundo e de muitos e graves problemas internacionais, políticos, industriais e econômicos. Acham que, para ser relevante, a pregação deve abordar diretamente essas questões. Mas, será essa a tarefa do ministro cristão? Será sua função expressar sua idéia sobre o que o governo devia ter feito na semana, ou sobre o que não devia? Será que a missão da Igreja é viver mandando resoluções aos governos e aos estadistas, e proferindo seus minuciosos conselhos sobre muitas questões especificas? Minha resposta é que eu não tenho a pretensão de conhecer mais a situação internacional do que qualquer outro membro da Igreja. Não tenho diante de mim todos os fatos; assim expressar eu a minha opinião seria uma impertinência. Tenho minhas idéias, como todos nós temos, porém não estou em condições de levantar-me e dirigir-me a um grupo de cristãos dando minha opinião quanto ao fato de o governo agir acertada ou erradamente. Essa, reitero, não é a ocupação primordial do ministro cristão. E tenho a impressão de que, devido muitas vezes a Igreja ter feito esse tipo de coisa, não só ela é o que é hoje, mas também, o mundo é o que é. Há evidências muito fortes que dão a entender que foi a ação da "Igreja", e particularmente de certas pessoas da Igreja, na década de 1930, que levou diretamente à guerra de 1939 a 1945.

A Hitler e a outros da Alemanha foi dada a impressão de que o seu país se tomara completamente pacifista e a preço nenhum se envolveria noutra guerra. É perigoso para os ministros, quer ocupem posição

elevada na Igreja quer não, exprimir as suas opiniões sobre esses assuntos. O ministro cristão é chamado para pregar "as insondáveis riquezas de Cristo".

Por outro lado, não é função da Igreja Cristã pregar patriotismo. Ela o tem feito numerosas vezes. Muitas vezes a Igreja não tem passado de agência de recrutamento , de posto de recrutamento em tempos de guerra. Isso é uma falsificação do ministério cristão. O mundo estava envolto em grande dificuldade quando Paulo escreveu estas coisas; e o mundo sempre esteve em dificuldade; mas a ocupação e tarefa peculiar à Igreja Cristã e a seus ministros é fazer o que o apóstolo diz aqui. Muitíssimas vezes os ministros cristãos não têm sido senão uma espécie de Capelão da Corte, declarando vagas generalidades.

Tampouco é tarefa da pregação simplesmente apregoar e inculcar moralidade pública geral ou alguma ética geral. Tem havido muito disso nos últimos cem anos, e o ministério foi se tomando cada vez menos profético. O cristianismo foi ficando cada vez mais diluído e, conseqüentemente, cada vez menos eficiente. A missão da Igreja não consiste em produzir "pequenos cavalheiros perfeitos". O mundo pode pregar moralidade e ética, e o tem feito de várias maneiras. Os filósofos podem fazê-lo, e o têm feito. Os judeus do primeiro século A. D. ensinavam moralidade; e

os filósofos pagãos pregavam moralidade antes de Paulo ter sido chamado para o ministério. No entanto Paulo foi chamado para pregar "as insondáveis riquezas de Cristo".

Além disso tudo, a tarefa do pregador não é pregar religião. Nem mesmo religião! Nem mesmo a vida piedosa em geral! O judaísmo estivera pregando a importância da religião e a importância vital da vida piedosa. Permitam-me ir mais adiante. Nem mesmo constitui a tarefa primordial do pregador do evangelho dizer ao povo que ore, que se amolde a determinados padrões e que exercite a disciplina pessoal. O maometanismo faz isso, e na verdade o faz com muita eficiência. Ele prega uma disciplina austera. Prega um culto a Deus. Contudo isso não é crisdanismo. Em certo sentido, vocês podem viver piedosamente sem o cristianismo. É uma piedade falsa, bem sei, porém é um tipo de piedade. Igualmente vocês podem ter religião, e ser muito zelosos nela. Mas não é isso que Paulo fora chamado para pregar. Ele estivera fazendo isso tudo como fariseu.

Vou dar mais um passo; tampouco constitui a função primária dos ministros cristãos ensinar e pregar a doutrina de Cristo relacionada com certas questões específicas. Há homens que parecem reduzir "as insondáveis riquezas de Cristo" a nada mais que pacifismo. Pregam-no todos os domingos: a guerra é o pecado absoluto e, se tão-somente nos portássemos com boas maneiras para com as outras pessoas, e nos

negássemos a brigar por qualquer coisa, seriamos muito mais felizes. Para eles esse é o supra-sumo do cristianismo. Todas estas coisas ficam desesperadamente abaixo desta grande e prodigiosa definição do evangelho dada aqui pelo apóstolo. Pensem em todos os pomposos pronunciamentos feitos por ministros da Igreja domingo após domingo sobre a situação internacional. Onde entram "as insondáveis riquezas de Cristo"? Pensem nos apelos ético-morais, e nos apelos feitos em nome do país, sistematicamente repetidos. Onde Cristo e as Suas insondáveis riquezas entram nisso tudo? Isso é uma máscara do evangelho; é um desperdício de tempo. É uma negação do dever e da tarefa de que fomos incumbidos.

Então, que é que Paulo prega? Que devemos pregar? Primária e essencialmente, o Senhor Jesus Cristo. As riquezas são "as insondáveis riquezas de *Cristo*"! A essência do evangelho é Cristo e o que Ele nos dá. Não o que fazemos, não o que Ele pede que façamos. Isso vem mais tarde. O claro princípio e essência do evangelho é o que Ele nos dá, o que recebemos dEle. Paulo vibra de emoção simplesmente ao pensar nisso. Diz ele, noutras palavras: foi-me dado este grande privilégio de chegar até vocês, e eu lhes dei as boas novas, as maravilhosas e emocionantes novas concernentes às riquezas de Cristo — o que Ele lhes deu, o que pode dar-lhes e o que lhes dará — "as insondáveis riquezas de Cristo". A primeira mensagem é, pois, sobre o dom de Deus, antes de qualquer chamamento para fazermos alguma coisa.

A seguir devemos tentar analisar este evangelho — "tentar", porque a própria

tentativa é quase ridícula. Em última instância, não podemos analisá-lo, mas, visto que temos a tendência de apenas repetir estas frases sonoras sem considerar o que significam, devemos ao menos aventurar-nos a fazer esse trabalho. Felizmente o próprio apóstolo faz a análise das "boas novas" no restante do capítulo.

A primeira coisa que devemos acentuar é que o evangelho é o próprio Cristo. "As insondáveis riquezas de Cristo." Primeiro, não as insondáveis riquezas que Ele nos deu, porém Cristo mesmo como as insondáveis riquezas. Naturalmente isto inclui o que já consideramos sob o termo "mistério" — "o mistério de Cristo". As "riquezas" estão nEle graças ao mistério da Sua encarnação, assumindo a natureza humana e Se tomando verdadeiramente homem. A mensagem do cristianismo e o próprio Cristo. Como muitas vezes tem sido assinalado, "o cristianismo é Cristo". Tudo está nEle, e não há nada fora dEle. Deus entesourou todas as Suas riquezas em Seu Filho; e tudo que vem a mim e a vocês na vida cristã, vem-nos diretamente dEle. Sem contato com Ele, não teríamos nada. "Sem mim", disse Ele, "nada podeis

fazer." João, no capítulo primeiro do seu Evangelho, diz: "E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça"!

(versículo 16) — "da sua plenitude"! Estamos unidos a Ele e dEle fluímos; Ele é o manancial. Assim, pois, a mensagem do evangelho é o próprio Cristo; o que Ele nos dá, apesar da sua imensa importância, vem em segundo lugar.

Em seguida, vejam a segunda palavra de Paulo, a palavra *insondá-veis*. Se tão-somente pudéssemos enxergar o que há em Cristo! Mas é insondável, inescrutável. Isto nos faz lembrar a nossa definição da palavra *mistério*. É um mistério, porém foi revelado. Graças a Deus que é assim, pois, doutro modo, nada saberíamos a respeito. Segue-se que não há quem possa achar e apossar-se dessas riquezas por sua iniciativa e poder. Muita gente tentou fazê-lo. Muita gente abordou o cristianismo filosoficamente e tentou compreendê-lo de fora. Fariam bem em desistir logo no começo, pois nunca se poderá fazer isso. As riquezas são inescrutáveis, são insondáveis; por si mesmo o homem é incapaz de consegui-las.

Alem disso, porem, as riquezas que há em Cristo são insondáveis no sentido de que nenhum homem, mesmo sendo cristão, pode compreendê-las plenamente. À medida que Paulo prosseguia na vida cristã, foi ficando cada vez mais maravilhado ante essas riquezas. Talvez ele pensasse, às vezes, que já tinha estado em todos os compartimentos deste grande tesouro, mas então encontrava outro. Há sempre outro compartimento mais para o fundo, e mais outro, e mais outro. Passaremos a nossa eternidade descobrindo novos aspectos e facetas das insondáveis riquezas de Cristo. Insondáveis, inescrutáveis!

Outro significado da expressão é que as riquezas jamais poderão ser descritas

plenamente. Daí Paulo se vê obrigado a juntar superlativo a superlativo — falta-lhe a linguagem. As "insondáveis riquezas", "as abundantes riquezas" da Sua graça, diz ele. Uma e outra vez ele fala de superabundância, e afirma que Deus "é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente alem daquilo que pedimos ou pensamos" (3:20). São estas as suas expressões e elas significam que as riquezas não podem ser descritas porque são extremamente gloriosas e infindáveis. O subseqüente sentido do termo é que as riquezas de Cristo são inesgotáveis; jamais faltarão. Conquanto os homens e as mulheres venham extraindo delas durante séculos, continuam existindo riquezas ali como se ainda fosse o começo. Jamais será possível reduzi-las. Elas são "um mar sem maré vazante", como no-lo recorda um dos nossos hinos. As insondáveis riquezas de Cristo! Quanto sabemos delas? A expressão nos emociona? Significa algo de real e concreto para você?

Que são estas insondáveis riquezas de Cristo? Embora seja impos-

sível descrevê-las, devemos tentar mencionar algumas delas. Que há em Cristo para qualquer de nós neste momento? Vejamo-lo da seguinte maneira: sou pobre, estou de mãos vazias, sou um mendigo; de que preciso? Cristo tem tudo de que preciso. Quais as coisas de que tenho maior necessidade? A resposta acha-se numa expressão de Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios, onde ele diz: "...o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1:30). São estas as riquezas, as "insondáveis riquezas".

A primeira coisa de que necessitamos é "sabedoria", isto é, conhecimento e entendimento. Aqui estamos nós, neste grande mundo, perplexos ante os seus problemas e possibilidades. As primeiras questões a serem respondidas são: que dizer de tudo isso? Por que o homem é como é? Existe um Deus? Por que Deus não faz alguma coisa com relação a isso tudo? Como podemos conhecer a Deus? Com o mundo ruindo ao nosso redor, não haveria nenhum lugar seguro e estável? Essa é a nossa primária e fundamental necessidade. E aí está por que não prego diretamente sobre a situação internacional. Eu não poderia ajudar vocês, se fizesse isso. Mas esta é a maneira cristã de ajudá-los. Se eu e vocês conhecemos a Deus, muito bem, então o que lemos no Salmo 112 é verdade quanto a nós: "Não temerá maus rumores: o seu coração está firme, confiando no Senhor" (versículo 7). E como poderemos chegar a este conhecimento e a esta sabedoria? Notem a resposta do apóstolo: "em Cristo." (Ele) para nós foi feito por Deus *sabedoria*

O Senhor Jesus Cristo me ensina sobre Deus, porém isso me faz cônscio da minha pecaminosidade. Sinto-me incapaz de ousar aproximar-me de tal Deus. Estou em agonia, estou em crise, porquanto posso morrer a qualquer momento e ter que me apresentar a Deus. Como pode um pecador apresentar-se a Deus? "Como se justificaria o homem para com Deus?" (Jó 9:2). Cristo foi feito "justiça" para nós. Embora vocês tenham vivido uma vida de pecado ate este momento, se crerem

no Senhor Jesus Cristo os seus pecados serão perdoados, vocês serão revestidos da justiça de Jesus Cristo neste exato momento e poderão estar na presença de Deus. A *justiça* faz parte das "insondáveis riquezas de Cristo".

Mas não termina aí; devo prosseguir. Como poderei continuar com Deus? Embora saiba que estou perdoado, e que me foi dada a justiça de Cristo, sei que o pecado continua em mim, e sei que o diabo continua sendo meu inimigo. Como poderei permanecer firme na luta contra o pecado e o mal? Paulo responde: Cristo foi feito para nós, não somente sabedoria e justiça, e sim também *santificação.* Seja quando for que venhamos a morrer, podemos estar certos disto, que em Cristo

compareçaremos perante Deus "irrepreensíveis e inculpáveis" (Colossenses 1:22). Ele é a nossa santificação, e Ele nos ajuda a desenvolvê-la em nossa vida diária pondo em nós o Seu Espírito Santo.

Cristo é também a nossa *redenção,* o que significa que Ele ressuscitará o meu corpo e o glorificará e o transformará. A redenção é completa e total; nada estará faltando em meu corpo, mente e espírito. Em sua pobreza, em sua necessidade, vocês se defrontarão com "as insondáveis riquezas de Cristo". Ele é tudo de que vocês necessitam.

Redimido, curado, restaurado, perdoado, quem como tu louvor irá cantar-Lhe ?

Ou vejam-no assim: de que realmente necessitamos, qual é a nossa maior necessidade? A nossa maior necessidade é a vida. Na maioria, as pessoas hoje apenas existem; mas não têm vida. Quando os seus prazeres lhes são vedados, quando por causa da guerra os cinemas, os teatros, as casas de diversão e os salões de dança têm que ficar fechados, elas não têm nada. Elas não têm vida; apenas existem, e dependem de coisas externas; carecem de vida. Contudo, onde achar vida? Cristo de novo foi quem disse: "eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (João 10:10). Vida significa vida espiritual; vida significa ter relação com Deus e fruir Sua comunhão; e Cristo, Senhor nosso, a tem em toda a sua plenitude. Diz Ele: "aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede" (João 6:35). "A água que eu lhe der", disse Jesus à mulher samaritana, "se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna". Ainda que o mundo tire tudo de vocês, ainda que vocês venham a ficar nus e privados de todas as coisas, esta vida procedente de Cristo continuará a jorrar em vocês, etemamen-te.

O apóstolo desenvolve mais este ponto no final deste capitulo três, mas devo acentuar de novo que Cristo mesmo é as riquezas, e é quando eu O conheço e O tenho, que sou participante das riquezas. O apóstolo teve um conhecimento pessoal do Senhor Jesus Cristo, e esse é o maior tesouro do mundo. Muitas vezes dizemos, e é verdade, que a maior bênção que podemos ter neste mundo é ter um bom marido ou mulher ou amigo. Dizemos que isso é uma possessão inapreciável. Entretanto no

evangelho nos é oferecido este conhecimento de Cristo e este companheirismo com Ele. Escrevendo aos filipenses, diz o apóstolo: “Para mim o viver é Cristo” (Filipenses 1:21). É vida para ele — conhecer a Cristo. Depois ele prossegue, dizendo que a sua maior ambição é “conhecê-lo”. Não quer dizer simplesmente conhecer algo acerca dEle; quer dizer conhecê-lO, para poder andar e falar com Ele,

e ouvi-lO. Assim vivia o apóstolo Paulo. Ele vivia neste estado de comunhão com Cristo. Cristo estava mais perto dele e lhe era mais precioso e mais real do que qualquer coisa no mundo. Ele já desfrutava isto e disto queria mais e mais.

Ele ora pelos outros: “que Cristo habite pela fé nos vossos corações” (3:17). OSenhorvem ao coraçãoenele habita. Elemesmodiz: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Apocalipse 3:20). Todas as riquezas e todos os tesouros de Deus estão em Cristo, e Ele entra na vida e no coração, e ali habita — “Cristo em vós, a esperança da glória” (Colossenses 1:27). O apóstolo prossegue e ora por estes efésios, no sentido de que sejam “fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações”. E o objetivo disto é que venham a compreender “a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento”. Nada no mundo é comparável a isto — ser amado por Cristo, senti-lo e experimentá-lo. Que são as riquezas do universo inteiro, em comparação com isto? Ser amado pelo Filho de Deus! “As insondáveis riquezas de Cristo.”

Ainda assim, além da dádiva de Si mesmo, Cristo também nos dá o Seu Espírito Santo. “Eu, na verdade, vos batizo com água”, disse João Batista; “ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo” (Mateus 3:11). Recebemos o dom da habitação do Espírito Santo, residente em nós; e, ademais, o Seu poder de ativar-nos e habilitar-nos para “operar a nossa salvação” (Filipenses 2:12) e para sermos testemunhas disto para os outros.

Mas há também certas riquezas particulares que resultam disto. A primeira que Cristo nos dá é descanso: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mateus 11:28). Vocês têm experiência disto? Ele o pode dar-lhes copiosamente. Depois é a paz. Isto é o que Ele diz: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). Não posso ajudar nenhuma alma necessitada e atribulada pregando sobre a situação internacional, mas eis a mensagem de Cristo para vocês: “Paz vos dou”, não importa o que lhes esteja acontecendo. Os jovens podem ser convocados para a luta, não sei; calamidades podem sobrevir, não sei; porém sei que o de que necessitamos é paz interior. Aconteça o que acontecer no mundo exterior, Ele nos dá Sua paz. “Não estejais inquietos por coisa alguma”, diz Paulo; isto é, “Em nada vos oprimais com ansiosa preocupação”; aconteça o que

acontecer com o seu marido, ou com os seus filhos, não se inquiete. “Antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus

pela oração e súplicas, com ação de graças.” E logo a seguir: “a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus” (Filipenses 4:6-7). Tudo isso está incluído nas riquezas “insondáveis”.

Pensem então na alegria. “Até agora”, diz o Senhor, “nada pedistes em meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra. "Isso foi dito no contexto, “no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:24, 33). Acaso vocês precisam de sabedoria? “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada”, diz Tiago em sua Epístola (1:5). O Senhor nos oferece direção, entendimento, sabedoria e discernimento. Isto leva a uma das coisas mais maravilhosas, a saber, a capacidade de estarmos contentes com o quinhão que nos toca, haja o que houver. Paulo diz aos filipenses: “já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância... Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (4:11-13). Que maneira de enfrentar o futuro, por mais trevoso e problemático que seja! Seja o que for que aconteça, podemos encará-lo com serenidade e firmeza. “Posso *todas as coisas* naquele que me fortalece.”

O Senhor também pode transfigurar a morte. “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho”, diz o apóstolo aos filipenses (1:21). Ah, “as riquezas da Sua graça”! A bem-aventurada esperança que Ele nos oferece por sermos filhos de Deus, e “se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Romanos 8:17), capacita-nos a sorrir mesmo em face da morte. Embora se usem bombas atômicas e de hidrogênio, e o nosso mundo seja reduzido a nada, resta para nós “uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar” (1 Pedro 1:3-5).

Mal comecei a falar-lhes das riquezas, mas estas são algumas das coisas que se acham na casa do tesouro da graça de Deus. Vocês estão usufruindo estas riquezas, “as insondáveis riquezas de Cristo”? Vocês são infelizes? Estão abatidos? Sentem-se despojados de tudo? Deus tenha misericórdia de vocês! Com todos estes tesouros dados gratuitamente, não temos direito de passar necessidade; e somos uma desonra para Cristo, se estamos nessa condição. Vocês usufruem a Cristo? Ele está à porta e bate. Esse texto não é para os incrédulos; é para os convertidos. É mensagem para a igreja em Laodicéia (Apocalipse 3:20). Ele está à porta, e bate; Ele quer entrar e enchê-los de paz, de alegria e de tudo quanto vocês necessitam. Deixem-nO entrar! Contemplamos estas riquezas? Demoramo-nos nelas? Nós as estamos recebendo cada vez mais? Seu desejo por elas vai ficando cada vez

maior, cada vez maior? Vocês vivem por essas coisas? Como vocês vão passar o

restante deste dia? Será em termos das “insondáveis riquezas de Cristo”, ou vocês vão cair de novo nos jornais ou na leitura de um romance ou no rádio ou na televisão? Em Cristo é que são abundantes as riquezas. Não permita Deus que sejamos como os crentes em Laodicéia, que achavam que tinham tudo e que estavam ricos! A mensagem do Filho de Deus aos que pensam assim é: “Como dizes: rico sou, e estou enriquecido...” Se alguém tende a dizer, sou convertido, não sou como esses incrédulos; sou fundamentalista, e não modernista; comigo está “tudo bem”, e posso sentar-me e relaxar; se pensa assim e acredita que não precisa de nada, a verdade a respeito dele é: “Não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu”. Acaso vocês estão em dúvida sobre si mesmos e sobre o que têm? Se é assim, esta é a palavra do Senhor para vocês: “Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas” (Apocalipse 3:18). Dessa maneira Ele oferece a todos os que nEle crêem as suas “insondáveis riquezas”.

Não permita Deus que nenhum de nós viva como mendigo! Não permite Deus que qualquer de nós esteja em penúria, em necessidade e carência, em angústia, em condição alarmante e insegura! O mundo hoje nos oferece uma oportunidade única de falar aos homens e às mulheres das “insondáveis riquezas de Cristo”. Estamos sendo vigiados, estamos sendo observados; e muitos, em sua ruína espiritual, ficam a indagar se, afinal de contas, a resposta está em Cristo. O mundo O julga pelo que vê em nós. Se dermos a impressão de que, afinal, ser cristão não ajuda muito quando há uma crise, não ouvirão a nossa mensagem e não olharão para Ele. Mas se vêem que somos inteiramente diferentes deles, e capazes de manter calma, equilíbrio, paz, estabilidade, e até alegria em meio aos furacões da vida, sob Deus isso poderá ser o meio para abrir os seus olhos e levá-los ao arrependimento, trazendo-os ao Senhor Jesus Cristo e às Suas “insondáveis riquezas”.

“A MULTIFORME SABEDORIA DE DEUS”

“E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor. ” Efésios 3:9-11

Com estas palavras, como a palavra *E* indica, o apóstolo dá continuidade ao tema sobre a tarefa do ministério cristão, de tomar conhecida a mensagem do evangelho. Até aqui ele esteve tratando dos benefícios pessoais particulares, individuais, que todos nós podemos auferir se cremos no Senhor Jesus Cristo e em Seu evangelho. Mas a mensagem não pára nesse ponto. Paulo continua: “E demonstrar *a todos* qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou”. Noutras palavras, a mensagem cristã e a salvação cristã não são unicamente pessoais. O evangelho é pessoal, e sempre começa com o pessoal; porém vai além do pessoal e do individual, abrangendo algo maior e mais amplo. Este amplo propósito é alcançado, como veremos, por meio do pessoal; todavia é importante para nós que compreendamos que o evangelho de Jesus Cristo, além e acima do que nos dá a título de salvação pessoal, tem também um âmbito maior, um escopo mais amplo. Para isto o apóstolo chama a atenção dos efésios nestes três versículos.

O evangelho sempre tem que ser pregado num mundo de problemas e sofrimentos, de guerras e derramamento de sangue, mundo em que as pessoas vivem perplexas e levantando questões. A questão mais comum que o mundo apresenta à Igreja é: que é que o cristianismo tem para dizer sobre a situação mundial? Que é que o cristianismo tem para dizer acerca de todos os problemas que confrontam a humanidade de maneira tão aguda na época atual? O cristianismo oferece alguma esperança? Tem ele alguma luz para dar-nos na situação, na angustiosa situação em que nos encontramos? Estas questões são perfeitamente legítimas e justas; na verdade, devemos incentivar as pessoas a fazê-las

mais e mais, pois nestes três versículos temos a inspirada resposta do apóstolo precisamente a estas questões. Nada é mais relevante para a situação da hora presente do que a declaração que temos diante de nós. De fato não há questão que possa ocorrer a qualquer homem, que não seja respondida de maneira completa e final nalgum lugar das Escrituras Sagradas. Assim, que é que o cristianismo tem para dizer a respeito do mundo? Há alguma esperança de paz duradoura? Poderá esta mensagem, de um modo ou de outro, estabelecer a concórdia e a amizade entre as nações e entre os homens, que os homens do mundo inteiro dizem esperar e desejar? Em resposta só temos que mostrar e expor o que o apóstolo diz nestes três versículos. Ao faze-lo, lembremo-nos de que isto não é uma opinião do apóstolo Paulo, mas lhe foi “dado”, foi-lhe “revelado”. Não é sua filosofia pessoal, no

entanto é o que o Senhor Jesus Cristo lhe comunicou. Noutras palavras, vamos considerar a resposta de Deus às questões e problemas que afligem a humanidade no presente.

A primeira coisa que o apóstolo diz é que há muita obscuridade com respeito a todo este assunto. Diz ele: "E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério". A palavra *ver* (que aparece na Versão Autorizada), devo assinalar, não traduz adequadamente a palavra que o apóstolo empregou e que significa "iluminar", "infundir luz", "derramar luz sobre" (Almeida: "demonstrar"). Uma parte da sua vocação, diz ele, é iluminar as mentes dos homens com relação a este problema

— sendo a implicação, como já disse, que há grande escuridão nas mentes dos homens quanto a isso tudo.

Se os homens e as mulheres fossem sinceros, estariam prontos a confessar a sua ignorância. Para *vocês* estaria claro o que está acontecendo no mundo? A situação atual enquadra-se em sua filosofia e em suas idéias quanto à vida, à história e ao homem? Quando leio periódicos, livros e jornais, parece-me haver densas trevas e terrível confusão. Naturalmente há muitas teorias que ainda estão sendo propostas, como sempre o foram, teorias que tentam explicar o curso da história e o que está acontecendo no mundo. Há alguns que dizem

— e talvez esta seja a teoria mais popular no momento, porque por trás está o nome do professor Arnold Toynbee — que todo o processo da história é, num sentido, mera questão de ciclos. Um grande poder se levanta, mas o próprio fato de que se levanta significa que ele estimula aqueles que ele tende a manter por baixo e a oprimir, a se levantarem contra ele. Não só isso, mas, visto que chegou a uma posição de supremacia, ele tende a afrouxar os seus esforços, de modo que há uma espécie de semente de decadência em sua grandeza e em sua glória.

Assim, como a sua tendência é decair, outros poderes, estimulados pelo declínio daquele, tendem a elevar-se; e vem o tempo em que aquele grande poder é sobrepujado por estes outros poderes. Aquele cai, estes se levantam;porém estes, por sua vez, ao levantar-se, acabam provocando outros a levantar-se contra eles, e assim se repete todo o processo. Essa, diz Toynbee, é a explicação da história — levantamento e queda; não há nenhum progresso real; os homens simplesmente ficam girando e girando em círculos. Se olharmos para a história superficialmente, parecerá haver muita coisa em favor dessa idéia. Muitos grandes impérios, nações e reinos se levantaram, cresceram, tomaram-se poderosos, e depois se enfraqueceram; e o mundo ainda parece ser muito parecido com o que já foi.

Outro grande historiador, o finado sr. H. A. L. Fisher, dizia com toda a honestidade e franqueza que, depois de passar a vida toda estudando a história, chegara à conclusão solene e simples de que não se encontra nenhum propósito na história.

Nela, diz ele, parece que não há finalidade ou propósito, não há nela objetivo de nenhuma espécie. Muitos concordam de todo o coração com o seu profundo pessimismo quanto à vida e à história. As coisas simplesmente acontecem, e ninguém sabe por que ou por qual razão.

Outro grupo, não tão propalado como outrora, consiste dos otimistas e humanistas, assim chamados. Eram pessoas que falavam aos brados e vociferavam no fim da era vitoriana e no período de Eduardo VII. Um dos sinais mais seguros do entendimento cristão é o que vemos através da loucura total do vitorianismo e do eduardianismo, com o seu otimismo completamente falso. Eles criam que o mundo ia adiantar-se, desenvolver-se e progredir inevitavelmente. Com Tennyson eles entoavam cânticos sobre a vinda do "Parlamento do homem" e da "Federação do mundo". Esperava-se que o século vinte seria maravilhoso, como resultado do conhecimento secular, especialmente do conhecimento cientifico, da educação e da cultura. Quanto à Bíblia, eles se apegavam ao ensino ético, moral do Senhor Jesus no Sermão do Monte. Mas, naturalmente, eles eram inteligentes demais, eram demasiado científicos, para acreditarem em milagres e no sobrenatural. Se ensinássemos a todos a "ética de Jesus", todos os homens se abraçariam e seriam amigos uns dos outros, e nunca mais haveria guerra. Não ouvimos falar muito disso agora, e certamente não é de admirar. Havendo nós experimentado os horrores das duas guerras mundiais, e à luz do que está acontecendo no mundo nos dias atuais, há pouca evidência que sugira termos chegado à idade de ouro em que os homens, tendo conseguido a sanidade pela educação, transformam as suas espadas em arados. As evidências apontam para uma conclusão

quase oposta. O louco e insulso otimismo dos períodos vitoriano e eduardiano, que se prolongaram até 1914, e que alguns tentaram fazer reviver mesmo depois de 1918, apresenta um aspecto deveras patético hoje.

O fato é, digo eu, que a humanidade está realmente às escuras sobre a situação mundial em geral. A despeito de todo o pensar dos maiores pensadores, e de todas as tentativas de elaboração de um plano ou esquema quanto à história, e de oferecer uma esperança quanto ao futuro, não há nada senão trevas. Na verdade, intelectualmente falando, a presente situação é precisamente aquela que foi descrita repetidamente pelo escritor do livro de Eclesiastes: "Vaidade de vaidades! é tudo vaidade". Ou, como Paulo descreve a situação dos gentios, no capítulo 2 de Efésios: "Sem esperança". Esta é a situação do mundo na hora presente. Densas trevas!

As grandes novas do evangelho, diz Paulo, consistem em que, apesar das trevas, a luz está disponível, porém unicamente no evangelho. Ele foi chamado, não somente para pregar "as insondáveis riquezas de Cristo" num sentido pessoal, e sim para fazer que todos os homens pudessem ver. Sua missão era esclarecer, iluminar, lançar

luz sobre a situação mundial. Há luz! Esta é a reivindicação da Bíblia em geral e do evangelho em particular. Diz-nos o apóstolo que lhe fora dado este grande e elevado privilégio de manter esta luz perante os gentios, perante todos os homens, para propiciar-lhes entendimento e discernimento do que estava acontecendo e do que ia acontecer no mundo deles. Esta era a reivindicação do próprio Senhor Jesus Cristo. Disse Ele: "Eu sou a luz do mundo", e proferiu as palavras de tal maneira que significam, "Eu, e somente eu, sou a luz do mundo". Vocês jamais obterão esta luz dos seus estadistas, nem dos seus filósofos, nem dos seus sociólogos, nem dos seus humanistas,nem dos seus hedonistas. Não há luz em parte alguma, exceto aqui, no Senhor Jesus Cristo. Ai está por que a Igrej a Cristã ocupa nesta hora uma posição tão importante e singular. Ela e a única corporação que tem uma mensagem capaz de oferecer luz às pessoas; ela é chamada para iluminar.

Eis a luz que o apóstolo recebera para dar a todos os homens: "Fazer que todos os homens vejam qual é a comunhão do mistério" (AV). "Comunhão" é uma tradução infeliz; realmente significa "plano" do mistério, ou "administração" do mistério, ou "mordomia" (ou "dispensação", Almeida) do mistério, ou "concretização" do mistério. Este é o plano de Deus para as eras. Paulo repete a afirmação no versículo 11: "Segundo o eterno propósito", o propósito das eras, "que fez em Cristo" — o qual já começara a pôr em execução — "em Cristo Jesus nosso Senhor".

Como uma parte da fé cristã, isto é absolutamente fundamental. Deus tem um plano, um propósito, um grande esquema para a totalidade da vida neste mundo, e para o homem. A Bíblia é a grande revelação desse plano e propósito. Hã tolos e ignorantes que afirmam que a Bíblia é abstrata, e que eles querem algo prático. Assim, vão em busca do seu jornal ou de algum outro meio de informação. Voltam-se para os historiadores e filósofos. Acaso encontram o que procuram? Se querem algo prático, devem ir à Bíblia. O tema geral deste Livro, a sua grande e única mensagem, é dar aos homens entendimento da vida neste mundo — o que há quanto a ela e o que vai ser dela. Portanto, isto vem a ser um teste muito bom, para ver se somos cristãos de verdade. Porventura conhecemos o plano de Deus para este mundo? Isso faz parte do conhecimento cristão. Os cristãos devem ter uma compreensão única da situação do mundo neste momento; se não a têm, são muito pobres, e são cristãos muito ignorantes. Demoramos demais nas bênçãos pessoais, e passamos nosso tempo tomando nosso pulso espiritual e nos mimando espiritualmente. Contudo, se queremos ajudar outros, devemos ir além. Precisamos ter uma compreensão do plano de Deus para o cosmos em geral, se é que desejamos tirar estas densas trevas das mentes das pessoas na hora presente.

A segunda coisa que o apóstolo diz é que este plano estava na mente de Deus antes do início do tempo. Ele escreve: "E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos " — ou "desde o princípio das eras" — "esteve oculto em Deus". Deus o manteve oculto até quando Cristo veio e começou a revelá-

lo; até então, através dos séculos e das eras, esteve oculto na mente de Deus. Entretanto estava lá! Esta é a grande verdade que precisamos captar. Graças a Deus por isso! A história não saiu das mãos de Deus. A primeira coisa necessária a ser compreendida é que Deus não depende do fluxo do tempo. Ele não está sujeito às mudanças da política das nações, às mentiras e à desonestidade. Está inteiramente acima disso tudo. Ele habita na eternidade. Ele olha sobranceiramente o tempo e o mundo, mas não lhes está sujeito. Seguramente, o fato mais consolador que se pode descobrir num tempo como este é que o plano de Deus foi projetado perfeito e completo antes de criar-se o mundo, antes de iniciar-se o processo do tempo. Ele subsiste independentemente de tudo quanto acontece; e é indubitavelmente certo. Nada é contingente no que se refere ao plano de Deus. Deus nunca teve que improvisá-lo ou que modificá-lo por causa de algo que alguém mais tenha feito. É plano existente desde antes do início das eras, desde antes de haver sido criado o próprio tempo. É um propósito eterno. Se, à luz dessa verdade,

vocês não se sentem firmados na "Rocha dos Séculos", duvido que sejam cristãos.Trata-se da nova mais gloriosa que se pode receber num mundo como este.

Quando desaba tudo ao meu redor,

Ele é minha esperança e meu esteio.

Em Cristo, a Rocha sólida, me firmo; todo outro solo é areia movediça.

Depois diz o apóstolo que esta verdade esteve oculta. Chama-lhe mistério, e vimos que um mistério é uma coisa que existe, porém ainda não foi revelado plenamente, e que a mente humana jamais o pode alcançar por seu próprio esforço. Todavia Deus o revelou, diz o apóstolo. Há uma diferença entre a situação no passado e o que se dá agora. Tinha estado oculto através dos séculos, mas "...agora", diz ele, "pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus será conhecida dos principados e potestades nos céus". É-nos dada a idéia de que aqueles fulgentes espíritos angelicais foram levados a perquirir; sabiam que Deus estava para realizar alguma coisa, no entanto não sabiam o quê. Precisavam ser iluminados pela Igreja, diz Paulo, pelo que acontece comigo e com vocês. Contudo, mesmo sem ter sido revelado ainda, o plano e propósito de Deus lá estava, e estava sendo executado por Deus paulatinamente e com segurança. Vê-se isto em toda a história do Velho Testamento, através do qual ele passa como um fio de ouro, bastando que vocês tenham olhos para vê-lo. Muitas vezes parece que as coisas vão mal, porém o propósito de Deus continua a avançar persistentemente-, embora oculto, continua existindo. Através dos séculos sempre existiu um propósito eterno de Deus, seguro e certo.

Isso nos leva à indagação crucial: qual é este plano que Deus determinou antes da fundação do mundo, que Ele manteve oculto dos homens e dos anjos, que, não obstante, continua existindo e em processo de execução? A resposta é dada na frase

final do versículo 9: “E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou”. Por que é que Paulo, ao falar do nome de Deus, acrescenta, “que tudo criou”? Aí eu encontro a chave para a resposta a esta pergunta. O apóstolo nos relembra o fato de que, afinal de contas, este mundo é de Deus. Não é do homem; é dAquele “que tudo criou”. Se já houve tempo em que o homem necessitava ouvir a verdade sobre a criação, é agora. Temos nos tomando tão inteligentes... dividimos o átomo! Como somos prodigiosos, como somos maravilhosos! Acreditamos que fizemos tudo e que somos responsáveis por todas as coisas. Não passamos de guias cegos

em nossa ignorância! Este mundo é de Deus — “Ele criou todas as coisas”. Se vocês desejam tentar compreender o que está acontecendo no mundo hoje, este é o ponto donde deve partir. Este mundo não foi trazido à existência pelo homem, e sim por Deus. Ele o fez, e o fez perfeito. Nunca foi projetado para ser o que é agora; o que vemos é apenas uma caricatura dele. Este mundo não é como Deus o fez. Fundamentalmente é, mas o pecado e o mal trouxeram o mundo para a sua presente condição. O pecado introduziu nele os conflitos, o derramamento de sangue, o despeito, a malícia, a inveja, o ódio e todas as demais coisas vis e abomináveis. O que vem descrito com tanta perfeição nos primeiros capítulos de Gênesis é a causa do nosso problema. Deus fez o mundo, olhou para ele e viu “que era muito bom” (Gênesis 1:31). Era perfeito, era um paraíso .

Uma parte da mensagem do evangelho visa levar os homens a terem isto em mente com clareza. Este mundo é de Deus, a Ele pertence. O homem fez dele o que ele é porque, em sua loucura, deu ouvidos à tentação de Satanás. No entanto — o e aí está a glória da mensagem —o plano de Deus é redimi-lo e restabelecer-lhe a perfeição. O apóstolo já dissera isso tudo no versículo dez do capítulo primeiro desta Epístola: Deus propusera “tomar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra. Tudo será reunido em Cristo. Essa é a mensagem do evangelho para este nosso mundo dominado pela guerra, dilacerado, em conflito e perplexo. E o plano divino de reunir tudo, diz-nos Paulo, é para ser levado a efeito no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle: “se gundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor”.

Permitam-me asseverá-lo muito dogmaticamente: fora do Senhor Jesus Cristo não há nenhuma esperança para este mundo. Vocês encontraram alguma? Tomo a dizer: examinem os seus jornais, os seus livros de história, filosofia, poesia, ciência; façam o giro completo; onde existe algum vestígio de esperança? Não há nenhum. Mas Deus determinou restaurar todas as coisas em Cristo Jesus, nosso Senhor. Ele é o único caminho.

Ao passarmos a tecer considerações sobre como Deus realiza os Seus propósitos em

Cristo Jesus, é essencial começar com certas negativas em vista da popularidade de falsos conceitos. Começamos dizendo que não se faz a obra simplesmente pregando o ensino ético de Jesus Cristo. De todos os ensinamentos fátuos e estultos de hoje, nenhum é mais errôneo do que aquele que afirma que tudo que precisamos fazer é tomar o ensino cristão e aplicá-lo à situação moderna. Alguns dizem que simplesmente temos que ensinar a ética de Cristo às pessoas, e elas a aplicarão. Dizem eles que os homens poderão

ter paz no presente neste mundo se tão-somente aceitarem o ensino de Cristo e seguirem o Seu exemplo. Deliberada e solenemente afirmo que essa pretensão envolve uma das mais completas negações imagináveis da mensagem cristã. Como solução do problema do mundo, é completamente impossível. E por ser impossível é que Cristo veio e morreu na cruz. O Senhor Jesus Cristo veio a este mundo porque todos os homens e todo o seu planejamento falharam por completo.

Se o único requisito fosse que os homens fossem conclamados e estimulados a seguir o ensino e o exemplo de Cristo, então a lei que Deus tinha dado aos filhos de Israel por meio de Moisés teria resolvido o problema e acertado tudo. Se os homens praticassem os Dez Mandamentos e a lei moral, todos os problemas seriam solucionados. Jamais haveria outra guerra, jamais outra dificuldade. Contudo, os filhos de Israel fracassaram e não os cumpriram. Nem um só individuo cumpriu plenamente a lei. Escrevendo aos romanos, o próprio apóstolo acentua isso: "o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne..." (8:3). A lei é perfeita, porém o homem tem que cumpri-la; e aí está a dificuldade. O homem não deseja cumprir a lei e não tem poder para cumpri-la. Portanto, pergunto, se o homem não pode guardar os Dez Mandamentos, como poderá guardar o Sermão do Monte? Se o homem não consegue nivelar-se aos seus próprios padrões, como poderá seguir o padrão do Senhor Jesus Cristo? Afirmar outra coisa é puro absurdo; é negar o evangelho. Quem pregar a fé cristã como se fosse apenas essa espécie de comportamento, estará negando a Cristo. Não poderia haver maior negação do evangelho. É pura heresia.

Então, como Deus realiza o Seu propósito em Cristo Jesus, nosso Senhor? A resposta já do dada no capítulo dois desta Epístola. Não é apenas que Cristo nos diz o que devemos fazer. O grande propósito de Deus é realizado por meio do que Cristo fez por nós. A salvação é atividade de Deus, não é nossa — nem sua nem minha. "Somos feitura sua, criados em Cristo Jesus." É o que Deus fez e faz em Cristo que ainda leva a efeito o grande propósito divino.

A primeira coisa de que todos nós necessitamos é sermos reconciliados com Deus. Não poderemos ser abençoados por Deus enquanto formos Seus inimigos. Deus não nos abençoará, se não estivermos em corre ta relação com Ele, se não estivermos reconciliados com Ele. Como o homem pode ser reconciliado com Deus? Há

somente uma resposta: é mediante Jesus Cristo, e Este crucificado. “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados.” “Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:19-21). Esse é o

primeiro fato. A inimizade terá que ser retirada de nós; temos que ser reconciliados com Deus, e Deus realiza isso em Cristo. Ele pôs os nossos pecados sobre Cristo, castigou-os nEle e, portanto, Ele olha para nós e nos perdoa. Ele faz de nós Seus filhos, Ele nos adota em Sua família.

Isso nos leva à estupenda declaração feita pelo apóstolo precisamente neste versículo: “Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus”. Quer dizer que Deus finalmente restabelecerá a paz, a unidade e a concórdia no mundo mediante Cristo e por intermédio da Igreja. Deus, que no princípio criou o mundo e o fez perfeito, que segundo a Sua inescrutável vontade tolerou e permitiu que o pecado e o mal entrassem por meio do diabo, determinou restabelecer à perfeição o universo inteiro — porque é Seu mundo. Planejou fazê-lo por meio de uma nova criação. Uma parte dessa nova criação é a Igreja. Isso constitui uma parte vital da mensagem bíblica. A situação do homem em pecado é tal, que nada menos do que uma nova criação poderá resolvê-la. A humanidade jamais poderá ser levado de volta à perfeição mediante as diversas aplicações externas. É necessário haver um novo princípio, uma nova criação. E o que Deus está fazendo em Cristo é trazer à existência esta nova criação, esta nova humanidade, este novo corpo, este “homem novo” em Cristo, que inclui o judeu e o gentio; noutras palavras, a Igreja. Todas as divisões são abolidas, uma nova realidade é trazida à existência . Não é que os judeus e os gentios são fixados frouxamente uns nos outros, porém ambos são criados de novo e, com isso, são amoldados num só corpo, do qual todos eles se tomam membros.

Esta é a parte principal da grande mensagem do cristianismo. Desde quando o Senhor Jesus Cristo esteve neste mundo, esta nova humanidade está sendo formada. Guerras e períodos de paz têm-se alternado; tem havido tempos de derramamento de sangue e tempos de concórdia. Nada senão isto encontramos nos livros da história secular. Entretanto, vemos mais do que a simples exibição externa — vemos Deus, em cada geração, atraindo do mundo um povo para Si, criando pessoas de novo em Cristo Jesus, acrescentando-as à Igreja. Vemos um novo corpo, uma nova humanidade, congregando-se, propagando-se, aumentando, progredindo e desenvolvendo-se — algo absolutamente novo! Vemos uma nova raça de seres humanos, Cristo o primogênito, e todos nós nascidos dEle. Vemos Deus juntando-os, preparando-os e a nós para o dia da manifestação. É um processo progressivo. Vocês o vêem agora? Está em avanço neste momento. É o grande propósito de Deus, e será cumprido, até completar-se o Seu plano. E quando este se completar,

Ele enviará de novo o Seu Filho a este mundo, cavalgando as nuvens do céu, como "Rei dos reis e Senhor dos senhores". Voltará para juízo e destruíra todos os Seus inimigos — Satanás e todas as suas hostes, e todos os que o seguiram, rejeitando a Cristo; na verdade, todo o mal, todas as iniqüidades e todo o pecado, em todos os seus tipos e formas, serão lançados no lago de fogo e de perdição. O universo será lavado e purificado.

Vem o dia, descrito pelo próprio Senhor como a hora da "regeneração, quando o Filho do homem se assentará no trono da sua glória" (Mateus 19:28). Ocorrerá uma regeneração de todo o cosmos; até o mundo físico será perfeito. Haverá "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13). "E o lobo morará com o cordeiro... o leão comerá palha como o boi" e "um menino pequeno os guiará" (Isaías 11:6-7). Perfeição absoluta! Ela vem! É o fim definitivo do propósito de Deus. Há um mundo novo à nossa espera.

Um só Deus, uma lei, um elemento, e um divinal evento, alto e remoto, rumo ao qual a criação está em movimento.

É isso que foi revelado a Paulo; é o que ele anseia que todos os homens vejam; essa é a luz que brilha nas trevas hoje.

Devido isso ser plano de Deus, tem cumprimento absolutamente certo e seguro, pois Ele ainda é o Criador e este ainda é o Seu mundo. Ele ainda é o Deus que disse, "Haja luz" e "houve luz". Faça o homem o que quiser, faça o máximo que puder para frustrar este plano, nada o poderá impedir. Deus é Aquele que criou todas as coisas pela palavra do Seu poder e, apesar do inferno, Ele levará avante o Seu propósito. No Velho Testamento vemos como, a despeito de tudo que aconteceu contrariamente, Deus continuou com o Seu plano. Cristo veio; o rei Herodes tentou matá-lO, os Seus inimigos tentaram estorvá-lO e impedi-lO; contudo, o plano prosseguiu. Crucificaram-nO; mas Ele ressuscitou. Faça o mundo o que puder, solte-se o inferno — o propósito de Deus jamais poderá ser frustrado, porque Ele é o criador.

Deixem-me, porém, acrescentar isto: esta revelação do plano de Deus dá-nos apenas uns poucos pormenores de incidentes e acontecimentos particulares. Muitos daqueles que o mundo considera grandes e de vital importância não são nem sequer mencionados — os cáiseres, os Hitler, os Stalin, e muitos outros. Ela não nos dá esses pormenores. É a importância que o homem se arroga que o leva a buscar essas coisas. Tudo quanto nos é dito repousa sobre o grande e eterno propósito. A Bíblia não trata de trivialidades, com meros incidentes do tempo. As

nações podem levantar-se e cair, todavia o plano de Deus prossegue, firme e sem interrupção.

Além disso, o plano não pode ser modificado para adaptar-se aos caprichos e fantasias, aos gostos e aversões de qualquer indivíduo ou nação. Na verdade devemos estar preparados para algumas estranhas surpresas quanto a este plano. Às vezes poderemos pensar que tudo vai mal. As igrejas poderão estar vazias, e as pessoas perguntarão: onde está esse seu propalado plano de Deus? A resposta é que as igrejas estiveram vazias muitas vezes antes; porém na plenitude do Seu tempo, Deus envia um avivamento, e se for da Sua vontade, enviará outro.

No entanto, acima de tudo, afirmo e repito que o plano de Deus é sempre em termos do Senhor Jesus Cristo. Cristo é tanto o centro como a circunferência, Ele é tudo, tudo se cumpre nEle. Também se cumpre por meio da Igreja. Não há benefícios para ninguém, exceto para os que estão na Igreja. Se vocês não são cristãos, não têm direito de buscar a Deus para receber benefícios e bênçãos. Todas as Suas bênçãos vêm por meio de Cristo e por meio da Igreja aos que pertencem ao corpo. Tudo mais é incidental. Esta mensagem não oferece nenhuma esperança de paz na terra e entre as nações, enquanto Cristo não voltar para a Sua vitória final. Isso é uma parte essencial do evangelho. Na Bíblia não há vestígio de esperança de paz entre os homens e as nações neste mundo, enquanto Cristo não voltar e finalmente destruir o pecado e o mal. Enquanto houver pecado, luxúria e paixão no coração humano, haverá conflito e guerra. Não há nenhuma promessa que contrarie isso. Mas Cristo voltará, apesar de tudo; Ele derrotará os Seus inimigos, Ele extinguirá o pecado do universo. Então, e somente então, deixará de haver guerra, e a tristeza e o pranto desaparecerão. Depois a paz reinará universalmente e para todo o sempre.

Meu amigo, você se sente tentado a dizer que está decepcionado com esta mensagem, que a acha muito depressiva, que pensava que poderia ouvir falar de alguma esperança imediata para o mundo, e que perdeu o interesse pelo cristianismo? Se é assim, tenho duas coisas para dizer-lhe. A primeira é que, patentemente, você não é cristão, pois nenhum cristão fala dessa maneira. O cristão não está apenas interessado em bem-estar e consolo pessoal. O cristão é alguém interessado na glória de Deus e na grandeza do Seu santo nome. Esse bem-estar que você procura é oferecido pelas seitas e pelas várias falsificações da mensagem cristã. Em segundo lugar, digo a quem quer que pensa que esta pregação é irrelevante e não ajuda os homens nas situações presentes, que esta é a única mensagem que lhes diz a verdade sobre a situação presente. É a única que explica por que o mundo é como é.

Você acha que isto é irrelevante para você? Se acha, e se continuar com essa forma de pensar e com essa opinião até ir para o seu túmulo, virá o dia em que, de repente, descobrirá que não existia nenhuma outra coisa que fosse mais relevante. Você faz parte do propósito e plano de Deus. Deus "julgará o mundo com justiça", e como cidadão deste mundo você será julgado com justiça. Este é o propósito eterno que Deus estabeleceu antes da fundação do mundo. Ele certamente está sendo levado a efeito, e será levado a cabo. Todos os que pertencem ao diabo e às suas hostes,

todos os que rejeitam este evangelho por não oferecer um pouco de bem-estar ou consolação temporária, todos os que rejeitam o Senhor ver-se-ão rejeitados naquele grande dia, e não ficarão na companhia dos que estarão se aquecendo ao fulgor da glória de Deus, e que estarão reinando com Cristo como "reis e sacerdotes de Deus" por toda a eternidade. Graças a Deus pela luz do evangelho nesta hora tenebrosa, luz que mostra que, a despeito de tudo que vemos no mundo, Deus ainda está no trono. Seu propósito certa e seguramente está sendo realizado; e está sendo realizado também em nós e por meio de nós, que somos verdadeiramente membros da Igreja, verdadeiramente membros do corpo de Cristo.

O ESTRANHO PROPÓSITO DE DEUS

"Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja

conhecida dos principados e potestades nos céus." Efésios 3:10

Estas palavras vêm como parte da declaração que começa no versículo 9 e termina no versículo 11. É parte da explicação dada pelo apóstolo do propósito geral da sua vocação e do seu ministério. Vimos o que isto significa em função do plano de Deus para o mundo, do propósito de Deus para o mundo, plano que Ele está executando seguramente. Mas aqui, em conexão com essa segunda declaração, o apóstolo interpõe esta observação concernente aos principados e potestades. Mediante a mensagem do evangelho, diz ele, e como resultado da sua pregação, a saber, a colheita da Igreja da qual os cristãos efésios são parte integrante, a estonteante e estupenda verdade é que mesmo os principados e potestades nos lugares celestiais estão sendo cientificados. Alguma coisa está acontecendo por meio de todos quantos são membros da Igreja que ate aumenta o entendimento destes augustos e poderosos seres. Esta é a matéria que devemos examinar agora.

Devemos dar-nos conta de que quando o apóstolo escreve sobre os principados e potestades nos lugares celestiais, ou nos céus, está se referindo aos anjos, incluindo-se os mais brilhantes e gloriosos deles. Alguns acham que a referência é, antes, aos anjos caídos, isto é, aos demônios. Contudo, me parece que, se aceitarmos esta interpretação, perderemos de vista o real objetivo que o apóstolo tem em mente aqui, e certamente perderemos a emoção e a glória daquilo que ele está dizendo. Sem dúvida, os anjos decaídos, os demônios, são levados a compreender e a ver a sua loucura total, em parte mediante a Igreja; porém o que vemos aqui é uma coisa mais estonteante ainda. Se tomarem esta expressão como se encontra nas Escrituras, verão que invariavelmente se refere aos anjos que sempre estão na presença de Deus; e o apóstolo está afirmando que o que está acontecendo na Igreja é tão estupendo, tão glorioso, que os fulgurantes seres angélicos que passaram toda a sua existência na presença de Deus, mesmo eles, ficam

estonteados e maravilhados com o que vêém na Igreja e através dela. Estes anjos, criados por Deus, sempre estão na presença imediata de Deus; mas, de acordo com o apóstolo, o que acontece na Igreja é algo que eles nunca pensaram nem imaginaram. Sobrepuja o conhecimento e a compreensão deles, e até mesmo a sua imaginação. O que nos interessa é que esta informação concernente ao eterno propósito de Deus deveria chegar até eles; e a declaração é que é "pela igreja", por meio de nós. Noutras palavras, é-nos dado aqui um retrato da Igreja em sua dignidade, grandeza e glória que, em certo sentido, realmente parece sobrepujar toda e qualquer coisa que o apóstolo tenha dito a respeito dela. Certamente nada pode ser mais elevado que isto; examinemo-lo, pois, na forma de alguns princípios que demonstrarão esta

glória.

A primeira proposição é que o cristianismo, e a salvação em Cristo e por meio de Cristo, é a suprema, a mais elevada e a maior manifestação da sabedoria de Deus. Podemos definir a sabedoria de Deus dizendo que é o atributo pelo qual Ele dispõe os Seus propósitos e os Seus planos, e dispõe os meios que produzem os resultados que Ele determinou. É também sabedoria ao nível humano. Sabedoria é aquela rara faculdade e qualidade que capacita o homem a ver a situação de maneira tal, que ele pode decidir o que fazer e como obter o resultado mais desejável. Há uma enorme diferença entre conhecimento e sabedoria. Muitos têm conhecimento, todavia não têm sabedoria. A sabedoria, num dos seus aspectos, é a capacidade e poder de fazer uso do conhecimento. Um homem pode ser muito instruído, mas, se lhe faltar sabedoria, será de pouco valor na sociedade. Isto se aplica a todas as profissões e, na verdade, a todas as carreiras da vida. Alem e acima de um conhecimento dos fatos, o que diferencia o supremo artista, o grande cientista, o grande homem em qualquer profissão, é que ele tem esta qualidade adicional de poder usar e acionar tudo que sabe com o fim de levar ao resultado desejado. Assim a Bíblia nos diz que a sabedoria é um dos atributos do caráter de Deus e do Seu ser. E o que o apóstolo diz aqui é que na Igreja e por meio dela este atributo de Deus está sendo revelado aos principados e potestades nos lugares celestiais de maneira mais grandiosa do que nunca antes.

Obviamente, os principados e potestades nos lugares celestiais já sabiam muita coisa a respeito da sabedoria de Deus. Permanecendo sempre na presença de Deus, estão na esplêndida condição de poderem observar o que Deus faz e dispõe. Assim eles sempre estiveram cientes da sabedoria de Deus. Eles a tinham visto, por exemplo, na natureza e na criação. Para quem tem olhos para ver, a sabedoria de Deus pode ser

vista de maneira maravilhosa nas coisas que são feitas. Apanhem qualquer flor e dissequem-na, e verão que ela foi estruturada e construída segundo um plano e desenho bem definido. De muitas maneiras, a maior característica de todas as obras das mãos de Deus na natureza é a simplicidade essencial do padrão pelo qual Ele sempre opera. Algumas flores parecem altamente complexas, mas se vocês as dissecarem, verão sempre um padrão muito simples, e verão que o que parece complexo é apenas uma coleção de vários modelos muito simples. Este princípio percorre a natureza toda. A sabedoria essencial é exposta neste modelo simples. Esta é, na verdade, a característica dominante de todo gênio, da maior competência em qualquer departa mento. O grande artista sempre dá a impressão de que o que ele está fazendo é muito simples. O homem que em seu trabalho é presunçoso e dá a impressão, de que o que ele está fazendo é realmente difícil, mostra que não é competente.

Isto é verdadeiro em qualquer profissão, em qualquer vocação. O verdadeiro

experto, o gênio, sempre reduz a complexidade à simplicidade. Pense na diferença entre um grande mestre e um aluno, ou entre um grande profissional e um amador em algum esporte ou na musica. Isto se vê de modo supremo, naturalmente, na pregação do nosso bendito Senhor e Salvador. Embora tratasse de verdadeiras profundidades, o Seu padrão essencial foi sempre muito simples. Quantas vezes isso tem sido esquecido na vida, e na própria Igreja Cristã! Muitos parecem ter a insensata idéia de que o que realmente é grande e profundo é o complexo e complicado, aquilo que eles não podem entender. No entanto, a verdade é exatamente o oposto disso. Se a mente não estiver clara e não puder expressar-se com clareza, será sinal de confusão e de falta de capacidade, como se vê à perfeição em todos os domínios da natureza. Os anjos tinham estado observando isto; tinham estado observando a obra das mãos de Deus de acordo com o planejamento que Ele fizera da criação, e a ordenada seqüência ano após ano de primavera, verão, outono e inverno. A mesma coisa todo ano! Que simplicidade em tudo isso! Vejam como a flor começa num botão; cresce e se desenvolve, depois começa a florescer e a florir, chegando à maturidade; depois murcha, seca e morre. Sempre o mesmo processo! Vemos aí algo da gloriosa sabedoria de Deus.

Os anjos também tinham visto esta sabedoria na história. Estiveram observando as atividades humanas através de toda a história registrada no Velho Testamento, e tinham visto como Deus estivera manobrando as nações. Observaram como Ele pacientemente permitiu a ascensão de algum grande tirano, que "montasse no mundo como um colosso", e fizesse as nações tremerem, aterrorizar-se e alarmar-se. Talvez os anjos

tenham começado a indagar o que estaria acontecendo; e depois viram que, num dado momento, Deus Se levantava e dispersava os Seus inimigos, e os fazia desaparecerem como se nunca tivessem existido. Em procedimentos como estes, muitas vezes eles tinham visto a sabedoria de Deus na história. Assim, numa época como esta, é-nos proveitoso que a leiamos, naturalmente com olhos cristãos. Se vocês não lerem a história com olhos cristãos e bíblicos, chegarão à conclusão a que Hegel chegou, de que "A história nos ensina que a história não nos ensina nada". Todavia se vocês examinarem a história com mente bíblica, com olhos cristãos, verão que ela está repleta de instruções porque, por trás de tudo verão a sabedoria de Deus deixando, permitindo isto e aquilo, mas sempre mantendo o domínio. O Senhor Deus reina; e sempre está presente como "Eu sou", e em Seu tempo faz várias coisas.

Os anjos estiveram observando isso tudo, admirando-o, e enquanto faziam isso, adoravam a Deus. E muito particularmente eles haviam observado e contemplado a história geral dos judeus. Um dia viram Deus olhando para um homem chamado Abrão. Este vivia num país pagão, no seio de um povo pagão, e não podiam compreender o interesse de Deus por aquele homem. Mas observavam, e O

viram chamar Abrão do seu país e levá-lo para uma terra estranha. Abrão não sabia para onde ia, porém foi; e os anjos começaram a ver que Deus estava formando uma nação para Si, criando um povo para Si. Eles observaram o chamamento de Abraão, sua vinda para Canaã, e o nascimento de Ismael e Isaque. Para seu espanto, viram o propósito de Deus sendo levado adiante por meio de Isaque, e não de Ismael, e depois por meio de Jacó, e não de Esau; e em cada um desses eventos eles viam a sabedoria de Deus. Bem podem ter pensado, a princípio, que Esau deveria ser o homem escolhido, mas não, o escolhido foi Jacó. Esau era um homem muito melhor, era caçador e generoso, robusto e saudável, completamente diferente do bajulador Jacó, que passava o tempo em casa, sempre na barra da saia da mãe, um tipo intrigante de homem. Não obstante, foi Jacó que Deus escolheu. Os anjos não podiam entender isso; mas começaram a ver desdobrar-se o propósito de Deus, e que Deus estava dando uma ilustração do fato de que o Seu método consiste em chamar, não os justos, e sim os pecadores ao arrependimento, em tomar os piores e fazer deles os melhores. Desse modo eles tinham visto Deus revelando a Sua grande sabedoria.

Além disso, os anjos tinham visto os filhos de Israel descerem para o Egito e, finalmente, tomarem-se escravos em grande desamparo. Depois, subitamente, viram como Deus feriu Faraó e os seus exércitos no Mar Vermelho e levou de volta os filhos de Israel para Canaã, e

observaram toda a história subseqüente, incluindo-se o cativeiro na Babilônia. Em tudo isso eles tinham visto uma tremenda manifestação da sabedoria de Deus.

No entanto, diz o apóstolo, não foi por meio disso tudo que os anjos viram realmente a sabedoria de Deus. Antes, foi pelos resultados da mensagem confiada a Paulo, a mensagem do evangelho de Cristo, e principalmente a mensagem acerca da Igreja, que estes principados e potestades nos lugares celestiais puderam ver a multiforme sabedoria de Deus. É aí que as múltiplas facetas, o caráter variegado, a grande variedade de cores da sabedoria de Deus aparecem. Já conheciam a essência dela; mas aí está a plena florescência em sua glória. Noutras palavras, o argumento do apóstolo é que os anjos, estes principados e potestades, foram levados a ver, mediante a Igreja, que a sabedoria de Deus é maior do que imaginavam; que é mais variada, mais variegada; que nela há cores e matizes dos quais nunca tinham tido ciência. Havia nela glórias ocultas das quais eles nada sabiam, apesar de terem vivido sempre na presença de Deus. Empregando a palavra *multiforme, o* apóstolo nos transmite a idéia de que a luz, o brilho da luz da sabedoria de Deus, subitamente, por assim dizer, irrompera nestas diversas cores do espectro e a exibira em suas partes componentes. Os anjos tinham visto apenas o brancor; agora estão vendo todas as nuanças, todas as variedades da cor — a variegada sabedoria de Deus.

O segundo princípio é que a Igreja é o meio pelo qual a sabedoria se toma manifesta. A Igreja é uma espécie de prisma posto no caminho da luz para repartir o resplendor

nas cores do espectro. Que concepção da Igreja Cristã! Sem esta os anjos podiam ver a luz, podiam ver a sabedoria em geral, mas não a admirável variedade. É através da Igreja, como um meio, que os anjos têm recebido esta nova concepção da transcendente glória da sabedoria de Deus. O que, pois, temos que captar e compreender é que a Igreja Cristã, à qual eu e você pertencemos é o fenômeno mais espantoso que o mundo já viu. A Igreja Cristã é mais maravilhosa do que qualquer coisa visível na natureza. Todos estamos interessados nas maravilhas da natureza; estamos dispostos a viajar quilômetros e quilômetros para vê-las. Vamos à Suíça para ver as grandes montanhas; viajamos para a América para ver o "Grand Canyon". Maravilhoso! Magnífico! Emocionante! — dizemos. A afirmação do apóstolo é que todas estas coisas empalidecem e se reduzem a uma insignificância, quando postas ao lado da Igreja Cristã, quando postas lado a lado com aqueles de nós que somos cristãos, que nos juntamos em congregações. Como membros do corpo de Cristo somos o mais maravilhoso fenômeno do universo, a coisa mais

admirável que Deus fez.

Vocês não podem explicar as grandes montanhas nem os grandes fenômenos sem Deus. Não podem explicar a mais singela flor sem Ele. Lembro-me de ter ouvido a história de um homem que morava aqui em Londres e foi passar um feriado no campo, no início de setembro. Sucedeu que pôde ver uma grande lavoura de trigo maduro, pronto para a colheita. Lá estava, em todo o seu dourado esplendor, com uma brisa amena a andejar sobre ela. Quando a estava contemplando, disse a única coisa que qualquer pessoa deveria dizer ao ter visão semelhante: "Ó Deus, como foi bem feita"! Ele viu a sabedoria e a maravilha da obra das mãos de Deus. Todavia, é a Igreja, este corpo ao qual pertencemos, este corpo do qual somos partes, que é a suprema e mais alta manifestação das obras das mãos de Deus.

Devemos tirar duas importantes conclusões deste ponto. Que terrível erro dos que a si mesmos chamam dispensacionalistas, dizerem que a Igreja Cristã foi apenas um dêutero-pensamento na mente de Deus, que realmente Ele nunca tivera essa intenção na eternidade, que o Senhor Jesus Cristo veio à terra para pregar o evangelho do reino aos judeus, e que foi porque eles não O receberam que Deus introduziu a Igreja como uma idéia ulterior. A maior coisa do universo, a maior manifestação da sabedoria de Deus, uma idéia ulterior! Assim é que negamos as Escrituras com as nossas teorias. Longe de ser um dêutero--pensamento, uma idéia ulterior, a Igreja é o brilho mais esplendente da sabedoria de Deus. É igualmente errôneo dizer que a Igreja é apenas temporária, e que virá o tempo em que ela será retirada e o evangelho do reino voltará a ser pregado aos judeus! Não existe nada acima da Igreja. Ela é a manifestação mais elevada e suprema da sabedoria de Deus; e olhar adiante, à espera de alguma coisa alem da Igreja, é negar não somente este versículo, mas também é negar muitos outros versículos das Escrituras. A Igreja é a

expressão final da sabedoria de Deus, a realidade que, acima de todas as demais, capacita até os anjos a compreenderem a sabedoria de Deus.

Para explicar o terceiro princípio devo expor como Deus mostra e manifesta a Sua variegada sabedoria na Igreja, por meio da Igreja e na salvação. Procuremos meditar nisto, pois este será o tema dos nossos louvores por toda a eternidade. Sobre isso diz o apóstolo Pedro, no capítulo primeiro da sua primeira Epístola: "para as quais coisas os anjos desejam bem atentar" (versículo 12). Refere-se à salvação e à Igreja Cristã. Diz uma melhor tradução que os anjos de Deus "se abaixam para vê-las por dentro". Este é o sentido real da palavra empregada por Pedro. Na glória os anjos estão olhando do céu para

baixo, estão se abaixando para olhar para mim e para vocês, para olhar para a Igreja Cristã — esta manifestação da multicolorida sabedoria de Deus. Eles nunca viram nada parecido, embora tenham passado a sua eternidade na presença de Deus. *Nós* devemos estar olhando para ela *agora* com todo o nosso ser, pois daqui por diante estaremos olhando para ela por toda a eternidade, e nunca cessaremos de estar surpresos e maravilhados diante dela.

Que vemos? Pensem por um momento na maneira maravilhosa pela qual Deus resolveu o problema criado pelo pecado. Aqui é que vemos a sabedoria de Deus. O que o apóstolo está dizendo aqui refere-se, em certo sentido — e o digo com reverência — ao maior problema que Deus enfrentou. Por isso a salvação é a maior manifestação da sabedoria de Deus. Para Deus não foi difícil criar a luz e o Sol; tudo que Ele disse foi: "Haja luz" e "houve luz". Vejam as grandes montanhas; não são nada para Deus! As nações são como "a gota dum balde" e como "o pó miúdo das balanças" (Isaías 40:15). Mandar uma peste, ocasionar um terremoto, não e nada para Deus. Tais coisas não são nenhum problema para Ele. Aqui está o problema — o homem em pecado! Digo com reverência, aí estava o maior problema que Deus já enfrentou e enfrentará; não há nada que o sobrepuje! Portanto, requer-se a maior sabedoria para solucionar este problema. Quem quer que pense que a salvação do homem foi uma questão simples para Deus, está simplesmente proclamando que não conhece nem o Velho Testamento nem o Novo. Se você, amigo, imagina que o perdão é coisa simples para Deus, e que uma vez que Deus é amor Ele só tem que dizer, "Muito bem, eu o perdôo", bem que você poderia queimar a sua Bíblia. O perdão dos pecados, atrevo-me a dizer, pesou até na sabedoria de Deus. De qualquer forma, creio que estou certo quando digo que os anjos não conseguiram ver nenhuma solução para este problema. Por isso ficaram surpresos quando viram o que Deus fez acerca disto. Eles sabiam que alguns dos seus companheiros tinham cometido pecado, tinham sido expulsos do céu e reservados por Deus em cadeias no inferno, como Pedro nos diz no capítulo dois da sua segunda epístola. Depois assistiram também à queda de Adão e Eva. Mas não podiam imaginar o que Deus poderia fazer quanto a isso. Não viam como solucionar o problema. O

problema da salvação da alma, da salvação de uma alma individual, o perdão dos pecados, é o problema mais profundo que já surgiu e poderá surgir em todo o universo, e isto para o próprio Deus.

A essência do problema está no fato de que Deus não é somente amor, e sim também justo, reto e santo.Deus é o "Pai das luzes, em quem não hã mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17), e não pode negar-Se a Si mesmo. Etemamente Ele é sempre o mesmo; em

Sua perfeição jamais há alguma sombra de contradição. Daí o problema levantado pelo pecado. Se Deus deve perdoar o pecado, deve fazê-lo de modo que não somente manifeste o Seu amor, como igualmente manifeste a Sua justiça, a Sua retidão, a Sua santidade, a Sua verdade, a Sua glória eterna e a Sua imutabilidade. Será possível? O amor de Deus não terá que, inevitavelmente, entrar em conflito com a Sua justiça? Poderá a Sua misericórdia ser levada a compatibilizar-se com a Sua retidão? Esse é o problema; e a glória central do evangelho é que ele é a revelação do modo como a sabedoria eterna de Deus resolveu este problema.

No capítulo três da Epístola aos Romanos vemos tudo isto exposto perfeitamente e da maneira mais gloriosa por este mesmo apóstolo. O problema é: como Deus pode ser "justo e justificador daquele que tem fé em Jesus"? Como Deus pode justificar o perdão dos pecados dos filhos de Israel sob o Velho Testamento? Deus outorgou a lei; ao exercer o perdão, não estaria pondo de lado a lei? Não, afirma Paulo; Ele está estabelecendo a lei! No método de salvação que Deus planejou, Ele não a está anulando; está estabelecendo a lei. Como poderia Deus, a um só tempo, cumprir a lei e perdoar o pecador? Deus encontrou o caminho: conciliou o Seu amor, a Sua justiça, a Sua misericórdia e a Sua compaixão. Estes formam uma unidade e devem ser vistos reful-gindo juntos. O salmista que escreveu o Salmo 85 (versículo 10) teve uma antevisão disto. Não podia compreendê-lo, mas disse: "A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram".

Ó Deus, quão amável Tua sabedoria!

Quando pecado e opróbrio só havia, veio um segundo Adão para o combate e para o mais completo resgate.

Vocês são capazes de ver que nada, senão a eterna sabedoria de Deus poderia habilitá-lO a fazer isto e continuar sendo Deus, inalterado e fulgindo em todas as direções com a mesma glória e a mesma perfeição? Não conheço nada que seja mais comovente do que meditar nesse mistério. Privaremos a Deus de Sua glória se imaginarmos que o perdão e a salvação são simples e fáceis. Eles constituíam um problema na mente do Eterno. Eles frustraram os anjos. Só Deus podia resolver o problema.

Esse era o problema visto de modo geral, mas agora vamos examiná-lo pormenorizadamente. Afim de solucionar o problema, Deus enviou o Seu próprio Filho ao mundo. Como redimir a humanidade decaída? Disse Deus: “Enviarei meu Filho ao mundo de pecado e vergonha. Ele

assumirá a humanidade e a elevará.” Quem poderia ter pensado em tal coisa? Os anjos nunca imaginaram que a segunda pessoa da Trindade bendita e santa, que é substância da substância eterna, o Filho unigênito, gerado do coração do Pai, iria humilhar-Se e nascer como um bebê em Belém e viver como um homem. E quando viram isto, ficaram maravilhados. Viram aí a sabedoria de Deus a manifestar-se em facetas e ângulos que nunca tinham penetrado suas mentes. Depois ficaram observando o Filho vivendo como homem entre os homens, “nascido sob a lei”, e dando perfeita obediência a ela. Podemos imaginar os seus pensamentos e os seus sentimentos quando O viam — a Ele, o esplendor e refulgência da glória do Pai — trabalhando como carpinteiro na oficina do seu pai em Nazaré?

Vejam ainda outro aspecto desta admirável sabedoria de Deus. O Pai não enviou Seu Filho para nascer num palácio, e sim numa manjedoura. Ah, a sabedoria de Deus! Quem jamais poderia ter esperado tal coisa? Mas podemos ver o propósito brilhando através disso tudo. Se Ele não Se submetesse à pobreza, à necessidade e a condições inferiores, não poderia soerguer os de condição mais baixa. Nós, com a nossa sabedoria, teríamos agido de maneira a mais espetacular, não teríamos? Contudo, Deus age desta maneira essencialmente simples, por meio de um bebê e de tudo quanto se Lhe seguiu.

Ainda mais, quando os anjos O viram na cruz devem ter ficado perplexos com o que estava acontecendo. Parecia a hora da vitória do inferno, do diabo e do mundo, no que este tem de pior. Não foi assim, porém. O que estava acontecendo ali, Paulo o diz em sua Epístola aos Colossenses, capítulo 2, era que, na cruz, e por Sua morte ali, o Senhor estava expondo todos os poderes contrários a Ele “à vergonha pública, e deles triunfando em si mesmo”. Deus os estivera usando, na inteligência deles, para fazer cumprirem-se os Seus grandes e gloriosos propósitos; pois na cruz Deus estava fazendo de Seu Filho Aquele que leva o nosso pecado. Estava pondo os nossos pecados sobre Ele, dando-lhes o tratamento devido. Deus os estava punindo; portanto, Deus continua sendo justo e reto porque o pecado é punido e a lei é cumprida. O nosso Senhor cumpriu perfeitamente a lei, e no madeiro sofreu por nós a penalidade por ela imposta. A lei foi honrada em todas as suas peculiaridades, e Cristo a estava estabelecendo. Mas ao mesmo tempo Deus estava abrindo um caminho para o perdão dos nossos pecados. Essa é a sabedoria de Deus.

Assim podemos prosseguir, desenvolvendo o ponto em todas as minúcias e, ao fazê-lo, compreenderemos cada vez mais o que o apóstolo tinha em mente quando, escrevendo a sua Primeira Epistola a Timóteo, disse: “E sem duvida alguma, grande

é o mistério da

piedade: Aquele que se manifestou em came, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória" (3:16). Estivemos expondo o significado da frase "visto dos anjos". Eles estavam observando isso tudo, e se maravilhavam. Entretanto deram-se conta de que esta é a sabedoria de Deus, que eles julgavam conhecer.

O resultado de tudo isso é que temos o direito de dizer que a Igreja remida é a suprema e final manifestação da sabedoria de Deus. Vimos como Ele conciliou os Seus atributos; porém , ao mesmo tempo e de maneira extraordinária, Ele efetuou o que particularmente está na mente do apóstolo nesta altura, a saber, Ele reuniu o judeu e o gentio. Isto é espantoso! O judeu e o gentio pareciam desesperadamente irreconciliáveis. Eram inteiramente diferentes, e inimigos tradicionais, com todas as suas tradições em antagonismo. Os anjos tinham visto o mundo dividido em judeus e gentios, e tinham meditado no problema aparentemente insolúvel. Eles observaram as fúteis tentativas feitas pelos maiores filósofos de resolvê-lo quando escreviam, e ainda escrevem, sobre as suas utopias. Parecia não haver solução. Mas agora eles vêem a solução concretizando-se na Igreja. O judeu e o gentio são reunidos na Igreja, não em tréguas temporárias, não mediante a colocação de uma espécie de tropa entre eles para impedi-los de aproximar-se e matar-se uns aos outros; não pelo uso de alguma ação policial. Não; eles foram feitos um, foram feitos co-membros de um só corpo.

No entanto, vemos a sabedoria de Deus mais claramente ainda na maneira pela qual Ele o fez. Ele não apenas tomou os dois como eram e os juntou de algum modo. Primeiro Ele tomou o judeu e o humilhou ate o pó. Depois tomou o gentio e fez a mesma coisa com ele. Fez ver a ambos que eles são pecadores, que não há "nenhum justo, nem um sequer". O judeu, vendo-se como ele é aos olhos de Deus, não tem nada do que se orgulhar; nem o gentio. Vemos ambas as partes lambendo o pó e vendo o seu inenarrável desespero e desamparo, e ao mesmo tempo vendo que são idênticas, que não há diferença nenhuma entre elas. Depois, tendo-os abatido a ambos, Deus os levanta, mas não simplesmente como eram; faz de um e do outro novos homens. O judeu já não é um judeu como tal, e o gentio não é mais gentio; cada qual é um novo homem em Cristo Jesus. Segundo a carne ainda são judeu e gentio, porém isso é esquecido em Cristo. Como novos homens, novas criaturas, eles são idênticos, são ambos membros do mesmo corpo, entrelaçados como juntas de um mesmo corpo. Esta é a sabedoria de Deus!

Tomem a pensar na variedade de maneiras pelas quais Deus faz todas estas coisas, maneiras pelas quais Ele nos trata a todos individualmente. Um Saulo de Tarso tem que ser lançado ao solo na estrada de Damasco, e o Senhor ressurreto lhe aparece. O coração de Lídia é aberto serenamente. Um terremoto é utilizado para salvar o

carcereiro de Filipos. Não têm fim as variações nas experiências pessoais, e cada uma delas oferece mais um vislumbre da sabedoria de Deus, que apresenta tantas facetas. Ele conhece a cada um de nós individualmente, e sabe qual o tratamento exato de que necessitamos.

Depois considerem o acerto do tempo, o modo como Deus marca o tempo para todas estas coisas. Vejam o Velho Testamento. Ali vemos o povo de Deus clamando e perguntando: "Ate quando, Senhor? Por que não vens, por que não envias o Messias?" Mas Deus O enviou na "plenitude dos tempos". Foi depois de ter dado aos filhos de Israel tempo suficiente para verem que a lei, a mera posse da lei, não podia salvá-los. Eles acreditavam que ela podia fazê-lo; assim, Ele lhes deu tempo suficiente para se convencerem completamente de que não podia. Ao mesmo tempo Deus deu aos filósofos gregos tempo suficiente para verem que a filosofia deles também não podia salvar o mundo. Se Deus enviasse Cristo antes de acontecerem estas duas coisas, muitos poderiam continuar pensando que se a filosofia simplesmente tivesse tido mais demorada oportunidade, teria tido sucesso. Assim Deus permitiu que Sócrates, Platão, Aristóteles e todos os demais viessem, ensinassem, estabelecessem as suas escolas e conquistassem os seus seguidores — tudo para não chegarem a coisa nenhuma. Então, havendo provado fora de toda duvida que nada poderia solucionar o problema do homem em pecado, Ele o fez a Seu modo. Dessa maneira fulge a Sua gloriosa sabedoria.

E quando acompanhamos a subseqüente história da Igreja, encontramos evidências da mesma sabedoria eterna. Quantas vezes os homens pensaram que a Igreja tinha declinado e chegado ao fim! Quantas vezes riram dela, ridicularizaram-na e quase a sepultaram! Mas quando estavam prestes a colocá-la no túmulo e a fazer as orações funerais, eis repentina ressurreição, repentino avivamento! E assim Deus confunde os Seus inimigos e põe à mostra a Sua sabedoria. Assim podemos dizer a Deus com o salmista que "a cólera do homem redundará em teu louvor" (Salmo 76:10). Vocês percebem que pela presente manifestação da ira do homem no século vinte Deus está manifestando a Sua sabedoria? O fim de toda esta confusão moderna, como o de todos os acontecimentos similares do passado, virá a ser que "a cólera do homem redundará em louvor de Deus". "Os seus propósitos depressa amadurecerão." O homem jamais os pode deter ou

frustrar. O que Deus planejou, é mais que certo que realizará.

Eis a pergunta que nos vem: estamos nós manifestando esta sabedoria de Deus? É por meio da Igreja que Deus a mostra. Ela está sendo vista em nós? Somos refletores, em nossa pequenez, deste esplendente brilho da sabedoria eterna? Vocês estão nalgum lugar do espectro? A luz está sendo refletida por meio de vocês? Deus nos perdoe, se estamos falhando. A maneira do cristão brilhar consiste em meditar nestas coisas, contemplá-las, compreender a verdade sobre si mesmo como parte da

Igreja. Depois, continue meditando nisso, e dedique-se ao Senhor diariamente. Aí a luz brilhará por meio dele numa das suas variegadas cores, e os anjos ficarão maravilhados com o que irão ver nele. Foi o nosso bendito Senhor que disse que "há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (Lucas 15:10).

É tudo mistério! o mortal morre!

Quem pode sondar Seu estranho desígnio ?

Em vão o primeiro serafim tenta ir às profundezas do amor divino!

Tudo é misericórdia, a terra O adore; e as mentes dos anjos não mais inquiram.

(Charles Wesley)

OUSADIA, ACESSO, CONFIANÇA

"No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé

nele. "Efésios 3:12

Obviamente esta afirmação liga-se à anterior. "No qual" e uma referência Àquele de quem ele fala no versículo 11, onde Paulo diz: "Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor". Ao examinarmos este versículo devemos lembrar-nos de que o grande objetivo que o apóstolo tem em mente quando escreve tudo que encontramos neste capítulo, é que estes cristãos efésios não desfaleçam face às tribulações e provações que o próprio apóstolo estava sendo chamado para suportar. Uma das primeiras coisas que sempre nos inclinamos a perguntar em tempos de dificuldade é: por que acontece isto? Tendo-se em conta o fato de que somos o que somos, por que haveria de acontecer-nos isto? Por que deveria ser permitido? Esta é uma tentação que o diabo está sempre pronto a insinuar nas mentes do povo de Deus, e aqui o apóstolo trata disto com vistas a estes efésios.

Nesta declaração particular Paulo leva esta parte da sua mensagem a uma espécie de grande clímax e conclusão. Num sentido podemos dizer que tudo que o apóstolo estivera dizendo não teria sido de nenhum valor para os efésios, se não os levasse inevitavelmente a esta conclusão particular. Noutras palavras, o propósito principal de toda a doutrina cristã, do ensino cristão, na verdade a finalidade da própria salvação cristã, é levar-nos àquilo que nos é dito neste versículo. Precisamos lembrar-nos disso porque vivemos dias em que muitos pensam na salvação cristã e nos seus benefícios noutros termos, como alguma bênção particular que desejamos ou alguma necessidade que desejamos ver suprida. Graças a Deus todas estas coisas são verdadeiras, e jamais poderemos exagerar nossa gratidão a Deus por elas. Mas além e acima de todas elas, e na verdade antes de todas elas, o grande objetivo para o qual tudo é determinado, é levar-nos à presença de Deus, e habilitar-nos para a adoração e para a oração.

O apóstolo está dizendo aos efésios que eles não precisam desfalecer ou ficar angustiados ou sentir-se infelizes por causa dele. Paulo diz que ele próprio não está desfalecendo e que não precisa de compaixão.

Ele está perfeitamente feliz porque está em contato com o Deus eterno, e desfruta acesso à Sua presença. E o seu desejo é que os seus amigos efésios compreendam que a mesma experiência é acessível a eles e lhes é possível. Daí, se forem agredidos, e forem levados a ficar tristes e perplexos, não precisarão gastar nenhum tempo dando atenção a estes acontecimentos, mas deverão ir direto à presença de Deus. Quando agirem assim, todos os seus problemas assumirão novo aspecto; verão propósito mesmo nas tribulações, nos problemas e nas provações, e acabarão

louvando a Deus e glorificando o Seu santo nome. Pelas mesmas razões também devemos considerar este versículo particular.

Há aqui um princípio que ignoramos ou esquecemos para nosso prejuízo. Toda a doutrina cristã visa levar, e foi destinada a levar a um bom resultado prático. Não há como exagerar a ênfase sobre isto. A verdade não é apenas algo para a mente e para o intelecto. Naturalmente é primeiro para a mente e para o intelecto, e é absorvido pela mente e pelo intelecto. Todavia será fatal pensar que a verdade ou a doutrina ou a teologia — chame-lhe como quiser — deve ser considerada como um fim em si mesma, como uma coisa da qual alguém tem consciência e da qual pode apropriar-se com a mente, sobre a qual pode discutir e argumentar, e nada mais. Se a doutrina parar nesse ponto, não hesito em asseverar que ela pode ser até uma maldição. A doutrina visa levar-nos a Deus, e a isso foi destinada. Seu propósito é ser prática.

Temos uma perfeita ilustração desta verdade na própria porção que estamos examinando. Ali o apóstolo, como vimos, apresenta-nos algumas das doutrinas mais profundas; porém deixa claro que o faz para levar-nos a uma experiência que nos capacite a dizer: "No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele". Nada é mais notável, com relação ao apóstolo Paulo, nada é mais comovente do que isto — que, embora ele possa voar para os céus, os seus pés estão sempre fixos firmemente na terra. Como a *Cotovia,* de Wordsworth, ele sempre permanece "fiel aos pontos afins do céu e do lar". Ele nunca é um mero teólogo teórico; nunca um intelectual que gosta de debater termos. Ele foi o maior teólogo, mas o seu objetivo, a sua intenção, o seu propósito é sempre este fim e resultado prático. Noutras palavras, se o seu conhecimento da doutrina não faz de você um grande homem ou mulher de oração, é melhor você examinar-se de novo. Quanto mais conhecimento tiver, mais esse conhecimento deve mostrar-se em sua vida de oração, em seu santo viver, em todos os demais aspectos. É por isso que você nunca vai encontrar doutrina ou teologia isolada, nas Escrituras. Geralmente nós a vemos no início de cada Epístola. Contudo, os apóstolos não se detêm aí. "Portanto", dizem eles — sempre a aplicam, levam-nos a ver como toda doutrina deve refletir-se em nossa

vida. Demo-nos conta, pois, de que os onze primeiros versículos do capítulo três da Epístola aos Efésios têm a intenção de levar-nos ao versículo 12, com a sua importantíssima declaração.

Devemos, por certo, dar igual ênfase ao outro lado, para termos equilíbrio. A doutrina, repito, visa a ser prática e a levar a grandes riquezas na vida cristã. No entanto, é igualmente importante dizer que as nossas vidas cristãs nunca serão ricas, se não conhecermos e não apreendermos a doutrina. Estas coisas não devem ser separadas uma da outra; são uma só coisa, e indivisível. Uma das principais causas de dificuldade na Igreja está em que temos a tendência de nos dividirmos em

segmentos. Alguns só se interessam pelas doutrinas e se consomem nesse interesse. Raramente os vemos orando, nem nos impressionam a santidade e a pureza das suas vidas. Entretanto as suas mentes estão repletas de doutrina. Para um segundo grupo a doutrina não tem nenhum valor. Aqueles outros, dizem estes, só falam e discutem teologia; nós somos gente prática, nada queremos com doutrina. Mas falar assim é estar tão errado como aqueles que vocês estão criticando. Estas duas coisas devem andar juntas; a doutrina não deve ficar separada do elemento prático, nem o elemento prático da doutrina. Devemos aprender a preservar o equilíbrio das Escrituras, e devemos lutar para preservá-lo, "manejando bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2:15). Devemos tomar as coisas como vêm nas Escrituras. Você, meu amigo, não tem direito de dizer: "Sou um homem prático; portanto, não leio os capítulos 1,2,3 e parte do capítulo 4 da Epístola aos Efésios; começo a ler no meio do capítulo 4". Se for assim, você estará fazendo violência à Palavra de Deus. Contudo, se por outro lado você se deti ver no meio do capítulo 4 e não for até o fim da epístola, será igualmente culpado.

Pois bem, o real propósito de tudo que o apóstolo estivera lembrando a estes efésios — que eles tinham sido gentios, separados e estranhos aos concertos da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo, agora, por este glorioso evangelho que ele lhes havia pregado, foram feitos co-herdeiros com os santos, conservos dos judeus como membros do corpo, e co-participantes das grandes promessas — o real propósito, digo, era que se regozijassem nisso, porque esse fora o meio pelo qual eles vieram a ter "ousadia e acesso com confiança" à presença de Deus. Aquilo com que Paulo desejava que se regozijassem era que agora eles, que outrora estavam longe de Deus, foram aproximados, podem chegar à presença de Deus, e podem orar como os judeus sempre oraram.

Eis aí algo de que nós também precisamos lembrar-nos, pois de muitas maneiras constitui o mais alto pináculo da salvação. De todas as

bênçãos da salvação cristã, nenhuma é maior do que esta — que temos acesso a Deus pela oração. Antes de entrarmos em detalhes, notemos a palavra "nós" (implícita na Versão de Almeida) — "No qual *nós* temos ousadia e acesso". Outrossim, diz o apóstolo, o que vou dizer não se aplica somente aos apóstolos, ou a certas pessoas que se dedicam inteiramente ao cultivo da vida cristã. Aplica-se a todos os cristãos. Esta é a glória disso tudo. Eliminemos do nosso pensamento, uma vez por todas, aquela dicotomia artificial e antibíblica, na verdade pecaminosa, que se vê em todas as formas do ensino católico-romano, ensino que divide o povo em dois grupos, os "religiosos" e os "leigos". Não existe essa distinção nas Escrituras. "Nós", afirma Paulo — eu o apóstolo, vocês que anteriormente eram gentios — "Nós", todos juntos, "temos esta ousadia e acesso com confiança".

Portanto, examinando isto em termos práticos, consideramos a maneira pela qual nos

aproximamos de Deus em oração. Podemos muito bem introduzir isto com a seguinte pergunta: como você ora? Qual é o caráter da sua vida de oração? Como se sente quando se põe de joelhos em oração a Deus? Que acontece? Você gosta? É livre? É certa? É segura? Que espécie de oração é a que você faz? Segundo o apóstolo, a nossa aproximação deve ser caracterizada por "ousadia". "Acesso com confiança" é uma verdadeira oração cristã. Os termos merecem consideração à parte.

Ousadia significa destemor, isenção de toda apreensão, e de toda duvida quanto a podermos ser rejeitados. Significa liberdade de todos os aspectos do mal que tendam a impossibilitar a oração verdadeira. Ousadia obviamente significa ausência de inibição ou medo, em toda e qualquer forma. Quando pensamos num homem ousado, pensamos em alguém que segue diretamente para frente, que não tem medo de nada. Embora enfrentando um poderoso inimigo, o ousado avança de peito estufado, com confiança e com segurança. Não sofre inibições, não é hesitante, nem duvidoso, nem inseguro. A ousadia é o exato oposto de tudo quanto indica fraqueza.

O segundo termo é *acesso.* Pode-se traduzir por "entrada", "ingresso". Um homem afirma que conseguiu ingresso para um clube exclusivo; muitos não têm permissão para entrar ali, mas ele achou um meio de penetrar, de entrar. Isto implica o privilégio do ingresso, da admissão. O uso que Paulo faz do termo significa, então, que há uma relação entre nós e Deus pela qual sabemos que somos aceitáveis a Ele e temos a segurança de que Ele tem disposição favorável a nós. Esta é a essência do termo "acesso". Sabemos que Deus está pronto a olhar-nos favoravelmente e que Ele está à nossa espera para receber-nos. Por isso não

hesitamos na soleira da porta, por assim dizer; temos direito de entrada, temos acesso, temos ingresso. Este é um termo bastante forte, já empregado pelo apóstolo no versículo 18 do capítulo dois.

Depois o apóstolo acrescenta outra palavra — *confiança.* Ele mostra-se tão interessado em firmar este ponto que diz a mesma coisa de três maneiras diferentes, por assim dizer. Alguns pedantes chamariam a isso verbosidade ou tautologia; o apóstolo o faz para ênfase. E naturalmente o faz porque sabe como somos lentos para aprender estas coisas. Conhece os nossos insucessos na oração, pelo que continua dando ênfase a isso e continua a repeti-lo uma e outra vez. A confiança está sempre no fim de um processo. Quando alguém tem confiança, significa que esteve praticando alguma coisa tão diligentemente que agora está seguro quanto àquilo.

Pense, por exemplo, em como aprender a andar de bicicleta. No primeiro momento em que a mão daquele que o está ensinando o largou, você ficou hesitante, inseguro e apavorado. Mas logo você chega ao ponto em que, tendo andado sozinho bom numero de vezes, conseguiu ter confiança, e está pronto para ir sozinho pelas ruas e pelas praças, e para subir e descer morros. Você desenvolveu confiança. É sempre resultado de um processo. O orador pode ficar nervoso quando começa a falar,

porém depois de proferir algumas frases, perde o nervosismo e ganha confiança. Esse é o termo empregado pelo apóstolo, e significa que podemos ir à presença de Deus com confiança, graças a um processo pelo qual passamos; é resultado de alguma coisa que aconteceu.

Em todo o Novo Testamento aprendemos que a confiança é um elemento essencial da oração verdadeira: ousadia, acesso, confiança! Um notável exemplo deste ensino encontra-se no capítulo 10 da Epístola aos Hebreus: "Tendo pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário... cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé..." (versículos 19-22).

Agora devemos dirigir a atenção ao segundo princípio e considerar o que é que possibilita este meio de entrada à presença de Deus. Como poderei ter esta ousadia e este acesso com confiança? Só se pode dar *uma* resposta e, em vista da sua importância, Paulo no-la diz duas vezes neste versículo: "No *qual* temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé *nele"*. No qual! Ele! Fé nEle significa fé da qual Ele é o objeto. Poder-se-ia declarar deste modo: "No qual temos ousadia e acesso com confiança por meio da nossa fé nEle (no Senhor Jesus Cristo)". Evidentemente esta verdade é básica, é fundamental. E, contudo, quão evidente é que pessoas que falam sobre a oração muitas vezes a omitem

completamente! Uma das mensagens centrais do Novo Testamento é que não há a mínima possibilidade de oração, ou de entrada à presença de Deus, exceto em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, por Ele e mediante Ele. Ele mesmo disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6). Escrevendo a Timóteo, Paulo diz: "Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Timóteo 2:5). Cristo é o único caminho; não há outro. E nós, será que sempre vamos a Deus em Cristo, pela fé nEle e por meio dEle? Há sempre muito interesse pela oração quando o mundo está com problemas. Quando se esgotam os expedientes, as pessoas recorrem à oração e a Deus. Entretanto, de acordo com as Escrituras — e eu não conto com outro conhecimento que não este — não há entrada à presença de Deus, a não ser no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Se houvesse outros meios pelos quais entrar, Ele nunca precisaria vir a este mundo. Ele veio e fez tudo que era necessário fazer "para levar-nos a Deus".

Exponhamos isto de maneira prática. Se compreendemos quem e o que Deus é, como poderemos sequer pensar em ir a Ele por algum outro meio? Pensem nas descrições que Ele fez de Si próprio como, por exemplo, aos filhos de Israel na antigüidade, descrições da Sua santidade, da Sua eternidade, da Sua majestade, do Seu poder. Quando estava neste mundo, o Filho de Deus dirigiu-Se a Ele em oração dizendo-Lhe, "Pai santo" (João 17:11). "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas", diz o apóstolo João (1 João 1:5). "O nosso Deus é um fogo consumidor", diz a Epístola

aos Hebreus (12:29). Receio que muitas vezes não paramos para pensar em Deus antes de nos dirigirmos a Ele em oração. Na verdade às vezes somos incentivados por certos tipos de ensino a pensar que uma indulgente familiaridade com Deus é por excelência a marca da espiritualidade. Contudo, não se vê isso nas Escrituras.

Examinem todas as instruções que Deus deu aos filhos de Israel no Velho Testamento sobre como Ele deve ser cultuado. Por que tiveram que construir um tabemáculo, e depois um templo? Por que essas estruturas eram divididas em vários compartimentos e seções? Por que o compartimento interior mais adentrado era chamado "O Santo dos Santos", no qual ninguém tinha permissão para entrar, exceto o sumo sacerdote, e só uma vez por ano? Por que Deus instituiu todo o cerimonial, incluindo numerosos sacrifícios — ofertas queimadas, ofertas pelo pecado, ofertas pela transgressão, e outras? Qual o significado disso tudo? Quem deu as instruções foi Deus, não os homens. Não foram imaginadas pelas mentes dos homens. Deus chamou Moisés e o fez subir a uma montanha, e lhe ensinou como Ele devia ser

cultuado, dizendo: "Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou" (Hebreus 8:5). Há apenas uma explicação disso tudo: Deus estava ensinando o Seu povo sobre a Sua santidade, a Sua eternidade e a Sua majestade, e Ele lhes ensinou que esse era o único modo pelo qual eles poderiam chegar à Sua presença. Só poderiam fazê-lo quando Lhe trouxessem os sacrifícios e as ofertas; e ainda há aqueles que ensinam que podemos lançar-nos descuidosos à presença de Deus, e nunca se menciona o nome de Cristo! É tudo muito simples, dizem eles; não há necessidade de preocupar-nos com teologia, eles falam; orar é muito simples, é tão simples como respirar.

Esse ensino é uma negação de todo o Velho Testamento. E é uma negação do Novo Testamento, com o seu ensino sobre a absoluta necessidade que temos do Senhor Jesus Cristo e da Sua obra expiatória. Certamente tal ensino não é nada senão psicologia, uma forma de auto--hipnotismo que persuade as pessoas de que estão falando com Deus. O fato de que isto as faz sentir-se melhor ou satisfeitas não é resposta. Com freqüência a psicologia faz a pessoa sentir-se melhor. Uma pessoa pode persuadir-se de muitas coisas. As seitas prosperam com base nesse fato. A única autoridade que temos sobre esta questão são as próprias Escrituras. Como posso aproximar-me de Deus? "Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor?", é a pergunta feita por um dos profetas do Velho Testamento (Isaías 33:14). Toda vez que algum deles recebia uma visão de Deus, embora pálida, vemo-lo cair a tremer, rosto em terra, por causa da santidade e da majestade de Deus.

Então, de novo, que direi à minha consciência? Quando vou à presença de Deus, minha consciência me lembra os meus pecados, a minha indignidade, o mal que tenho praticado e no qual tenho pensado? Como posso apresentar-me a Deus com a consciência transparente e com a certeza de que Deus me perdoará? Depois, além e

acima dessa consideração, como terei possibilidade de manter comunhão e companheirismo com Deus? Sei o que é ficar nervoso na presença de grandes homens e mulheres; sei o que é sentir-me verme, e menos que verme, quando na presença de um santo. À luz disso, como posso manter conversação com Deus? Sinto-me vil, sórdido e indigno; como posso fazê-lo? Eis as perguntas: como posso ter certeza que Deus tem boa disposição para comigo? Como posso ir ali com ousadia? Como posso estar seguro de que tenho ingresso, acesso, de que serei aceito? Como posso ter confiança? Há só *uma* resposta — "pela fé nele".

O único modo de ir à presença de Deus com segurança é saber que o Filho de Deus levou os meus pecados, a culpa e a punição destes em Seu próprio corpo no madeiro. Somente quando sei que Deus levou embora o meu pecado e a minha culpa, que Ele me revestiu da justiça

do Seu Filho e que quando me ponho diante dEle, Ele não vê os meus trapos sujos, e sim a perfeita roupagem da justiça produzida por Jesus Cristo para mim — somente então poderei ir a Deus com ousadia. Quem preparou essa roupagem foi o Filho de Deus, e me foi dada por Ele; assim eu sei que sou aceito. Não há outro caminho. Como diz o capítulo 10 de Hebreus: "É impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados" (versículo 4). Cobria o pecado pelo período aprazado, mas não podia limpar realmente a consciência. E, contudo, há os que ensinam que você não tem necessidade de fazer nenhuma oferta — nem do sangue de touros e bodes, nem das cinzas de uma novilha, nem do Filho de Deus e do Seu sangue derramado — simplesmente você vai a Deus como você é!

Sem Cristo não podemos orar verdadeiramente. Como de novo diz o autor da Epístola aos Hebreus: "Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança (ousadia;AV) ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno" (4:14-16).

Sabemos o que aconteceria com o tipo de gente que pensa que pode entrar no Palácio de Buckingham e aparecer diante da rainha na hora que quiser; seria logo abordado e posto para fora, e talvez lançado na prisão, como merecia. E ainda há pessoas que imaginam que, justamente como estão, sem nenhuma meditação ou mediação, podem comparecer na presença de Deus! Há só Um que pode introduzir você, há só Um que pode rubricar o seu cartão de visita. É o Filho de Deus, e Ele escreveu Seu nome com o Seu próprio sangue. Graças a Deus, não importa quem ou o que você é, nem as profundezas do pecado em que se afundou, nem em que lamaçal tenha passado a sua vida, andando e rastejando no pecado. Se você tem esse cartão com a assinatura feita com sangue, as portas do céu estão abertas para você, e pode entrar

com “ousadia”, você tem “acesso com confiança” pela fé nEle!

Para sermos mais práticos ainda, consideremos outra questão. Se esta é a única maneira pela qual eu posso ter esta ousadia e acesso com confiança, que devo fazer para tomar isto uma realidade para mim mesmo e na minha experiência pessoal? O ensino que estivemos considerando terá que ser aplicado; ele não se aplica sozinho. É possível aos cristãos crerem em tudo que eu estou dizendo e, todavia, jamais saberem realmente o que é orar com “ousadia” e “ter acesso com

confiança". Isto é porque nunca aplicaram o que sabem. Realmente, nunca tomaram posse pela fé da verdade vital, e nunca a utilizaram de maneira certa; pois há certas coisas que precisamos fazer, se queremos ter esta ousadia e acesso com confiança.

A primeira é que precisamos compreender que não devemos apoiar-nos em nossos sentimentos, caprichos ou disposições de ânimo. Isto é básico. Quando você se ajoelha para orar, porventura não acha que às vezes fica subitamente insensível e sua mente fica vagando por longes plagas? Não lhe parece estar orando, você está cheio de duvidas e incertezas, os seus pecados retomam a você, e você acha quase impossível orar? Se der ouvidos a esses caprichos e pensamentos, nunca orará. A primeira coisa que temos que fazer é dar o devido tratamento a estes caprichos, sentimentos, disposições de ânimo e condições internas. Temos que dar-nos conta de que eles não provêm só do corpo, mas também do diabo, cujo supremo objetivo é impedir-nos esta comunhão com Deus. Devemos considerá-los todos como enviados por ele. São os “dardos inflamados” que o diabo lança em você, e principalmente quando está de joelhos, em oração. Reconheça a fonte e origem deles, reconheça que são “do diabo” e, tomando pé com firmeza, rejeite-os. Você tem que fazer isso. A oração é trabalho duro, é tarefa. Você não deve “relaxar”, como ensinam as seitas, mas, antes, deve revigorar-se e disciplinar-se. Deve aprender a agonizar em oração.

Depois, tendo tratado assim os seus sentimentos, caprichos e disposições de animo, deve começar a pregar para si mesmo. Mais que nunca estou convencido de que o problema com muitos cristãos é que eles não pregam para si mesmos. Todo dia devemos passar algum tempo pregando para nós mesmos, mormente quando estivermos de joelhos, em oração. Com pregar a si mesmo quero dizer que, quando você estiver de j oelhos, e todos estes pensamentos, duvidas e incertezas se acumularem sobre você, os seus pecados se levantarem contra você, e você achar que não tem direito de orar e que é quase um canalha quando o faz — digo eu, você primeiro deve compreender de onde eles vêm, e depois começar a lembrar-se das verdades centrais da fé cristã. Você deve lembrar-se da grande doutrina que estivemos considerando juntos. Você dirá: “Naturalmente sou um pecador; quando o diabo me disse que eu era pecador, tinha toda a razão. Ele disse isso para me desanimar; mas vou usar isto para me ajudar. Naturalmente que sou pecador!

Deus é santo e eu sou vil, e nem chego a compreender como sou vil. Muito bem; então, como poderei orar? Como poderei ir à presença de Deus? A resposta é que Deus mesmo abriu o caminho para mim; Ele o providenciou. Ele enviou Seu Filho unigênito a este mundo

para levar sobre Si os meus pecados, para morrer por mim. Cristo cumpriu a lei por mim e me vestiu com a Sua roupagem de perfeita justiça. Vestido com ela, posso ir à presença de Deus". Havendo-se convencido disso, você obtém confiança e começa a orar.

Desse modo você terá que, solene e especificamente, lembrar-se do que é e do que tem feito, como também de que o Deus a quem está se dirigindo é o Deus que Se revelou. Terá que ver a absoluta necessidade que temos de Cristo, e de saber que Ele realmente lhe dá cobertura em todos os aspectos. Assim, vestido com a justiça de Cristo, e tendo Cristo com você, você vai à presença de Deus. João, em sua primeira Epístola, afirma isso da seguinte maneira: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça". Isso ele diz no contexto de "o sangue de Jesus Cristo que nos purifica de todo o pecado" (1:7-9). Ele prossegue, dizendo: "Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados" (2:1-2). É isso que você dirá a si próprio. Não espere até melhorar o seu estado de animo; e não vá simplesmente falando a despeito da sua disposição ou do seu estado de ânimo. Você terá que dizer a si próprio: "Apesar de eu ser um pecador, e apesar de eu não sentir nada, creio no Senhor Jesus Cristo. Sei que nunca me farei apto para ir à presença de Deus; mas creio neste registro feito nas Escrituras. Portanto, o que quer que eu sinta ou deixe de sentir, eu creio que Cristo, o Filho de Deus, morreu por mim e pelos meus pecados; e que, portanto, tenho tanto direito de ir à presença de Deus como o tem o maior santo".

E depois, imediatamente você dará graças a Deus por tudo isso — "pela oração e súplicas, com ação de graças", diz este apóstolo, quando ensinava os filipenses a orar (4:6). Esqueça por ora todas as suas necessidades e desejos, até mesmo aquela coisa particular que o levou a orar. Antes disso, apenas agradeça a Deus o Seu amor, agradeça-Lhe a Sua misericórdia e compaixão, dê-Lhe graças por enviar o Seu Filho a um mundo como este; dê-Lhe graças por ir à cruz e morrer por você; dê-Lhe graças por enviar o Espírito Santo. Derrame o seu coração em louvor e ação de graças. Logo você achará liberdade; seu coração se comoverá e, pela primeira vez em sua vida, você saberá o que é "ousadia e acesso com confiança". Então ore, rogando a Deus que derrame o Seu Santo Espírito amplamente em seu coração, de modo que venha a experimentar a autenticação de todas estas coisas. Precisamos ir à presença de Deus empregando as palavras que o conde Zinzendorf escreveu, e que João Wesley traduziu:

Jesus Cristo, o Teu sangue e a Tua justiça minha elegância são, gloriosas vestes; entre os mundos em chamas, com tal traje alçarei a cabeça, jubiloso.

Ousado me erguerei no grande dia; pois quem irá fazer pesar meu fardo ?

Mediante as vestes já fui absolvido do pecado e temor, da culpa e opróbrio.

Se fizermos o que estou tentando dizer, e depois formos com ousadia à presença de Deus, sabe o que vai acontecer? (Não é surpreendente que o apóstolo tenha trazido estes efésios a este ponto prático.) O que acontecerá é o que o apóstolo Tiago diz no capítulo quatro da sua epístola: "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós" (versículo 8). Essa é a maior coisa que se pode ouvir nesta vida. Vá à presença de Deus com ousadia e acesso com confiança, pela fé em Jesus Cristo, e você se encontrará com Deus. Você se dará conta da Sua presença; terá suporte não só de uma percepção da Sua glória e da Sua consolação, da Sua força e do Seu poder, mas também de uma percepção do Seu amor, da Sua bondade e da Sua compaixão. Você saberá que é filho dEle e que Ele é seu Pai. Você saberá, e será capaz de dizer que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus". Você ficará persuadido de que "nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" Você poderá dizê-lo nos termos deste outro hino:

No amor celestial permanecendo, não temerei mudança; firme, segura e certa é tal confiança, pois nada aqui vai mudar:

Pode a tormenta ao meu redor rugir, meu coração desmoronar; porém, ao meu redor está meu Deus, poderei fraquejar?

"Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós."

ORANDO AO PAI

"Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda afamília nos céus e na terra toma o nome. " Efésios 3:14-15

A Versão Revista (Revised Version) omite as palavras "de nosso Senhor Jesus Cristo" e traduz deste modo: "Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome". Com ligeira variação, a Versão Revista Modelo (Revised Standard Version) a segue de perto. Com estas palavras o apóstolo toma o assunto que obviamente pretendera tomar no início do capítulo, como vimos quando estávamos examinando o versículo primeiro. Notem que o versículo primeiro começa com as palavras "Por esta causa", como também o versículo 14.[1] Ele estava para dizer aquilo que agora vai dizer, depois do versículo 15. Seu grande interesse, como ele diz no versículo 13, é: "Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações por vós, que são a vossa glória". Ele abrira o seu caminho através da grande digressão, e agora retoma àquilo que originariamente tivera a intenção de dizer.

A expressão "Por causa disto" no versículo 14, como no versículo 1, refere-se ao que o apóstolo estivera dizendo no fim do capítulo 2. Portanto, em nossa exposição da afirmação que vamos examinar, devemos ter o cuidado de assegurar-nos de que se ligue com o que fora dito no fim do capítulo 2. Seu ponto essencial era mostrar a estes efésios que eles tinham sido introduzidos num estado de completa unidade, na Igreja Cristã, com os judeus que também tinham crido no evangelho. Vós não sois mais, garantiu-lhes ele, "separados e estranhos, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; e sois edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Jesus Cristo mesmo a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor; no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito". Essa é a elevada concepção e descrição que ele faz ali da Igreja Cristã.

É-nos claramente importante que tenhamos em mente a conexão, pois é só quando nos lembramos do que Paulo vem dizendo que temos a possibilidade de entender o que ele está para dizer agora. Esta outra verdade, esta oração que agora ele vai oferecer em favor destes efésios, surge por causa da posição deles como concidadãos dos santos e como membros da família de Deus. Pertenciam à família de Deus e constituíam parte do templo santo no Senhor em que Deus faz a Sua habitação pelo Espirito. Tendo isso tudo em mente, podemos acompanhar o apóstolo quando diz a estes efésios que ele está orando por eles. "...me ponho de joelhos perante o Pai".

Por ora me proponho apenas a fazer alguns comentários sobre o modo pelo qual o apóstolo introduz a grande oração que oferece pelos efésios. A primeira coisa que se

deve acentuar é que ele ora por eles. E, tomando isto em seu contexto, é uma coisa de grande valor para nós. Quando Paulo estava escrevendo esta carta era prisioneiro; esta é uma das "epístolas da prisão". Provavelmente era prisioneiro em Roma, porém isto é pouco importante. O importante para nós é saber que ele está realmente dizendo que, embora prisioneiro, embora um perverso inimigo o tenha encarcerado, o tenha posto em grilhões, o tenha impossibilitado de visitá-los em Éfeso e de pregar-lhes (ou de ir a qualquer outro lugar para pregar) há uma coisa que o inimigo não pode fazer — não pode impedi-lo de orar. Ele ainda pode orar. O inimigo pode confiná-lo numa cela, pode meter ferrolhos e trancas nas portas, pode algemá-lo a soldados, pode pôr grades nas janelas, pode enclausurá-lo e confiná-lo fisicamente, entretanto nunca poderá obstruir o caminho do coração do crente mais humilde para o coração do Deus eterno. De muitas maneiras, neste nosso incerto mundo moderno esta é uma das mais confortantes e consoladoras verdades que podemos aprender. Pensem no que isto significa para centenas, para não dizer milhares de cristãos em diversas partes do mundo neste momento. Alguns estão na prisão, alguns em campos de trabalho forçado. Estão sujeitos a incontáveis sofrimentos e indignidades, porém graças a Deus ainda podem asseverar que "muros de pedra não fazem uma prisão, nem barras de ferro uma jaula". O espírito de oração continua livre, apesar de toda a malignidade dos cruéis tiranos. Os homens podem proibir-nos de falar com os lábios, mas ainda que juntassem os nossos lábios e os costurassem, poderíamos continuar orando em nossos espíritos, poderíamos continuar orando a Deus.

Isto será sempre aplicável a nós, sejam quais forem as nossas circunstâncias e condições. Há ocasiões em que parece que nós, cristãos, estamos numa espécie de prisão. Podemos ser enclausurados e amarrados, talvez por alguma doença ou debilidade física, ou pelas

circunstâncias, ou pode ser que as circunstâncias nos impeçam de vir à casa de Deus ou de manter companheirismo com outros. Com frequência os cristãos se vêem nessas circunstâncias ou condições. Lembremos que, o que quer que as circunstâncias ou os perversos nos façam, sempre estará aberto para nós este ministério e atividade. Nada terá por que impedi-lo. Noutras palavras, se você se achar doente e preso ao leito, não significa que será inútil durante esse período, não significa que não poderá fazer nada. Ainda poderá orar. Poderá orar por si mesmo; poderá orar por outros; poderá tomar parte num grande ministério de intercessão.

Às vezes temo que nos inclinamos a esquecer isto. Tomamo-nos uma geração de cristãos tendentes a viver de reuniões. Isto pode soar estranho numa época em que a frequência à igreja é muito baixa. Não obstante, penso que é verdade que os que ainda se reúnem tendem a depender demais da sua frequência às reuniões e a achar que, quando são deixados de lado em seus leitos de enfermidade, não há nada

que possam fazer, exceto esperar até ficarem bem de saúde novamente. Isso é uma total falácia. Paulo estava muito ativo e ocupado na prisão. Passava o tempo, deduzimos, em oração por várias igrejas. Vemos nas epístolas da prisão que ele afirma que estava orando constantemente, diariamente por elas. Ocasionalmente podia enviar-lhes cartas, embora apenas algumas tenham sobrevivido. Contudo ele constantemente amparava todas as igrejas com as suas orações, e orava pelas pessoas a elas pertencentes. Estava exercendo um grande ministério na prisão. Não era o seu ministério usual, pois ele era pregador, evangelista, era um mestre incomparável. Ele não diz aos seus amigos que agora não pode fazer nada, pois está sem ânimo na prisão, e a única coisa que pode esperar é que, de um modo ou de outro, logo seja posto em liberdade. Absolutamente não! Esta tremenda atividade na oração continua. Tenhamos este fato em mente.

E quanto mais há pelo que orar na época atual, com o mundo como está, e com tantos cristãos sofrendo como estão! Posso fazer uma pergunta simples e óbvia? Quanto do nosso tempo dedicamos diariamente à oração em favor de cristãos doutros países? Temos o tempo e o vagar; nem estamos na prisão. Temos tempo para fazer muitas coisas não essenciais e nem mesmo proveitosas. Quanto tempo estamos dedicando à intercessão e à oração pelos outros? Somos chamados para levar as cargas uns dos outros, para compartir os infortúnios uns dos outros. Eis aqui um homem que fez isso na prisão tendo tudo contra ele. Vamos, digo eu, vamos dar ouvidos a este chamamento para a oração. Assim como Paulo sabia que podia ajudar os efésios orando por eles, nós também podemos ajudar outras pessoas — pessoas com as quais

talvez nunca nos tenhamos encontrado, mas sabemos que nesta hora estão sofrendo e estão com vários tipos de problema. Passemos algum tempo junto ao trono da graça em favor delas.

A seguir lembra-nos aqui o apóstolo que a oração é sempre necessária como instrução. Seria um grande engano ficarmos com a impressão de que o apóstolo estava orando por estes efésios só porque não lhes podia pregar; no entanto quero deixar igualmente claro que não foi esse o seu único motivo para orar por eles. Estivesse ele em liberdade, continuaria orando por eles. Aqui, mais uma vez, está um principio que parece um tanto negligenciado por nós. É essencial que oremos por nós mesmos como o é que nos instruamos. Acreditamos que temos necessidade de instrução: lemos a Bíblia, lemos comentários, lemos livros sobre a história da Igreja, lemos livros sobre doutrina. É certo fazê-lo, é essencial; nunca poderemos saber demais. Precisamos de instrução, precisamos de esclarecimento — para isso estas Epístolas foram escritas. O apóstolo acreditava que a doutrina é essencial; a instrução deve ter prioridade. Mas transmitir conhecimento não basta. É igualmente essencial que oremos — que oremos por nós mesmos, para que Deus nos faça receptivos ao conhecimento e à instrução; que oremos para sermos capacitados a

agasalhar o conhecimento recebido e aplicá-lo; que oremos para que não fique só em nossas mentes, e sim que se apegue aos nossos corações, dobre as nossas vontades e afete o homem todo. O conhecimento, a instrução e a oração devem andar sempre juntos; jamais devem estar separadas.

A oração é igualmente necessária em nossos procedimentos para com os outros. Isso é deveras proeminente aqui, por certo. Paulo estava escrevendo esta rica e profunda doutrina, e ele sabia que os efésios a iriam ler, discutir e estudar juntos. Mas sabia que isso não é suficiente, de modo que orava no sentido de que o ensino que lhes ministrava se tomasse real para eles. E sabia que nunca poderia tornar-se real, a não ser sob a direta bênção de Deus. O melhor ensino do mundo é inútil, se o Espírito não o toma, não o aplica e não abre o nosso entendimento para ele, e não lhe dá um amplo e profundo lugar em todo o nosso ser para abrigá-lo. Já vimos no capítulo primeiro como o apóstolo estivera orando pelos cristãos efésios para que "tivessem iluminados os olhos do seu entendimento." Pois se o Espírito não abrisse "os olhos do seu entendimento", o ensino do apóstolo seria completamente inútil e vazio.

Tiremos uma lição muito prática disso. Todos nós temos amigos não cristãos,com os quais nos preocupamos. Desejamos muito ajudá-los e lhes falamos acerca destas coisas. Citamos e explicamos as Escrituras

para eles. Tentamos mostrar-lhes a atitude e a posição cristãs com respeito às presentes condições da vida em todos os seus aspectos. Todavia devo salientar que se pararmos aí, poderá dar em nada. Não se pode levar ninguém à vida cristã pelo raciocínio. Vocês podem dar as razões para crerem, mas não podem levá-los a crer pela razão. Vocês podem pôr a causa diante deles, mas não podem prová-la como se fosse questão de um teorema da geometria. Devemos compreender que, enquanto os instruímos, devemos orar por eles também. É só quando o Espírito Santo lida com eles e os prepara e abre o entendimento deles, que eles podem receber a verdade.

O apóstolo é perfeitamente coerente com a sua doutrina. Ele sabia que era tão essencial orar por estes efésios como instruí-los por meio desta Epístola. Nós, igualmente, jamais deveremos esquecer que a instrução e a oração andam juntas. Se você, irmão, está interessado numa pessoa em particular, e deseja a sua salvação, você não deve ficar só nisso de favorecê-la, ajudá-la, gastar tempo com ela e expor-lhe a verdade; também deve orar por ela. De fato vou longe a ponto de dizer que, se você não der mais peso à sua oração do que à instrução que lhe oferece, o seu trabalho terá a probabilidade de ser um fracasso. Note o lugar dado à oração intercessória no Novo Testamento. É extraordinário e espantoso, e é exemplificado particularmente no apóstolo Paulo. Observe também quão dependente era Paulo das orações doutros cristãos. Na maioria das suas cartas ele insta com eles para que orem por ele. Ele os concita a orar no sentido de que haja para ele uma porta

à oportunidade, de que tenha liberdade, e assim por diante. Ele compreendia plenamente a sua dependência das orações alheias. Nalguns aspectos isto é um mistério; e alguns são tentados a dizer: Deus é Todo--poderoso, não há nada que Ele não possa fazer; por que, pois, há necessidade de oração? A resposta é que Deus, em Sua sabedoria eterna, escolheu operar deste modo. Ele faz divisão do trabalho e, de um modo ou de outro, usa as nossas orações e leva os Seus grandes propósitos à execução mediante a instrumentalidade da intercessão dos santos.

Outra importante questão que devemos notar é a maneira pela qual o apóstolo ora; ou seja, devemos dar atenção ao método, modo ou maneira da sua oração. Vê-se aqui uma coisa notável e significativa. "Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai." Não é preciso afirmar que no momento em que escrevia, o apóstolo se pôs de joelhos literalmente. Pode tê-lo feito; não sei. Mas o que evidentemente ele está dizendo é que orava por eles, e o que nos interessa é o modo como ele decidiu descrever a oração. Ele não orava ao acaso, acidentalmente,

porém muito deliberadamente. Sob a inspiração divina o homem não fala casualmente, não diz coisas acidentalmente. Muito deliberadamente, quando vem a falar sobre a oração que faz, diz ele: "Ponho-me de joelhos".

Esta expressão nos coloca face a face com a questão geral da nossa postura na oração. É um ponto que tem perturbado muitas pessoas de duas maneiras diametralmente opostas; a tendência é ir de um extremo a outro. Contudo as Escrituras são muito claras sobre a questão. Elas ensinam que às vezes os homens dobram os joelhos ou se ajoelham para orar; mas igualmente é clara em seu ensino que outros ficam de pé para orar. Ambos os métodos são mencionados nas Escrituras, e ainda outros, como prostrar-se em terra.

Esta questão deve reter-nos por um momento, porque pode ser manipulada de maneira errônea, e até estulta. Há dois extremos que devemos observar. Um é o formalismo, e o outro é a irreflexão ou negligência. O formalismo virtualmente ensina que, se não ajoelharmos de verdade, não estaremos orando de modo algum. Há gente que acredita sinceramente que os não-conformistas, isto é, pessoas não anglicanas nunca oram verdadeiramente na igreja simplesmente porque não se ajoelham. Para tais pessoas o ajoelhar-se é vital e essencial à oração. Esquecem-se totalmente das referências bíblicas ao ficar de pé. Podemos colocar dentro da mesma categoria todos os que pensam que as formas de liturgia são absolutamente essenciais. Do outro lado estão os que afirmam o princípio da liberdade. No entanto, também é possível exagerar no princípio da liberdade, dando em licença, frouxidão, relaxamento e irreflexão, podendo levar a um modo de orar totalmente indigno de Deus.

Certamente o princípio vital envolvido é que o que importa não é a postura ou a atitude por si só, mas o que esta representa ou indica. Dobrar os joelhos é uma

indicação de reverência, daquilo que o autor da Epístola aos Hebreus quer dizer quando escreve no capítulo 12, sobre "reverência e piedade". Indica uma atitude de culto, adoração e louvor. É óbvio que alguém pode cair sobre os joelhos mecanicamente, quando são pronunciadas certas palavras, mas o coração pode estar longe. Há pessoas cuja reverência é inteiramente determinada pelo tipo de edifício em que elas se acham. Se se vêem em tipos de edifícios semelhantes a catedrais, caminham suavemente e falam sussurrando; porém assim que saem, podem até blasfemar e amaldiçoar. Assim, o que fazem no edifício não é demonstrar reverência, é simplesmente refletir que o edifício as afeta psicologicamente. As Escrituras não estão interessadas nesse tipo de comportamento. Há homens que podem ser sumamente devotos em sua postura, fazendo o sinal da cruz

ou cunhando outras atitudes; mas isso não tem valor, se não for verdadeira expressão do estado dos seus corações. Contudo — e isto precisa ser salientado — o estado do coração expressa-se inevitavelmente. E é aqui que a expressão utilizada pelo apóstolo é tão interessante.

Este assunto está ligado diretamente ao que estivemos considerando sobre a magnífica e animadora declaração do apóstolo: "No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele". Como é vital que isso esteja sempre acoplado a "Ponho-me de joelhos", a fim de lembrar-nos de que ousadia não significa descaramento, e que confiança não significa familiaridade fácil. Ousadia junto ao trono da graça não é presunção. Confiança não é atrevimento. Acentuo isto porque existem aqueles que parecem pensar que a marca por excelência da espiritualidade e da segurança da salvação é orar a Deus com familiaridade frouxa e verbosa, o que é uma completa negação daquilo que é ensinado aqui e em toda parte das Escrituras.

Há um tipo de pessoa que pensa que, se você quer provar quanto é espiritual, terá que orar à moda comercial. Deverá proferir petições curtas, petições quase telegráficas. Essa gente ensina que você deve estar tão seguro da sua posição diante de Deus que ignorará por completo isso de "temor e tremor", na verdade ignorará todo e qualquer ato de culto e adoração antes de apresentar os seus pedidos. Muitas vezes, infelizmente notei isto em congressos de cristãos conservadores. Com frequência a reunião de oração é dirigida da seguinte maneira: lê-se uma lista de coisas pelas quais orar, os chamados pedidos de oração, e depois o dirigente diz: "Bem, agora vamos ao trabalho, vamos orar". E assim as pessoas presentes se levantam uma após outra e apenas elevam petições muito curtas concernentes a estes vários problemas. Estive em reuniões desse tipo e não hesito em afirmar que não houve ali nenhuma adoração. Deus não foi cultuado, não foi louvado, não foi adorado. Nem mesmo Lhe deram graças por Suas grandes mercês. Não houve menção de Sua majestade e de Sua glória. Não houve o "dobrar de joelhos". Alguns talvez se tenham ajoelhado literalmente, porém seus espíritos não se curvaram. Tudo era tomado como líquido e certo.

Essa é a atitude que a declaração de Paulo corrige tão drasticamente. É uma atitude que, longe de ser um sinal de espiritualidade é, na verdade, o inverso. Sua base está na ignorância — ignorância quanto às Escrituras e ignorância quanto a Deus. Se já houve um homem que conheceu a Deus, se houve um homem que conheceu o caminho para a presença de Deus, foi este vigoroso apóstolo; e, todavia, ele "dobra os seus joelhos". Ele sabia de quem se aproximava. Não agia em termos

de uma verbosa familiaridade com Deus. "Ousadia e acesso com confiança", sim, mas juntamente com "reverência e santo temor", pois "o nosso Deus é um fogo consumidor". Recordemos a interpretação do versículo 12, segundo a qual devemos livrar-nos de um covarde temor porque conhecemos as bases da nossa posição, e também sabemos que temos acesso e entrada à presença de Deus. No entanto isso não significa que podemos caminhar atrevidamente, com o peito para a frente, por assim dizer, para a presença do Deus Todo-poderoso. Devemos estar sempre e humildemente cientes do nosso grande privilégio. Sabemos que temos acesso, entretanto lembramos de que se trata de acesso à presença do Deus vivo, em toda a Sua glória e poder. "Ponho-me de joelhos." Culto, adoração, louvor! Jamais devemos começar a fazer petições particulares enquanto primeiro não tivermos prestado culto, louvor e ação de graças a Deus, e não nos tivermos submetido completa e inteiramente a Ele.

A palavra *perante* — "me ponho de joelhos perante" — é muito expressiva e significa "frente a" ou "face a face". Ele dobra os joelhos para ficar face a face com Deus. No momento em que compreendermos que a oração significa vir e ficar face a face com Deus, não poderemos fazer outra coisa senão dobrar os joelhos. Quando Isaías teve a sua visão de Deus, disse: "Ai de mim, pois sou homem de lábios impuros" (6:5). Quando João teve a sua visão "em Patmos, caiu por terra como morto" (Apocalipse 1:17). Não seria necessária esta exortação se tivéssemos uma real concepção da glória de Deus. Se tão-somente tivéssemos um vislumbre de Deus, tremeríamos ao estar face a face com Ele. Demos de novo graças a Deus por isto. Onde quer que estejamos, quaisquer que sejam as nossas circunstâncias, no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle podemos vir e estar face a face com Deus. "Todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor... " — diz o mesmo apóstolo aos Coríntios (2 Coríntios 3:18).

Finalmente chegamos à descrição que o apóstolo faz aqui de Deus, Aquele de quem ele se aproxima de espírito humilde e ajoelhado em seu coração. Diz ele que vem "ao Pai, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome". A Versão Autorizada (Authorized Version) e Almeida, Revista e Corrigida têm "o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", ao passo que outras versões tem simplesmente "o Pai". Isto é pura questão de crítica textual que em nada afeta o sentido. O apóstolo já deixara mais que claro que Deus só é nosso Pai no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle.

No versículo 15 temos uma afirmação sumamente interessante. “Do qual” significa realmente “Segundo o qual” ou na verdade “Procedente

do qual”. Quanto ao restante da afirmação, a Versão Autorizada (e Almeida) tem “Do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome”. Certas outras traduções tem “Do qual (ou procedente do qual) toda a família nos céus e na terra toma o nome”. Em última análise, a diferença não é séria; mas a interpretação feita particularmente varia conforme a tradução ou versão adotada. A tradução “Do qual (ou procedente do qual) toda a família nos céus e na terra toma o nome” coloca a ênfase na palavra “família” com o sentido de “pertencente a uma linhagem comum”. Esse e o significado da palavra “família” propriamente dita. Pode significar também tribo ou classe ou nação. Além disso, toda família tem um nome de família. O nome de família deriva de um pai originário; as tribos de Israel todas tomaram seus nomes deumhomem em particular. “Nosso Senhor veio da família e linhagem de Davi”; Ele era “da descendência de Davi segundo a carne”. Todos os grupos receberam seus nomes de uma procedência semelhante a essa. E assim, de acordo com esta interpretação, o que o apóstolo está dizendo aqui é que todas estas distinções e divisões em famílias, tribos, grupos e nações, que reconhecem algum líder ou pai, são apenas pálidos reflexos do fato de que Deus é o Pai de todos; Ele é o Pai de todas as famílias, de cada família. Ele é Aquele de quem deriva todo parentesco ou toda paternidade subsidiária. Portanto, em última instância, Ele é o Pai de todos.

Observemos que o apóstolo não cüz somente “na terra”, e sim também “nos céus” —"toda a família nos céus e na terra” — e a linha de interpretação a que me referi há pouco dá a seguinte explicação. No versículo 10 Paulo diz: “Para que agora os principados e potestades nos céus”; e no fim do capítulo primeiro ele escreveu mais detalhadamente ainda, dizendo que Cristo está “acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia”. Há diferentes grupos no céu; os seres angélicos se dividem em anjos e arcanjos, e há várias outras subdivisões. Dividem-se, por assim dizer, em grupos, famílias e tribos. Assim aqui, conforme afirmam, o apóstolo está dizendo que não somente toda paternidade, nação, tribo e divisão tem sua origem última na paternidade de Deus, mas também que os próprios agrupamentos do céu estão todos sob esta paternidade universal.
Na verdade dizem que o Velho Testamento se refere aos anjos como “filhos de Deus”, de modo que, num sentido, eles são Sua prole, e Deus é o seu Pai.

Esta linha de exposição é verdadeira; porém é verdadeira só no sentido em que Deus é o Criador de todos. O apóstolo seguiu esta linha quando, pregando em Atenas, disse: “Pois somos também sua geração (de Deus)” (Atos 17:28). Nesse sentido o mundo todo é geração de

Deus. Ele é o Pai no sentido em que é o Criador de todos. Se isto for mantido em mente, a interpretação a que me referi é legítima e veraz. E contudo, quanto a mim,

não a aceito aqui, e isso porque não me parece adequar-se ao contexto; parece extrair algo que, neste ponto em particular, é irrelevante.

A expressão "Por causa disto", como vimos, refere-se ao capítulo 2, e ali certamente nós temos a chave para a explicação daquilo que Paulo quer dizer aqui. Pois no versículo 18do capítulo 2, lemos: "Por que por ele (Cristo) ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito". Esteja atento a esta referência ao Pai. E ainda: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus" — "família de Deus"! Temos aqui as duas expressões, o "Pai" e a "família". Certamente o que o apóstolo está dizendo aqui no versículo 15 do capítulo 3 é que Deus é o Pai de toda a família. Que família? A família dos redimidos! Desta "família" dos redimidos, alguns já estão no céu, e alguns ainda estão na terra; mas todos eles pertencem à mesma família, a toda a família. Noutras palavras, a minha opinião é que o apóstolo está dizendo aqui precisamente o que o autor da Epístola aos Hebreus diz no capítulo 12 da sua Epístola. Eis suas palavras: "Porque não chegastes ao monte palpável... Mas chegastes ao monte de Sião, e à cidade de Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos; à universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus". Assim o apóstolo está dizendo que ora em favor dos efésios, Àquele que é o Pai de todos. Agora Ele é o Pai deles, visto que entraram na Igreja, como também é o Pai do apóstolo. Ele é o Pai de todos os que crêem. Agora já "não há grego nem judeu... bárbaro, cita, servo ou livre" (Colossenses 3:11). Não mais distanciados, os cristãos chegaram perto.

Creio que o apóstolo empregou esta forma de expressão com o fim de ensinar estes cristãos efésios a não pensarem mais em si mesmos como gentios. Agora deviam pensar em si mesmos como filhos de Deus, como pertencentes à grande família de Deus. Este foi o maravilhoso resultado daquilo que lhes acontecera, quando foram feitos "membros da família de Deus", "co-herdeiros" com os judeus, membros do mesmo corpo, participantes das mesmas promessas; eles tinham sido introduzidos na grande família de Deus.

Nada do que possamos aprender nos é mais precioso do que compreendermos esta gloriosa verdade. Você pode ser um desconhecido para o mundo, pode ser insignificante, ou pode sentir-se esquecido e achar que ninguém sabe nada a seu respeito; e pode ser verdade. Não obstante, se você está "em Cristo", se você é cristão, você pertence a

Deus, está em Sua família, e seu Pai olha por você. Nada poderá acontecer a você sem a Sua participação e a Sua permissão; "os cabelos da vossa cabeça estão todos contados" (Mateus 10:30). Você é tanto filho de Deus como o maior santo, como o mais poderoso apóstolo que já viveu. Há somente uma família, "toda a família", e Ele é o Pai de toda a família, tanto da Igreja "militante" como da Igreja "triunfante".

Todos nós temos este acesso à Sua presença. E aqui este grande irmão, o apóstolo Paulo, este poderoso irmão que era tão adiantado em conhecimento, diz aos seus humildes irmãos, aos seus recém-chegados irmãos de Éfeso, que ele vai à presença do "nosso Pai" a favor deles e que está a ponto de pedir-Lhe certas coisas para eles.

Pertencemos a esta família, a "toda (esta) família". Nunca nos esqueçamos disto — principalmente quando orarmos e nos aproximarmos de Deus em adoração. Mas nunca nos esqueçamos disto também em nossa conduta e em nosso comportamento. Sabemos o que é ter orgulho das nossas famílias e do "nome de família". Sabemos o que é ter orgulho do país, de uma classe, ou de um grupo, ou dç uma escola — orgulho do nome! Portanto, como cristãos, vamos lembrar-nos sempre de que o Nome que está sobre nós é o nome de Deus, "do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome". O que realmente importa não é mais a família de Davi, não é mais esta ou aquela tribo, não é mais este ou aquele país, esta ou aquela classe, este ou aquele grupo. Não! O nome de família que me arrogo é o nome de Deus, e devo viver neste mundo como alguém que representa está família, como alguém que representa este Pai. Seu nome está sobre mim; assim, oxalá nunca seja ele manchado. Que jamais os homens venham a pensar mal de Deus e do Seu nome por causa daquilo que eles vêem em mim!

Queira Deus abrir os nossos olhos para os privilégios que temos graças ao Nome que levamos, e também para a alta e, de muitas maneiras, tremenda responsabilidade de levar sobre nós o nome de Deus!

1

No grego as expressões são idênticas nos dois lugares. Nota do tradutor.

“O HOMEM INTERIOR”

“Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que

sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior. ”

Efésios 3:16

Estas palavras são uma parte da exposição que, começando no versículo 14, vai até o versículo 21: “Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual a família nos céus e na terra toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o cumprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. Ora àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém”.

Por mais tempo que vivamos neste mundo, seja qual por o orador que surja, vocês jamais ouvirão coisa alguma que se iguale a isso quanto à eloqüência, à elevação do pensamento, à profundidade da linguagem e à concepção. É indubitavelmente um dos picos culminantes das Escrituras. De fato há muitos que dizem que este é o pico mais elevado em toda a cadeia de montanhas da verdade e da revelação divina nas Escrituras. Lembremo-nos de que estamos focalizando a oração que concretamente o apóstolo eleva em favor do povo cristão de Éfeso. Estudamos o modo pelo qual ele se aproxima de Deus, e notamos quão cuidadoso ele é ao fazer-nos recordar os seus pontos essenciais e a nossa necessidade de nos ajustarmos a isso. Ele “se põe de joelhos” perante o Pai, perante Aquele a quem, graças ao nosso bendito Senhor e Salvador, também temos o direito de chamar “nosso Pai”. Tendo assim chegado à presença de Deus, que é que o apóstolo pede em oração a favor destes cristãos efésios, que tão profundamente estão em seu coração?

No Novo Testamento temos registradas diversas orações de Paulo, e todas são dignas da nossa mais diligente e séria consideração, mas nenhuma das suas orações se eleva mais alto que esta. Aqui ele nos eleva diretamente aos céus, e ora por coisas quase incríveis, subindo ao clímax — “para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus”. Lembrem-se de que ele está orando assim por pagãos convertidos, muitos dos quais tinham sido escravos, e talvez ainda o fossem, pessoas desconhecidas. Visto que eram cristãos o apóstolo faz esta oração por eles e, ao fazê-la, leva-nos aos pontos mais altos, ao nível mais elevado da experiência

cristã e daquilo que é possível aos homens e mulheres no presente mundo. Esta é a verdadeira chave da genuína vida cristã; portanto, não há como exagerar no exame desta oração.

Vindo, pois, ao conteúdo real da sua oração, notemos primeiro aquilo pelo que ele não ora. Nas Escrituras o negativo é sempre significativo. Às vezes é quase tão importante como o positivo. E aqui, aquilo pelo que o apóstolo não ora merece atenção. Imaginem-se na situação do apóstolo. Como vocês poderiam orar por estes efésios? Que é que rogamos quando oramos uns pelos outros? Quando sabemos que outros estão com problemas e em dificuldades, qual é a nossa petição a favor deles, qual o caráter da nossa intercessão? Paulo não ora pedindo que haja mudança nas circunstâncias, nem com relação a si mesmo, nem com relação a outros. Sua oração não é no sentido de que ele seja solto da prisão para poder voltar a pregar-lhes em Éfeso. Isso era muito desejável e, sem dúvida, ele orava pedindo isso; mas não era essa a coisa de maior importância, não era o que ele colocava no centro, não era a coisa que ele queria inculcar neles. Tampouco fez apenas um tipo geral de oração por eles, rogando a Deus que os abençoasse e fosse bom para eles. Saliento particularmente isto porque me parece que muitíssimas vezes as nossas orações são deste caráter. Oramos pedindo a Deus que abençoe as pessoas. Rogamos a Deus que seja graciosa para com elas, e que olhe por elas; e assim no limitamos a um tipo de oração geral.

Positivamente, a primeira petição do apóstolo é: "Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior". Aqui temos o que é sempre característico das orações de Paulo, e, ao mesmo tempo, é sempre característico de todas as orações bíblicas, tanto no Velho Testamento como do Novo. Ao mesmo tempo nos é apresentado o modo caracte-risticamente cristão de ver os problemas que incidentalmente sobrevêm às nossas vidas neste mundo, muitos dos quais surgem diretamente por causa da nossa profissão de fé cristã.

A primeira característica é que a sua oração é exclusivamente espiritual. Ele está preocupado, não com o material, porém com o espiritual. Ele focaliza a sua atenção e o seu interesse no estado espiritual dos efésios. Toda a atitude do apóstolo para com a vida é espiritual, e ele sempre parte do espiritual. Este é um princípio que ignoramos, com risco nosso. Nesta questão ele segue o Senhor nosso, que ensinava: "Buscai primeiro do reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas (outras) coisas vos serão acrescentadas" (Mateus 6:33). Nosso bendito Senhor estava lidando com pessoas que viviam preocupadas com comida, bebida, roupas e outras coisas materiais. O problema com vocês, diz Ele efetivamente, é que vocês estão começando com o material e com o visível; comecem com o invisível, "procurem primeiro o reino de Deus e a sua justiça". É precisamente isso que o apóstolo faz aqui. O que está acima de tudo em sua mente e em seu coração é a condição

espiritual e o bem-estar espiritual destas pessoas.

A segunda característica da oração de Paulo é que é uma oração muito específica. Como digo, não é simplesmente uma oração geral; ele seleciona certas coisas, isola certas particularidades e as apresenta uma por uma em sua oração a Deus em favor dos efésios. A verdadeira oração cristã — a oração no Espírito, a oração em Cristo — não é somente de caráter espiritual, mas também é sempre específica. Pomos à mostra muita verdade a nosso respeito em nossas orações e em nossa maneira de orar. Em última análise, não há melhor indício do estado e condição espiritual de uma pessoa do que as suas orações. Se as suas orações são formais, significa que toda a sua posição é formal. Se está mais preocupado com a beleza da linguagem e da dicção, vocês podem estar certos de que o seu principal interesse é, de novo, por exterioridade. Há liberdade, há espiritualidade na oração? Demonstra-se entendimento do caráter e a natureza essencial da vida cristã? Encaremos isto individualmente com relação a nós. Quando vocês oram a Deus, qual é a sua maior preocupação referente a si próprios? Preocupam-se principalmente com as circunstâncias e ambições — com os seus corpos, os seus quefazeres — ou se preocupam primordialmente com o seu estado e condição espiritual? Que é que recebe maior atenção e mais tempo em suas orações e devoções pessoais? Vocês se preocupam primariamente com toda a questão do seu crescimento e desenvolvimento espiritual, com o seu conhecimento de Deus, com a sua relação com Ele e com o modo como O fruem? É esse o grande interesse? Ou vocês dão prioridade às coisas que pertencem às exterioridades da vida? As orações do apóstolo não são só essencialmente espirituais; são também específicas. Há certos aspectos da prosperidade espiritual dos efésios que o preocupam em particular, e assim ele

os menciona um a um.

Notem que Paulo não faz pouco caso dos problemas envolvidos. A abordagem neotestamentária, a abordagem verdadeiramente cristã dos problemas da vida, nunca os menospreza. Contudo, é característico da psicologia que esta geralmente o faz. Interessada primariamente em fazer-nos felizes, não toma muito cuidado quanto à maneira de conseguir isso. Assim é que ela vem e nos dá uma certeza geral de que tudo estará bem e que o pior nunca acontecerá. Ou poderá examinar a situação da pessoa e dizer que, depois de tudo, a situação não é tão ruim como poderia ter sido. Esse não é, absolutamente, o método do apóstolo, e esse método não se encontra em parte alguma do Novo Testamento. As Escrituras jamais procuram diminuir um problema ou uma dificuldade; fazem exatamente o oposto. O modo terrenal de tentar ajudar-nos quando estamos em dificuldade é dar palmadinhas nas costas e dizer: “Está tudo bem! ” Mas é muito errado dizer que está tudo bem quando não está. Uma sinceridade essencial sempre caracteriza a abordagem bíblica e cristã.

Tampouco o método cristão promete levianamente que o problema ou dificuldade ou

o que quer que seja será afastado logo. Nada é tão característico das Escrituras como o seu realismo. Dou ênfase a isto porque é a chave para compreendermos esta oração. O Novo Testamento diz-nos com muita franqueza e clareza: "No mundo tereis aflições" (João 16:33). Ele não nos promete tempos fáceis. Não constitui um alegre tipo de otimismo. Ele não diz que, uma vez que você se tome cristão, o mundo inteiro mudará; que você andará sobre rosas e nunca mais terá nenhum problema. Ao contrário, estas são as suas afirmações: "Por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus" (Atos 14:22). " A vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele" (Filipenses 1:29). "Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições" (2 Timóteo 3:12). O livro de Apocalipse, igualmente, está repleto de profecias de provações, problemas e tribulações. Nada do Novo Testamento nos leva a pensar que todas as nossas dificuldades serão removidas subitamente e que andaremos dentro de um círculo mágico. Muito ao contrário! Se o Novo Testamento não nos falasse desta maneira realista, não nos ajudaria a enfrentar as situações em que nos acharmos, a sobrepujá-las e a sermos mais que vencedores.

É da essência do método bíblico mostrar-nos que, visto que este mundo é pecaminoso, necessariamente há nele provações, lutas, problemas e tribulações. O cristão não deve ficar surpreso face às condições do mundo, pois o pecado traz tristes conseqüências. São os

filósofos, os psicólogos e os falsos otimistas que devem ficar surpresos, pois eles acreditam que há dentro do homem poder para pôr tudo em ordem neste mundo. Mas o cristão parte deste princípio — que enquanto houver pecado neste mundo, haverá problema. "O caminho dos prevaricadores é áspero" (Provérbios 13:15). "Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz" (Isaías 57: 21). Não têm, não terão e não poderão ter. O pecado, a luxúria que está no peito e no coração humanos, é a causa da guerra, da discórdia e de todos os problemas. Se vocês opinar em que este conceito é muito pessimista, replico que é realista. Não é pessimismo encarar os fatos. O pessimismo vem depois de encaramos os fatos, e principalmente como resultado do modo pelo qual os encararmos. Não é verdadeiro otimismo negar-nos a olhar sinceramente para os fatos, porque o verdadeiro otimismo é sempre e completamente realista. Começa vendo todas as coisas como são, e em sua pior condição, e depois as domina. E aqui o apóstolo não promete nada fácil ou simples. Na vida espiritual não há atalhos.

Notem ademais que Paulo não ora pedindo que apareça um método para combater diretamente estes problemas, dificuldades e situações. Nunca o cristianismo se preocupa primariamente com a destruição dos nossos inimigos, ou com a solução das nossas dificuldades e problemas. Antes, o método do apóstolo consiste em orar no sentido de que, face a face com todas estas coisas, antes o aprisionamento e tudo mais que Deus possa permitir, sejamos "corroborados (ou fortalecidos) com poder

pelo seu Espírito no homem interior", "segundo as riquezas da sua glória". Noutras palavras, o modo cristão de lidar com todos os problemas da vida não é, em primeiro lugar, fazer algo acerca deles, mas sim, tratar das nossas condições espirituais. O método cristão consiste em edificar a nossa resistência em nosso homem interior, pelo Espírito.

Uma ilustração lançará luz sobre o que estou querendo dizer. O ensino bíblico referente à nossa reação aos ataques é análogo ao que sucede na natureza no caso do corpo físico e da doença. É um modo conveniente de estudar este problema em geral. O pecado, o mal, Satanás e todos os poderes que querem derribar-nos, deprimir-nos e destruir-nos, são como doenças resultantes dos ataques de germes, micróbios e viros fortes e poderosos, capazes até de destruir a vida. Estamos sendo atacados constantemente desta maneira, quer estejamos conscientes disso, quer não. Eles estão dentro de nós; há em nossos corpos muitos milhões de germes, alguns dos quais a qualquer instante podem tomar-se letais e destruir-nos. Como o corpo lida com estas coisas? Há no corpo um mecanismo destinado a resistir a tais ataques. É questão de infecção e resistência. Às vezes se faz referência à

resistência como constituição natural do homem; alguns lhe chamam físico. Uns nascem com constituição melhor e mais forte que outros, de modo que quando dois homens são expostos à mesma infecção, enquanto um deles pode cair de cama, o outro não é afetado. Isso porque o último tem melhor resistência. Vocês decerto ouviram falar de alguma criança que foi vacinada, e a vacina não pegou. O médico pode pensar que houve algum engano, de modo que repete a vacinação. Mas esta ainda não pega. Então o médico conclui que a criança tem "imunidade natural." Faz parte da natureza dessa criança, da sua constituição.

Há um mecanismo para a resistência no corpo. Nem sempre a resistência é muito forte; na verdade, pode ser muito fraca. Assim, o que é necessário fazer para enfrentar a infecção é fortalecer a resistência. Há muitas maneiras de fazê-lo. Uma é fazer exercício, sair ao ar livre e encher os pulmões de ar puro e oxigênio. Outro é alimentar-se com o tipo certo de comida. Há, porém, outra linha de abordagem, a saber, tomar remédios de várias espécies e tentar atacar diretamente o inimigo. Esta abordagem não se relaciona com o fortalecimento da resistência; lida de maneira direta com os germes invasores. Outro método possível é operar e remover algum órgão infeccionado.

Ora, o método que está sendo empregado pelo apóstolo é o fortalecer a resistência dos cristãos efésios. Aí estão as circunstâncias, aí está o ataque sofrido, e assim o apóstolo ora rogando a Deus que, "segundo as riquezas da sua glória, os fortaleça com poder no homem interior". Seja qual for o ataque, a resistência pode ser tão fortalecida que eles se farão mais que vencedores. Este é o ensino bíblico essencial quanto a como viver num mundo como este, como perseverar nisso e como ser "mais

que vencedor", a despeito de tudo quanto possa acontecer nesta existência.

Nosso bendito Senhor ensina isto no versículo 1 do capítulo 18 do Evangelho segundo Lucas, onde Ele diz que os homens devem "orar sempre, e nunca desfalecer". Diz Ele que, se não quiserem desfalecer, orem. O que a oração faz é, por assim dizer, encher os pulmões da alma com o oxigênio do Espírito Santo e Seu poder. Se vocês quiserem permanecer de pé sem vacilar, encham-se com a vida de Deus. Orem, e não desfaleçam. Noutras palavras, não devemos perder tempo em ficar pensando nas coisas que tendem a derrotar-nos; devemos fortalecer-nos em nossa "santíssima fé", como nos exorta Judas.

Esta é a única maneira pela qual poderemos vir a saber o que é regozijar-nos na tribulação. Esta é a única maneira pela qual poderemos ser o que o apóstolo intitula "mais que vencedores", apesar de tudo aquilo que nos ataca. Ou, como ele afirma no capítulo 4 da sua Segunda

Epístola aos Coríntios, se vocês desejarem poder dizer, "a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente", deverão poder dizer também, "Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem" (versículos 17 e 18). O mesmo princípio funciona em toda parte, na esfera espiritual. Fortaleçam o homem interior. Fortifiquem a resistência.

O princípio deveria ser óbvio para todos. E, todavia, é tão forte a nossa tendência para deixar de vê-lo, que precisa se repetido e salientado constantemente. Outro modo de expô-lo é dizer: acerte bem o centro, e o restante se ajustará sozinho. Acerte a fonte, e não precisará preocupar-se muito com as tensões e pressões. Geralmente o problema está na fonte, pelo que nós temos que retomar ao início. Há um provérbio que diz: "como (o homem) imaginou na sua alma, assim ele é" (Provérbios 23:7), e isto corresponde perfeitamente à vida. Assim, acerte o homem, acerte o seu pensamento. Não o trate aos pedaços, tratando primeiro deste problema, depois aquele, e simplesmente remendando as coisas; retome ao centro. O que está errado é o pensamento do homem; então conserte o seu pensamento. Ou siga o método expresso pelo homem que escreveu o livro de Provérbios, no capítulo 4, versículo 23: "Guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida". Realmente o coração exerce controle sobre todas as coisas; e aqui, "coração" significa o centro da personalidade, e não apenas a sede das emoções. Acerte isso, e tudo mais se acertará.

O Senhor Jesus expôs negativamente a questão quando disse que não é o que entra no homem que o corrompe, mas, antes, o que sai dele. "Do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios" e todas as coisas desse jaez (Marcos 7:20~23). Noutras palavras, emúltima análise, a nossa conduta não é determinada pelas tentações que nos defrontam nas mas; é o coração do homem que as enfrenta. Dois homens podem enfrentar idênticas

condições; um cai, o outro não. A diferença não está na tentação, e sim no coração do homem. “Do coração...” Devemos, pois, dar atenção ao coração.

Esdras expressa isto de maneira mais lírica. Vê-se que ele entendeu este princípio quando disse: “A alegria do Senhor é a vossa força” (Neemias8:10). Como isto é verdadeiro! Quando você quer forças para fazer o seu trabalho e para enfrentar uma tarefa que o aguarda, a tendência é dar atenção unicamente aos seus músculos. Isso está certo, dentro de limites. Mas não adianta quão apto você esteja fisicamente, se algo lhe corrói a mente. Se tiver alguma preocupação ou ansiedade, não será capaz de realizar o seu trabalho. Você poderá estar cem por cento apto fisicamente, porém, se houver alguma coisa a mortificar o

seu coração, a perturbá-lo e a preocupá-lo, você se sentirá fisicamente fraco. Por outro lado, embora esteja muito fraco no físico, quando de repente lhe sucede algo que o enche de alegria e contentamento, você se sente como um gigante revigorado e vê que tem extraordinário poder. “A alegria do Senhor é a vossa força.” Realmente o coração governa tudo.

O apóstolo enuncia este grande princípio desta forma interessante: “Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior”.

Consideremos ainda o que se quer dizer com “homem interior”. Temos a resposta em 2 Coríntios 4, versículo 16, onde o apóstolo diz: “Ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia”. De novo o apóstolo diz em Romanos, capítulo 7, versículo 22: “Segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus”. Há dois homens nele. Há uma lei em seus membros arrastando-o para debaixo, no entanto ele diz: “Segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus”. Obviamente, este homem interior é o oposto do homem exterior. Todavia, a maioria das pessoas do mundo nunca sabe ou nunca percebe que há diferença entre o homem interior e o homem exterior. E uma das mais profundas descobertas que podemos fazer em nossa experiência cristã. O homem interior é o oposto do corpo e todas as suas faculdades e funções. É este outro homem, separado destes elementos, a parte mais recôndita do nosso ser, a parte espiritual do nosso ser. Inclui o coração, a mente, a alma e o espírito do homem regenerado, do homem que “está em Cristo Jesus”.

O problema fundamental com o não regenerado, com o não cristão, é que lhe falta este homem interior. Ele nada sabe do homem interior, não acredita no homem interior; vive só na parte exterior. Só vive segundo a carne, vida que não passa de vida no corpo e naquilo que se pode chamar a parte física do homem. Não há nada espiritual quanto a ele. Toda a sua vida é limitada por aquilo de que ele tem ciência, isto é, suas sensações por dentro dele e em sua correspondência com o mundo das coisas que se pode ver, ouvir, sentir e apalpar. Essa é a sua única vida, e sua vida

total; está restrita ao corpo, suas faculdades e suas relações com pessoas semelhantes e com as coisas do mundo em que ele se acha. É vida puramente animal.

Essa é a tragédia do homem em pecado, do homem como resultado da Queda. Não tem consciência de que foi criado como um ser espiritual. Não tem consciência de que há algo superior a todos os sentidos do homem. Para ele o homem é, na melhor das hipóteses, um animal racional, um animal que, por acaso, tem faculdades mais

altamente desenvolvidas que os animais inferiores, contudo ainda pertence à mesma ordem dos animais. Seu cérebro tem mais uma dobra que o dos animais, entretanto essa é a única diferença entre ele e o animal. Ele não está ciente de que, em acréscimo à sua natureza animal, há esta outra parte do ser humano, a parte a que Paulo se refere como "o homem interior".

A tragédia final do homem natural é que ele não tem nenhum homem interior no qual refugiar-se nas horas de dificuldade, pressão e provação. Vocês sabem o que quero dizer com "refugir-se no homem interior"? Sabem o que é, quando as suas vidas de homens ou mulheres neste mundo são afligidas pelas coisas que lhes estão acontecendo e vocês ficam a ponto de cair e desfalecer — sabem o que é refugir-se no "homem interior"? Essa é uma das experiências mais abençoadas que podem ter. Ali estava o apóstolo Paulo, velho antes do tempo devido às suas pregações, às suas viagens e às perseguições e provações que sofrerá e suportara, seu corpo em decadência, ainda atribulado por um antigo mal, obviamente um homem muito doente. "O nosso homem exterior vai perecendo", diz ele; mas não se assenta num canto, dizendo: é o fim; tive minhas boas oportunidades, agora devo ceder o lugar a outros, chegou a minha hora; eu bem que poderia virar o rosto para a parede e encarar o fato de que o fim está aí. Absolutamente não! Ao compreender a verdade de tudo quanto está acontecendo com o homem exterior, ele se retira para o homem interior e diz: "o interior, contudo, se renova de dia em dia". À medida que o exterior fenece, o interior se fortalece. À medida que o mundo vai levando embora a vida exterior e inevitavelmente vai se afastando dele, este homem interior vai recebendo novo acervo de poder do céu e da glória. Ele se refugiou no homem interior.

Aquele que não é cristão ignora isso tudo. Pobre sujeito! Depende só das circunstâncias, e é dominado inteiramente por elas. Ele vive unicamente numa esfera, e não sabe absolutamente nada da outra. Por isso ele não goza nenhum conforto, nenhuma consolação, e por isso terá que cair na psicologia, nas drogas e em várias tramóias que ele mesmo faz para si. Corre em busca de prazer, apenas para esquecer os seus problemas pelo momento que passa, e assim por diante. Ele realmente não pode enfrentar a vida porque vive só numa dimensão, e quando esta se vai, tudo se vai. Ele fica deprimido e desconsolado, sente-se infeliz e fica desiludido. Mas quando nos tomamos cristãos e recebemos o dom do novo nascimento e da nova

vida, um novo homem é implantado em nós, uma nova ordem de vida começa, e entramos numa nova esfera, numa esfera espiritual e invisível. Não é o temporal, o físico, o desvanecente, porém é algo que é de Deus. Somos feitos

participantes da natureza divina, uma semente da vida divina é plantada em nós; ela cresce e se desenvolve, e muitas vezes as provações e tribulações estimulam o seu crescimento de maneira sumamente gloriosa.

Devido a este homem interior existente em nós, somos capacitados a obter grandes vitórias sobre o diabo. Ele nos ataca de muitas maneiras, todavia às vezes exagera e comete um engano, e involuntariamente nos faz lembrar a nossa posição em Cristo. Mais comumente ele apenas nos mantém num estado geral de depressão. Ele pode usar as condições do tempo, por exemplo, ou tirar vantagem da nossa constituição particular ou da nossa má circulação. Ele faz que nos sintamos frouxos, sem poder pensar nem fazer coisa alguma, e depois nos desanima com maus pensamentos, e nos leva a desiludir-nos. No entanto, subitamente vemos o caso doutra pessoa que está em condição similar, que se trata claramente de uma investida do diabo; e, ao vermos o que ele faz a essa outra pessoa, de repente nos despertamos para o fato de que realmente é ele que nos está atacando. Assim, o homem interior é revivido até por problemas de fora, e dominamos o diabo e nos tomamos "mais que vencedores".

Vocês têm algum conhecimento sobre "o homem interior"? Sabem que têm um "homem interior"? Há este outro do qual estão cientes e no qual podem refugiar-se? Sabem que, enquanto o homem exterior vai decaindo, arruinando-se e se decompondo, o homem interior vai sendo renovado dia a dia, vai sendo fortalecido, e tem visão de uma glória que é "incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar"? Nosso segredo como cristãos, como no-lo recorda o apóstolo, é que temos um homem interior, e quando esse homem interior é fortalecido pelo Espírito Santo, o que acontece ao nosso redor e ao próprio homem exterior é relativamente sem importância. Oxalá Deus nos dê a segurança da posse do homem interior, do homem espiritual, do novo homem em Cristo Jesus.

“FORTALECIDOS COM PODER

“Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espirito, no homem interior. ” Efésios 3:16

Diz-nos agora o apóstolo que está orando para que o homem interior seja corroborado ou fortalecido com poder pelo Espírito Santo. Devo acentuar que esta oração está sendo elevada a favor dos que já são cristãos. Está orando pelas pessoas que estivera descrevendo nos dois primeiros capítulos, onde dissera algumas coisas muito notáveis, como, “Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus” (1:13-14). Nãosó isso! O apóstolo já elevara uma grande oração por eles no capítulo 1, a saber, “Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação” (17). Mas ainda não estava satisfeito. Ele continua a orar por eles, e os faz sabedores de que, conquanto na prisão e distante deles, ele está se ajoelhando e está orando na presença de Deus, está com os olhos postos no semblante de Deus em favor deles, e está orando para que, no homem interior, fossem fortalecidos com poder pelo Espírito de Deus.

Saliento o fato de que ele eleva esta oração em favor dos cristãos porque a experiência do perdão e da salvação é meramente o princípio da vida cristã. É só o primeiro passo, uma indicação da entrada para o reino de Deus. Desafortunadamente, há muitos cristãos que parem nesse ponto; só se preocupam com a sua proteção e segurança pessoal; seu único interesse é pertencer ao reino de Deus. Seu desejo é saber que os seus pecados estão perdoados, que não vão para o inferno e que podem ter a esperança de ir para o céu. Contudo, assim que passam por esta experiência inicial, parecem descansar nela. Jamais crescem, jamais poderemos perceber alguma diferença neles, se os encontrarmos cinqüenta anos mais tarde. Permanecem onde estavam. Pensam que têm tudo, e neles não há sinal nenhum de desenvolvimento.

Ora, isso está muito longe do que vemos aqui sobre os cristãos. Há

grandes e gloriosas possibilidades para os cristãos. Uma delas é que “Cristo pode habitar pela fé nos vossos corações” e que eles podem vir a conhecer algo do amor de Deus em sua “largura, comprimento, altura e profundidade”; de fato eles podem “ser cheios de toda a plenitude de Deus”.

Não é somente uma possibilidade para todos os cristãos; é dever de todos os cristãos ocuparem esta posição. O grande Charles Haddon Spurgeon, tratando deste assunto, disse um vez: “Na graça há um ponto situado tão acima do cristão comum,

como o cristão comum está acima do mundano". Noutras palavras, há na vida cristã um estágio "situado tão acima do cristão comum, como o cristão comum está acima do mundano". Isso coloca a coisa de maneira impressionante e forte, mas é certa e verdadeira. Todos nós sabemos a diferença de nível entre o não cristão e o cristão. O cristão está num nível mais elevado, num plano mais alto que o do não cristão. Mas Spurgeon nos lembra que na vida cristã pode-se alcançar pontos mais elevados, pontos que se acham tão acima deste nível cristão comum, como o cristão está acima do não cristão. Só temos que aceitar isto, se é que nós cremos que Cristo pode habitar em nossos corações, que podemos conhecer este amor de Deus e de Cristo em todas as suas dimensões, que podemos conhecer este amor de Deus e de Cristo em todas as suas dimensões, que podemos ser cheios de toda a plenitude de Deus. Evidentemente, isto se acha tão acima do nível cristão comum, como este nível está acima do não cristão.

Portanto, a questão que devemos encarar é esta: já alcançamos este nível a que se refere Spurgeon? Correspondemos à descrição que o apóstolo aqui faz daquilo que é possível para o cristão? Cristo habita pela fé em nossos corações? Vemos por dentro este grande "cubo" do eterno amor de Deus? Ficamos pasmos quando examinamos as suas dimensões? Sabemos o que significa ser "cheios de toda a plenitude de Deus"? Conhecemos o Deus que pode fazer por nós tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos? Atingimos esse nível, essa altura? Estamos permanecendo ali? Ou ainda estamos embaixo, no nível cristão comum? Sempre há o perigo de imaginarmos que, porque nos convertemos, podemos repousar sobre os nossos louros, ou de simplesmente nos tomarmos obreiros ativos e ocupados, sempre a correr para a realização das nossas atividades.

Havendo tratado deste assunto, devemos passar para a questão subseqüente. Se achamos que ainda permanecemos neste nível comum, como poderemos chegar ao nível mais elevado? Há unicamente uma resposta para essa pergunta, a resposta dada pela oração do apóstolo. Que sejamos fortalecidos ou "corroborados com poder pelo

seu Espírito (de Deus) no homem interior."

Por que o nosso homem interior precisa ser fortalecido?

A primeira resposta é que, inicialmente, o cristão é apenas um bebê. É dessa maneira que se expressa o Novo Testamento. Paulo, escrevendo aos coríntios, diz: "nos vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos (ou bebês) em Cristo". O bebê mal começou a viver; não se desenvolveu plenamente e precisa ser fortalecido. É fraco, é ignorante, é ingênuo quanto a muitas coisas do mundo que o cerca, e não tem imunidade contra as coisas tendentes a atacá-lo. Isto sempre caracteriza a infância. Daí por que a criança tem que ser protegida pelos pais; é óbvio que ela não sabe nem entende. Julga a todos pelo seu valor aparente, toma o

mundo como ele é, e vê todas as coisas muito superficialmente. Nada sabe da feiúra do mundo e das coisas vis nele existente. Somente quando crescemos é que começamos a compreender estas coisas. Não estou dizendo que o bebê é sem pecado, ou que é inocente. Não concordo com a idéia de Wordsworth, de que entramos neste mundo "arrastando nuvens de glória", e de que mais tarde "as sombras do cárcere começam a fechar-se sobre o menino que cresce". O que estou dizendo é que devido à sua ignorância, a criança não tem consciência dos perigos e, portanto, precisa ser protegida.

A mesma coisa acontece com o novo homem em Cristo Jesus. Por mais idoso que o homem seja quando é convertido, a princípio é um bebê em Cristo. E como bebê ele acha, no início, que tudo está resolvido, que nunca mais terá outra dificuldade. Com muita freqüência os evangelistas são responsáveis por esse modo de pensar; eles lhe dão essa impressão. Em sua total candura o bebê imagina que nunca mais haverá outra nuvem, em toda a sua vida. Mas, infelizmente, as nuvens vêm, surgem as dificuldades, problemas cruzam o seu caminho; e ele fica desnorteado e muitas vezes cai. Pode até vir a ser um apóstata. Em grande parte acontece isto porque ele era um bebê e não estava ciente dos fatos. Assim, o bebê necessita ser fortalecido. Em sua primeira epístola o apóstolo João escreve aos "filhinhos", aos "jovens" e aos "pais", porque há esta gradação na vida cristã, que é um processo de crescimento e de desenvolvimento.

Uma segunda razão da necessidade deste fortalecimento do "homem interior" é a existência do diabo, o adversário, o acusador dos irmãos. Quem quer que não tenha percebido que é confrontado por este poder é o mais rematado neófito na vida cristã. O apóstolo dá ênfase à questão no último capítulo desta Epístola aos Efésios, dizendo: "não temos que lutar contra a carne e o sangue." O problema não é somente

que temos que lutar contra a nossa própria carne e sangue, isto é, contra os nossos corpos. Tampouco é apenas uma luta contra outros homens. O verdadeiro problema, diz Paulo, é a luta "contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". O homem interior precisa ser fortalecido porque este poder não somente é grande em força, como também em sutileza e em astúcia. Este mesmo apóstolo diz aos coríntios que o arqui-inimigo é tão poderoso que é capaz de "transfigurar-se em anjos de luz" (2 Coríntios 11:14). Ele pode citar as Escrituras, pode arrazoar com você, pode expor argumentos e apresentar exemplos, e pode confrontar você com uma aparência da verdade que parece correta e verdadeiramente cristã, porém que é falsa; e pode levá-lo a desviar-se e a cair em armadilhas que o prenderão. Não existe razão mais forte para a necessidade de fortalecimento com poder pelo Espírito no homem interior, do que a realidade do diabo.

Sempre o diabo faz deste homem interior um alvo especial. Muitas vezes tive que

lidar com pessoas que estavam com problemas e dificuldades em sua vida espiritual simplesmente porque não se haviam dado conta da existência e da astúcia do diabo. Pareciam pensar que os únicos pecados eram os da carne. Mantinham-se cautelosas e vigilantes contra estes, e tinham chegado a um ponto em que eram relativamente livres. Por isso achavam que essa era a única linha em que o diabo ataca, e não tinham consciência de que, com grande sutileza e como anjo de luz, ele pode fazer ataques diretos ao homem interior, e ali insinuar os seus pensamentos e idéias malignos, as suas induções e sugestões. Inconscientes disto, aquelas pessoas de repente se viram infelizes e em condição miserável, e se perguntavam se alguma vez foram cristãs. Isto era totalmente devido ao fato de que o diabo, em sua sutileza, tinha deixado por completo o exterior e concentrara toda a sua atenção no homem interior. Daí a exortação presente no Velho Testamento: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida" (Provérbios 4:23).

Uma terceira razão pela qual necessitamos do fortalecimento do homem interior é a própria grandeza daquilo que nos é oferecido, e que é possível para nós. Esta possibilidade é "que Cristo pode habitar pela fé em nossos corações", e que podemos conhecer o amor de Deus e podemos "ser cheios de toda a plenitude de Deus". A própria grandeza daquilo que nos é oferecido exige que sejamos fortalecidos para recebê-lo, para não suceder que sejamos destruídos por aquilo. Este é um ponto sumamente importante, e um ponto que com freqüência é mal compreendido; muitos cristãos não avaliam a sua significação.

Uma ilustração do que considero um completo fracasso em compre-

ender o ponto ocorre nalgumas palavras escritas pelo piedoso bispo Handley Moule. Ele escreve: "E por que precisamos de um supremo revestimento de poder tão-somente para recebermos a nossa vida, a nossa luz?" Acha ele que é estranho dizer que precisamos ser fortalecidos para recebermos Jesus Cristo, que é a nossa vida e a nossa luz. Ele indaga: "O errante faminto precisa de forças para comer o alimento sem o qual ele logo sucumbirá? O marinheiro desorientado precisa de forças para receber o piloto que, só ele, pode conduzi-lo ao porto desejado? Não!" A pura e simples idéia, opina ele, parece inteiramente ridícula. Contudo, em minha opinião, isto soa completamente errado. Paulo ora no sentido de que sejamos fortalecidos com poder pelo Espírito de Deus no homem interior, para recebermos Cristo. Mas, diz o bom bispo, Cristo é a nossa força. De que modo precisamos de forças a fim de recebermos forças? Depois de apresentar as suas duas ilustrações, ele prossegue dizendo que Paulo deve estar referindo a uma tendência que há dentro de nós de espantar-nos com a idéia da "absoluta habitação" de Cristo em nossos corações e de ficarmos com medo disso, e de indagarmos o que isso poderia fazer-nos. Embora haja um elemento de verdade nessa declaração, rejeito-a como exposição deste versículo em particular. Diz o bispo que precisamos ser fortalecidos pelo

Espírito porque, deixados entregues a nós mesmos, temos medo de receber Cristo em Sua plenitude.

Há uma bem definida falha no argumento do bispo Moule, e uma falha precisamente em função das suas próprias ilustrações. Ele pergunta se o homem que ficou muito tempo sem alimento precisa de forças para tomar o alimento que lhe vai dar forças. Diz ele: "Não"! Aventuro-me a sugerir, com grande respeito, que a resposta pode ser: "Sim! " Deixem-me explicar. Provavelmente alguns de nós leram sobre homens que, durante a última guerra, foram torpedeados e passaram muitos dias em jangadas ou barcos no oceano; ou sobre homens que estiveram em campos de concentração onde chegaram ao cúmulo da desnutrição. Finalmente estes homens foram resgatados ou postos em liberdade. A tendência geral da gente seria fazê-los sentar-se a uma mesa e servir-lhes uma tremenda refeição. Entretanto isto bem poderia matá-los. A explicação é que o homem não está bastante forte para comer essa comida. Antes de estar em condições de consumir uma refeição pesada, terá que recuperar as forças. Para isso é preciso injetar glicose em suas veias, em seu sangue; pode-se dar-lhe diversos extratos de alimentos, ou um ovo ligeiramente cozido, que contém poucos elementos nutritivos. No início é preciso submetê-lo a um regime alimentar muito suave. Um homem enfraquecido e exausto simplesmente não pode comer alimento forte; é perigoso para ele. Portanto, eu

afirmo que, nos termos da própria argumentação do bispo, sua causa está completamente errada. Certamente perde de vista a intenção espiritual da oração do apóstolo neste ponto que, em minha opinião, é que aquilo que vamos receber é tão poderoso, tão vigoroso, tão forte, que precisamos ser fortalecidos para podermos recebê-lo.

Permitam-me dar respaldo ao meu argumento referindo-me ao que Paulo escreveu ao coríntios: "Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tão pouco ainda agora podeis" (1 Coríntios 3:2). Correspondentemente, o autor da Epístola aos Hebreus escreve: "O mantimento sólido é para os perfeitos" (ou "maduros") (5:14), quer dizer, para os que cresceram e se desenvolveram. Se você der a um bebê carne ou comida pesada, isso vai lhe dar indigestão aguda e vai causar-lhe grande mal-estar e moléstia. Não se dá comida pesada a bebês; o que se lhes dá é leite. Alimento pesado só é próprio para aqueles cujos organismos foram exercitados pelo uso, que se desenvolveram, que são bastante fortes para o assimilar. Na verdade o apóstolo Paulo dissera a mesma coisa aos coríntios na primeira Epístola, capítulo 2, versículo 6: "Todavia, falamos sabedoria entre os perfeitos". Ele não lhes tinha ensinado "sabedoria" porque ainda eram carnais, eram, de fato, simples bebês na graça. Ele lhes havia dado o alimento apropriado para eles. Antes de poderem receber "sabedoria" precisavam ser fortalecidos.

Isso tudo é plenamente consubstanciado pelo que vemos nas experiências de muitos

santos de Deus. Há uma bem conhecida história de uma experiência pela qual passou D. L. Moody quando caminhava pela Wall Street em Nova York uma tarde. Subitamente lhe sobreveio o Espírito Santo; foi batizado com o Espírito Santo. Diz-nos ele que a experiência foi tão tremenda, tão gloriosa, que ele ficou em dúvida se poderia agüentá-la, num sentido físico; tanto assim que ele clamou a Deus que segurasse a sua mão, para que ele não caísse na rua. Foi assim por causa da glória transcendental da experiência. Quando Cristo entra no coração a glória é tal, que a própria estrutura parece desmoronar-se sob o seu impacto, e somos levados a tremer e a estremecer. Pode-se ver a mesma coisa nas experiências de homens como Jonathan Edwards e David Brainerd. Quando Cristo vem habitar pela fé no coração, e quando somos cheios de toda a plenitude de Deus, precisamos ser fortes. Éuma experiência lancinante e irresistível. Assim o apóstolo ora no sentido de que estes efésios sejam fortalecidos com poder no homem interior. Quanto maior o poder, maior será a força necessária para contê-lo.

Então, como se mostra esta fraqueza do homem interior? Primeira-

mente, a mente precisa ser fortalecida num sentido espiritual. Isto porque somos assaltados por dúvidas. Alguns dos maiores santos relataram que foram assaltados até o fim das suas vidas por dúvidas. Eles não davam crédito às dúvidas, mas estas se apresentavam a eles e os perturbavam por algum tempo. Depois vem o problema da depressão. É muito difícil definir a depressão. Você pode despertar de manhã e ver-se com a mente num estado de depressão. A mente que pode ter estado funcionando perfeitamente ontem, não parece estar funcionando bem hoje. Sentimos uma espécie de entorpecimento, lentidão e incapacidade para pensar com clareza. Parece que a mente precisa ser fortalecida. Ou podemos ser perturbados por maus pensamentos que invadem a mente. Parece que estes estão sendo lançados em nós. Mais adiante, no capítulo 6, Paulo fala dos "dardos inflamados do maligno". O diabo os arremessa na mente. Eles começam quando você acorda de manhã, antes de ter tempo para pensar. Assim a mente precisa ser fortalecida. Outro problema é o de pensamentos dispersos. Todos nós temos experiência disto. Você vê que pode ler uma literatura leve ou um jornal sem dificuldade, no concernente à concentração. No entanto, quando procura ler a Bíblia, a sua mente parece vagar por todas as direções e você não consegue concentrar-se. Está olhando para as palavras, está lendo os versículos, mas a sua mente parece estar noutro lugar.

Também precisamos ser fortalecidos na mente por causa da natureza da verdade cristã. Embora o evangelho do Senhor Jesus Cristo seja, num sentido, gloriosamente simples, é igualmente verdadeiro que ele é a verdade mais profunda do mundo. Esta Epístola aos Efésios não é simples. Vocês não poderão compreendê-la de maneira casual e sem esforço. Não podem passar por ela a galope. Há nela uma verdade profunda, e uma sutil argumentação. Há "imensidões e infinidades", para citar Thomas Carlyle. Vocês não podem tomar estas coisas "às carreiras". Os

nascidos de novo, os cristãos, quando lêem esta Epístola bem podem dizer: "não a compreendo". Assim a mente precisa ser fortalecida. O propósito quanto a nós é que apreendamos a verdade; e não podemos apreendê-la e compreender o que ela significa e o que ela nos está dizendo, a não ser que as nossas mentes sejam fortalecidas.

Lamentavelmente existem muitos cristãos que não sabem disto, e absolutamente não o compreendem. Não só não o sabem; não querem sabê-lo. É desse tipo o cristão que diz: "Sou um cristão simples, um homem comum; posso testificar, posso dar o meu testemunho. Posso realizar obra prática. Todavia estas outras coisas são difíceis demais para mim; não consigo ligar-me a elas. Doutrina e teologia não me interessam; creio no evangelho simples". Mas nenhum cristão tem

direito de falar dessa maneira. Se vocês não fazem nenhum esforço para entender esta Epístola aos Efésios, ou todos os outros ensinamentos profundos do Novo Testamento, culpa de pecado pesa sobre vocês. Esta Epístola foi escrita para cristãos comuns. O propósito é que todos nós entendamos estas coisas; e não temos nenhum direito de reduzir as nossas responsabilidades e dizer que queremos uma mensagem simples, um evangelho comum. Dizer um cristão que ele não pode perder tempo, que fazer isso requer muito esforço, que sua mente está cansada, que ele tem muitas ocupações e muitos problemas na vida diária, que não tem inclinação para ser leitor ou pensador — é negar as Escrituras. O apóstolo ora no sentido de que as mentes destes efésios sejam fortalecidas para que venham a compreender estas possibilidades mais elevadas da vida cristã, e venham a experimentá-las, a regozijar-se nelas e a dar vigoroso testemunho e demonstração da glória de Deus. A letargia intelectual é, sem dúvida, o maior pecado de muitos cristãos hoje em dia. Jamais crescem no conhecimento; terminam onde começaram. Estão sempre falando das primeiras experiências que tiveram, porém nunca adentraram estas riquezas a que Paulo se refere; jamais escalaram os picos das montanhas, e jamais respiraram o ar puro da santa verdade de Deus. Estão contentes com o nível comum; ignoram o ensino mais avançado porque este exige esforço intelectual.

Exatamente da mesma maneira o coração precisa ser fortalecido porque somos invadidos por temores e imaginações. Somos sujeitos ao desânimo. Temos a tendência de render-nos a maus pressentimentos. Mesmo quando tudo vai bem conosco, os nossos corações começam a dizer: "Ah, vai tudo bem por ora, mas nunca se sabe o que está para vir! E de imediato ficamos deprimidos. Já não experimentamos isso, todos nós? Quão traiçoeiro pode ser o coração! Ele pode evocar possibilidades; e vamos encontrá-las na imaginação: que será, se acontecer isto? Que será, se acontecer aquilo? Que será, se esta criança morrer? Que será, se eu perder o ser amado? — e assim por diante. Dessa maneira podemos fazer-nos sentir em miseráveis condições. De fato não está acontecendo nada; só estamos imaginando como nos sentiríamos se acontecesse. Assim, muitas vezes estes temores,

presságios, desânimo e más imaginações arruinam o cristão. Há alguns cristãos cuja carreira se resume em estar "preso a superficialidade e aflições" porque nunca se aperceberam da necessidade de terem o seu coração fortalecido pelo Espírito Santo.

De igual modo a vontade precisa ser fortalecida. Nossas vontades são fracas e irresolutas, como resultado do pecado e da Queda. Com sinceridade resolvemos e fazemos o propósito de fazer certas coisas; e realmente desejamos fazê-las. Então, no último instante, ficamos com

medo ou desistimos. Por causa de indagações como esta: que será ou que acontecerá se eu o fizer? A vontade parece ficar paralisada ou tornar-se irresoluta, e deixamos de fazer aquilo que sabemos que devíamos fazer. Quantas vezes falhamos exatamente no último instante!

Assim que começarem a olhar para este homem interior, e a examiná-lo, verão que ele é muito fraco, muito débil, e que necessita ser fortalecido. Não fora o fato de que podemos fazer a nosso favor a oração que Paulo estava fazendo pelos efésios, cada um de nós vacilaria e fracassaria. Quantas vezes vacilamos e fracassamos em nossa mente, em nosso coração ou em nossa vontade! Se fôssemos deixados entregues a nós mesmos, não haveria esperança para nós, e não haveria ninguém para recomendar o evangelho. Graças a Deus, porém, há este meio pelo qual podemos ser fortalecidos. O apóstolo o estabelece perfeitamente para nós aqui. Assim é que, por mais fraco ou frágil que vocês se sintam neste momento, por muito que tenham falhado, este é o meio. A oração do apóstolo é para que "o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome" os fortaleça no homem interior. Não podemos, então, dizer: tudo está bem; posso ser revigorado por Deus? Não posso fazer-me forte: não posso introduzir este ferro nas muralhas da minha alma; faça o que fizer, fracassarei. Mas eis aí a força que vem de Deus. Ele é totalmente suficiente!

A expressão subseqüente diz: "vos *conceda"'.* Que bendita palavra é a palavra "conceda"! Deus me faz uma concessão; Ele me dá este meio. É uma dádiva gratuita; você não precisa conquistá-1 a, não precisa comprá-la. Simplesmente a pede e a recebe. "Para que vos conceda..." O mais fraco santo pode elevar o rosto, mesmo quando não possa manter-se de pé. Simplesmente olha e diz — "Senhor, tem misericórdia de mim", "Fortalece-me, ó Deus". E Ele lhe "concederá" a força de que necessita.

Mais maravilhoso ainda, porém, Paulo diz: "para que vos conceda *segundo as riquezas da sua glória* ". A glória de Deus é a suma, a soma total de todos os atributos de Deus — Seu poder, Sua majestade, Sua santidade, Sua pureza, Sua retidão, Sua justiça; Deus na totalidade do Seu ser. A glória de Deus! E é segundo as riquezas, a plenitude dessa glória, que Deus pode fortalecer-nos com poder. Ele o faz "pelo seu Espírito". É função especial do Espírito Santo fazê-lo. Foi o

mesmo Espírito Santo que nos convenceu do pecado e que nos deu o dom da fé que nos capacitou a crer. Jamais poderíamos crer sem Ele, porque "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem

espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Deus, porém, nos deu do Seu Espírito, e é pelo Espírito que nós cremos e é por Ele que somos transformados em homens espirituais. O mesmo Espírito também pode fortalecer-nos no homem interior. Diz o apóstolo no capítulo 4 da Epístola aos Filipenses: "Não estejais inquietos, por coisa alguma". Quando as coisas vão mal, tendemos a ficar inquietos, e principalmente em nossos corações e mentes. Há só um meio de livrar-nos da inquietação ou ansiedade: "as nossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças"(versículo 6 a 7). Se você fizer isso, diz Paulo, "a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus". As circunstâncias não mudaram, continuam exatamente como eram. Donde vem, então, a paz ao coração e à mente? Vem do Espírito Santo, que fortaleceu o seu coração e a sua mente, de modo que pode resistir a tudo quanto se lance contra você; e você está a salvo.

Assim é, pois, a oração que o apóstolo faz. Estamos vivendo dias em que constantemente ouvimos falar do reforço de materiais. Reforçam o concreto, e temos o concreto armado. O concreto é muito forte, mas, se puser algum ferro nele, ficará mais forte. E quando se constroem novos e pesados edifícios, alguma coisa é necessária para agüentar com segurança o peso que terão que suportar. Esse é o princípio que está por trás daquilo que o apóstolo diz aqui. Se eu e vocês havemos de conter o Senhor Jesus Cristo dentro de nós e se havemos de ser "cheios de toda a plenitude de Deus", temos que ser reforçados no homem interior pelo Espírito Santo, E se compreendermos que há estas possibilidades para nós, e as desejarmos, e pedirmos a Deus que "segundo as riquezas da sua glória" nos reforce pelo Espírito Santo, Ele prometeu fazê-lo, e Cristo habitará pela fé em nossos corações.

Estamos nós tão acima do nível do cristão comum como o cristão comum está acima do nível do homem que não é sequer cristão? Ser alguém assim é uma extraordinária, uma gloriosa possibilidade para cada um de nós neste momento, em Jesus Cristo, pela graça de Deus.

CRISTO NO CORAÇÃO

"Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações." Efésios 3:17

Aqui estamos diante da maior de todas as altitudes da vida cristã e do que nos é possível como novo cristão. Portanto, este não é um trecho fácil das Escrituras. Mas não existe nada que seja mais glorioso. Os montanhistas contam-nos que, quanto mais alto se chega, mais difícil é escalar; e, todavia, é cada vez mais gratificante e maravilhoso. A mesma coisa aplica-se às Escrituras. E certamente aqui nos achamos deveras no pico culminante da experiência cristã.

Pois bem, tomemos a lembrar-nos de que isto é algo destinado a todos os cristãos. O apóstolo escreve para todos os membros da igreja de Éfeso e, obviamente, queria que eles compreendessem isso; na verdade ele pressupõe que serão capazes de compreendê-lo. Digo isso porque há muitos cristãos hoje que não procuram entender nada que seja difícil. Mas isso é ignorar deliberadamente o claro ensino de que se espera que cresçamos "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 3:18). Como o apóstolo diz no capítulo seguinte, não devemos ser crianças, não devemos permanecer crianças, deixando-nos levar "em roda por todo o vento de doutrina". E estas palavras, jamais nos esqueçamos, foram escritas a pessoa que provavelmente eram escravas, que não tinham recebido nenhuma instrução escolar e que não tinham nenhuma das vantagens que nós desfrutamos. Assim, para usar a linguagem de Pedro, devemos "cingir os lombos do nosso entendimento" (1:13). Temos que esforçar-nos para entrar nesta atmosfera rarefeita. Precisamos mover-nos com precisão e com toda a nossa capacidade e poder. Mas acima de tudo devemos prestar atenção nas petições do apóstolo.

A primeira petição, como vimos, é para que sejamos "fortalecidos com poder pelo Espírito de Deus no homem interior". Quando formos fortalecidos "segundo as riquezas da glória de Deus" pelo Espírito Santo, seremos capazes de subir e chegar a esta grande altitude. Podemos testar-nos neste ponto fazendo a nós mesmos uma pergunta simples — estou olhando para frente e para o alto? Fico em comovida expectação quando considero estas ardorosas frases colocadas diante

de nós pelo apóstolo?

Passamos agora à petição, "para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". Tem havido muita discussão sobre como se deve tomar esta petição e as duas anteriores (ver vss. 14-16). Dizem a mesma coisa de maneira diferente, ou o apóstolo estaria colocando primeiro a petição sobre "serem fortalecidos" por ser uma essencial preliminar a esta petição posterior? Eu pessoalmente não duvido que esta última possibilidade é a correta, embora haja um sentido em que é igualmente certo dizer que estas coisas sempre se fundem mais ou menos e não podem ser

dividas em nenhum sentido terminante. O apóstolo as coloca nesta ordem — o fortalecimento primeiro e, depois, "para que Cristo habite pela fé nos vossos corações".

Ao abordarmos esta estonteante declaração — e devemos andar, como sugeri, com cautela, com cuidado, e circunspectos — é essencial que nos lembremos uma vez mais de que esta oração é feita em favor de crentes. Dou ênfase à questão porque se tomou corrente uma frase relacionada com a evangelização, que tem causado confusão com respeito a este versículo particular. Ao relatarem sua experiência e falarem da sua conversão as pessoas muitas vezes dizem: "Já faz muitos anos que eu recebi Cristo no meu coração". Com freqüência os evangelistas comunicam a sua mensagem desse modo e perguntam às pessoas se querem receber Cristo em seus corações. Mas esta expressão não é bíblica e pode levar a um entendimento errôneo, particularmente quando nos defrontamos com uma frase como a que estamos estudando agora. É por esta razão que lhes faço lembrar que o apóstolo está fazendo esta oração por pessoas que já são crentes. Elas outrora estavam longe, porém foram trazidas para perto, pelo sangue de Cristo. Já são crentes, já estão unidas a Cristo, sua Cabeça, já são membros do Seu corpo, que é a Igreja. Estes crentes estão "nEle", e Ele está neles.

Noutras palavras, o apóstolo não está orando com o fim de que estas pessoas se tomem cristãs; está orando com o fim de que Cristo habite pela fé nos seus corações, conquanto Ele já esteja presente. Paulo não está orando pela conversão delas, ou pela sua salvação, ou pela sua justificação. Tudo isso é tomado como líquido e certo; já se realizou. Para tirar qualquer possível dúvida ou confusão concernente a isto, lembremo-nos de novo da exposição do apóstolo na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 13, versículo 5: "não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados". Diz ele que sermos crentes, sermos cristãos, significa que Jesus Cristo está em nós. Ninguém pode ser cristão se Cristo, nalgum sentido, não estiver nele. Igualmente há a declaração registrada em Romanos, capítulo 8, versículo 9: "se alguém não tem o Espírito de

Cristo, esse tal não é dele". Isso era verdade quanto a estes efésios; eles já são cristãos. De fato é porque eles são cristãos que ele vai adiante e faz esta oração por eles, para que Cristo habite pela fé nos seus corações.

Qual é, pois, a diferença entre esta condição e a condição normal, a condição invariável de todos quantos são cristãos verdadeiros? A resposta deve achar-se primariamente na palavra "habitar". No grego é uma palavra composta que, basicamente, significa "viver numa casa". Mas quando é acrescentado o prefixo que significa "abaixo", a palavra passa a significar "instalar-se e estar em casa". O apóstolo decide deliberadamente utilizar esta palavra para salientar a idéia de fazer morada em você, de instalar-se, de fazer seu lar permanente, em distinção de uma

simples visita ou de estar num lugar, num sentido geral.

Lança luz sobre esta concepção o que lemos no capítulo três do livro de Apocalipse, na mensagem à igreja de Laodicéia, principalmente no versículo 20.0 Senhor ressurreto diz: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo”. Às vezes penso que não há nenhuma declaração das Escrituras mais freqüentemente mal compreendida, mais mal empregada e mais objeto de abuso do que essa declaração em particular. Quase invariavelmente é tomada num sentido evangelístico. Cristo é retratado como de pé, do lado de fora da porta fechada do coração humano, e implorando ao pecador que O deixe entrar e que O receba em seu coração. Mas essa é uma interpretação completamente falsa de Apocalipse 3:20. A carta aos laodicenses é, naturalmente, uma carta dirigida a uma igreja; é “o que o Espírito diz às igrejas”. Suas palavras não são dirigidas a incrédulos, e sim a cristãos que estão dentro da Igreja Cristã. Todo o conteúdo dos capítulos 2 e 3 do livro de Apocalipse, devemos lembrar, é dirigido a cristãos, a crentes, a pessoas que já criam no Senhor Jesus Cristo e que estão unidos a Cristo, que estão nEle, e Ele nelas. E ainda a mensagem do bater à porta trancada é dirigida a essas pessoas, em particular à igreja do laodicenses. Eles eram cristãos; mas estavam em más condições, “nem frios, nem quentes”; achavam que eram ricos e que tinham tudo; no entanto, na realidade eram pobres e estavam nus, cegos e vazios. É a tal espécie de cristãos que o nosso Senhor diz: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo”.

Então, essas palavras são dirigidas a cristãos que têm vida espiritual, porém que se acham em condições de muita pobreza e imaturidade. Há um sentido em que eles conhecem o Senhor Jesus Cristo, mas num

sentido mais profundo não O conhecem. Estão num relacionamento com Ele, mas não são dominados por Ele. Certamente estão numa posição em que se comunicam com Ele; todavia Ele não está no centro das suas vidas. Ele não está realmente nos corações deles, Ele não está “habitando” ali, Ele não “se instalou” ali, ele não “fez ali Sua habitação”.

A carta à igreja dos laodicenses nos fornece uma chave para entendermos a petição que está sendo elevada pelo apóstolo Paulo em favor dos efésios. Ele dá graças a Deus por tudo quanto lhes acontecera; mas deseja ansiosamente que eles percebam o que ainda lhes é possível, e especialmente esta ulterior intimidade pessoal com o Senhor Jesus Cristo. Isto não poderá acontecer, enquanto não forem fortalecidos. Temos que ser preparados para isto, como um lar tem que ser preparado para algum grande e importante hóspede. Como já lhes dissera, o cristão foi feito para ser, e é para ser “morada de Deus em Espírito” (ou “mediante o Espírito,” 2:22), e individualmente os cristãos devem ser moradas para Cristo

mediante o Espírito. Isto ainda não acontecera com os cristãos efésios, entretanto Paulo deseja que aconteça.

O apóstolo anseia que isto aconteça com eles porque ele mesmo sabia exatamente o que significa experimentá-lo. Este é o homem capaz de dizer, escrevendo aos gálatas: "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim" (2:20). Ele estava numa posição em que podia dizer, sem dúvida ou hesitação: "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim". Assim ele ora no sentido de que os efésios tenham e gozem uma experiência semelhante.

Também podemos examinar a petição de Paulo em termos de uma passagem do capítulo 14 do Evangelho segundo João. Nosso Senhor, às vésperas da Sua crucificação, volta-se para estes homens que se sentem tão mal, infelizes e de crista caída, e diz: "Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (versículo 27). Diz Ele que num sentido vai deixá-los, mas noutro sentido, virá a eles. Depois Ele apresenta a verdade concernente ao Espírito Santo e à Sua vinda, e lhes diz que, resultante da vinda do Espírito, Ele próprio voltará para eles, para "habitar" e "fazer Sua habitação" neles. Diz Ele mais: "Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós" (14:20). Não tinham esse conhecimento naquela ocasião; por isso Ele diz: "Naquele dia" conhecereis.

Quando o Senhor lhes estava falando, eles já eram cristão, pelo que continua a dizer-lhes: "Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado" (15:3). Ele diferencia também entre eles e o mundo no capítulo 17, quando diz: "Eu rogo por eles: não rogo pelo mundo..." (versículo

9). São cristãos; porém não se dão conta de que eles estão nEle e de que Ele está neles. Ou veja o versículo 21 nesse mesmo capítulo 14 do Evangelho segundo João. O Senhor está falando acerca do cristão a quem o Espírito terá vindo e que está guardando os Seus mandamentos. Diz Ele: "eu o amarei e me manifestarei a ele". Ele acentua que não se manifestará desse modo ao mundo, mas unicamente a quem já é cristão. Isto não pode referir-se à revelação geral que temos nas Escrituras porque os discípulos já criam nela. A referência aqui é a algo mais, como fica ainda mais claro quando o Senhor continua, no versículo 23, a dizer, falando de Si mesmo ao Pai: "viremos para ele, e faremos nele morada". A palavra "morar" ou "habitar" é característica do Evangelho segundo João. Ela transmite esta mesma idéia de "instalar-se", de "estabelecer residência permanente" — não de estar presente ocasionalmente, mas de estar ali permanentemente.

Está bem claro que isso é algo que está muitíssimo além do simples crer; muitíssimo além da justificação; muitíssimo além da salvação no sentido da experiência do perdão dos pecados. Bem podemos referir-nos de novo, nesta altura, às palavras de Spurgeon sobre a existência de um ponto na experiência do cristão que se acha tão

acima da experiência do cristão comum como a experiência do cristão comum está acima do não cristão. Então, em favor do quê o apóstolo está realmente orando aqui? Devemos examinar outra palavra, antes de responder a pergunta. A palavra "habitar" realmente diz tudo, no entanto o apóstolo a sublinha, por assim dizer, orando "para que Cristo habite pela fé nos vossos *corações.* " Nas Escrituras a palavra "coração" geralmente significa o próprio centro da personalidade. Não é apenas a sede das afeições; inclui igualmente a mente, o entendimento e a vontade. É, portanto, a verdadeira cidadela da alma. Assim, o que o apóstolo deseja para os efésios é que Cristo habite em suas mentes; não somente nos seus intelectos, mas também no centro mesmo das suas personalidades. Cristo já estava nas mente deles, pois eles já tinham crido; contudo há uma grande diferença entre ser crente em Cristo e ter Cristo morando no coração. Essa é a distinção que Paulo está traçando com nitidez aqui, no caso dos cristãos efésios.

É vitalmente importante que apliquemos isto a nós. Crer no Senhor Jesus Cristo não é o fim do cristianismo; é apenas o começo. Crer na verdade acerca da Sua pessoa e acerca da Sua obra é absolutamente essencial e, se nós não subscrevemos estas verdades, simplesmente não somos cristãos. Ninguém pode ser cristão se não crê no Senhor Jesus Cristo nesse sentido. Mas não é isso que o apóstolo tem em mente aqui. Você pode ter Cristo em sua mente e em seu intelecto, e ainda não ser

capaz de dizer: "vivo, não mais eu...". O desejo de Paulo é que Cristo habite igualmente em suas afeições, que Cristo habite em sua vontade, que Cristo seja o fator dominante na totalidade da vida deles, exercendo o controle sobre ela e dirigindo-a. Cristo deve ser o próprio coração deles, deve estar no verdadeiro centro das suas vidas.

É então aqui que nós penetramos naquela atmosfera rarefeita a que me referi. Se Cristo está no seu coração, significa que Cristo Se manifestou a você. E quando Cristo Se manifesta a nós, não é apenas uma figura de linguagem; é real, é fatual. É tão definido que não deixa nenhuma dúvida a respeito. Quando você lê as experiências de alguns santos do passado, você vê que eles tiveram todo o cuidado de traçar esta distinção. Dizem eles que houve uma ocasião em que passaram a crer em Cristo, quando tiveram a certeza de que os seus pecados foram perdoados. Sabiam que estavam relacionados com Ele, que estavam nEle e que tinham encontrado paz e descanso para as suas almas. Dizem eles também que, por algum tempo, às vezes por anos, pensavam que isso era todo o cristianismo. Não obstante, depois começaram a descobrir que havia algo mais vasto e maior, que jamais tinham conhecido. Encontraram a promessa do Senhor expressa nas palavras: "eu me manifestarei a ele" (João 14:21), e começaram a perguntar-se se Cristo Se manifestara a eles. Não estavam certos do sentido disso. Eles criam nEle e estavam cientes da Sua influência geral sobre eles; mas esta declaração de que Ele Se manifestaria aos Seus pareceu-lhes uma declaração deveras específica. Então

começaram a dar-se conta de que nunca tinham conhecido essa manifestação.

Quando Cristo Se manifesta a nós, Ele Se toma real para nós como pessoa. Chegamos a conhecê-lO num sentido pessoal. Noutras palavras, tal experiência é o cumprimento de tudo que o Senhor promete no capítulo 14 do Evangelho segundo João. Permita-me fazer-lhe uma pergunta pessoal: você conhece de fato o Senhor Jesus Cristo pessoalmente? Você O conhece como pessoa? Como pessoa Ele é real para você? Ele Se manifestou a você nesse sentido? É evidente que isso tinha acontecido com o apóstolo Paulo. Não somente O vira de fato na estrada de Damasco, não somente tivera uma visão no templo mais tarde; em acréscimo a isso, e acima disso, diz ele, escrevendo aos gálatas: "aprouve a Deus revelar seu Filho em mim" (1:15 -16). Ele diz "em mim", não "a mim". Éuma manifestação interna do Filho de Deus na qual Ele Se faz tão real para nós como qualquer outra pessoa, e até mais. Neste ponto não posso fazer melhor que citar uns versos que Hudson Taylor costumava usar como oração por si mesmo todo dia de sua vida:

Ó Senhor, faze-Te para mim uma fulgente e viva realidade, mais presente à visão da fé vibrante do que qualquer objetivo exposto à vista mais caro e mais intimamente próximo que o laço terrenal mais doce e amado.

Esse é o objetivo da súplica do apóstolo em favor dos efésios. Ele parece dizer: sei que vocês são cristãos, sei que há um sentido em que Cristo está em vocês, pois não poderiam ser cristãos sem estarem unidos a Ele como sua Cabeça, sei que vocês estão nEle e que Ele está em vocês; mas, além disso, vocês O conhecem? Cristo ocupa o centro de suas vidas? E Ele de fato real para vocês, e conhecido por vocês? Ou é Ele alguém que estava vagamente à distância, alguém de quem vocês se aproximam somente em termos de crença? Ele Se manifestou realmente a vocês?

Há mais um elemento na declaração de Paulo que dá maior segurança a esta exposição. O tempo do verbo que ele emprega em conexão com o "habitar" é o aoristo, que traz o sentido de algo que acontece uma vez e para sempre. Aqui, pois, ele está orando por uma bênção específica, e não por uma bênção geral para os efésios, bênção que leva a pessoa a dizer: "Até este momento eu não conhecia de fato a Cristo pessoalmente, mas agora Ele Se manifestou a mim e eu O conheço. Ele Se tomou real e vivo para mim. Este é um momento sublime da minha vida". Não é uma questão de visões ou de transes, mas de um conhecimento espiritual de Cristo. O Espírito Santo O traz a nós, e mediante o Espírito Ele Se manifesta de modo que Se toma real, vivo e verdadeiro para nós. Em seu grande hino, J. Caspar Lavater ora rogando esta mesma bênção quando pede: "Ó Jesus Cristo, cresce Tu em mim, E todas as outras coisas se afastarão". Num poema posterior ele ora no sentido de que Jesus Cristo Se tome mais real, mais amado, a paixão da sua alma. Isto só passa a ser uma realidade quando se tem este conhecimento pessoal do Senhor Jesus Cristo.

Isto, por sua vez, leva a um consciente sentimento de comunhão com o Senhor e leva

a pessoa a desfrutá-la. Sabemos o que é desfrutar consciente comunhão com o Senhor Jesus Cristo? Falemos disto com clareza; você pode ser cristão sem isto. Graças a Deus por isso! Você pode ser cristão sem gozar consciente comunhão com Cristo. Você pode estar na posição na qual descansa no Senhor, descansa na obra perfeita que Ele realizou em seu favor, e pode mesmo orar a Ele e, todavia, não ter comunhão consciente, uma consciente percepção da Sua proximidade e uma consciente fruição dEle. É isso que o apóstolo

deseja para estes efésios, "para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". E, naturalmente, quando isto é real, é obvio que Ele domina tudo em nossas vidas. Podemos sumariar o assunto repetindo palavras empregadas pelo apóstolo noutro lugar. É quando Cristo nos é conhecido desse modo, e está em nossos corações, que podemos dizer com sinceridade e verdade: "vivo, não mais eu" (Gálatas 2:20), e "Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13). O apóstolo não está se gabando quando escreve essas coisas. Há sempre o perigo, quando lemos as suas Epístolas, de o considerarmos como um homem literário que gosta de hipérboles. Mas não é esse o caso. Quando o apóstolo utiliza estas frases está sendo rigorosamente preciso, está expondo a sua experiência; tudo isso foi real quanto a ele. Ele conhecia tão bem o Senhor Jesus Cristo, que podia dizer: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece" e "Sei estar abatido, e sei também ter abundância" (Filipenses 4:12), ser rico e ser pobre. Não importa o que aconteça, afirma Paulo, desde que Ele esteja comigo, Ele me fortalece, e eu posso fazer todas as coisas. Não estou só. Esta é na verdade doutrina sumamente elevada.

Demos, porém, um passo mais. Esta presença de Cristo no coração é algo real. Não significa somente que Ele está presente por meio do Espírito, ou que está presente no sentido de que nos influencia de maneira geral, e nos dá graças e nos habilita a sentir-nos seguros da Sua influência. É mais que isso. Significa que Ele próprio, nalgum sentido místico que nem começamos a compreender, realmente habita em nós. É isto que o apóstolo tem em mente quando repreende os cristãos coríntios como culpados de certos pecados corporais da carne, e diz: "não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós?" (1 Coríntios 6:19). Não significa apenas que o Espírito Santo nos influencia de modo geral. Quando Paulo diz "corpo" quer dizer "corpo" — carne, ossos, músculos; quer dizer nossa estrutura física. Isto se refere, não à Sua influência, mas ao fato de que Ele está pessoalmente em você. Eis por que pecar com o seu corpo é tão grave; e é desta maneira que o cristão deve encarar o pecado. Não deve olhar só para os pecados particulares e confessar que fez o que é errado e que não deveria tê-lo feito; o apóstolo ensina que temos que dar-nos conta de que o Espírito Santo reside em nossos corpos e de que não devemos usar o templo do Espírito Santo de maneira indigna.

De modo similar, quando o Espírito Santo habita em nossos corpos, o Senhor Jesus Cristo entra da mesma maneira. Ele bate à porta do coração do cristão que não O

conhece e efetivamente diz: gostaria que você Me conhecesse. Se você tão-somente abrir a porta, Eu entrarei e Me manifestarei a você; sentar-Me-ei e cearei com você, e você

coMigo. Então você Me conhecerá com uma intimidade que nunca ainda tinha experimentado. Entrarei em seu ser, e farei habitação em você. É real assim!

Devemos notar que tudo isso se toma possível pela fé — ”Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações”. “Pela fé” significa que é a fé que nos revela esta possibilidade. Você tinha percebido que isto era uma possibilidade para você? É-nos possível ler as Escrituras com muito entendimento intelectual, porém sem fé será possível passar os olhos sobre estas grandes palavras sem entender o seu significado real. Você pode ter lido este capítulo três da Epístola aos Efésios e ter dito muitas vezes, “Maravilhoso! Magnífico! Como o apóstolo é eloqüente!” Mas você compreendeu que ele está dizendo que Cristo quer vir para dentro do seu coração e quer que você O conheça num sentido vivido e real? É a fé que revela esta possibilidade para nós.

Semelhantemente é também a fé que nos habilita a crer que habitação de Cristo no coração é uma realidade, e não apenas uma frase. O homem carente de fé nunca acreditará nisso. Posso imaginar um homem ouvindo ou lendo isto e dizendo: “Que quer dizer isso tudo? Realmente não tenho idéia do que o apóstolo esteve falando. Parece estar sobre as nuvens, nalgum lugar. Sou um homem prático, e tenho que lutar contra a tentação e o pecado, e vivo num mundo em que estou cercado de problemas — que é isso tudo?” Quem fala desse jeito está dizendo que não tem fé; conseqüentemente, ele jamais conhecerá esta verdade, pois ela é conhecida “pela fé”. A fé revela que se trata de uma realidade.

Posso levar o assunto para mais longe ainda. A fé revela que se trata de uma realidade para mim, pessoalmente. A fé capacita você a dizer a si mesmo, quando a lê ou a ouve: é a Palavra de Deus que afirma que me é possível conhecer o Senhor Jesus Cristo desta maneira íntima. A fé toma posse da promessa pessoal e individualmente. A fé, e tão-somente a fé, capacita o homem a crescer na palavra proferida por Deus, a aceitá-la plenamente e a descansar nela. E depois de vir a crer, começa a orar pela bênção prometida. O apóstolo, ele mesmo crendo nisso e tendo experiência disso, orava sem cessar pelos cristãos efésios. Ele “se põe de joelhos” diante do Pai e ora para que sejam fortalecidos, a fim de que lhes suceda isto. E se eu e você crermos, começaremos a orar desde este momento, pedindo isto para nós mesmos. Diremos: não conheço a Cristo desta maneira íntima, e quero conhecê-lO assim. Creio que isso é possível, e vou pedi-lo. Assim você vai a Deus com fé, com confiança, com ousadia, com segurança, e diz: “Sei que isto não depende de mim, mas oro, rogando que TU me fortaleças com poder pelo Espírito em meu homem interior, para que eu obtenha este

conhecimento, para que Cristo se manifeste a mim. Quero conhecê-lO, quero que Ele viva em minha vida e domine todo o meu ser".

Assim você começa a orar, e continua a orar dessa maneira, com fé, até que chega um momento maravilhoso e, de repente, você se vê conhecendo a Cristo. Ele ter-Se-á manifestado a você, Ele terá feito Sua habilitação em você, instalando-Se em seu coração. E, admirado, você dirá: "Como pude passar tantos anos satisfeito com os simples rudimentos do cristianismo, com os simples portais do templo, quando me era possível tão glorioso e magnificamente entrar no "lugar santíssimo"?

Ó Senhor Jesus Cristo, cresce Tu em mim, e as outras coisas todas as retirarão; meu coração de Ti cada dia mais perto, do pecado liberto estará cada dia.

Cada dia, Senhor, Teu poder que sustenta Continue a envolver minha debilidade; a minha escuridão Tua luz desvanece,

Tua vida elimina a minha morte.

Mais e mais da Tua glória permite-me ver,

Tu, Jesus Cristo, Santo, Sábio e Verdadeiro!

O meu desejo é ser a Tua imagem viva, tanto nas alegrias como nas tristezas.

Faze este pobre ego decrescer; sê Tu a minha vida e a minha meta.

Oh, faz-me, diariamente, pela graça, mais disposto a levar Teu santo nome!

(Johann Caspar Lavater)

A VERDADE COMEÇA A BRILHAR

"Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de,

estando arraigados efundados em amor" Efésios 3:17

Ao continuarmos o nosso estudo desta grande exposição, precisamos orar por nós mesmos como o apóstolo orava por estes efésios, "para que sejamos fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior". Seria insensato pretender ou presumir que esta grande oração é fácil de entender ou fácil de expor. Necessariamente não é, não pode ser e não pretende ser. A fé cristã, a mensagem cristã, pode ser comparada a um grande oceano. Uma criança pode chapinhar nas águas da praia do oceano, mas no centro das profundezas o mais poderoso transatlântico é apenas como uma rolha de cortiça ou como uma garrafa. É imensurável. Nós entramos na vida cristã como crianças e começamos a chapinhar nas águas rasas; porém devemos avançar rumo às profundezas. É o que estamos fazendo a considerar esta grande oração, e ao retomar ao versículo dezessete. Não se pode fazer apenas uns poucos comentários sobre estas vigorosas frases, e passar diante para outra coisa, achando que já lhes foi dado tratamento suficiente. Estas frases são tão recheados de substância que é nossa tarefa e nosso dever fazer uma pausa, pónderá-las profundamente e gastar muito tempo com elas.

Além disso, uma grande e profunda verdade está sempre sujeita a ser mal compreendida. Quando manejamos uma verdade de natureza tão profunda, somos incapazes da precisão que podemos exercer quando estamos lidando com os princípios elementares da fé cristã. É evidente que haveria pouca dificuldade em expor com clareza a doutrina da justificação pela fé. Quem não é capaz de fazer isso, jamais deveria levantar-se num público. Nessa matéria deve haver exatidão e precisão; contudo quando chegamos a afirmações como as que vemos neste parágrafo, a situação é muito diferente. A própria natureza e caráter da verdade em apreço toma isso quase impossível. Deve-se esperar um elemento de incompreensão e dificuldade. Há, na verdade,

um sentido em que é assim que deve ser. Não se pode dissecar um aroma, não se pode analisar o amor. E é disso que estamos tratando aqui — do amor de Cristo e de Deus. O que só podemos fazer é ir adiante, e ir tão longe quanto pudermos em nossa tentativa de trazer à luz a verdade em sua riqueza e elucidá-la quanto possível. Mas o fazemos com "temor e tremor".

Confesso francamente que não me lembro de, em meu ministério como pregador, haver tratado de algum tema das Escrituras em que eu estivesse tão consciente da minha insuficiência e incapacidade como com esta passagem particular. Não tenho a pretensão de ser capaz de fazer declarações revestidas de autoridade, porém, pela

graça de Deus, considero um grande privilégio simplesmente manter estas coisas diante de vocês e rogar-lhes que, com espírito de humildade, as examinem e as ponderem, e que orem a respeito delas; não com espírito argumentative, não com o desejo de classificar tudo com exatidão, e sim com o desejo de entrar naquela posição na qual, estando face a face com Deus e com o Senhor Jesus Cristo mediante o Espírito Santo, podemos muito bem ver-nos calados devido à transcendental glória com que nos defrontamos.

Há dois grandes princípios que devemos continuar a ter em mente. O primeiro é que esta petição é elevada em favor dos que já são crentes. Ela nos leva a nos comparar e a nos contrastar, não com incrédulos ou com cristãos imaturos, mas com santos bem firmes, e com as possibilidades ali indicados. Devemos dar-nos conta de que não recebemos tudo, e de que a nossa tarefa não é apenas a de manter a posição à qual chegamos. Devemos impelir-nos para a perfeição. Devemos esquecer as coisas que atrás estão e avançar para o alvo, para a soberana vocação, para a prêmio que está em Cristo Jesus.

Prosseguindo, e para nosso encorajamento, deixem-me salientar o segundo princípio, o qual é que o apóstolo eleva esta oração por *todos* os cristãos. Não é meramente uma oração em favor de certas pessoas excepcionais. O Novo Testamento, diversamente da igreja católica romana e doutras formas de catolicismo, não divide os crentes em "religiosos" e "leigos". Não existem especialistas na vida cristã. As coisas de que trata a Epístola aos Efésios são possíveis a todos os cristãos, até mesmo para cristãos aos quais o apóstolo terá que lembrar, mais tarde, que não devem continuar a roubar, a cometer adultério, a falar com insensatez e a fazer brincadeiras e gestos indignos, e não devem continuar a ser mentirosos. Eles tinham sido retirados de todos estes pecados, e embora isso lhes tivesse acontecido só recentemente, o apóstolo sustenta diante deles esta tremenda possibilidade. Visto que lhes eram possíveis tais coisas, ele ora desse modo por eles.

Devemos lembrar-nos, pois, que é errado e pecaminoso dizermos que essa liberdade não é para nós todos, porém unicamente para alguns cristãos excepcionais. Jamais devemos ficar satisfeitos, enquanto não estivermos nesta posição, não a conhecermos experimentalmente e não fomos capazes de regozijar-nos nela. Imagino que não haverá nada mais humilhante no dia do Juízo, quando veremos o nosso Senhor face a face, do que compreendermos o que nos tinha sido possível nesta vida, compreendermos que nunca nos havíamos interessado por isto, e no entanto simplesmente tínhamos passado por alto estas frases grandiosas, sem jamais examiná-las e tentar descobrir o que queriam dizer e por quais maneiras eram aplicáveis a nós.

Portanto, ao tentarmos explicar ainda mais a nossa definição do que significa Cristo habitar pela fé em nossos corações, permitam-me começar fazendo uma pergunta

particular. Qual a relação entre este habitar e o selo do Espírito? Alguns ensinam que são idênticos. Entretanto, obviamente não podem ser. O apóstolo já fizera lembrar aos efésios, no versículo treze do capítulo primeiro, que eles já tinham sido "selados com o Espírito": "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". Paulo está fazendo esta petição, para que Cristo habite pela fé em seus corações, em favor dos que já tinham sido selados com o (ou pelo) Espírito.

Pode-se entender muito bem como surge a confusão. Como já vimos, nesta esfera é muito difícil catalogar realidades espirituais e colocar rótulos nelas, como coisas definidas e separadas, porque toda experiência, e principalmente toda experiência de alto nível, relaciona-se necessariamente tanto com o Espírito Santo como com o Senhor Jesus Cristo. Como acentuamos anteriormente, você não poderá ser Cristão se Cristo não estiver em você, e se levanta a questão: se Cristo está em todos os cristãos, que é que o apóstolo pretende ao orar no sentido de que Cristo habite em seus corações? Já respondemos à pergunta; mas para muitos parece continuar havendo confusão neste ponto. Isto se deve à impropriedade da linguagem e à gloriosa natureza da verdade. E a mesma coisa se aplica quanto ao Espírito Santo: "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele". Todavia, isso é diferente de ser "batizado pelo Espírito" ou de ser "selado pelo Espírito", como vimos. Num sentido continuamos empregando as mesmas expressões, continuamos falando sobre o Senhor Jesus Cristo e sobre o Espírito Santo; há uma diferença, porém. Estes crentes efésios já tinham sido selados e, contudo, Paulo ora para que aquilo que ele

menciona aqui seja recebido por eles.

Então, qual a diferença entre isto e receber o selo do Espírito? Sugiro a seguinte resposta: receber o selo do Espírito Santo é primariamente questão de segurança da salvação. É isso que nos dá uma certeza direta e imediata de que somos filhos de Deus, herdeiros de Deus, e de que a herança haverá de ser nossa finalmente. Contudo o que o apóstolo tem em mente aqui, neste capítulo três, não é primariamente uma questão de segurança. É mormente uma questão de comunhão com o Senhor. O recebimento do selo me garante que estou ligado a Ele. Esta experiência ulterior me coloca em companheirismo e comunhão com Ele num sentido mais profundo e mais grandioso. Obviamente ambas as experiências são grandiosas e, como vimos, quando o cristão é selado com o Espírito, tem consciência de Cristo e também fica ciente do poder do Espírito. Mas aqui estamos tratando de algo que vai além disso e que é mais profundo ainda.

Opino, em segundo lugar, que esta experiência é mais permanente que a do recebimento do selo. A selagem pode ser repetida muitas vezes. Vê-se isto

claramente nas vidas de muitos santos, bem como no livro de Atos dos Apóstolos. Não obstante, aqui temos algo mais permanente. A própria palavra "habitar" da ênfase ao fato de que se trata de "estabelecer-se", de "fazer morada em". Não se deve exagerar nisso, mas é uma distinção real. Há aqui um maior elemento de permanência.

Além disso, gostaria de acrescentar que nesta experiência há menos que na selagem, daquilo que se pode denominar elemento extático. Em conexão com o recebimento do selo, aquilo de que se tem consciência é o seu caráter imediato, a sua luminosidade; tudo se toma claro repentinamente, ao passo que aqui há uma realidade num nível mais profundo, mais permanente e, portanto, mais extático. Permitam-me ilustrar o que eu quero dizer.

Lembro-me de ouvir contar o que um velho pregador disse durante o avivamento ocorrido no País de Gales em 1904 e 1905. Naquele avivamento muitos experimentaram repentinamente o batismo do Espírito, e muitas vezes isto foi acompanhado por grande êxtase e alegria, e muito louvor. Alguns dos mais jovens ficaram surpresos com este velho ministro que estivera num avivamento similar em 1859, quando ele era jovem. Ficaram surpresos porque ele não parecia estar experimentando a arrebatada alegria que eles estavam. Não podiam compreender isto, e achavam que havia alguma coisa errada com ele, de modo que foram conversar com ele sobre isso. Ele os recebeu com bondade e paciência e lhes respondeu da seguinte maneira: mostrou-lhes que há diferença entre ficar apaixonado pela mulher que será a sua

esposa, e viver com a sua esposa num estado de amor anos e anos. O primeiro êxtase entusiástico não tem continuidade; porém não significa que há menos amor. Há menos entusiasmo nisso, há menos alvoroço e menos proporção do elemento demonstrativo, mas não quer dizer que há alguma diminuição do amor. Na verdade pode significar exatamente o oposto, isto é, um amor mais profundo. É minha opinião que o mesmo princípio aplica-se aqui para explicar a diferença entre receber o selo do Espírito e Cristo habitar no coração. Este é um maior amor, um conhecimento maior, uma intimidade maior, uma comunhão mais profunda; todavia não vem acompanhado pelo vibrátil elemento invariavelmente trazido pela primeira experiência do poder do Espírito.

Também tomo a liberdade de tentar descrever mais a natureza e o caráter desta experiência de conhecimento da morada de Cristo no coração pela fé. É a diferença entre conhecer a Cristo "por" você e conhecer a Cristo "em"você. No começo da vida cristã, necessariamente nós temos que concentrar-nos em Cristo "por" nós. O começo da vida cristã é em geral mormente objetiva. Noutras palavras, o que nos faz cristãos é que nos damos conta de certas coisas acerca do Senhor Jesus Cristo, de Sua obra por nós, e da Sua relação conosco. Esta verdade é objetiva. Vemos a

Cristo fora de nós; vemo-lO vindo ao mundo e nascendo como bebê em Belém. Observamos o Seu crescimento; ouvimos o Seu ensino; observamos os Seus milagres; vemo-lO morrendo na cruz e, depois, saindo ressurreto do túmulo. Olhamos para todos estas coisas e perguntamos: que é que está acontecendo ali, por que Ele veio, que faz Ele na cruz? E dizemos: Ele está ali levando sobre Si os meus pecados, está morrendo por mim: Cristo é "por" mim. Estou olhando para Ele e para aquilo que Ele fez para mim e em meu favor objetivamente. Mas habitar Cristo no coração não é objetivo, e sim subjetivo; segue-se ao objetivo e deste resulta.

Mas alguém poderá argumentar que existe um elemento subjetivo no ato inicial de crer. Naturalmente que existe! Repito que não devemos traçar estas distinções de forma exageradamente aguda. Se não houver este elemento subjetivo, você não é cristão, de modo nenhum; poderá estar dando somente um assentimento intelectual à verdade. Todavia, falando em termos amplos, o primeiro ato de crer é principalmente objetivo, ao passo que este outro é principalmente subjetivo. O elemento objetivo permanece, mas se inclui numa realidade maior. Avançamos até uma posição na qual estamos principalmente interessados em Cristo, não como Aquele que morreu por nós, e sim como o "Cristo que é a nossa vida", Cristo como Aquele que vive em nós e que faz Sua habitação em nossas vidas e dentro da nossa consciência.

Existem palavras pronunciadas pessoalmente pelo Senhor que nos

ajudam a entender isto. Acham-se no Evangelho segundo João. "Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim" (6:53-57). É um pronunciamento difícil de entender. Pouco depois lemos: "Muitos pois dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: duro é este discurso; quem o pode ouvir?" Na verdade a passagem chega ao ponto de dizer que muitos deles "tomaram para trás, e já não andavam com ele" (versículos 60 e 66). Eles não conseguiam acompanhar este ensino; este fora além da sua compreensão, pelo que, muitos que O seguiam O abandonaram.

Aqui **estamos** num **terreno** que **testa e desafia** o **nosso entendimento,** mas devemos perseverar e procurar captá-lo. É Cristo habitando dentro do crente — não como uma influência, não como uma lembrança, não apenas através dos Seus ensinamentos, não meramente através do Espírito Santo. É Cristo habitando pessoalmente nele, numa relação mística. Tenho que utilizar o termo "mística" porque nada mais, nada menos faz justiça ao ensino do Novo Testamento concernente a este assunto. Tome-se a

passagem do capítulo 6 do Evangelho segundo João; ou as declarações registradas nos capítulos posteriores desse mesmo Evangelho às quais nos referimos anteriormente, onde Cristo afirma que Se manifestaria aos Seus discípulos, onde Ele afirma que viria e faria Sua morada neles, que Ele e o Pai fariam Sua morada neles. A oração sacerdotal do Senhor, no capítulo dezessete do Evangelho segundo João, faz declarações similares. Ou tome-se a expressão do apóstolo na Epístola aos Colossenses: "Cristo em vós, a esperança da glória" (1:27). Não é Cristo "entre vós", mas Cristo "em vós", a esperança da glória. Ou ainda, "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20). Todos estes pronunciamentos e expressões descrevem uma relação mística.

Expresso-me deste modo porque alguém poderá dizer: "Que é que você quer dizer com a afirmação de que Cristo habita em mim? Não posso entender isso". Eis minha resposta: "Naturalmente que não pode; eu não posso entender isso; ninguém pode. É uma declaração e experiência que está além da compreensão humana. Nossos corpos, é o que se nos diz, são "templos do Espírito Santo, que habita em nós". O Espírito Santo está no céu; mas também está em mim. O Senhor Jesus Cristo está no céu, mas também está em mim. Isto só se pode descrever

como uma relação mística. Não devemos diminuí-la, não devemos rebaixá-la. Devemos atribuir-lhe todo o seu peso. Se o não fizermos, não estaremos fazendo justiça às Escrituras.

E mais, não somente não estaremos fazendo justiça às Escrituras, mas também não estaremos fazendo justiça às grandes experiências que, através dos séculos, os santos de Deus têm tido. Veja-se o hino que inclui a estrofe,

Cristo, alegria de almas que amam,

Fonte da vida e Luz dos homens; da melhor bênção desta terra despidos nós a Ti voltamos.

Jesus é isto para você? Isso é verdade quanto a você? É possível crer na obra que o Senhor realiza por você, você pode ser cristão e pode ser salvo por Ele, e não ser capaz de dizer com toda a sinceridade que Ele é "a alegria da sua alma", "do seu coração". Os que escreveram hinos como este queriam dizer de fato o que escreviam; estavam sendo sinceros e estavam relatando suas experiências, e não fazendo mera poesia.

Todavia consideremos outro hino, de Bernardo de Claraval, que diz:

Jesus, o só pensar em Ti enche-me o peito de dulçor.

Isso é verdade quanto a você? Você pode empregar estas palavras com sinceridade?

Meu argumento é que estes homens estão expressando as suas experiências nestes hinos. Não é teoria. Estes homens tinham lido as Escrituras, tinham compreendido a aplicação delas a si mesmos, e tinham procurado e obtido esta experiência. Continuemos, porém, com este grande hino:

Ó Esperança do contrito, ó Alegria dos humildes, aos que compreendem quanto és bom, quão bom Tu és aos que te procuram!

Mas que dizer dos que encontram ?

Nem língua ou pena mostrar pode;

o amor de Cristo, o que ele é, só os Seus amados é que o sabem.

"Seus amados é que o sabem." Eles não podem falar muito desse amor de maneira exata ou lógica, mas o *sabem,* o *conhecem,* regozijam-se nele.

Vejamos ainda outra expressão disto noutro hino atribuído a Bernardo -

Ó Jesus, rei magnificente,

Conquistador tão renomado!

Tu, ó Dulçor indescritível!

Acha-se em Ti toda a alegria.

Muito se pode dizer a favor da idéia de que não devemos cantar certos hinos em público. Muitas vezes podemos ser insinceros ao cantarmos hinos. Com freqüência entoamos este hino, porém, ele seria verdadeiro quanto a nós? A pretensão é de que estamos cantando experiência — "Tu, ó Dulçor indescritível! Acha-se em Ti toda a alegria". É verdade sobre você? Estes homens pensavam assim; por isso cantam assim. Não são insinceros; estão contando a experiência deles. O escritor daquele hino prossegue, dizendo:

Quando visitas uma alma, põe-se a brilhar Tua verdade; vão-se as vaidades deste mundo, e o amor divino então se inflama.

Aqui nos achamos numa esfera diferente, numa esfera muitíssimo mais elevada que a da apreensão intelectual. Aqui experimentamos a luminosidade, o fulgor da verdade. É o que acontece quando Cristo se instala e habita no coração.

A seguir, passemos de um escritor do século doze para outro, do século dezoito. Diz Charles Wesley:

Ó Cristo, és tudo quanto eu quero mais do que tudo em Ti eu acho.

Isso é verdade sobre nós? Podemos dizer isso? Essa é a linguagem do homem em quem Cristo fez a Sua morada, em quem Cristo habita.

Eu poderia mencionar, do século dezessete, o piedoso Samuel Rutherford. Em suas cartas e nos relatos da sua vida vocês verão que este elemento de "misticismo de Cristo" foi proeminente em sua experiência. Ele foi um calvinista que conhecia a Cristo, que O amava,

e que gostava de falar dEle, de permanecer nEle e em Seu amor. A mesma nota há de encontrar-se em todos os séculos e em homens que pertenceram a diferentes escolas teológicas. Vemos o Conde Zinzendorf , um morávio do século dezoito, dizer: "Tenho uma só paixão: Cristo, e unicamente Cristo". Agora, esta linguagem não pode ser empregada pelo chamado cristão *médio* ou *comum.* Alguém pode ser cristão e, todavia, não ser capaz de dizer tais coisas. Isto explica por que o apóstolo estava fazendo esta oração em favor dos efésios. Eles tinham crido, tinham sido selados pelo Espírito, mas não podiam utilizar este tipo de linguagem; não conheciam a Cristo deste modo; Ele não Se "instalara" em seus corações. Como tenho dito repetidamente, isto significa que Ele governa totalmente as nossas atividades. Ele é o Senhor das nossas vidas num sentido real e prático. Somos dominados por Ele; é uma espécie de "intoxicação de Cristo".

Citei estas diversas declarações porque me parece que é a melhor maneira de transmitir esta preciosa verdade. Mas homens e mulheres através dos séculos têm podido cantar esses hinos com sinceridade. Examinem os seus hinários, principalmente as seções sobre o Senhor Jesus Cristo, e em particular os que expressam alegria e paz, e amor a Deus e ao Senhor Jesus Cristo. Olhem também as seções sobre consagração e santidade, e verão que os autores de hinos através dos séculos sucessivos trataram deste tema de Cristo no coração. Foi isto que os levou a escreverem, foi isto que inspirou sua magnífica poesia e produziu o seu elevado, o seu exaltado pensamento.

Contudo, para terminar com uma nota prática: como é que isso tudo se toma possível para nós? Que é que nos cabe fazer para chegarmos à posição na qual podemos apropriar-nos realmente destas declarações com sinceridade e fazer delas a linguagem dos nossos corações e a expressão da nossa experiência pessoal? Minha resposta é que devemos repetir os versículos 16 a 17 deste capítulo, e devemos ter o cuidado de tomá-los na ordem certa. Primeiro o apóstolo ora no sentido de que Deus lhes conceda que, "segundo as riquezas da sua glória, sejam fortalecidas com poder pelo seu Espírito no homem interior". Sem isso, não há esperança. Primeiro é preciso que o Espírito Santo opere em nossas mentes, em nossos corações e em nossas vontades. Vocês percebem que a sua mente precisa ser fortalecida, ao defrontarem-se com uma verdade como esta? Quanto mais fácil é entender história,

ou literatura, ou geografia, ou geometria, ou direito, ou medicina! Vocês não perceberam, ao examinarmos estas grandes profundezas da verdade, que suas mentes precisam ser fortalecidas, e que têm que ser fortalecidas, se não, tudo isso parece impossível? Por natureza, todos nós temos a tendência de pensar como as pessoas que

estavam ouvindo o Senhor quando Ele falava sobre comer a Sua carne e beber o Seu sangue; elas disseram: palavra dura é esta; quem pode seguir esta espécie de pregação? E O abandonaram. Necessitamos ter nossas mentes fortalecidas para que não nos abalemos quando formos confrontados por algo maravilhoso e transcendental. Nossas mentes não podem entender essas verdades; não podemos captá-las com facilidade e dizer: "Eu as compreendi". Elas sempre parecem escaparmos e ir muito além de nós. Portanto, a mente precisa estar preparada e, graças sejam dadas a Deus, o Espírito Santo pode realizar esta obra.

Recordemos como o apóstolo, escrevendo aos coríntios, afirma que "os príncipes deste mundo" não O conheceram, nem a verdade concernente a Ele; "mas Deus no-las revelou pelo Seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus"(l Coríntios2:8,10). Não se desesperem se acharem estas verdades duras e difíceis de seguir; lembrem-se do poder do Espírito Santo, e orem para que Ele fortaleça suas mentes.

Nossos corações também precisam ser fortalecidos, porque, enquanto nos amarmos a nós mesmos, Cristo não virá para dentro dos nossos corações. Temos que livrar-nos do amor do ego. Essa é a mais difícil de todas as tarefas da nossa experiência. A batalha principal da vida cristã é livrar-nos do ego e do amor a nós mesmos. E por nós mesmos não podemos fazê-lo. Vocês o fazem sair por uma porta da sua casa, por assim dizer, mas logo aquilo retoma por outra, ou através de uma janela, ou pela chaminé. Livrar-nos do amor próprio parece impossível. No entanto, Cristo não virá para dentro dos nossos corações enquanto não houver lugar para Ele. Não podemos criar o amor, não podemos "confeccioná-lo". Nada é tão tolo como tentar fazê-lo. O amor é um dom de Deus, mediante o Espírito; assim, devemos orar para que Ele fortaleça os nossos corações para receberem este amor puro, que é tão estranho para nós como para os homens e mulheres naturais.

Igualmente a vontade necessita ser fortalecida. Não é esta a sua experiência? Vocês ouvem ou lêem uma passagem como a que temos diante de nós, e dizem: "Daria a minha mão direita para poder ter isto; vou procurar obtê-lo; tenho que tê-lo". Mas bem pode ser que amanhã de noite vocês já tenham esquecido tudo sobre isso. Vocês estarão interessados noutra coisa, nalguma coisa deste mundo. Estavam plenamente resolvidos na ocasião, estavam determinados a buscar isto; entretanto vocês entram numa conversação, falam sobre trivialidades, e logo se esquecem daquilo tudo. Vocês retomam ao ponto, ou a sua atenção é chamada para isso, e dizem: "Ah,

pensava que a esta altura o teria experimentado". Mas não se aplicaram àquilo; a vontade de vocês é muito fraca. A vontade de todos nós é fraca; estamos sempre

nos propondo, estamos sempre tomando resoluções. Todavia não as mantemos, não as levamos a efeito. A vontade precisa ser fortalecida.

Portanto, precisamos orar para que o Espírito Santo nos fortaleça em todos estes aspectos. O apóstolo orava constantemente pelos efésios. Um serviço que compete a todo aquele que é chamado para ministrar a homens e mulheres é orar por eles. Perdoe-nos Deus a nossa negligência! Mas também devem orar por si próprios. Se vocês se derem conta de que esta experiência é uma possibilidade para vocês, orem até obtê-la. Orem para que sejam fortalecidos com este poder, com estas forças do Espírito em seu homem interior. Quando a experiência lhes chegar, seguir-se-ão certos resultados. Vocês começarão a ver o seu pecado e a sua pecaminosidade como nunca os viram antes. Pensavam que tinham conhecimento sobre o pecado; descobrirão que sabiam muito pouco sobre isso. Descobrirão em si mesmos uma vileza que nem puderam imaginar; descobrirão que o mal está em sua própria natureza.

Então vocês começarão a agir, e a "mortificar a carne". Procurarão limpar os seus corações e as suas mãos, tentarão "purificar a sua carne e o seu espírito", como Paulo exorta os coríntios a fazerem. A razão pela qual vocês fazem isso tudo pode ser entendida da seguinte maneira: sempre que vocês convidam alguém para hospedar-se em sua casa, põem-se a arrumá-la; querem que o local tenha boa aparência e fique o melhor possível. Não agir assim seria um insulto ao hóspede. Ao proceder deste modo, estão fazendo ao hóspede um sutil e delicado cumprimento, Se um grande personagem vai ficar em sua casa, vocês redobram os seus esforços; não há o que não façam. O que vimos considerando é a possibilidade de vir morar conosco o Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus; não apenas para uma visita, e sim para estabelecer dentro de nós o Seu lar. Isto requer preparação, mas uma preparação que ultrapassa a nossa capacidade e as nossas forças naturais. Portanto, precisamos ser fortalecidos pelo Espírito Santo e, quando formos assim fortalecidos, agiremos, trataremos de livrar-nos do refugo, de limpar-nos e purificar-nos, de mortificar a carne, de manter deliberadamente longe de nós as coisas que sabemos que não são compatíveis com Ele, ou que O entristecem e O ofendem. Todos nós podemos fazê-lo, e vamos fazê-lo. Instemos com Ele que venha; anelemos por Ele.

É aí que a fé entra — "Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". Cremos na possibilidade, sabendo que poderá vir a ser uma realidade. Não significa o que muitas vezes se entende pela expressão, "recebendo-o pela fé" — que vocês simplesmente se persuadem de que Ele veio, ou ficam repetindo a si mesmos que Ele veio. Não, quando

Cristo habitar nos seus corações, não precisarão persuadir-se; vocês o experimentarão como um fato! Serão capazes de dizer: “Tu, ó dulçor indescritível, acha-se em Ti toda a alegria”. A perniciosa doutrina do “receber pela fé”, creio eu, tem sido um obstáculo para muita gente neste ponto. Dizem: “Eu abri a porta, eu O deixei entrar, eu creio pela fé que Ele está ali”. Não sentem nada diferente; não podem empregar com sinceridade a linguagem que temos citado, porque Ele não está “habitando” neles. Quando Ele habita dentro de nós, nós o sabemos. Nada mais importa realmente; é o valor supremo. É a coisa mais maravilhosa de todas.

Então, procuremos dar-nos conta desta gloriosa e estupenda possibilidade. Se alguma vez Ele nos visitou, roguemos a Ele, dizendo: “Vem e permanece; não me deixes. Vem fazer Tua morada e Tua habitação comigo!” “Fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior.” Oremos com fé, e continuemos orando e orando e orando, até podermos apropriar-nos sinceramente da linguagem e dizer com o apóstolo: “Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”.

O CORAÇÃO PREPARADO

"Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor " Efésios 3:17

Continuamos o nosso estudo do versículo dezessete — a petição que o apóstolo faz pelos cristãos efésios — "Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". Até aqui a consideramos de modo geral. Agora devemos examiná-la num sentido mais prático. Além de toda questão, estamos tratando aqui da maior verdade que jamais pode confrontar o ser humana. Aqui se mostram as possibilidades para o cristão na presente vida, neste mundo limitado pelo tempo. Isto é verdade. Repito que não estou dizendo que não se pode ser cristão sem estar nesta posição; estou dizendo, antes, que somos cristãos pobres, se não conhecemos algo disto. É isto que fomos destinados a ser, e isto nos é possível. Portanto, certamente nada nos é mais importante que saber como chegar a esta posição e, ao mesmo tempo, saber se Cristo habita realmente em nós, e como podemos ser habilitados a gozar este supremo privilégio, que é a maior fonte de alegria.

Lembremo-nos do que isto significa a fim de aguçarmos os nossos apetites e de estimularmos o nosso desejo disto. Pois aqui não estamos tratando de uma matéria puramente teológica, mas de algo que tem sido um fato concreto na vida de numerosos membros do povo de Deus em todos os tempos e lugares, e freqüentemente a despeito das diferenças teológicas. Como já vimos, há um comum testemunho desta grande experiência de Cristo no coração. Como mais um exemplo e ilustração, tomemos o testemunho encontrado num dos hinos de Charles Wesley:

Tu, oculta Fonte de calmo repouso, amor divino mais que suficiente, auxílio e abrigo contra os inimigos, firme e seguro estou, se Tu és meu.

E ah! — do triste pecado e da vergonha,

Senhor Jesus, escondo-me em Teu nome.

Jesus, Teu grande nome é salvação,

e minha alma feliz no alto mantém; traz-me consolação, poder e paz, traz-me alegria e traz-me amor eterno; com Teu amado nome são me dados perdão e santidade e, enfim, o céu.

Jesus, és tudo em tudo para mim, repouso no lidar, na dor alívio; bálsamo ao quebrantado coração Na guerra és minha paz, na perda o lucro; meu sorriso à carranca do tirano, minha glória e coroa na vergonha.

Na carência és meu pleno suprimento na fraqueza és o meu poder total, na prisão

és a minha liberdade, minha luz na trevosa e infernal hora; meu amparo e socorro quando clamo; na monte és meu viver, meu céu, meu tudo!

Faço uma pergunta simples e óbvia: esta é a sua experiência? Vocês podem adotar estas palavras e empregá-las? Cristo significa isto para vocês? É isso que acontece quando Cristo habita no coração. Observem a intimidade da relação, a plenitude da satisfação. Cristo é seu "tudo em tudo", sejam quais forem as circunstâncias e condições. Isto é experimental, é experiência pessoal; não é mantido só na mente; não é teoria. Charles Wesley achava a sua completa satisfação em Cristo. Ele tinha provado a veracidade das palavras ditas pelo Senhor, quando Ele afirmara que se alguém fosse a Ele, "jamais teria fome", se alguém cresse nEle, "jamais teria sede". Ele tinha dentro de si "uma fonte de água viva a jorrar para a vida eterna".

Repito que isto é cristianismo essencial. É o que se nos oferece, e é na medida em que conhecemos esta experiência e podemos testificá-la que temos a possibilidade de atrair outros para a fé cristã. Os incrédulo têm o direito de vigiar-nos e observar-nos, e o fazem. Temos a tremenda pretensão de que Deus fez algo único, de que Ele enviou Seu unigênito Filho ao mundo. Cremos na Encarnação, no poder do Espírito; mas a que isto leva a prática? E se como cristãos parecermos estar em condições miseráveis, se em tempos de pressão e tensão parecer que não temos consolação ou reservas a que recorrer, o mundo terá todo o direito de perguntar: que valor tem o cristianismo? Que é que há nele, afinal de contas? Numa época como esta, quando os corações

de muitos desmaiam de medo, eles tendem a olhar para nós. Assim, não somente por nós mesmos, como também por Deus e Sua gloriosa salvação, pelo Filho de Deus que veio e tanto suportou para que pudéssemos ocupar esta posição, cabe-nos ser capazes de testificar este grande fato de Cristo habitar em nossos corações, dia após dia.

Chegamos, pois, a esta questão sumamente prática e essencial: como é possível isto? Como satisfazer os anseios daqueles que dizem que dariam o mundo inteiro se tão-somente pudessem dizer aquelas palavras de Charles Wesley com sinceridade? O apóstolo responde: "Pela fé" — "Para que Cristo habite pela fé" ou, "mediante a fé". Esta frase é frequentemente mal compreendida. Podemos considerá-la em termos da figura a que nos referimos previamente, de Apocalipse 3:20, onde Cristo diz: "Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo". Que significa "abrir a porta"? e como isto se relaciona com a fé?

Para responder estas perguntas de maneira prática, devemos começar com o versículo 16: "Para que, segundo as riquezas da sua glória, (o Pai) vos conceda que sejais corroborados (ou "fortalecidos") com poder pelo seu Espírito no homem interior". Disto ninguém é capaz por si mesmo. Mas neste ponto surge o perigo de

pensarmos que, por causa desta ênfase à obra primária do Espírito Santo, simplesmente temos que ficar passivos, à espera de que nos aconteça algo. Mas isso é uma falácia total. A verdade sobre esta questão foi expressa uma vez e para sempre na Epístola aos Filipenses, capítulo 2, versículos 12 e 13, onde o apóstolo diz: "operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade". Temos aí o equilíbrio certo e a seqüência certa. O apóstolo começa com uma exortação, quase uma ordem: "operai a vossa salvação com temor e tremor". Aí está o imperativo; aí está uma coisa que eu e você temos que fazer. Todavia imediatamente ele acrescenta: "porque Deus é o que opera em vós:". Embora a ordem aí seja o inverso da que temos aqui em Efésios 3:16, ela diz a mesma coisa. Não fora o fato de que Deus "opera em nós tanto o querer como o efetuar", nunca poderíamos fazer coisa alguma. Nossa vontade, como vimos, precisa ser estimulada e fortalecida; necessitamos do poder. E é porque Deus "opera em nós tanto o querer como o efetuar", que podemos "operar a nossa salvação com temor e tremor". Portanto, o versículo 16 não ensina nenhum tipo de passividade em que simplesmente esperamos sem fazer nada.

A seguir, o apóstolo continua, dizendo que isto é algo que acontece "pela fé". Que significa isto exatamente? Mais uma vez topamos com

um tipo de doutrina que tem causado tropeço a muitos, e os tem mantido longe da vivida experiência que estamos considerando. "Pela fé" não significa (eu cito a frase corrente) "receba-o pela fé", a que já nos referimos abreviadamente. Essa ensina que é "muito simples", que você "apenas o recebe pela fé"; você só "abre a porta para Cristo", e imediatamente Ele está em seu coração. Ainda que alguém não sinta nada, deverá convencer-se de que, uma vez que a Palavra afirma que, se você abrir a porta Ele entrará, portanto, se abriu a porta, Ele tem que ter entrado! É irrelevante se você sentiu alguma coisa ou não; dizem eles que você pode continuar "presumindo" e supondo que Ele entrou porque Ele disse que o faria.

Essa doutrina é completamente errada. Nenhuma outra doutrina é tão calculada para privar-nos das mais elevadas experiências da vida cristã; e, por esta razão, não passa de uma forma de auto-persuasão, de pôr-se em prática o princípio psicológico da auto-sugestão. O que a toma particularmente errada neste contexto é que aqui não estamos lidando com uma influência, e sim com uma Pessoa: "para que *Cristo* habite pela fé nos vossos corações". Quando Charles Wesley escreveu o hino por nós citado, não estava se persuadindo, mas estava registrando a sua experiência daquilo que Cristo era de fato para ele. Não diz ele que não tinha quaisquer sentimentos, que foi deixado a si mesmo e tinha que persuadir-se de que estas coisas são assim e de que tinha de "recebê-las pela fé"; o que ele diz é que Cristo era o bálsamo para o seu quebrantado coração, a sua perfeita liberdade, quando na prisão. Era questão de experiência. Não estava a persuadir-se de alguma coisa; estava experimentando alguma coisa. E essa, como vimos, tem sido sempre a experiência do povo de Deus.

Não é algo que você tem que pressupor ou tomar como líquido e certo, e então prosseguir em sua jornada com fé cega. Graças a Deus não é assim; é uma realidade, uma viva realidade. O apóstolo Paulo não estava fazendo uso de uma hipérbole, quando disse: “Para mim, o viver é Cristo”; era verdade quanto a ele. E quando disse: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”, estava declarando um fato da sua experiência.

Devemos, pois, rejeitar o ensino que fala de “recebê-lo pela fé”. De qualquer forma, não há nada que tanto induza ao erro que dizer que é “muito simples”. Os defensores deste falso ensino muitas vezes usam uma particular ilustração. Pedem-nos que imaginemos com as persianas cerradas, ficando em conseqüência na escuridão, apesar de haver fora um sol refulgente. Dizem eles: “Tudo que você precisa fazer é abrir as persianas, e torrentes de luz solar entrarão. É tão simples como isso! ” Tal ensino deixa muitos perplexos, porque estes dizem que durante anos vêm tentando pôr em prática esse conselho. Acreditaram que é

“muito simples”, porém por algum motivo nada parece acontecer, e eles continuam sem esta experiência. Contudo a fé não é “simples”, nesse sentido; não é auto-sugestão, nem alguma espécie de “fideísmo”. A fé é muito mais ativa. Se lermos as biografias dos filhos de Deus que souberam o que é ter Cristo pela fé no coração, veremos que nenhum deles afirma que é “muito simples”; ao contrário, veremos que muitos deles, na verdade a maioria, experimentaram um longo processo de busca e exame, quase perdendo as esperanças e quase desistindo em desespero. No entanto, perseveraram na busca, procuraram e lutaram, e por fim ficaram cientes de que Cristo na verdade e de fato habitava dentro deles.

Passemos à resposta positiva à questão do significado desta expressão, “pela fé”. Não podemos fazer melhor do que tomar a descrição que nos é oferecida no capítulo 11 da Epístola aos Hebreus, um capítulo escrito com o fim de nos dar um relato e uma descrição daquilo que realmente constitui a vida de fé. Não é um estado passivo, como veremos, porém primária e essencialmente uma atividade; e o autor daquela epístola resume o ponto para nós num versículo: “Todo estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13). À luz desta definição da fé, podemos agora descobrir o verdadeiro significado das palavras: “Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações".

O primeiro princípio envolvido é que eu devo “ver” isto — “ Vendo-as de longe” (as promessas). Noutras palavras, devo reconhecer o ensino, em vez de o ler superficialmente. Devo ser cativado por ele. Os homens retratados naquele capítulo onze de Hebreus vivam neste mundo, exatamente como eu e você, e lhes chegou uma mensagem de algo diferente, de algo espiritual, de algo procedente de Deus. E estes homens de fé a “viram”. Na maioria, os seus contemporâneos não a viram; de

fato a ridicularizaram. Veja-se, por exemplo, um homem como Noé. Ele ouviu a mensagem de que Deus estava para destruir o mundo com uma enchente. Ele "viu" essa mensagem, e fez algo a respeito. Seus companheiros de existência, homens e mulheres, não a viram, e o ridicularizaram por construir a sua arca. Riam dele, com escárnio e mofa; a coisa parecia-lhes monstruosa.

O que diferencia os cristãos de todos os outros, em primeira instância, é que eles "vêem" algo. Assim, a questão vital, quando consideramos a possibilidade de Cristo habitar no coração, é: vemos esta possibilidade? Ou nos inclinamos a pensar que é uma espécie de misticismo ou entusiasmo ou fanatismo? "Eu creio em ser cristão", diz

certo tipo de crente, "e creio em manter em minha mente a verdade cristã em geral, e em ter uma vida moralmente boa; todavia agora você nos está levando, certamente, a uma esfera perigosa, onde poderão suceder-nos coisas estranhas." Na verdade estou! Eu os estou conduzindo para os domínios dos grande heróis de fé. Eu os estou conduzindo para os domínios em que o apóstolo Paulo, os outros apóstolos e os cristãos primitivos viveram. A menos que vejamos isto como uma realidade concreta, obviamente jamais o conheceremos, jamais o experimentaremos.

Entretanto, estas pessoas não somente viram estas coisas; ficaram "persuadidas" delas ("creram" de fato nelas). Deve-se dar ênfase a isto porque muitos, quando lêem esta passagem e começam a ter alguma compreensão dela e a "vê-la", não vão adiante, pois raciocinam como segue: reconhecem o tipo de experiência descrita e admitem que ela pode ser demonstrada a partir das Escrituras e dos hinários, e que certamente é verdadeira com relação a muitos cristãos. Mas ficam a indagar-se se isto só vale para pessoas excepcionais. E não depende, finalmente, de estrutura do indivíduo? Alguns são naturalmente místicos, enquanto que outros são mais obtusos, insensíveis, mais comuns, mais do tipo terrenal. Esta experiência não será unicamente para um certo tipo de pessoa? Muitos há que pensam e argumentam dessa maneira. O diabo veio e lhes sugeriu que, naturalmente, esta é uma experiência perfeitamente genuína, mas nunca destinada a toda gente.

No entanto, as dificuldades podem tomar outra forma. Alguém poderá dizer: por certo, esta experiência é maravilhosa, e eu gosto de ouvir e ler sobre ela; porém obviamente não se destina a mim; sou um homem de negócio, e me preocupo com os quefazeres desta vida. Ou, sou um profissional extremamente ocupado. Posso ver com muita clareza que, se eu não tivesse mais nada a fazer, senão passar meus dias estudando, concentrado na vida cristã, ou se eu me fizesse monge ou eremita ou anacoreta, e pudesse realmente dedicar-me a esta questão, não tenho dúvida de que me seria possível. Entretanto estou imerso em questões de negócio e em muitos problemas prementes; decerto esta experiência é completamente impossível para mim.

A resposta pura e simples a esta alegação é que o apóstolo Paulo a considerava possível para cada um dos membros da igreja de Éfeso. Estes cristãos primitivos, pelo menos a maioria deles, eram escravos, não eram senhores de si, e eram forçados a trabalhar, a labutar, a suar. Muitas vezes faltavam-lhes instrução, conhecimento e cultura, e esta-vam mergulhados nos mais sórdidos pormenores da vida. Todavia, o apóstolo garantia que isto lhes era possível.

Assim, é essencial que nos persuadamos desta verdade. Se você

evadir-se disto alegando que a sua posição ou as suas circunstâncias são tais que não lhe é possível, naturalmente nunca o experimentará. Mas agir assim é completamente antibíblico. Você estará negando o ensino do apóstolo, e não somente isso, estará negando a experiência cristã da Igreja através dos séculos. Já diz advertência contra a dicotomia totalmente falsa de que se fazem culpadas a igreja católica romana e outras formas de catolicismo, quando dividem os cristãos em "santos" e cristãos comuns. Segundo o Novo Testamento, todo cristão individual é santo. Todos os membros da igreja de Corinto eram "chamados santos" e foram considerados santos pelo apóstolo. Assim, devemos deixar-nos persuadir pelo ensino de que esta experiência é possível a cada um de nós. Todos nós gozamos a mesma salvação pelo sangue de Cristo, recebemos o mesmo dom da vida, fomos destinados a experimentar e a viver a mesma vida, a morrer no mesmo conhecimento da ressurreição, e a ir para o mesmo céu, de modo que todos nós fomos destinados a entrar nesta experiência. E é um simples fato da história que o tipo mais comum de indivíduo tem esta bendita experiência e pode dar testemunho dela. Não está restrita a pessoas proeminentes; tem sido a experiência das pessoas mais comuns, bem como de pessoas extraordinárias porque finalmente não depende de coisa alguma existente em nós, e sim do Senhor. O que temos que fazer é confiar nisto, vê-lo, ficar convencido disto. Se não ficarmos convencidos de que isto é uma possibilidade para nós, obviamente não o buscaremos.

O termos subseqüente, de Hebreus 11:13, afirma que eles *abraçaram* as promessas. Cada termo dá mais um passo. No momento em que estas pessoas se persuadiram das promessas, desejaram tomar posse delas; começaram a desejar ardentemente o seu cumprimento. Pois bem, foi isto que o Senhor disse no Sermão do Monte, numa das bem--aventuranças, conforme registradas no Evangelho segundo Mateus: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos" (5:6). Abraçar as promessas significa ter fome e sede delas. Persuadidos de que elas foram destinadas para eles, estes agora começam a ter fome e sede delas e, então, apropriar-se delas.

A lógica deste argumento nos é familiar na vida comum. Estamos demasiado ocupados para persuadir-nos das coisas que desejamos nesta vida e neste mundo, e para abraçá-las? Não temos tempo para cultivar os nossos interesses e os nossos

gostos? O homem de negócio ou o profissional que nos diz que está ocupado demais para procurar a Cristo deste modo, também nos diz que está ocupado demais para procurar uma esposa? Com relação a isto ele é capaz de achar tempo, na verdade ele "fabrica" tempo. Devemos agir de igual modo quanto a esta possibilidade na vida cristã. Devemos "abraçá-la". Uma excelente

exposição disto se acha num hino de Gerhard Tersteegen, um piedoso cristão prussiano (embora com ligações holandesas) do século dezoito, que tinha experimentado estas coisas. Ele não somente havia "visto" esta realidade; ficara convencido dele e a abraçara.

Tu, oculto Amor de Deus, cuja altura e cuja profundeza ninguém sonda, de longe vejo Tua luz esplêndida, anelo teu repouso desfrutar.

Meu coração se aflige e não repousa enquanto em Ti repouso não achar.

Ele não somente vira isto como uma possibilidade intelectual; tomara-se uma realidade espiritual para ele. Tersteegen continua:

Total misericórdia foi levares minha mente a buscar em Ti sua paz; mas, se na minha busca eu não Te achar, paz nenhuma verá minha alma andeja.

Oh, quando terão fim os meus vagares, e meus passos irão só rumo a Ti ?

Temos nós visto a possibilidade? Desejamo-la? Nós a temos buscado, e temos sentido que enquanto não a pudermos achar, não haverá paz? Temo-la visto com tanta clareza que podemos dizer que nunca mais seremos felizes, enquanto não a tivermos? Tersteegen não a achava "muito simples", não dizia que era apenas questão de levantar a persiana! Não há nada de falatório banal com relação a isto; os que o experimentaram, nunca foram palradores. Repito o que sempre tenho sentido e dito, que há muitos hoje que têm tomado tantas coisas pela fé, que nada têm. Tersteegen teve que lutar; ele buscou, parecia-lhe fugir dele, e então brada agonia da sua alma: "Oh, quando terão fim os meus vagares?" Você tem procurado o Senhor desse modo? Você tem tentado abraçar a promessa dessa maneira particular?

A expressão que vem a seguir, em Hebreus 11:13, é vitalmente importante. Eles "confessaram que eram *estrangeiros* e*peregrinos* na terra". Este é o ponto em que eles começam a agir. Se deixarmos de agir com base no que abraçamos, tudo será em vão. Há certas coisas que temos que fazer, se é que isto há de vir a ser um fato em nossa experiência. No caso dos vigorosos homens de fé de que fala Hebreus capítulo 11, vemos que toda a sua vida e perspectiva era determinada e dominada por esta experiência. A história de cada um daqueles

homens salienta isto como a sua principal característica. Quando Abraão abraçou

esta promessa, deixou a sua terra e partiu, “sem saber para onde ia”. Ele confessou, ele agiu, toda a sua vida tomou-se um testemunho da realidade de Deus. Quando Noé a viu, separou-se dos outros e se pôs a construir a arca. Uma vez que vejamos isto, e estivermos convictos disto, e o abracemos, isto vem a ser o motivo dominante da nossa vida e o centro do nosso ser. Desejar Cristo no coração faz-nos prontos a renunciar a todas as coisas, enquanto não O tivermos.

Para este fim, o primeiro passo prático que devemos dar é manter esta questão constantemente em nossas mentes. Vocês podem ter sido atraídos pela possibilidade muitas vezes; os hinos que têm lido e cantado podem tê-los levado a desejá-la. Mas como é difícil manter na mente este sentimento e desejo! A única maneira de fazê-lo é ler a Bíblia, e especialmente passagens como esta e outras semelhantes, e então meditar nisso, pensar nisso com freqüência e, deliberadamente, fazer a sua mente dirigir-se a isso. Outra prática de inestimável valor é ler sobre as experiências dos santos, como as vemos em nossos hinários e nas biografias dos fiéis homens de Deus. Observem como eles buscavam esta experiência, e o que faziam a respeito. E ao fazer isso, estarão mantendo-a diante da sua mente. Temos que fazer isso deliberadamente, e temos que ser duros conosco mesmos.

Acima de tudo, temos que lembrar constantemente que está envolvido nisto um relacionamento pessoal com o Senhor Jesus Cristo. Isso é absolutamente central. Não estamos lidando com algum “Isto”, ou com alguma experiência como tal; estamos falando acerca dEle, acerca de Cristo no coração, e da experiência que decorre da intimidade com Ele. Portanto, devemos perguntar a nós mesmos deliberadamente se Jesus Cristo é real para nós. Cremos nEle, aceitamos a fé cristã; porém, nós O conhecemos neste sentido? Podemos falar dEle como Charles Wesley falava? Precisamos continuar a questionar-nos e a manter diante de nós a pessoa do Senhor. Essa é a primeira e a mais importante questão.

O segundo ponto que temos que compreender é que certas coisas são completamente incompatíveis com esta experiência. Se Cristo está em nossos corações, certas outras coisas não devem e não podem estar em nossos corações. Uma declaração muito clara sobre este aspecto da experiência acha-se em 2 Coríntios, capítulo 6, onde lemos: “... que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os

ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: “nelas habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (versículos 14 a 16). Não há necessidade de argumentar sobre isto. Certas coisas são incompatíveis. Não há concórdia entre Cristo e Belial. Se Cristo está em meu coração, há certas coisas que têm que sair do meu coração. Ele não habitará com elas. Ele é o Filho de Deus; Ele é santo e sem pecado.

Então, se verdadeiramente buscamos esta experiência e a *abraçamos,* temos que tomar uma atitude a respeito. "Não ameis o mundo, nem o que no mundo há", diz o apóstolo João em sua primeira Epístola (2:15). Vocês não podem ter o amor do Pai e o amor do mundo ao mesmo tempo. Portanto, se quiserem Cristo em seus corações, livrem-se do mundo e da sua mentalidade, da sua perspectiva, das suas atitudes e do seu comportamento. Mas, tendo-se libertados dessas coisas, verão que ainda permanece um inimigo, e este é o mais astuto de todos, a saber, o ego. Se se libertarem de todas as outras coisas objetáveis por suas próprias forças, acabarão louvando-se a si próprios, e ficarão orgulhosos de si e da sua santidade. Cristo e o ego pecaminoso não podem permanecer no coração ao mesmo tempo. Se é para Ele ocupá-lo, tenho que abdicar. Aqui, de novo, tomamos ciência de um perigo testificado por muitos santos. Tomemos um exemplo da experiência de um santo protestante francês Teodoro Monod:

Amarga vergonha e tristeza haver alguma ocasião em que o Salvador, com piedade, clame em vão e obtenha a resposta:

"Do ego tudo, e nada de Ti! "

Mas Ele me achou; contemplei-O na maldita cruz a sangrar, e Lhe ouvi orar: "Pai, perdoa-lhes!"

Minha alma anelante suspira:

"Do ego um pouco, e um pouco de Ti!"

Mesmo após ter-se tomado cristão e ter cessado de dizer: "Do ego tudo, e nada de Ti", houve um estágio em que ele dizia: "Do ego um pouco, e um pouco de Ti". Contudo ele continua:

Sua eterna mercê, dia a dia, curando, ajudando em plena graça, vigoroso, suave e paciente, fez me abaixar, e eu sussurrei:

"Do ego menos, e mais de Ti! "

E então ele chega ao pináculo:

Mais alto que o mais alto céu, mais fundo que o mais fundo mar,

Senhor, Teu amor enfim venceu; atende agora esta oração:

"Do ego nada, e tudo de Ti!"

Conhecemos algo destes estágios? Conhecemos a astúcia do diabo? Tem que ser ou Cristo ou o ego. Enquanto eu e vocês estivermos dominando as nossas vidas, Cristo

não estará; portanto, não somente as coisas más têm que sair; o ego também tem.

Não só precisamos reconhecer que tudo isso é verdade; precisamos agir de acordo com isso. “Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo”. Não é “muito simples”, é? Não é simplesmente o caso de levantar as persianas. Não! Vocês têm que ser muito ativos. “Não toqueis nada imundo.” É então que vem a promessa: “e eu vos recebereis; e eu serei para vós Pai e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso” (2 Coríntios 6:17-18). Não é surpreendente que em 2 Coríntios 7:1 o apóstolo argumenta: "Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus”. O Espírito já nos está fortalecendo com o Seu poder no homem interior, e é porque Ele o faz que nós temos de fazer estas coisas. Se vocês desejam de fato Cristo em seus corações, têm que pôr em prática esta exortação. Não há outro meio. “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me” (Mateus 16:24). “E os que são de Cristo”, declara Paulo, “crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências” (Gálatas 5:24).

Depois, o passo seguinte é o da oração. Devemos dar-nos conta da nossa total dependência do Senhor. Se vocês pensam que mutilar o corpo oumortificar a carne, ou fazer várias outras coisas que alguns dos místicos têm feito erroneamente, irá levá-los automaticamente ao fim desejado, estão grandemente enganados. Devemos dar ouvidos à exortação: “Operai a vossa salvação com temor e tremor”; mas também devemos dar-nos conta da nossa total dependência do Senhor. Tomo a recorrer a Tersteegen. Tendo percebido o que é que necessitava e não conseguindo acha-lo, ele prossegue:

Debaixo do sol haveria algo querendo compartilhar meu coração contigo ?

Ah, rasga-o e reina Tu somente,

Senhor de tudo que aí existe!

Serei então livre da terra, achando repouso apenas em Ti.

Ó divino Amor, auxilia-me de vãos cuidados a livrar-me; segue e apanha a minha vontade em meu confuso coração:

Faze-me Teu dócil filho, para eu sempre clamar: “Aba, Pai! ”

Cada instante eleva da terra minha alma, que espera a Tua voz;

fala-lhe ao íntimo; e dize:

"Sou teu Amor, teu Deus, teu Tudo! "

Sentir Teu poder, ouvir-Te a voz, provar Teu amor — é quanto quero.

Vocês oram desta maneira ao Senhor? Esta é a oração de um homem que verdadeiramente está abraçando e confessando estas coisas. Ele toma o seu tempo falando com Cristo, pedindo-Lhe que venha. Ele tenta limpar-se e purificar-se, mas percebe que necessita do poder que somente Cristo pode dar. Assim, ele clama por ele, anseia por ele, roga-o ao Senhor. A oração é essencial.

Finalmente, é preciso haver perseverança. Devemos continuar e persistir. Haverá muitas ocasiões de desânimo. Pode ser que vocês se sintam muito piores do que nunca antes. Talvez descubram coisas em seus corações que nunca imaginaram haver ali. Podem achar que estão se afastando mais de Deus. Contudo, prossigam, continuem, perseve-rem. Este é o Seu processo; Ele os está conduzindo avante. E temos a Sua definida promessa e garantia: "o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6:37). Este é o Seu desejo quanto a nós. Mas, conhecendo-nos como nos conhece, Ele sabe que aquelas outras coisas têm que acontecer primeiro. Desse modo, geralmente sucede que o primeiro passo na vinda desta experiência de "Cristo no coração" é que nos é dada uma visão do negror dos nossos corações, do horror do ego, e da vida egocêntrica que nos assusta e faz com que fiquemos completamente desesperados. Todavia é precisamente isto que Ele **quer que sintamos. É só quando ficamos completamente desesperados**

e nos sentimos totalmente sem esperança, que olhamos para Ele e compreendemos a nossa necessidade do fortalecimento do Espírito no homem interior, oramos por esta bênção como nunca oramos antes. E Deus responde a nossa oração, e o Espírito Santo de tal modo nos fortalece e opera em nós, e tanto se move em nós que ficamos capacitados "a querer e a efetuar", e a preparar o lugar para o Senhor Jesus Cristo em nosso corações. Então Ele cumprirá a Sua promessa: Eu Me manifestarei a você; virei e farei Minha habitação em você; Eu e o meu Pai habitaremos em você.

“ALICERÇADOS EM AMOR”

“Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de,

estando arraigados efundados em amor” Efésios 3:17

Passamos agora a considerar a última frase deste versículo dezessete, a saber, “a fim de, estando (vós) arraigados e fundados em amor”. Também se pode traduzir: “a fim de, tendo sido (vós) arraigados e fundados em amor”. Isto é necessário, diz-nos o apóstolo, para habilitar-nos a termos alguma compreensão do amor de Cristo. Ainda é parte da grande oração que o apóstolo está fazendo em favor dos cristãos efésios. Conforme avançarmos, é importante lembrar-nos de que o interesse do apóstolo por estas pessoas é que conheçam o Senhor Jesus Cristo. Não devem buscar, primordialmente, as bênçãos que Ele pode dar, nem mesmo a santidade, mas devem buscar ao próprio Senhor Jesus. Toda santidade e santificação, todo tipo de bênção e toda condição da vida cristã devem resultar do nosso conhecimento dEle como Pessoa, e da nossa comunhão com Ele.

Esse é o sentido essencial de “Cristo habitar pela fé no coração”. A minha principal ambição deve ser, não de ser um bom homem, nem mesmo de ser santo. Há “santos” noutras religiões — no budismo e no judaísmo, por exemplo. A verdade específica acerca do cristão é que a nossa santidade é resultante do nosso conhecimento do Senhor e da nossa relação com Ele. Portanto, num sentido, não devemos nem mesmo falar do “aprofundamento da vida espiritual”; devemos falar do aprofundamento do nosso conhecimento de Cristo e do nosso amor por Ele. Quando isso acontece, a nossa vida espiritual se aprofunda necessariamente. Assim, o que o apóstolo está dizendo aqui é que, se Cristo habitar em nossos corações, o resultado será que estaremos “arraigados e fundados em amor”. Notem a ordem em que estas questões são mencionadas. Mudá-la é extremamente perigoso.

O primeiro resultado da habitação de Cristo pela fé em nossos corações é que passamos a estar “arraigados” e “fundados” em amor. Paulo não diz que devemos estar arraigados e fundados no amor *de Deus*. Isso virá mais tarde. Aqui a ênfase é que nós mesmos devemos estar arraigados e fundados no amor. Noutras palavras, o amor deve ser o elemento predominante e preponderante em nossas vidas, em nossa

conduta e em nossa experiência. Obviamente não temos nenhum amor em nós sem o amor de Deus. “Nós O amamos porque Ele nos amou primeiro”; e necessariamente há um elemento de amor na vida cristã desde o começo. Não se pode simplesmente crer que o Filho de Deus veio à terra e Se entregou à morte na cruz por nós e por nossos pecados, sem que imediatamente haja um elemento de agradecido amor para com Ele. O apóstolo já tratara deste aspecto de verdade nos dois primeiros capítulos. Aqui, no capítulo três, ele está interessado num amor mais profundo, num

amor mais permanente, e está falando especificamente do nosso amor a Ele, e não do Seu amor a nós. Assim, o assunto aqui é nosso amor a Deus, o nosso amor ao Senhor Jesus Cristo, o nosso amor aos irmãos na fé, o nosso amor à obra e ação cristã — na verdade, o nosso amor a tudo que pertença à "verdade que está em Cristo Jesus (Ef. 4:21).

Com o fim de acentuar que a principal característica da vida cristã deve ser o amor, o apóstolo utiliza duas figuras: "arraigados" e "fundados". A primeira logo nos faz pensar numa árvore; a segunda, num edifício. O apóstolo usa deliberadamente as duas comparações, e minha opinião é que ele o faz devido a certas semelhanças das duas figuras, e também devido a certas diferenças. Vê-se claramente que a idéia dominante e central presente nas duas figuras é a de permanência. Mas há também uma sutil distinção entre as duas. O que é comum às duas figuras é o que uma grande árvore tem em comum com um grande edifício, a saber, a idéia de profundidade e firmeza, de permanência e durabilidade. "Arraigados" quer dizer "profundamente arraigados". Não devemos pensar num tenro renovo que poderia ser derrubado por uma ligeira rajada de vento, mas, antes, num majestoso carvalho cujas raízes descem às profundezas da terra e que se espalham em muitas direções e se agarram firmemente no solo e nas rochas. Devemos pensar numa árvore de considerável idade e tamanho, e que dá a impressão de que vai permanecer para sempre. Na outra figura, devemos ver um edifício grande e alto, erigido sobre um alicerce firme e forte. Quanto mais olhamos para ele, a idéia que se estampa em nós é a de solidez. Dois elementos — profundidade e força — e, portanto, permanência e durabilidade, são comuns a ambas.

Ao mesmo tempo, vêem-se claramente certas diferenças; doutro modo, o apóstolo nunca teria utilizado as duas figuras. Se ele quisesse meramente salientar a solidez e a permanência, a figura de um edifício seria suficiente; porém o apóstolo retrata uma árvore também. Quando vocês olham para uma árvore, não notam apenas força e durabilidade, e sim também vida e vitalidade, energia e crescimento. E não só isso, mas também há algo numa árvore que nos impressiona de um modo que

um edifício não pode nos impressionar. Ela transmite a idéia de vida, vitalidade e energia. Transmite benefícios resultantes da sua natureza ativa. Esses elementos faltam no edifício. O edifício sugere uma força resistente às pressões, às tensões e a todas as outras influências que pesam sobre ele; entretanto não há vida ali, não há vitalidade, não há nenhuma possibilidade de crescimento. É fixo, estabelecido, durável, permanente. Devemos, pois, examinar mais de perto as duas figuras, para podermos captar o ensinamento do apóstolo.

Este não é o único lugar em que o apóstolo coloca juntas estas duas idéias. Na verdade parece que ele pensa em termos destas duas figuras toda vez que pensa na Igreja. Voltemo-nos, pois, para 1 Coríntios 3:9, onde vemos o apóstolo lembrar aos

membros da igreja de Corinto: “vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus”. Eles são “lavoura”, “fazenda” de Deus; contudo são também edifício de Deus. Diz igualmente o apóstolo que ele pensa em si como agricultor e construtor. Uma idéia **sem a outra não parece adequada ao seu propósito de comunicar certas** grandes verdades acerca da Igreja e da vida cristã. Precisamente da mesma maneira ele emprega as duas idéias com o fim de falar-nos da centralidade do amor na vida do cristão. Um só quadro não basta.

A primeira figura é a de estarmos “arraigados” em amor. Pensem de novo num grande carvalho e em suas raízes. Observem o alcance destas, a sua força, e como se espalham e se dividem e se subdividem por todos os lados. Não pensem nos pequenos e delicados filamentos que vocês vêem noutras plantas ou em rebentos; em vez disso, pensem nas raízes que constituem, elas próprias, árvores, e que abarcam e abraçam grande volume de terra. Se essa árvore for arrancada, esse tremendo volume de terra será arrancado com ela. Mas ela não pode ser abalada, porque penetrou profundamente o solo. E, segundo o apóstolo, essa é a condição do cristão. Essa é a descrição que ele faz do amor presente na vida do cristão maduro. Lembremo-nos uma vez mais de que o apóstolo está orando por pessoas já cristãs, pessoas que tinham crido, que já tinham sido seladas pelo Espírito. No entanto elas precisam progredir para além do seu início, e experimentar a vida cristã em sua maturidade. E essa vida deveria provocar admiração. Deveria ser notável e espantosa como uma árvore, como uma árvore que, quando vocês estão passeando numa floresta, de repente páram, firmam-se e dizem: que maravilha! Que majestade! Que magnificência! O apóstolo ora no sentido de que estes cristãos efésios venham a ser assim.

Portanto, a figura comunica a idéia de que o amor é o solo em que a nossa vida cristã é plantada e no qual ela cresce. O alimento e a nutrição, e tudo que nos ajuda a edificar-nos e a fortalecer-nos, provêm

do solo do amor. Devemos estar arraigados nele. A árvore recebe desse modo muito da sua nutrição. Ele retira vários elementos químicos do solo, e também sua umidade e várias outras coisas. Suas necessidades são satisfeitas por meio desta ativa rede de raízes; os elementos nutritivos são levados para o tronco e para os ramos e folhas. Desta maneira é mantida a vida da árvore. Assim, o terreno e solo da nossa vida cristã devem ser o amor, diz o apóstolo. O amor é a única coisa que edifica a vida cristã e que a toma parecida com a vida de Cristo. Como cristãos, fomos destinados a ser semelhantes a Ele; devemos ser “conformes à imagem do Filho de Deus” (Romanos 8:29). Devemos manter esta verdade sempre diante de nós. Devemos parar de pensar negativamente a nosso respeito, como sendo só um pouco melhores do que éramos, ou um pouco melhores do que alguma outra pessoa. Devemos olhar para Ele, devemos tomar-nos semelhantes a Ele. Em nossa regeneração fomos feitos de novo segundo esse modelo, e devemos tomar-nos cada vez mais semelhantes a

Ele. O único modo de nos tomarmos semelhantes a Ele é estar "arraigados" em amor. Somente desta maneira ficaremos fortes e manifestaremos aquela simetria e aquela proporção que constituem a mais notável característica de uma árvore majestosa. É só quando estivermos arraigados em amor que manifestaremos estas glórias, e seremos uma alegria, uma satisfação e de valor para os outros.

A força real da vida cristã é o amor. Vivemos dias em que, com freqüência, o amor é considerado como algo fraco, frouxo e sentimental. Mas o amor é forte. "O amor é forte como a morte" (Cantares de Salomão 8:6); é na verdade mais forte do que a morte. Não há nada mais forte do que o verdadeiro amor. Aqui vemos a diferença essencial entre o amor e a mera sentimentalidade ou sentimentalismo, que é sempre fraco, piegas e frouxo, e incapaz para a ação. O amor é a influência mais grandiosa e mais poderosa no mundo.

Podemos acentuar esta verdade mediante certos contrastes. De acordo com o ensino do Novo Testamento, é o amor, e não o conhecimento, que nos faz cristãos fortes. Isto é ensinado com clareza no capítulo oito da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, onde lemos a memorável frase: "A ciência incha, mas o amor edifica" (versículo 1). Esta é uma distinção sumamente importante. Lembremos que é o grande apóstolo Paulo que diz isto, homem que foi eminentemente um mestre, o maior mestre que a Igreja conheceu, homem grandemente interessado em que os cristãos tivessem conhecimento e crescessem no conhecimento. E ele, dentre todos os homens, que declara: "A ciência" (ou "o conhecimento") incha, mas o amor edifica".

Podemos expor e salientar esta distinção da seguinte maneira: há um sentido em que é certo dizer que toda a Primeira Epístola aos Coríntios é uma dissertação sobre a diferença entre o conhecimento e o amor. O apóstolo escreveu a carta por causa de divisões, de seitas, e porque havia muitos e graves problemas naquela igreja. Ele toma estes problemas um por um. Mas um cuidadoso exame do tratamento dado aos problemas, individualmente separados, leva à conclusão de que todos os problemas tinham uma origem comum — os coríntios estavam colocando o conhecimento no lugar do amor. Estavam fazendo do conhecimento a coisa suprema da vida do cristão. Era uma igreja muito dotada, a de Corinto. O Espírito Santo dispensara muitos dons àqueles crentes; porém se desviaram porque esqueceram o amor.
Se alguma coisa é colocada na posição principal, ou edificada sobre algo que não seja o amor, certamente perderemos o caminho. Se pusermos em primeiro lugar o conhecimento e compreensão intelectual, provavelmente isto nos fará inchar e estragará tudo. Se pusermos em primeiro lugar os dons espirituais, também nos fará inchar, e causará divisão e cisma, e arruinará tudo. O amor é o alicerce, o amor é o solo, não o conhecimento. Naturalmente o conhecimento é absolutamente essencial; sem conhecimento não pode haver nenhum crescimento. Todavia o conhecimento, no sentido verdadeiramente cristão, nunca é meramente intelectual. É assim, e isso porque é o conhecimento de uma Pessoa. O propósito de toda doutrina, o valor de

toda instrução, é levarmos à Pessoa do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Dou ênfase a isso de novo porque isso tem sido uma armadilha para muitos na Igreja através dos séculos. Para alguns cristãos professos a armadilha não é perturbar-se acerca do conhecimento; essas pessoas já se acham numa posição falsa. Outros podem ver claramente que é para termos conhecimento, que as Escrituras nos concitam a isso, e assim eles se põem a buscar conhecimento. Então o diabo entra e transforma isso numa coisa puramente intelectual. O resultado é que eles têm cabeças repletas de conhecimento e de doutrina, mas os seus corações são frios e duros como pedras. São áridos, e tão diferentes de uma árvore majestosa quanto é possível ao homem ser. O verdadeiro conhecimento cristão é conhecimento de uma Pessoa. E porque é conhecimento de uma Pessoa, leva ao amor, porque Ele é amor. "Deus é amor." Cristo é o amor encarnado. Assim, conhecer a Deus e conhecer a Cristo leva necessariamente ao amor. Se o conhecimento que alegamos ter não tem levado a um maior amor em nossas vidas, será melhor examinar-nos com muita seriedade. Conhecimento sem amor vem a ser o que as Escrituras denominam "obstinados" e "orgulhosos". (2 Tim. 3:4). Toma-nos autoridades; introduz um espírito crítico e uma

dureza positivamente prejudiciais.

Vemos uma repetição do mesmo ensino no capítulo treze da mesma Primeira Epístola aos Coríntios. No versículo 2 lemos: "E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade (amor), nada seria". Por maior que seja o nosso conhecimento, se não temos este amor, somos inúteis. De novo no versículo 8 desse capítulo: "havendo profecias, serão aniquilados, havendo línguas cessarão; havendo ciência, desaparecerá". O versículo 9 diz: "em parte conhecemos, e em parte profetizamos". Todo o nosso conhecimento é apenas parcial; na melhor e mais elevada hipótese em nossa vida neste mundo, somente "vemos por espelho em enigma".

Tratemos de dar-nos conta de que o que compete ao conhecimento é levar-nos ao amor. Esta é sempre a prova principal da nossa vida cristã. Nosso bendito Senhor o expressa desta maneira, no Sermão do Monte: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48). A perfeição da qual Ele fala aqui é o amor. Diz Ele que Deus envia chuva sobre justos e injustos, e faz que o Seu sol brilhe igualmente sobre maus e bons. Deus manifesta o Seu amor dessa maneira e, com isso, mostra-nos o modo como nós também temos que amar. Os gentios, diz o Senhor, amam aos que os amam, pçrém a questão é: vocês são capazes de fazer o bem aos que os odeiam? É assim que Deus ama; e devemos amar como Deus ama. "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus." Esse é o solo, o único nutriente que pode edificar-nos e fazer-nos fortes, e fazer que pareçamos representantes e reproduções da vida do próprio Senhor Jesus Cristo.

Outra verdade ainda é que somente o amor pode dar-nos real poder para vivermos a vida cristã e para trabalharmos e labutarmos nesta vida cristã. Isto é frequentemente acentuado nas Escrituras. Ao exortar o povo a trabalhar na reconstrução, após a destruição e devastação feita em Jerusalém, Esdras fez esta extraordinária declaração: "A alegria do Senhor é a vossa força" (Neemias 8:10). Não há nada no mundo que nos dê tanto vigor como o amor. Tomo a salientar a diferença entre o amor e o sentimentalismo. A pessoa sentimental senta-se em sua poltrona e goza algum estímulo passageiro. Sente-se feliz no momento, e depois fica esperando o próximo estímulo ou experiência, mas ela nada faz. O amor enche de energia o homem e o envia a uma tarefa, concita-o e o impulsiona a sair para a ação.

O apóstolo Paulo expõe esta mesma verdade em sua Epístola aos Gálatas, onde o vemos dizer: "em Jesus Cristo nem a circuncisão nem

a incircuncisão tem virtude alguma; mas sim a fé que opera por caridade (por amor)" (5:6). Dificilmente Paulo menciona a fé sem juntar-lhe o amor. Na verdade a fé, a esperança e o amor andam juntos, como uma tríade gloriosa. Assim, neste capítulo três da Epístola aos Efésios, depois de escrever sobre Cristo habitar pela fé em nossos corações, ele passa imediatamente a mencionar o amor. Ele o faz porque a fé opera pelo amor, a fé é energizada pelo amor, e a vida da fé só é ativa graças ao amor. E este se refere, lembremo-nos, ao nosso amor a Deus, aos irmãos e ao serviço do Senhor.

Deixem-me ilustrar o que quero dizer. Um homem pode pregar por ser este o seu trabalho, sua tarefa, ou porque se anuncia que o fará. E pode ser energizado, se o é, somente por isso. Contudo é um trabalho difícil, uma tarefa árdua. Mas como é diferente, quando esse homem é energizado pelo amor — pelo amor a Deus e a Cristo, e pelo amor às almas! "Fé que opera pelo amor."

Vejamos agora este tema numa sua representação veterotestamentária belíssima e quase idílica. O ponto que estou defendendo é que unicamente o amor realmente nos dá poder e força na vida cristã. O conhecimento pode dar um conhecimento restrito ao intelecto, e uma compreensão e um interesse puramente intelectuais. No entanto o de que necessitamos é a dinâmica que o amor propicia. Vemos isto em ação na história de Jacó, no Velho Testamento. Tendo fugido de casa e da ira do seu irmão Esaú, ele foi para a terra natal da sua mãe e entrou em contato com Labão e sua família. Ali enamorou-se de Raquel, uma das filhas de Labão, e pediu que lhe fosse cedida para ser sua esposa. Mas foi ludibriado por Labão e forçado a receber Lia, irmã mais velha de Raquel, e depois lhe foi dada Raquel, com a condição de que concordasse em trabalhar sete anos por ela. Então vem a interessante declaração registrada em Gênesis: "Assim serviu Jacó sete anos por Raquel; e foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava" (29:20): Sete anos parecem um longo tempo quando alguém está esperando por alguma coisa. Um estudante que tem

que fazer um curso de sete anos, acha que é que quase interminável. Ou se alguém está esperando receber um dinheiro que deverá vir-lhe em sete anos, parece um período muito longo. Mas a Jacó o trabalho e a espera por Raquel, durante sete anos, pareceram apenas uns poucos dias. A explicação está no seu amor a Raquel. O amor muda tudo. Parece ter o poder de cancelar o tempo. Faz os segundos, os minutos, as horas, os dias, os meses e os anos parecerem algo inteiramente artificial e irreal. O amor tem a sua própria cronologia; e assim é porque ele produz esta energia, este poder, este potencial, esta capacidade de ver todas as coisas de uma nova maneira. Não entra em conta o preço, nem o tempo;

é um mundo todo seu, e faz tudo parecer novo.

O amor é também o único motivo verdadeiro para a obra e para a atividade na vida cristã. Por que nos chamamos cristãos? Por que participamos do pão e do vinho na Ceia do Senhor? Por que nós cremos que Cristo morreu pelos nossos pecados na cruz? A razão disso tudo é que sabemos que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito", O amor é o motivo de Deus. Por que o Deus eterno, absoluto e santo haveria de preocupar-Se com este mundo que se rebelou contra Ele e reduziu o Seu paraíso a um estado de caos? Por que não destruiu tudo e não o despachou logo para a perdição? Foi por causa do Seu eterno e espontâneo amor! Esta é a motivação atuante no coração de Deus. E quando se lê a história do Senhor Jesus Cristo, nada se levanta mais proeminentemente em todos os Evangelhos do que precisamos este fato. Ele olhou para a multidão, diz-nos a Palavra, e Ele a viu como "ovelhas sem pastor". Com que freqüência a palavra "compaixão" é empregada em conexão com Ele! "Ele teve compaixão da multidão." Os Seus atos de bondade, os Seus milagres, o alívio que Ele dava aos doentes e aos sofredores, tudo era por causa do Seu grande coração repleto de amor. Isso Lhe dava energia, e Lhe propiciava o motivo também; era o poder que O levava a prosseguir. E na vida cristã devemos ser como Ele; devemos seguir os Seus passo, devemos ser reproduções dEle. Os homens e as mulheres do mundo, quando olham para nós, devem ver Jesus. Este, pois, deve ser o motivo impulsor em nossa vida cristã, em tudo que lhe diz respeito, em todos os seus aspectos.

Como já dissemos, o amor deve ser o motivo mesmo para o santo viver. O real motivo para ter uma vida santa deve ser que isto agrada a Deus, e que o pecado Lhe é desagradável. Não devo estabelecer o meu diminuto padrão de santidade e retidão e o meu diminuto código moral, e orgulhar-me de que sou um homem que sempre cumpre a sua palavra e vive de acordo com o seu código e com o seu padrão. Isso não é ser cristão, em última análise. Frequentemente o mundo age com base nesse motivo. O único motivo verdadeiro para o santo viver é que quando não sou santo, isto entristece a Deus e O ofende. Meu desejo deve ser agradá-lO; não simplesmente obedecer a lei divina, mas causar alegria a Deus e ao Senhor Jesus Cristo. Esse deve ser o motivo para todas as nossas ações e atividades. Todos nós temos que confessar

que nem sempre é assim. Homens que têm sido muito ocupados na vida da Igreja muitas vezes têm sido ativados por motivos muito diferentes deste. Muitíssimas vezes o motivo tem sido a exaltação do seu nome, da sua reputação, da sua importância, do seu sucesso. Todavia isso é totalmente indigno da nossa "soberana vocação". O nosso motivo deve

ser o amor.

Vejam este motivo como vem exemplificado no próprio apóstolo Paulo. As Escrituras o retratam como um infatigável evangelista e pregador que viajava dia e noite ensinando e pregando, cruzando oceanos e se sujeitando a intermináveis crueldades e indignidades às mãos dos homens. Perguntem-lhe por que procedia desse modo. Em sua Segunda Epístola aos Coríntios, achamos a sua resposta: "O amor de Cristo nos constrange" (5:14). O amor de Cristo está nele. Ele via a situação da humanidade em pecado como Cristo a via. Ele sabe o que Cristo fez por ele, e isto criou em seu coração um amor semelhante. Ele está "arraigado no amor de Cristo", a base de toda a sua experiência. É isto que o impulsiona, a força motriz é esta, e nada mais. Esta deve ser a maneira pela qual nós também devemos apresentá-lO, dar glória ao Seu nome e ser-Lhe agradáveis.

Há ainda mais um elemento nesta idéia de estarmos arraigados em amor. É negativo, porém muito importante, e está implícito no que temos dito. Não haverá nenhum valor fundamental em toda a nossa obra e em toda a nossa atividade, se não estiver arraigada e fundada em amor. Essa pode parecer uma afirmação demasiado forte, ou extrema; mas não é minha, pertence ao próprio apóstolo. Ele nos diz: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine". Você pode ser o maior orador do mundo, pode ser capaz de falar de maneira comovente, podendo causar a admiração das pessoas e talvez até levá-las à ação; entretanto se o amor não estiver dominando o que você diz ou faz, você será como o metal que soa ou como o sino que tine. Mais: "E ainda que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria". Essa é uma declaração demolidora e alarmante, contudo obviamente é a pura verdade. Tem que ser, porque a vida cristã é uma vida semelhante a Cristo, e nEle tudo teve origem no amor. É como deve ser conosco. O dia do juízo será uma revelação, será um dia de surpresas. O que nos parecia grandioso, talvez pareça não ser absolutamente nada; e o que nos parecia trivial, então será visto com algo de grande valor, com a fulgente luz do amor de Deus sobre isso derramada. Que inversão dos nossos julgamentos e das nossas concepções veremos!

Isto não é ensino só do apóstolo Paulo. Nosso bendito Senhor e Salvador ensinou a mesma verdade. De acordo com Ele, devemos julgar uma ação, não por seu volume e por sua aparência exterior, e sim

pelo motivo que a originou, e pelo elemento de amor presente nela. Este é o sentido da história da pequena oferta da viúva. No que se refere à soma, era uma oferta irrisória, mas expressava o amor do seu coração e, aos olhos de Deus, tinha valor infinitamente maior do que milhões sem amor. Ela deu tudo que possuía, deu seu amor e demonstrou o seu desejo (Marcos 12:41-44). Vê-se o mesmo princípio no Evangelho segundo Lucas, que fala de como o nosso Senhor esteve na casa de Simão, o fariseu. Simão não Lhe ofereceu água para lavar os Seus pés, nem Lhe ofereceu óleo para ungir a Sua cabeça. Simão não mostrou para com Ele as cortesias comuns e costumeiras. Era um fariseu incapaz de compreender bem esta Pessoa. Tinha interesse até certo ponto, no entanto não O conhecia, não cria nEle, não O amava. Todavia, desejava que Ele entrasse em sua casa e Se assentasse à sua mesa. Mas então uma pobre mulher, uma pecadora da cidade, veio e caiu aos Seus pés. Lavou-Lhe os pés com suas lágrimas, enxugou-os com os seus cabelos e ungiu-os com ungüento (Lucas 7:36-50). Suas lágrimas foram mais aceitáveis aos olhos do Senhor do que o precioso e caro ungüento utilizado por ela. Ser ungido por lágrimas nascidas no coração, mesmo que aplicadas somente aos Seus pés, é infinitamente mais valioso que ter a cabeça ungida com preciosa nardo ou com especiarias do mais alto preço e fragrantes perfumes. Nada tem valor aos olhos do Senhor, a menos que venha de um coração cheio de amor.

O cristão não é alguém que está realizando um trabalho, ou que está empenhado apenas em cumprir um dever. É alguém que "está arraigado em amor". E, como se dá com o seu Senhor, o seu motivo brota disso. É também dali que ele recebe energia, e é que o constrange. Ele não pode refrear-se; só pode ser assim. Visto que Cristo habita em seu coração pela fé, a sua fé está arraigada no solo do amor, e extrai os seus preciosos nutrientes vitais daquela fonte. Desse modo, passa a ser uma reprodução do próprio Senhor Jesus Cristo. Deus nos abra os olhos para isto! Dê-nos Ele este amor, e o "derrame" em nossos corações! Busquemos isto acima de tudo mais, porque sem isto, tudo mais nada é, e não levará a nada, senão a perda. Que Deus nos arraigue em Seu amor!

«FUNDADOS EM AMOR”

“Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor... " Efésios 3:17

Continuando o nosso estudo da frase, “estando arraigados (alicerçados) e fundados em amor”, lembramo-nos de que a proposição fundamental é que todo o nosso viver deve basear-se no amor; deve haurir sua vida, suas forças, seu poder, sua nutrição, tudo enfim, deste princípio cristão do amor. Se Cristo habita em nossos corações, o amor também tem que estar em nossos corações, no centro do nosso ser. Como já vimos, o apóstolo apresenta esta verdade na forma de duas figuras, a de uma árvore e também a de um edifício.

Vimos que há certas coisas comuns às duas figuras e que cada uma delas acentua certas particularidades. Portanto, agora dirigimos a atenção àqueles aspectos deste assunto que são ilustrados pela figura de um edifício. Não somente devemos estar arraigados em amor, mas também devemos estar “fundados” em amor, precisamente como um grande edifício requer um alicerce profundo e sólido. O princípio ensinado é que a vida e a atividade do cristão devem ser edificadas sobre o amor, pois o amor é uma parte essencial e inevitável da vida de todos aqueles em cujos corações Cristo fez a Sua habitação.

Vários princípios óbvios emergem desta figura particular. O primeiro é a importância de assegurar-nos de que o alicerce foi bem feito, e foi feito corretamente. O apóstolo fala de si próprio como “sábio arquiteto” — não apenas arquiteto, porém um arquiteto “sábio” (1 Coríntios 3:10). O sinal de excelência de um sábio arquiteto é que ele dá muita atenção ao alicerce. Ele não se precipita a levantar um edifício; quer um edifício estável e duradouro; quer um edifício sólido, no qual possa morar a vida toda, e outros depois dele. Assim, como sábio arquiteto, dará muita atenção ao alicerce, tomará tempo com ele, e se preocupará muitíssimo com ele. Um sábio arquiteto nunca toma coisa alguma como liqüida e certa na questão de alicerce. Ele quer saber exatamente o tipo de solo com que vai lidar, se há muita argila ou areia, e se há a possibilidade de uma inclinação ou de um deslizamento mais tarde. Ele vai fundo nessas coisas, com zelo meticuloso. O sábio arquiteto não faz esta obra apressadamente, pois compreende que esta

coisa não pode ser apressada. Num sentido, a qualidade do edifício vai depender disso, razão pela qual o alicerce deve ser bem feito, e corretamente.

Isto é particularmente verdadeiro se o projeto é de um edifício muito grande ou muito alto. Quanto maior e mais alto for o edifício, mais importância terá o alicerce. Se a intenção for erigir um edifício leve, um barracão de madeira, uma estrutura provisória, não será necessário ser muito minucioso quanto ao alicerce. No entanto,

se a intenção for erguer um edifício de grandes dimensões, um arranha-céu, um edifício de grande peso, com um enorme número de salas, então será absolutamente essencial um alicerce firme e sólido, e será preciso ter o máximo cuidado para habilitá-lo a resistir às tensões e pressões às quais o edifício estará sujeito.

Os numerosos edifícios da cidade de Nova Iorque ilustram bem este princípio. O que tomou possível aquela coleção de prédios altos e enormes é o fato de que a ilha de Manhattan é rocha mais ou menos sólida. Não seria possível construí-los em todo e qualquer lugar. Essas construções não são permitidas, por exemplo, em Los Angeles, onde há um limite para a altura de qualquer edifício por causa da natureza do solo e do subsolo. Se você quiser erguer edifícios, como os de Nova Iorque, terá que assegurar-se, em todos os aspectos, de que conta com alicerces adequados.

Dá-se grande proeminência a este princípio no Novo Testamento. O apóstolo está interessado em que os cristãos efésios alcancem grande altura na experiência, em que, de fato, sejam "cheios de toda a plenitude de Deus". E ele sabe que, se isto se há de realizar, muito tempo terá que ser gasto no preparo de um alicerce adequado. Não se pode construir até essa altura apressadamente. Se me for permitido misturar as metáforas, como o próprio apóstolo faz, colocando as raízes e o alicerce juntos, ilustrarei este ponto a partir da esfera da horticultura. Lembro-me de uma vez em que estive em Weston-super-Mare com um homem especializado no cultivo de ervilha-de-cheiro. Ele ganhara o primeiro prêmio e a taça em disputa vários anos sucessivos, nas Exposições da Real Sociedade de Horticultura. Aconteceu que eu estava com ele justamente na época em que as ervilhas-de-cheiro estavam em plena florescência. Fiquei muito impressionado com a beleza e com o aroma dessas plantas, e lhe fiz a pergunta óbvia: havia algum segredo especial que explicasse o sucesso na conquista de tão cobiçado prêmio ano após ano? E, particularmente, qual o segredo da extraordinária altura das plantas? Ele me disse que era um princípio muito simples: se você quer uma grande altura, precisa cavar, cavar fundo. A altura acima da terra, disse ele, deve corresponder à profundidade debaixo da terra! Para

garantir alguma altura em particular, as raízes devem ser tão fundas como a altura que você requer. Era esse o princípio secreto. De igual modo, é preciso que a altura e o peso de um edifício correspondam ao alicerce em que ele repousa.

Certamente é esse o princípio que o apóstolo está enunciando aqui. Ele está preparando o caminho para "a largura, e o cumprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento", e para que fossem "cheios de toda a plenitude de Deus". Como essa deve ser a qualidade do edifício, diz ele, não se apresse no seu alicerce. Gaste tempo com isso, assegure-se de que ele sera adequado. O nosso próprio Senhor disse isto perfeitamente, uma vez por todas, na famosa parábola das duas casas, no final do Sermão do Monte. O que Ele salienta de maneira tão notável é a importância vital do alicerce. A mesma parábola

no Evangelho segundo Lucas dá-nos um pormenor que não se acha no Sermão como o temos em Mateus. Em Lucas lemos: “Qualquer que vem a mim e ouve as minhas palavras, e as observa... é semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre rocha” (6:48). Segundo Mateus, o Senhor fala simplesmente do “homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha” (7:24). Lucas acrescenta a informação de que este homem particular “cavou, e abriu bem fundo” a fim de colocar o alicerce sobre a rocha. O contraste é com o homem que edificou a sua casa sobre a areia. Este segundo homem desejava retomo rápido. Ele estava interessado só em casas, não em alicerces; queria uma casa na qual pudesse viver confortavelmente. Não se preocupava com alicerces; construiu sobre a areia. Mas quando sobrevieram os temporais e provações, a sua pobre casa, que parecia tão maravilhosa, foi demolida. O ponto acentuado pelo nosso Senhor é que, se você realmente quiser viver uma vida correspondente às bem--aventuranças, se você quiser realmente ser Seu discípulo, terá que cavar fundo e lançar um sólido alicerce sobre a rocha.

Este é o princípio ao qual, o apóstolo dá ênfase aqui. Temos que compreender que não há atalhos na vida espiritual. Estas coisas levam tempo. O apóstolo não ora meramente por estas pessoas para que sejam cheias de toda a plenitude de Deus; ele sabe que isso não pode acontecer repentinamente e sem preparação. Precisamos ser fortalecidos com poder pelo Espírito no homem interior e pôr-nos a estabelecer um sólido alicerce. Temos que cavar fundo e, depois, despejar o concreto para fazer um alicerce volumoso e sólido. Devemos ter sempre em mente o peso da superestrutura que está para ser erigida.

É neste ponto que vemos o contraste apresentado pelas seitas. Elas são essencialmente diferentes da experiência cristã. Com as seitas tudo

é tão fácil e rápido! Não há necessidade de nenhum preparo ou alicerce. “Operai a vossa salvação com temor e tremor”, diz a Escritura (Filipenses 2:12). Não é assim como as seitas, nem com qualquer sistema fundado numa falsa interpretação das Escrituras. Sem o fortalecimento com poder pelo Espírito de Deus, sem a habitação de Cristo no coração, sem estarmos arraigados e fundados em amor, não temos esperança de conhecer as mais altas experiências da vida cristã. Diz-nos um hino bem conhecido: “Tempo para ser santo tu deves tomar”; e isso está certo. E também devemos tomar tempo para certificar-nos de que a nossa vida está baseada no amor. Ninguém pode passar precipitadamente por estas coisas e dizer: quero essa experiência aqui e agora. Só se obtém pelo método de Deus. Há regras para a construção da vida e experiência cristã; e esta é uma das mais vitais de todas elas.

Para nos dirigirmos agora aos pormenores: que significa este alicerce? Como deve ser construído? A primeira resposta é que todas as relações da vida cristã devem basear-se no amor. Tudo deve estar baseado, fundado no amor. Isto é verdade,

primeiramente, quanto às suas relações com Deus. Jamais conhecerei o amor de Deus, a não ser que a minha relação com Ele seja uma relação de amor. Isto é deveras básico. Qual é a nossa maneira costumeira de pensar em Deus? É somente teórica? É somente intelectual? Como é fácil pensar em Deus só intelectualmente, e ficar discorrendo sobre Ele, lendo sobre Ele e discutindo sobre Ele! Com que verbosidade fazemos isto! Quantas vezes temos dito que Deus devia ter feito isto ou aquilo! Esse é um conceito puramente teórico de Deus; não há amor nele. Mas se a nossa atitude para com Deus for apenas teórica e intelectual, não temos nenhuma esperança de sermos "cheios de toda a plenitude de Deus", ou de conhecer realmente o Seu amor e as insondáveis riquezas de Cristo.

Portanto, devemos continuar a interrogar-nos sobre a nossa atitude habitual para com Deus. É atitude de amor? Diz-nos o nosso Senhor que o primeiro mandamento é: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, alma, entendimento e forças" (Marcos 12:30). A Bíblia nos exorta, não somente a crer em Deus, mas também a amá-lO: ela exige de nós um relacionamento pessoal. Deus não é impessoal.
Não éum simples poder ou a desconhecida quantidade do sistema filosófico. Os filósofos falam do "Absoluto"e de uma "Causa Não Causada". Isso é fazer de Deus uma categoria, não uma Pessoa. Todavia Deus é uma Pessoa e, portanto, se estamos na relação cristã com Deus, esta será uma relação de amor, inevitavelmente. Não devemos tentar avançar nem um passo mais, enquanto não tivermos uma clara compreensão disso. Eu amo a Deus? O amor governa a minha maneira de

pensar nEle e a minha relação com Ele?

Exatamente do mesmo modo, a minha atitude para com Deus não deve ser de receio ou medo. Naturalmente, sempre deverá haver um temor reverente; porém este não é "o temor que tem consigo a pena", pois "o perfeito amor lança fora o temor" (1 João 4:18). A relação do cristão com Deus deve ser a de um filho para com o seu Pai. Para os cristãos, Deus não é apenas algum grande poder distante nos céus; Ele é nosso Pai. Paulo declara que "se põe de joelhos perante o Pai do Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome". Só oramos de verdade quando sabemos que estamos falando com o nosso Pai. Ele nos ama e nós O amamos porque Ele é o nosso Pai.

Como é vital que tomemos tempo com estas questões! Não basta você fazer as suas orações todo dia. Muito mais importante que fazer as nossas orações, e mais importante que aquilo que digamos e desejemos em nossas orações, é a nossa atitude para com Deus quando Lhe dirigimos as nossas orações. Às vezes inclinar-nos simplesmente e ficar em Sua presença sem dizer nada, mostra melhor a correta relação com Ele. "Extasiar-me, e extasiar-me diante de Ti", como o expressa F. W. Faber. A contemplação de Deus, a adoração e o culto são as mais altas expressões do nosso amor a Deus. O que o apóstolo pede na oração por estes efésios é que toda

a vida deles esteja baseada neste alicerce. Muitos há que passam a vida inteira procurando em vão estas experiências mais elevadas da vida cristã, simplesmente porque não puderam captar este primeiro princípio. Eles tomaram como líquido e certo, apressaram-se, em vez de certificar-se de que amam verdadeiramente a Deus. E nós só passamos a amar a Deus quando compreendemos profundamente a verdade sobre Ele e o que Ele fez por nós em Seu Filho.

Todavia, não devemos deter-nos no amor a Deus; também devemos amar-nos uns aos outros, devemos "amar os irmãos". De novo, isto é constantemente salientado nas Escrituras. Podemos percorrer o circuito completo de todas as reuniões e convenções em busca de alguma bênção particular, de um "quê" particular, mas nunca o encontraremos, a menos que nos amemos uns aos outros. Quão fácil é dizer que anelamos ser "cheios de toda a plenitude de Deus" enquanto negligenciamos algo óbvia e claramente errôneo em nossas relações pessoais com alguma outra pessoa! Isto não é questão de argumento, nem mesmo de apelo. É questão de puro bom senso. Se o alicerce não for bem colocado, nunca você levantará este grande edifício; é impossível; temos que tomar tempo e obedecer às injunções das Escrituras. O segundo grande mandamento que se segue a amar ao Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, alma, mente e força é: "Amarás ao teu

próximo como a ti mesmo". Na verdade, o ensino do nosso Senhor vai além,ediz: "Amai a vossos inimigos". Seja o que for que tenham falado de vocês falsamente, e por mais ofensivamente que os tenham injustiçado ou difamado, vocês devem "amar os seus inimigos".

O Senhor ensinou isto mais claramente do que em qualquer outro lugar, no Sermão do Monte, como o vemos registrado no Evangelho segundo Mateus, onde Ele contrasta o Seu modo de pensar com todos os demais. "Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos ama, que galardão havereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (5:43-48). Essa é a base da vida cristã. É o que nos diferencia do melhor não cristão. Este ama pessoas que o amam mas não ama seus inimigos; ele os odeia como aqueles o odeiam, e porque o odeiam. Entretanto, isso não é cristão; qualquer um pode amar os que o amam, e todos fazem isso. No próprio alicerce da vida cristã está este amor aos nossos inimigos; e enquanto não estivermos firmados neste alicerce, estaremos perdendo tempo na busca de quaisquer experiências mais elevadas. Vocês jamais conhecerão o comprimento, a largura, a profundidade e a altura do amor de Cristo que excede

todo o entendimento, enquanto não se firmarem neste alicerce. Esse é o argumento desta oração que Paulo oferece em favor dos cristãos efésios.

O apóstolo dá uma nobre expressão a isto em sua Epístola aos Filipenses: "não atente cada um para o que é propriamente seu mas cada qual também para o que é dos outros". E então: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Filipenses 2:4-5). Esse "sentimento", como o apóstolo explica, levou nosso Senhor que estava no céu "em forma de Deus"e desfrutava essa posição desde a eternidade, a vir à terra e a humilhar-Se, porque não considerava essa posição como uma presa a que "agarrar-se" e que devesse "reter". Ele abandonou os símbolos da Sua glória e veio a este mundo "na forma de homem", na semelhança de carne pecaminosa. Ele Se fez servo, e humilhou-Se até à morte na cruz. Fez isso tudo por nós, não porque fôssemos bons e merecedores de amor aos Seus olhos, nem porque O amássemos. A situação era exatamente o oposto. Foi apesar de nós, apesar do fato de que éramos rebeldes e "cheios de ódio e

odiando-nos uns aos outros", e odiando ao Senhor. A que outro é o "sentimento" que deve existir em nós.

É evidente que esta atitude é algo que devemos cultivar, e que devemos certificar-nos de que possuímos. Estou tendo amor pelos meus inimigos e costumo abençoar os que me amaldiçoam e que falsamente dizem todo tipo de coisas contra mim? Devo considerar isto cuidadosamente, e não devo dar-me por satisfeito enquanto não puder dizer com sinceridade que os amo, que oro para que Deus tenha misericórdia e piedade deles e lhes abra os olhos, e os atraia para Si. Enquanto eu não fizer isso, de nada me valerá procurar uma experiência mais elevada. Quão importante é o alicerce!

Uma das tentações mais astutas do diabo é fazer-nos ignorar os alicerces e correr atrás de experiências mais elevadas. Ao lerem as biografias dos que conheceram o amor de Cristo e no conhecimento deste amor se regozijavam, vocês verão que eles passaram por grandes vexames e por verdadeiras humilhações, e que muitas vezes experimentaram tentações e provas. Às vezes tudo neles queria reagir com inimizade contra os seus inimigos. Alguns deles tinham um orgulhoso espírito de justiça própria, que eles tiveram que crucificar. Tiveram que assumir seu lugar como mortos com Cristo; e foi somente depois que se disciplinaram severamente e que visivelmente perderam tudo e se tomaram capachos do mundo, que Deus subitamente Se revelou a eles e os encheu deste conhecimento do Seu amor e da Sua plenitude.

Ademais, a nossa atitude para com os mandamentos e exigências da vida cristã deve ser também uma atitude de amor, se de fato queremos ver este grande edifício erigido. A vida cristã cumpre os Dez Mandamentos. Temos que viver o Sermão do Monte, e que obedecer a "lei real do amor". Todas as injunções que se acham nas epístolas do Novo Testamento devem ser postas em prática. Os Dez Mandamentos

ainda permanecem como padrão da vida piedosa. Por isso devemos interrogar-nos se amamos os Mandamentos do Senhor. Recordem o que o salmista podia dizer sobre isto, apesar de esta sob a Antiga Dispensação. Ele só podia ter uma vaga visão da dispensação na qual vivemos. Ele viveu no tempo das sombras e dos tipos. Cristo ainda não tinha vindo; o Espírito Santo "ainda não fora dado". Mas ele podia dizer: "Oh! quanto amo a tua lei; amo os teus mandamentos mais do que o ouro" (Salmo 119:97,127). Ele podia dizer que para ele a lei de Deus era mais doce do que o mel e o licor dos favos (Salmo 19:10). "Muita paz têm os que amam a tua lei", diz ele (Salmo 119:165). Se ele pôde amar a lei de Deus no tempo dele, estamos nós, como cristãos, amando a lei de Deus em nosso tempo? Em sua primeira epístola diz claramente o apóstolo João: "Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus

mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados" (5:3).

Se vocês desejam realmente conhecer o amor de Cristo "que excede todo o entendimento", e declarar que o seu maior desejo é serem "cheios de toda a plenitude de Deus", devem enfrentar uma questão preliminar: vocês amam os mandamentos de Deus como se acham na Bíblia? Ou vocês consideram estreita a vida cristã e insistem em seu "direito de gozar"a vida à sua própria maneira? Se for assim, vocês jamais saberão o que é ser cheio "de toda a plenitude de Deus". A vida cristã é especificamente estreita, em certos aspectos. Certas proibições são muito claras e definidas. Elas estão nos Dez Mandamentos, e estão na nova lei do Novo Testamento. Há certas coisas que os cristãos não devem fazer. Se vocês de fato querem continuar vivendo a vida mundana, são livres para fazê-lo, no entanto não têm direito de esperar fruir as grandes bênçãos da vida cristã. Há certas coisas que não se misturam com o alicerce deste grande edifício. Este edifício precisa ter um alicerce sólido; portanto, precisamos cavar fundo, até alcançarmos a rocha sólida, e assegurar-nos de que estamos firmados no alicerce.

Muitos cristãos parecem considerar a vida cristã como estreita, enfadonha e penosa; e estão sempre em luta contra ela. Contudo as suas exigências são parte integrante do próprio alicerce da vida cristã. "Vós, que amais ao Senhor, aborrecei o mal", é uma palavra do Velho Testamento (Salmo 97:10). Assim, se virmos que estamos vivendo a vida cristã como elemento de dever, e que temos que forçar-nos, ou compelir-nos e arrastar-nos para isso, há pouco propósito em ir diante neste capítulo três de Efésios. Uma parte do alicerce de amor é que desejamos e amamos a lei de Deus. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos." As pessoas que haverão de ser cheias do Espírito, as pessoas que haverão de gozar a plenitude da bênção, são as que têm fome e sede de justiça; não da bênção, e sim de justiça. Essa é uma distinção que diz respeito aos alicerces. É justamente aqui, mais uma vez, que a vida cristã difere de todos os outros tipos de vida. É onde ela difere daquilo que muitas vezes foi equivocamente considerado como puritanismo no século passado. Aquilo era apenas uma espécie de legalismo. Com muita razão,

muitos têm reagido contra isso neste século, mas foram para o outro extremo — para a licencio-sidade. A liberdade cristã significa que a pessoa ama a lei do Senhor e tem fome e sede de justiça. Philip Doddridge expressa isto perfeita-mente quando diz:

Meu supremo deleite considero Teus ditados ouvir e obedecer.

Nosso último princípio é que o alicerce sempre surge estabilidade. Portanto, eu o exponho como princípio, dando ênfase a que o nosso amor não deve ser volúvel, não deve ser variável. Deve ser estável e constante, como um alicerce que nunca se abala e nunca se move. Todos nós sabemos o que é ter efusões ocasionais de amor cristão. Talvez vocês sintam isto durante um culto, ou quando estão cantando um hino ou lendo um livro, ou quando estão contemplando um belo pôr do sol. Vocês sabem o que é ter ocasionais lampejos de amor a Deus e ao nosso Senhor. Como resultado de algo que nos sucede, ou em certas circunstâncias, sentimos que realmente amamos a Deus. Todavia a experiência logo se desvanece, e logo no dia seguinte pode parecer que jamais tenha ocorrido; nosso amor vai e vem. Isso não é um alicerce sólido, pois a nossa vida deve estar fundamentada, "fundada" no amor. O nosso amor deveria ser semelhante ao amor de Deus. "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48).

O perfeito amor de Deus é produzido por Ele mesmo; não depende de coisa alguma de fora dEle; é um amor que principia dentro dEle e sai para outros. É por isso que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito. Isto a despeito do que Ele viu no mundo e, certamente, não em resposta a uma solicitação do homem. Foi o Seu próprio amor, nascido dEle mesmo e se derramando copiosamente. Este amor começa em Deus e se baseia em si próprio. O meu amor e o de vocês devem ser assim também. E o será quando a nossa vida estiver fundada no amor. O nosso amor deve ser tão firme, e deve esta tão fixamente firmado neste alicerce, que nada seja capaz de movê-lo, sacudi-lo ou afetá-lo nem um pouco. Esta, devemos todos concordar, é a prova de um sólido alicerce. Quando cai a chuva, ocorrem enchentes e o vento sopra, a casa sobre a rocha permanece. A casa sobre a areia cai e é destruída. Se vocês querem um edifício que não se abale na tormenta, cave fundo e façam um sólido alicerce.

O nosso amor pelos outros varia conforme eles viram? Se for assim, não está alicerçado na rocha, não está deveras baseado neste alicerce. Shakespeare, como também as Escrituras, reconhece isto quando ele diz:

Amor não é o amor que sofre alteração quando alteração vê, ou que se inclina com o mutável a mudar.

Soneto 116

Não! é sempre e para sempre um marco fixo que vê as tempestades e jamais se abala.

O amor que se altera, varia e muda é amor humano, erótico, é o amor natural. Não é o "agape" do Novo Testamento, este amor de Deus no coração. Este não muda; permanece o mesmo, apesar dos homens. No belo capítulo treze da sua Primeira Epístola aos Coríntios, diz o apóstolo Paulo: "O amor é paciente, é benigno". "Paciente" porque está firmado num sólido alicerce. Também resiste às pressões. "Não se irrita" facilmente. O amor que se irrita facilmente não é profundo. "Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." Mudanças nos outros, malícia, despeito, amargor, ódio, o que quer que aconteça não faz diferença! O amor agüenta firme! "O amor jamais acaba." Jamais! Venha o que vier em contrario, o alicerce é tão profundo que o amor permanece como se nada tivesse acontecido.

Vocês já estiveram a beira-mar durante uma tempestade e viram as ondas arremetendo contra um forte penhasco ou rochedo? Elas se retraem e depois voltam com força redobrada. Os ventos parecem redobrar sua força, e as ondas se lançam contra a rocha. Mas esta permanece inamovível, como se nada tivesse acontecido. "O amor jamais acaba." O nosso amor se amolda a esta descrição? Pode ele resistir face às mudanças ocorridas noutros? Não somente isto, porém pode ele resistir às mudanças das circunstâncias? Pode resistir às provações e tribulações? Essas experiências vêm; têm que vir. No entanto o nosso amor, se estiver profundamente fundamentado, permanecerá de pé, aconteça o que acontecer. Jó, em seus dias, pôde dizer: "Ainda que ele me mate, nele confiarei" (13:15).

Considerem o modo como Paulo e Silas se portaram e reagiram face às circunstâncias que enfrentaram em Filipos. Eles foram presos ilegalmente e sem base, foram açoitados com varas a ponto de se lhes sangrarem as costas, foram atormentados, maltratados, insultados, lançados no cárcere interior, e seu pés foram presos no tronco. Numa fétida e úmida cela, sem nada para os consolar e animar, quando parecia que tudo estava contra eles, lemos que, "perto da meia noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus" (Atos 16:25). Há somente um explicação adequada dessa reação a circunstâncias cruéis, a saber, que eles estavam "arraigados e fundados em amor". Assim fundado, o cristão pode cantar com Anna Waring:

Firme no celeste amor mudança não temerei; segura é tal confiança, pois nada se altera aqui; rujam temporais lá fora, meu coração fique em baixa,

Deus, porém, bem perto está.

Poderei desfalecer?

Nada, senão um profundo amor a Deus, pode resistir às provações e às pressões, aos riscos e às tensões da vida. Só crer não basta. Crer é essencial, e pode levar vocês

longe. Mas quando as verdadeiras tempestades chegam, somente crer não basta. Apenas o amor nos habilita a resistir aos temporais. Outro autor de hinos, Edward Mote, pôde dizer com certeza e com segurança:

Quando tudo que cerca a minha alma se vai, toda a minha esperança e o meu esteio é Deus.

Quando não posso compreender o que se passa, quando o meu intelecto luta em vão, e quando não posso explicar, o amor continua a sustentar-me. Quão vitalmente importante é que tomemos tempo com o alicerce e nos certifiquemos de que estamos "arraigados e fundados em amor". É só quando as nossas vidas tiverem este alicerce, que realmente se aplicará a nós a petição do apóstolo: "a fim de... poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, ... este amor de Cristo, que excede todo o entendimento". Certifiquemo-nos, pois, de que o alicerce foi bem construído.

“PODER COMPREENDER COM TODOS OS SANTOS”

“(Para)poderdesperfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o cumprimento, e a largura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. ” Efésios 3:18-19

Estes dois versículos nos dizem qual era o objetivo do apóstolo em sua oração por estes cristãos efésios. Todas as petições anteriores nos preparam para esta petição e a ela nos conduzem. Eram essenciais como preparativos, mas não eram fins em si mesmas; destinavam-se a chegar a este grande objetivo. Vemo-nos aqui, por assim dizer, no pináculo da verdade cristã. Nada é mais elevado que isto. Conceda-nos Deus o Seu Espírito para que possamos considerá-la direito! Encontramo-nos numa atmosfera rarefeita; num local a que, infelizmente, não estamos acostumados. Muitíssimos de nós contentam-se em passar o tempo nas baixadas e planícies, em meio a brumas e a outras características desse nível da vida. Portanto, nas palavras do apóstolo Pedro, é necessário que “cinjamos os lombos do nosso entendimento e que sejamos sóbrios” (1 Pedro 1:13).

Confesso que abordo este grande tema com “temor e tremor”. E nos seus escritos está patente que todos os que ensaiaram tratar dele e expô-lo estiveram cônscios da mesma inaptidão. É por isso que, em geral, eles nos propiciam tão pequeno auxílio. No caso de numerosas passagens das Escrituras há ajuda abundante; os comentadores e os expositores expandem-se e se abrem amplamente, e têm muito que dizer. Mas é interessante notar que quando chegamos a uma passagem como esta, eles têm pouco que dizer. Isto por causa da própria natureza e caráter da verdade de que estamos tratando. É um assunto que não se pode dividir e analisar em puras categorias e compartimentos de maneiras vulgar. Uma vez alguém disse, com muita propriedade, que “não se pode dissecar uma fragrância. ”Menos ainda se pode analisar e dissecar o amor. Tudo que se pode fazer é dizer algumas coisas sobre ele. Acima de tudo, é preciso ter experiência dele. E há experiências que são quase inexprimíveis, dada a sua exaltada natureza e caráter. Assim é esta

declaração a que chegamos. Devemos iniciar fazendo um exame geral dela. Devemos familiarizar-nos com ela olhando-a de maneira geral, antes de começar a particularizar o estudo. Vamos, por assim dizer, tomar fôlego e assegurar-nos de que estamos respirando fácil e livremente nesta atmosfera rarefeita.

Começo fazendo várias proposições gerais e óbvias — proposições que tendemos a negligenciar com tanta freqüência em nosso pensar. A primeira é que uma das mais altas conquistas da vida cristã é conhecer o amor de Cristo. Há muita discussão entre as autoridades eruditas — e nisto gastam muito tempo em conexão com esta passagem — sobre o que significam “a largura, e o cumprimento, e a altura, e a

profundidade". Alguns argumentam que estas palavras não se referem ao amor de Cristo, e que a conjunção "e" indica claramente que o apóstolo está pensando noutra coisa quando se refere a estas dimensões, e depois passa a falar do amor de Cristo. Contudo, certamente essa distinção é **artificial. Se argumentarem que "a largura, e o cumprimento, e a altura,** e a profundidade" se referem a todos os procedimentos de Deus para conosco, estarei pronto a concordar, pois, neste caso, é apenas outra maneira de dizer que as quatro palavras se referem ao amor de Deus e ao amor de Cristo com relação a nós. No entanto, esse é o tema do qual o apóstolo trata no capítulo todo. Ele já tinha falado acerca das "insondáveis riquezas de Cristo" etc.

Argumento, pois, que aqui Paulo passa para algo mais elevado ainda. Observemos que ele não está falando do nosso amor, mas do amor de Cristo por nós. Do nosso amor ele falara na frase, "estando arraigados e fundados em amor" que, como vimos, refere-se ao nosso amor a Deus e aos nossos semelhantes, nosso amor pela vida cristã e pela lei de Deus. Nos versículos 18 e 19, porém, Paulo não está falando mais do nosso amor, embora isso tenha sido necessário primeiro, para levar-nos à percepção e ao conhecimento do Seu amor por nós.

Outra dificuldade pode surgir aqui. Talvez alguns digam que você não pode ser cristão sem conhecer o amor de Deus e de Cristo para com você. Isso é verdade. Se você crê que Cristo morreu pelos seus pecados, necessariamente crê no amor de Deus e no amor de Cristo por você. Daí há muitos que acham que o cristão começa com um conhecimento desse amor. Todavia é evidente que não é essa a explicação daquilo de que estamos tratando aqui. O apóstolo está escrevendo a pessoas, e orando por pessoas já cristãs. No capítulo primeiro ele já as fizera lembrar-se de que elas confiaram no Senhor depois de ouvirem a palavra da verdade, o evangelho da sua salvação. Creram no evangelho e, por isso, perceberam algo do amor de Deus por elas. E, ainda assim, a oração do apóstolo por elas aqui, é para que venham a compreender

com todos os santos este amor.

Então, de que maneira se pode obter esta experiência? Parece claro que é questão de grau. Há uma consciência preliminar do amor de Deus; mas, comparada com o que Paulo tem em mente aqui, essa consciência é, nas palavras de um hino, "fraca e tênue". Na verdade, o amor que agora estamos contemplando é tão maior do que esta consciência, que todos os que já tiveram experiência dele inclinam-se a dizer que nunca antes tinham conhecido o amor de Deus. Sentem que haviam tido algum conhecimento dele, e que tinham conhecido algo a respeito dele, porém que realmente não tinham conhecido o amor propriamente dito. Essa é a diferença entre os dois graus de conhecimento do amor de Deus. Jamais devemos cair no erro de imaginar que, porque somos cristãos, sabemos tudo sobre o amor de Deus. Na maioria não passamos de crianças chapinhando na praia do mar; há, neste amor de

Deus, profundidades abismais que desconhecemos. O apóstolo ora para que estes efésios, e nós com eles, partamos para estas profundezas e profundidades e descubramos coisas que nunca sequer tínhamos imaginado.

Outra observação preliminar e essencial é que estamos estudando o amor, não como conceito, mas como o real e concreto amor de Cristo. É pessoal, refere-se ao conhecimento pessoal dEle e do Seu amor por nós. Em sua primeira Epístola o apóstolo João escreve seguindo o mesmo filão, dizendo: "E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem" (4:16). O alvo de todo o nosso conhecimento deve ser este conhecimento do amor de Cristo por nós. A finalidade, propósito e objetivo de toda doutrina é levar-nos a isto. Em certo sentido, é-nos possível saber toda a doutrina e, contudo, não saber isto. A doutrina não é um fim em si mesma. Naturalmente ela é vital e essencial, como o apóstolo já deixou supinamente claro ao conduzir-nos a esta grande petição. Homem nenhum jamais conheceu este amor de Cristo a que o apóstolo se refere aqui, a menos que tenha sido profundamente instruído na doutrina e nesta fosse versado. Doutro lado, é igualmente certo dizer que, se você se detiver na doutrina, continuará sem conhecer este amor de Cristo.

Que tolas criaturas somos! Muitos de nós não têm o mínimo interesse pela doutrina; somos cristãos ociosos — cristãos que não lêem, não pensem e não procuram sondar os mistérios. Tivemos alguma experiência, e não desejamos nada mais. Outros de nós, deplorando tal atitude, dizem que, visto que a Bíblia está repleto de doutrina, devemos estudá-la, agarrá-la e tomar posse dela. Assim, ficamos absortos em nosso interesse pela doutrina, e nos detemos aí. O resultado é que, quando a esta questão do amor de Cristo, não

avançamos mais que os outros porque fizemos da doutrina um fim e um ponto final. Desta maneira o diabo nos engana, nos agarra e nos priva da nossa herança. Se o conhecimento que vocês têm das Escrituras e das doutrinas do evangelho do Senhor Jesus Cristo não os têm levado a este conhecimento do amor de Cristo, então deveriam estar profundamente insatisfeitos e inquietos. Toda a doutrina bíblica é acerca desta bendita Pessoa; e não há maior armadilha na vida cristã do que esquecer a Pessoa mesma e viver simplesmente das verdades a Ele concernentes.

É por esta razão que alguns de nós sempre acharam perigosos submeter a exame o conhecimento escriturístico. Alguns dos Reformadores defenderam essa opinião, especialmente Martinho Lutero. Alguns dos puritanos também a defendiam. Nunca deveria existir algo como um "Grau em Conhecimento das Escrituras". E isto não somente porque em si mesmo é errado, mas também porque se presta a encorajar esta tendência de parar nas verdades e omitir a Pessoa. Jamais devemos estudar a Bíblia ou qualquer coisa relacionada com a verdade bíblica, sem nos darmos conta de que estamos na presença do Senhor, e de que se trata da verdade *acerca dEle*. E isto deve ser feito sempre numa atmosfera de adoração. A verdade bíblica não é um

assunto entre outros; não é algo próprio de um plano de estudos. É verdade viva acerca de uma Pessoa viva. É por isso que uma faculdade de teologia deve ser diferente de todas as outras espécies de faculdade; e é por isso que um culto religioso é essencialmente diferente de todas as outras espécies de reunião que o mundo possa organizar. É sempre adoração; estamos na presença de uma Pessoa.

O apóstolo diz isto de maneira extraordinária no capítulo três da sua Epístola aos Filipenses. Conquanto ele tivesse progredido tanto na vida cristã, e tivesse tido muitas experiências maravilhosas, diz ele que esta era a sua ambição: "Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte" (versículo 10). E ele prossegue: "esquecendo-me das coisas que atrás ficam, prossigo". O amor nunca fica satisfeito o bastante. Uma vez que você conhece esta Pessoa e começa a amá-lA, você sente que tudo que recebeu não é suficiente, quer mais e mais. É pelo que o apóstolo está orando em favor destes efésios. Seu anseio é que eles conheçam a Cristo, pois conhecê-10 é conhecer o Seu amor. Quanto mais O conhecermos, mais conhecermos o Seu amor para conosco. Estas coisas são indivisíveis, não podem ser separadas.

Assim, a nossa primeira proposição é que este conhecimento do amor de Cristo é a meta de todos os nossos esforços cristãos. Quanto sabemos disto? É real para nós? Pensemos de novo nas expressões de

certos hinos nossos, tais como:

Quão doce soa o nome de Jesus nos ouvidos do crente! e

Senhor Jesus, o só pensar em Ti de dtulçor me enche a alma.

Isso é verdade a respeito de vocês? Pode ser que tenham crido, e que sejam doutos na Bíblia e na doutrina; entretanto a questão a encarar é: vocês O conhecem realmente? Vocês conhecem o Seu amor? Este é o objetivo principal de todos os esforços cristãos.

A segunda proposição é que esta experiência é algo possível a todos os cristãos. "A fim de poderdes perfeitamente compreender, com *todos* os santos..." As duas palavras aqui empregadas são importantes. Tomemos primeiro a palavra *santos* — "poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos". A palavra *santos* quer dizer "separados", além de "santos" propriamente dito. Éum termo empregado no Novo Testamento para designar os cristãos. Noutras palavras, o termo *santos* nos diz que este conhecimento só é possível aos que crêem no Senhor Jesus Cristo. Essa é a razão pela qual o apóstolo já havia salientado a fé — "Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". Este tema do amor de Cristo é uma coisa da qual o incrédulo não tem a mínima concepção. O que explica a sua completa ignorância e incompreensão é o que lemos no Evangelho segundo João, onde se nos diz que o

Senhor promete o dom do Espírito Santo somente aos que nEle crêem (14:16-17). Referindo-Se ao "Espírito da verdade", Ele diz: "que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós".

A prova da nossa condição e posição é esta: a palavra da verdade aqui neste capítulo três da Epístola de Paulo aos Efésios é estranha para vocês? Parece remota e irrelevante para vocês neste mundo moderno, com os seus terríveis problemas? É essa a reação de vocês a isso? Se for assim, estarão proclamando exatamente a que lugar pertencem. O mundo não pode receber o Espírito Santo porque não O conhece. E porque não pode receber o Espírito Santo, o mundo nada sabe deste amor de Cristo. Somente os que são "fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior" é que podem começar a entender estas coisas. É verdade somente para os santos. Pode-se ter "uma forma de piedade" e de cristianismo, porém só isso não basta.

Há um elemento secreto nesta questão. É um segredo só usufruído

pelo povo do Senhor. Com freqüência a Bíblia dá ênfase a este aspecto da verdade. No livro de Apocalipse, por exemplo, na carta à igreja de Pérgamo, diz o Senhor Jesus Cristo: "Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece, senão aquele que o recebe" (2:17). O maná "escondido"! A pedra branca com um nome nela escrito que ninguém pode entender, exceto aquele que o recebe! Os outros podem ver a grafia, mas esta nada significa para eles. Ninguém entende o nome, a não ser aquele que verdadeiramente o recebe. Este éum amor secreto que ninguém mais conhece. A figura é de uma grande afeição entre duas pessoas, que elas mantêm entre si como um grande segredo. Elas o desfrutam, os seus corações estão encantados com isso; todavia nenhuma outra pessoa tem conhecimento disso. Num sentido, ambas desfrutam o verdadeiro mistério disso. Assim é o caráter deste amor a que se refere o apóstolo. O mundo nada sabe sobre isso; é somente para os santos, somente para os que foram separados do mundo e introduzidos no reino do amado Filho de Deus. Aos santos é dado fruir os segredos do maná escondido e festejá-lo. "Uma comida tenho para comer", disse o nosso Senhor aos Seus discípulos certa ocasião, "que vós não conheceis" (João 4:32). O maná escondido! O nome secreto! "O amor de Jesus, o que é, só os Seus amado o sabem."

Apresso-me a acrescentar que este benefício é para *todos* os santos. Repito isto porque estou ciente do sutil perigo de manter-nos presos a certos resíduos daquele ensino católico-romano completamente falso que declara que somente certos cristãos são "santos". Na igreja católica romana os cristãos não são considerados santos, exceto os que são canonizados. Os tais são pessoas muito excepcionais e incomuns, e são chamados, "Santo Fulano de Tal". Contudo, de acordo com as Escrituras, todos

os cristãos são santos. O apóstolo escreve, por exemplo, "A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos", e semelhantemente a outras igrejas. Todos os cristãos são santos, pessoas separadas. Assim este conhecimento é, pois, para *todos* os santos. Se vocês aceitam a noção católico-romana de piedade, vida devota e experiência cristã, acharão que o que o apóstolo está dizendo é maravilhoso, mas, evidentemente, só possível aos que abandonam o mundo, renunciam a todas as perspectivas terrenais e se tomam "religiosos". Santos, segundo o ensino católico-romano, são os que entram num mosteiro ou num convento e se fazem monges ou freiras ou heremitas, e que assumem a religião como a única ocupação das suas vidas. Então, após anos de esforço, jejum, fadiga, oração e isolamento, eles podem vir a ter alguma esperança de chegar a este conhecimento. No entanto, essas idéias são uma completa negação daquilo que o

apóstolo está dizendo aqui. "Todos os santos"! Provavelmente a maior parte dos de Éfeso, a quem Paulo estava escrevendo, eram escravos. Todavia ele ora para que eles conheçam este amor; ele anseia que o desfrutem com todos os santos de todas as igrejas do mundo inteiro. É para cada um dos cristãos, individualmente.

Dou ênfase a isto porque receio que muitos pensem consigo mesmos que esta experiência é possível, talvez, a um ministro ou a um obreiro cristão de tempo integral que tem tempo para ficar meditando e orando no escritório, mas não a alguém que tem que passar o dia numa atividade comercial ou profissional e que bem pode ter que levar trabalho para casa à noite. Essa é uma mentira própria do diabo. Todos nós temos a mesma oportunidade e possibilidade. É possível a um homem desperdiçar tanto tempo num escritório como em qualquer outra parte. Mesmo num mosteiro a mente pode estar ocupada noutras coisas. Graças a Deus, esta bênção é para *todos* os santos, seja qual for a sua posição, seja qual for a sua situação. Precisamos tomar a linguagem do apóstolo e dos santos de todos os séculos e apropriar-nos dela, e determinar que esta há de ser real em nossa experiência pessoal. Contentar-nos com qualquer coisa menos que isso é virtualmente dizer a Deus que não cremos em Sua Palavra, e que nos contentamos em permanecer na igreja como estamos. Nada desonra tanto a Deus e Sua Palavra como esse estado de satisfação própria, como esse contentamento em continuar como infantes em Cristo, e em negar-se a escalar as alturas e de lutar para subir ao pico culminante do amor de Deus. *Todos* os santos devem procurar isto.

O terceiro ponto que requer a nossa atenção é a descoberta do caminho para este conhecimento. Temos que descobrir como poderemos esperar o gozo desta consciência do amor de Cristo por nós. A frase do apóstolo diz: "estando arraigados e fundados em amor (para) poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos...". Desa-fortunadamente, *& Authorized Version* (Versão Autorizada) não mostra com clareza o sentido. O apóstolo não disse apenas "para poderdes", e sim "para poderdes plenamente" (ou "perfeitamente", como em Almeida). Ele escolheu

deliberadamente uma palavra que contém essa ênfase extra. Poderíamos muito bem traduzi-la pela *palavra fortalecer* — "para serdes fortalecidos para compreender".

Noutras palavras, mais uma vez o apóstolo dá a impressão de que há dificuldades concernentes a este assunto, e de que não é algo que se possa descrever como "muito simples". Ele já havia orado para que fôssemos "fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior", e aqui ele reitera a petição. Precisamos ser "fortalecidos" ou

"plenamente capacitados". Necessitamos força, poder e capacidade antes de podermos conhecer o amor de Cristo. As ilustrações que já empregamos realmente solucionam o problema. Precisamos ser fortalecidos, precisamos ser capacitados plenamente, estando arraigados e fundados em amor, por causa do peso do amor de Deus que vamos carregar. O amor é poderoso e oneroso. O amor não é fraco, frouxo e sentimental. O amor é dinamite, o amor é poder. "Deus é amor", e o Seu poder, majestade e energia estão nesse amor. Desse modo, quando você estiver sentindo o amor de Deus, estará sentindo algo do poder de Deus, do seu peso e da eternidade da glória de Deus.

Vemos constantemente nas biografias cristãs, como tive ocasião de fazer notar várias vezes, que todo aquele que já teve alguma experiência do amor de Deus, sempre teve a sensação de que ele é irresistível, duvidando se seria capaz de suportá-lo. Quando Isaías viu e sentiu algo desse amor, essa foi a sua reação. João, na Ilha de Patmos, conta-nos que "caiu como morto" (Apocalipse 1:17). O amor de Deus é tão grande e poderoso que o homem sente a sua estrutura fender-se debaixo dele. Muitos cristãos, quando de repente se conscientizaram do amor de Deus, literalmente desmaiaram e ficaram inconscientes.

Vê-se um exemplo disto nos relatos do avivamento que ocorreu em Gales, em 1904-6, e que está associado a um homem chamado Evan Roberts. Evan Roberts teve uma experiência desta natureza que não somente se evidenciou como o ponto decisivo em sua vida, mas também como um momento crucial na história daquele avivamento. Ele se pôs de pé durante uma reunião numa capela e, de repente, de tal maneira este amor de Deus veio sobre ele, que literalmente ele caiu no chão. Muitos dos que estavam presentes pensaram que ele estava morto. O que aconteceu foi que ele teve uma percepção deste irresistível amor de Deus. É por isso que precisamos ser "fortalecidos".

Alguma vez fomos levados a sentir-nos desfalecer pelo amor de Deus? Sabemos o que é — para usar a linguagem de Cantares de Salomão — "desfalecer de amor" (2:5), experimentar o seu maravilhoso poder em tal medida que as nossas forças parecem deixar-nos e somos dominados por ele?

Mais uma razão pela qual precisamos ser capacitados a compreendê-lo, é que

somente o amor pode reconhecer o amor. Necessitamos estar "arraigados e fundados em amor" a fim de compreendermos este amor de Deus. Somente o amor reconhece o amor, somente o amor entende o amor; na verdade é somente o amor que pode receber o amor. Esta é uma esfera em que o intelecto parece quase ridículo. É inútil levar o intelecto a confrontar o amor; ele é incompetente nesta área. Os semelhantes se atraem. Você terá que ter amor em seu coração, se vai

conhecer o amor e experimentá-lo. Há pessoas que lêem a Bíblia e, contudo, odeiam a Deus, pois não há amor em seus corações. É somente o amor que pode apreciar o amor. Este princípio prevalece em muitos domínios. Você não será capaz de apreciar a música mais gloriosa, se não for dotado em música. Há pessoas que são quase levadas à loucura pelo som de uma grandiosa sinfonia porque são vazias da faculdade musical. Igualmente há pessoas que podem passear pelas mais finas galerias de arte e encher-se de enfado. Falta-lhes o senso artístico.

A mesma coisa é verdadeira com relação ao amor. Há gente que absolutamente não se comove com os mais eloqüentes e emocionantes sermões sobre o amor de Deus, nem com o cântico de grandes hinos sobre o mesmo tema. É porque essas pessoas não estão "arraigados e fundados em amor". Não foram plenamente habilitadas a recebê-lo e a compreendê-lo. Por isso tivemos que tratar tão completamente da preparação. Devemos dar graças a Deus pelo fato de que é o amor que nos capacita a compreender o amor de Cristo, pois é isto que garante a *todos* os santos a possibilidade de conhecê-lo. Se fosse matéria de intelecto, não estaria aberta para todos os santos; uns teriam vantagem sobre outros. O homem de cérebro maior, de maior intelecto e entendimento, levaria vantagem e poderia conhecer mais do amor de Deus do que um cristão menos dotados.

Quão maravilhosa é a salvação de Deus e a provisão de Deus! Visto que é matéria de amor e não de intelecto, a pessoa mais atrasada inteléctualmente está no mesmo nível do maior gênio. Graças a Deus, todos podemos amar, por diminutos que sejam os nossos dons, por mais afundados na iniqüidade que tenhamos estado num tempo anterior à nossa conversão. Num sentido natural, o amor é mais universal que o intelecto; e na vida cristã a mesma coisa é válida. O nosso bendito Senhor pôde dizer: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve" (Mateus 11:25-26). Na mensagem e fé cristã, nada é mais glorioso do que o fato de que Deus decidiu dar centralidade a isto. Outras coisas são de grande valor, porém falham neste ponto mais central. Aqui, Ele postula algo que é comum a todos, a capacidade para o amor. Assim, quando o Senhor entra na alma e a fortalece com o Seu poder, ela é habilitada a conhecer e a compreender "o amor de Cristo, que excede todo o entendimento". E isto, graças a Deus, aplica-se a *todos* os santos.

Finalmente, "a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes

perfeitamente compreender", diz o apóstolo. À primeira vista parece haver alguma confusão aqui. Se vocês já estão "arraigados e

fundados em amor", de que mais necessitam? Um grande princípio bíblico está envolvido neste ponto. Certa ocasião, quando o nosso Senhor estava tratando da questão de receber a verdade, proferiu estas palavras. "Àquele que tem, se dará, e terá abundância; mas àquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado" (Mateus 13:12). Temos aqui um exemplo típico de paradoxo bíblico. "Àquele que tem, se dará." Entretanto, em nossa sabedoria perguntamos: se tem, por que precisa? É a nossa ignorância que nos sugere essa pergunta. O princípio é que, quanto mais alguém tiver na vida cristã, mais poderá receber. Assim, vocês não poderão receber este grande e supremo amor de Cristo, se ainda não possuírem amor. É um processo progressivo, e a progressão é geométrica, não aritmética. Quanto mais vocês tiverem, mais terão. Na verdade, se vocês não tiverem nada, nada receberão. "A qualquer que não tiver, até o que parece ter lhe será tirado" (Lucas 8:18).
Todo aquele que diz: "Sou cristão, sou membro de igreja, e não entendo este ensino que sugere que necessito conhecer muito mais do amor de Cristo", está simplesmente proclamando que não tem nada. Por outro lado, se você já tem em seu coração alguma porção deste amor a Deus e a Cristo, por pouco que seja, se você tem amor aos irmãos, à lei de Deus e à vida cristã — sua condição é esperançosa, e receberá mais. E à medida que continue e tenha mais amor no seu coração, experimentará ainda mais do amor de Deus para com você. Na verdade continuará aumentando dessa maneira, até a eternidade. Quanto mais O amarmos, mais viremos a conhecer do Seu amor por nós. Às vezes pode ser que achemos que não é mais possível, porém não é assim. Uma vez que você tem o que tem, mais terá. E assim por diante, continuará sempre e para sempre. "Àquele que tem, se dará."

Ninguém chega de súbito ao ápice do conhecimento do amor de Deus, pelo que, se deseja alcançar o topo desta montanha e "conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento", será melhor começar a escalar logo. Abandone imediatamente as partes baixas e planas da vida cristã. Dê as costas ao nível comum e comece a escalar as alturas. Cada passo que você der, subindo essa montanha, trará à sua experiência algo novo e bom, que nunca antes conhecera. E altíssima essa montanha; tomo a salientar isso. E o diabo vai procurar desanimá-lo, e às vezes você se sentirá cansado. Às vezes achará que caminhou dias, meses e anos, e que o pico da montanha parece estar mais longe que nunca. Talvez pergunte se o esforço ainda vale a pena. Não dê ouvidos às sugestões desanimadoras do diabo. Você já está a caminho. Prossiga. "Àquele que tem, se dará, e terá em abundância." A todo momento, no primeiro passo que der a seguir, você poderá sentir algo mais glorioso que tudo quanto já sentiu. Começará a ver o sol brilhar

com um esplendor que jamais viu nas planícies. Você começará a ter uma sensação de jovialidade e a consciência de um novo poder. Pode ser que a princípio fique sem

entender o que se passa; mas é o amor de Cristo a manifestar-se a você. Estará cônscio de um crescente poder, redobrará os seus esforços, e irá de altitude em altitude e de força em força. Contudo, nunca chegará ao fim. É o amor de Cristo, que "excede todo o entendimento". É a montanha de Deus, e Ele o conduzirá por toda a eternidade. Isto porque Deus é inexaurível, Seu amor é eterno, Suas misericórdias são infindáveis, Seu amor é um "mar sem maré vazante". No entanto, meus irmãos, que alegria, que encanto é a maravilha de conhecer este amor de Cristo, que excede todo o entendimento!

Até aqui estivemos apenas fazendo um exame geral da situação. Temos que ir adiante para "compreender" e "conhecer" mais acerca das dimensões deste amor. Por enquanto, faça a si próprio a pergunta: conheço realmente o amor de Cristo? Busque-o dEle! Vá a Ele, dirija--se a Ele para pedi-lo! Peça a Deus, "segundo as riquezas da sua glória, que vos conceda que sejais fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior, para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamen-te compreender, com todos os santos...". Essa oração jamais é feita em vão. Entregue-se, confiante, ao Seu amor. Seu amor por você é um amor sempitemo; portanto, deixe-se descansar em Suas mãos. Guarde os Seus mandamentos, faça todas as coisas que já temos considerado, e prossiga no espírito do hino que diz:

Peleja e luta e ora, todo o poder das trevas pisa, triunfal seja o teu dia.

“LARGURA, COMPRIMENTO, ALTURA, PROFUNDIDADE”

“(A fim de) poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. ”

Efésios 3:18-19

Chegamos agora à petição propriamente dita que o apóstolo fez em favor dos efésios. É para que, estando já arraigados e fundados em amor, possam eles ser plenamente capazes de compreender, com todos os santos, “qual seja a largura, e o cumprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento”. Devemos lembrar-nos de que estamos tratando, não do nosso amor a Deus, a Cristo e aos irmãos, e sim do Seu amor por nós. Até aqui temos examinado isto de maneira muito geral. Agora vamos examiná-lo de modo mais pormenorizado. Antes de estudarmos a natureza ou o caráter desse conhecimento, devemos considerar o conhecimento propriamente dito, e verificar o que se pode conhecer do amor de Deus. O apóstolo coloca isto de maneira extraordinária, nas palavras que acabei de citar.

A própria terminologia empregada pelo apóstolo sugere vastidão. E não há dúvida de que ele preferiu descrevê-lo desta maneira quadridimensional com o fim de dar aquela impressão. É interessante especular sobre a razão por que ele decidiu fazer isto. Concordo com os que dizem que provavelmente ele ainda tinha em mente o que estivera dizendo no final do capítulo dois, antes de começar a digressão que ocupa os primeiros treze versículos deste capítulo. Ali ele estivera descrevendo a Igreja como “templo santo no Senhor”, como um grande edifício no qual Deus fez a Sua habitação e no qual Ele permanece. Estou pronto a acreditar que isso estava em sua mente, e que, como ele pensava na vastidão da Igreja como um templo enorme, achou-se que esta era uma boa maneira de descrever o amor de Cristo pelo Seu povo. Assemelha-se à largura, comprimento, altura e profundidade daquele grande edifício.

Seja assim ou não, certamente o apóstolo estava interessado em expor a vastidão deste amor. Na verdade, ao fazê-lo, ele quase se contradiz por empregar uma figura de linguagem denominada oximóron. Ele ora para que “conheçamos” o amor de Cristo, “que excede todo o entendimento” (ou “que excede todo o conhecimento”, na versão utilizada pelo Autor). Como se pode conhecer algo que não se pode conhecer? Como se pode definir algo que é tão grande que não pode ser definido? De que vale falar de medidas, se o que está em foco é imensurável e eterno? Mas, naturalmente, não há contradição aqui. O que o apóstolo está dizendo é que, apesar deste amor de Cristo estar além de toda computação, e nunca poder ser

corretamente medido, não obstante nos compete a tarefa de aprender quando pudermos sobre ele, e de receber quanto ele pudermos conter. Portanto, convém-nos examinar esta descrição que ele faz do amor de Cristo.

Estamos prestes a pôr os olhos em algo que é tão glorioso e interminável, que será o tema de contemplação de todos os santos, não somente neste mundo como também no mundo por vir. Passaremos a eternidade contemplando-o, maravilhando-nos e nos extasiando com isso. Entretanto o que nos cabe é começar nisso aqui e agora, nesta vida. Uma das características dos maiores santos sempre foi que eles passavam muito tempo meditando no amor de Cristo para com eles e para com o povo de Deus. Nada lhes dava maior alegria. Na verdade, esta é a característica do amor em todos os níveis; quem ama deleita-se em pensar não somente no objetivo do seu amor, porém também no amor que recebe. Portanto, nada deveria dar maior alegria a todo o povo de Deus do que meditar neste amor de Cristo. De fato, o nosso maior defeito como cristãos é que não nos damos conta do amor de Cristo por nós. Quantas vezes vocês têm pensado nisto? Tomamos tempo pensando em nossas atividades e em nossos problemas, todavia a necessidade mais importante da vida cristã é conhecer o amor de Cristo por nós e meditar nele. Isto sempre foi a fonte e origem da maior atividade já manifestada ao longo da história da Igreja Cristã. Tentemos examiná-lo, pois, nos termos das dimensões utilizadas pelo apóstolo.

Vocês alguma vez consideraram a *largueza* deste amor? Há vários lugares nas Escrituras onde esta particular dimensão é posta diante de nós de maneira extraordinária. No livro de Apocalipse, por exemplo, encontramos estas palavras: "... e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação". E ainda: "... e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares" (5:9, 11). O livro de Apocalipse parece estar particularmente interessado na largura do amor de Cristo. Quando nos dá o quadro dos santos

glorificados, e do Filho de Deus com os Seus remidos, emprega estes números: "Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro" (7:9). Um dia na glória veremos isso perfeitamente. Mas num desalentador período como este na história da Igreja, o que poderia causar mais ânimo e alegria do que pensar nesta largueza do amor de Cristo? Como cristãos somos somente um punhado de pessoas neste país hoje, apenas uma pequena porcentagem. Às vezes esse pensamento tende a deprimir-nos e a desanimar-nos. O antídoto é considerar a amplitude do amor de Cristo.

A causa fundamental do fracasso dos judeus foi que eles jamais captaram esta particular dimensão. Eles pensavam que a salvação era só para o judeu. No entanto, aqueles dentre eles cujos olhos foram abertos pelo Espírito, o próprio apóstolo inclusive, que era "hebreu de hebreus" e outrora defendia este conceito exclusivista,

vieram a enxergar que aquele conceito estreito e naturalista era totalmente errado, e que em Cristo "não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre" (Colossenses 3:11). Nada é mais animador e revigorante que recordar que, mesmo nestes dias de decadência religiosa, há no mundo, em cada país, em cada continente — embora diferentes na cor, na cultura, nos antecedentes, em quase tudo — homens e mulheres que se reúnem regularmente para o culto a Deus e para agradecer-Lhe Seu amado Filho e Sua grandiosa salvação. Na glória ficaremos arrebatados de encanto diante disto, quando compreenderemos o que o amor de Deus em Cristo realizou, apesar do pecado, do inferno e do diabo.

Miríades vezes miríades em refulgentes vestes, as hostes dos santos
remidos abismos de luz cruza.

Terminou de vez sua luta com a morte e com o pecado; amplos se abrem os portais de ouro, e entram os vencedores!

Essa é a gloriosa perspectiva na qual devemos permanecer e meditar.

Não podemos conceber a grandeza deste plano de salvação e do seu alcance. No Evangelho segundo Lucas se nos diz que certas pessoas se aproximaram do nosso Senhor um dia e Lhe fizeram a pergunta:

"Senhor, são poucos os que se salvam?" (13:23). Não sei a resposta exata a essa pergunta, mas sei muito bem que as Escrituras ensinam que nós ficaremos estupefatos quando virmos reunidos todos os remidos — a "plenitude dos gentios", a "plenitude de Israel", "todo o Israel" salvo, e os remidos de pé na presença do seu Redentor. Não é surpreendente que o apóstolo ore tão ardentemente para que estes efésios conheçam isto, porque isto muda toda a visão das coisas quando tendemos a ficar deprimidos, quando somos tentados a duvidar se haverá algum futuro para a Igreja, visto que somos apenas um punhado de gente. A resposta é olhar para a largueza do amor de Cristo, e olhar para a frente, olhar para a glória e ver o resultado final da Sua obra concluída. Assim que alguém começar a compreender a amplitude do Seu amor, tomará a levantar a cabeça, seu coração voltará a cantar, e perceberá que está tendo o precioso privilégio de ser um humilde membro de um poderoso exército, um no meio desta gigantesca multidão que vai passar a eternidade na presença do Cordeiro de Deus, e nEle vai deleitar-se para sempre. A largueza do Seu amor!

Mas procuremos examinar também o *comprimento* do Seu amor. Estou convicto de que o apóstolo especificou estas medidas particulares com o fim de encorajar os efésios, e a nós por meio deles, a desenvolvermos isto em nossas mentes. Meditar no amor de Deus de maneira abstrata não é muito proveitoso. Temos que desenvolvê-lo detalhadamente, como foi demonstrado. Certamente o comprimento comunica a idéia do caráter infindável do amor de Cristo. Às vezes lemos nas Escrituras sobre o "eterno" amor de Deus — "com amor eterno te amei" (Jeremias 31:3). Porventura já

consideraram a eternidade do amor de Cristo para com vocês e para com todos os santos? A dimensão do comprimento lembra-nos que este amor começou na eternidade. Sempre existiu. Vê-se a superioridade dos Reformadores, dos puritanos e dos líderes evangélicos do século dezoito sobre nós no fato de que eles eram mais apegados aos conhecimentos teológicos do que nós. Nós julgamos insensatamente que o mais importante é ser prático. Concordamos que ser prático é muito importante; mas os homens mais realizadores do mundo sempre tiveram apego à teologia. O homem que se precipita à atividade sem estudar teoria, finalmente se vê que é um tolo. Pensem no homem que deseja lidar com a energia atômica sem nada saber a respeito!

Os grandes líderes evangélicos do passado viam a importância da teologia e da doutrina, e falavam e escreviam muito sobre o que denominavam Aliança da Redenção que, por sua vez, levava à Aliança da Graça. O que eles queriam dizer era que, anteriormente ao tempo,

antes da criação do mundo e do homem, entraram num acordo Deus o Pai e Deus o Filho. Foi um acordo concernente à salvação daqueles que haveriam de ser salvos pelo Senhor Jesus Cristo. A Queda do homem foi prevista, tudo era conhecido; e o Filho, como Representante desta nova humanidade, entrou numa aliança com Seu Pai, no sentido de que Ele os salvaria e os resgataria. O Pai, em aliança com o Filho, concordou outorgar certos privilégios e bênçãos aos que foram então dados ao Filho.

Como é importante meditar sobre esse tema! Fazê-lo leva-nos logo à percepção de que o amor de Cristo pelos Seus começou anteriormente ao tempo, na remota eternidade passada. O amor de Cristo por nós não veio à existência repentinamente; existia antes de iniciar o tempo. Daí lemos que os nossos nomes foram "escritos no livro da vida do Cordeiro (que foi morto, 13:8) desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8; 17:8). Isto é, para mim, uma das coisas mais estonteantes — eu era conhecido por Cristo na eternidade. Eu em particular, e cada um de nós que pertencemos a Ele, em particular. Éramos conhecidos por Ele, e os nossos nomes foram escritos no Seu livro. Que dignidade acrescenta à vida humana e à nossa existência neste mundo, saber que Ele pôs o Seu coração sobre nós, que a Sua afeição pousava sobre nós, mesmo na eternidade! Esse é o começo — se é possível tal expressão — do comprimento do Seu amor para conosco. Antes de existir o tempo!

Vejamos, porém, nesta dimensão de comprimento, como opera na vida neste mundo. O amor de Cristo pelos Seus é de eternidade e eternidade. Começou na eternidade, e continua no tempo. Portanto, podemos estar sempre seguros de que ele nunca mudará, nunca sofrerá variação, sempre será o mesmo. "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e etemamemte" (Hebreus 13:8). E o Seu amor é sempre o mesmo. Não sofre

interrupções. Este "comprimento" é uma linha ininterrupta. Aconteça o que acontecer, segue adiante; não é variável; é constante. Não cessa de repente, para logo recomeçar. "Teu amor é imutável." É uma linha, uma linha reta, não é variável. É um amor que nunca nos abandona nem nos larga; é um amor que nunca perde as esperanças quanto a nós.

Uma das mais perfeitas expressões deste elemento de dimensão acha-se na parábola do nosso Senhor sobre o filho pródigo. A despeito de fato de que o filho mais moço tinha sido um tolo e partira para uma terra longínqua, desprezando o amor que lhe foram mostrado em casa, e gastara os seus bens nos dispendiosos e falsos prazeres daquele país distante, seu pai ainda o amava, esperava seu regresso e derramou bênçãos sobre ele. Este é o quadro do amor de Cristo para com os Seus

— paciente, resignado, tolerante, nunca nos abandonando. Não há nada mais maravilhoso do que dar-nos conta de que, mesmo quando em nossa loucura damos as costas ao Senhor, e ainda pecamos gravemente contra Ele, o Seu amor permanece. O hino de George Matheson expressa isto perfeitamente: "Amor sublime, que perduras, que em Tua graça me seguras".[1] É um amor que nos segue aonde formos; não nos soltará. Disse Deus: "Não te deixarei, nem te desampararei" (Hebreus 13:5).

Quão importante é que meditemos neste amor, e que o contemplemos ! É porque não fazemos isso que, por vezes, inclinamo-nos a pensar que Ele Se esqueceu de nós, ou que Ele nos abandonou. Quando nos sobrevêm aflições, problemas e provações, e enfrentamos dificuldades e decepções, temos a tendência de perguntar: "Onde está o Seu amor?" A resposta é que está presente, sempre presente. A falha está em nós, que não conseguimos vê-lo, e não temos meditado nele, não temos compreendido o seu caráter eterno, e não captamos a sua dimensão de comprimento. O apóstolo Paulo expressa esta verdade com estas palavras: "Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principais, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" (Romanos 8:38-39). Nada jamais poderá fazê-lo mudar ou falhar. Como diz Augustus Toplady:

Nem as coisas futuras ou presentes, nem quanto existe embaixo, nem em cima, podem fazê-lO Seus fins renunciar ou minha alma privar do Seu amor.

Que conforto, que consolação, que força isto nos dá! Que esteio em tempos de provação e adversidade! Se Ele pôs Seu coração e Seu afeto sobre nós, eles permanecerão ali. Nada jamais poderá arrancar-nos da Sua mão, nada poderá jamais privar-nos desse amor. Nada! Se o inferno ficar às soltas, se tudo for contra nós, nada poderá jamais fazer com que Ele nos abandone.

E isto continuará pela eternidade adentro. Principiou na eternidade, manifesta-se no tempo, e vai de volta à eternidade. Esta linha é ininterrupta. O autor da Epístola aos

Hebreus o expõe assim: “Portanto” — noutras palavras, porque Cristo tem um sacerdócio eterno —

“pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (7:25). Ele nos salvará “perfeitamente”. Nada ficará por fazer. Aconteça o que acontecer, o Seu amor pelos Seus continuará até completar-se o plano de redenção. Nosso bendito Senhor está no céu fazendo intercessão por nós agora, e ali estará sempre. Ele não é como os sacerdotes da dispensação do Velho Testamento, que entravam e saíam do lugar santíssimo. Eles viveram e fizeram o seu trabalho, e depois morreram e outros tomaram o lugar deles. “Ele vive para sempre”; Ele está sempre ali, e sempre estará. Isso nos dá uma idéia do comprimento do Seu amor.

No entanto, estudemos *a profundidade* do Seu amor. Quando examinamos uma das dimensões, somos tentados a pensar que essa é a mais maravilhosa de todas — e o certo é que isso é verdade quanto a cada uma delas! Ao considerarmos a profundidade, não poderemos fazer nada melhor do que ler o que o apóstolo escreveu aos filipenses no capítulo segundo, onde ele mostra que se pode ver a profundidade do amor de Cristo em dois casos principais: o primeiro, no que Ele fez. Quanta culpa pesa sobre nós por lermos apressadamente, e talvez sem pensar, algumas das mais estonteantes palavras já escritas. Na eternidade o nosso Senhor era “em forma de Deus”. Era Deus o Filho no seio do Pai desde toda a eternidade. Mas o apóstolo nos diz que Ele “não teve por usurpação ser igual a Deus”. Significa que Ele não considerava a Sua igualdade com Deus como uma presa a que agarrar-Se, a que agarrar-Se a todo custo. Ao contrário, Ele Se humilhou e Se despiu daqueles sinais da Sua eterna glória. E veio a este mundo de pecado e vergonha fazendo-Se semelhante aos homens, na forma de homem.

Isso está inteiramente além da compreensão; como diz o apóstolo, é “o amor de Cristo, que excede todo o entendimento”. Estes são os fatos. Deliberadamente não Se apegou àquilo a que tinha direito, porém, antes, humilhou-Se, adentrou o ventre da virgem, assumiu a natureza humana e veio viver como homem neste mundo. Recordem o que nos foi narrado acerca da pobreza e humildade do lar no qual Ele nasceu. Recordem o que aconteceu com Ele enquanto esteve neste mundo, como Ele realizou tarefas servis; Ele, que era igual ao Pai; Ele, o Filho do Deus eterno!

Em seguida, considerem o que ele sofreu nas mãos dos homens, a incompreensão, o ódio, a falsidade e o despeito. Pensem em Seu sofrimento com o cansaço, a fome e a sede. Pensem nos homens lançando mãos cruéis sobre Ele, prendendo-O, julgando-O, zombando e escarnecendo dEle, cuspindo no Seu santíssimo rosto. Pensem nos homens cruéis condenando-O e açoitando-O. Vejam-nO cambaleando

sob o peso da pesada cruz, a caminho do Gólgota. Olhem para Ele cravado no madeiro e ouçam as Suas expressões de agonia pela sede que sentia e pela dor que

padecia. Pensem no terrível momento em que os nossos pecados foram postos sobre Ele. Perdeu de vista a face do Seu Pai uma tinica vez, entregou o espírito e morreu, e foi sepultado e posto num sepulcro. Ele, o Autor da vida, o Criador de todas as coisas, jaz morto numa tumba! Por que fez Ele isso tudo?

A espantosa resposta é: por causa do Seu amor por mim e por você; porque Ele nos amou. Tal é a profundidade do Seu amor! Não há outra explicação.

Seu amor se mostra ainda maior e mais profundo quando nos lembramos de que não havia nada em nós que atraísse tal amor. "Todos nós andamos desgarrados como ovelhas". Todos pecamos e estamos "destituídos da glória de Deus" (Isaías 53:6; Romanos 3:23). Em nosso estado natural, todos nós éramos criaturas odiosas e sem esperança. Para que possamos ter uma verdadeira concepção do nosso real estado e condição, e da profundidade do Seu amor, vejamos o que Paulo nos diz acerca da condição da humanidade enquanto a graça de Deus em Cristo não se assenhoreou de nós. Vemo-lo no capítulo três da sua Epístola aos Romanos, onde lemos: "Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. A sua garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas tratam enganosamente: peçonha de áspides está debaixo de seus lábios; cuja boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Em seus caminhos há destruição e miséria; e não conheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos. Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus" (versículos 10-19). Foi para esse tipo de gente que Cristo veio, suportando a cruz e desprezando a vergonha. O apóstolo expõe o mesmo ponto no capítulo cinco da Epístola aos Romanos. O nosso Senhor disse: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos"; mas Paulo diz: "Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" e "se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho...". Tudo isso Ele fez por pecadores, por Seus inimigos, pelos que eram seres vis e cheios de pecado e que nada tinham que os recomendasse. Essa é a medida da profundidade do Seu amor. Ele veio do céu, desceu às profundezas e ressurgiu por essas pessoas. Somente quando meditamos nestas coisas e nos damos conta da sua veracidade é que começa-

mos a conhecer algo do amor de Cristo.

Isso nos leva, por sua vez, *à altura* do Seu amor. Mediante esta dimensão o apóstolo expressa o supremo e final propósito de Deus quanto a nós. Ou podemos dizer que este é o meio pelo qual ele descreve a altura a que Deus se propõe elevar-nos. A maioria de nós tende a pensar na salvação unicamente em termos de perdão, como se o amor de Cristo só adquirisse para nós o perdão dos nossos pecados. Quem quer

que se detenha nisso mostra claramente que nunca soube coisa alguma da altura do amor de Cristo. Vê-se alguma coisa dessa altura no fato de que Ele morreu não somente para que fôssemos perdoados; morreu para fazer-nos bons. Morreu não somente para que os nossos pecados fossem eliminados, e sim também para que nos fosse dado um novo nascimento; não meramente para livrar-nos do castigo, como também para que fôssemos os remidos de Deus, filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. Esse é o Seu propósito quanto a nós, e tudo o que Ele fez tinha esse fim em vista. Além disso, havendo-nos dado este novo nascimento, este novo princípio de vida, Ele faz que habite em nós o mesmo Espírito que estava nEle. "Não lhe dá Deus o Espírito por medida", é o que se nos diz (João 3:34). Ele nos dá o mesmo Espírito por medida. Essa é a altura do Seu amor para conosco.

Contudo, como o apóstolo já estivera lembrando a estes efésios, o Seu amor por nós é tão grande que Ele nos uniu de fato a Si. Estamos unidos a Cristo, Ele nos tomou parte de Si mesmo, do Seu próprio corpo. É por isso que fomos "vivificados com ele", "ressuscitados com ele" e estamos "assentados nos lugares celestiais" com Ele. No capítulo cinco da Epístola aos Efésios ele prossegue, dizendo: "Somos membros do seu corpo, da sua came e dos seus ossos" (5:30, na versão utilizada pelo Autor). Seu amor é que fez isso por nós. Mas lemos na Epístola aos Filipenses que Ele não nos salva apenas num sentido espiritual; Ele vai salvar até os nossos corpos. Ele Se propõe a redimir-nos inteiramente, pelo que aguardamos do céu a vinda do Salvador, "que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (3:20-21). Temos compreendido que Cristo não ficará satisfeito enquanto o nosso próprio corpo não for glorificado como o Seu foi?

Devemos ir mais longe ainda, e lembrar como, em Sua última oração ao Pai, quando estava na terra, orou com estas palavras: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória" (João 17:24). O amor do nosso Senhor

para conosco não conhece limites; o Seu desejo quanto a nós é que estejamos com Ele e vejamos algo daquela glória que Ele comparte com o Pai desde toda a eternidade. Ele não Se satisfaz em conseguir o nosso perdão e livrar-nos da corrupção deste mundo mau; Ele quer que estejamos com Ele lá na glória, e que lá passemos a nossa eternidade.

Em sua primeira Epístola, o apóstolo João, descrevendo esta altura, diz: "Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo não nos conhece; porque o não conhece a ele. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (3:1-2). Quem ama, sempre deseja que o objetivo do seu amor participe de

todos os seus privilégios, bênçãos e alegrias, e assim o nosso Senhor deseja que gozemos algo da Sua glória eterna. Ele não Se dará por satisfeito enquanto, como diz o apóstolo no capítulo cinco desta Epístola, não formos uma "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível" (versículo 27). Esta é a Sua ambição quanto à Igreja e a todos aqueles a quem Ele ama. Seremos glorificados no espírito, na alma e no corpo; não haverá defeito, nem mancha, nem ruga. Seremos perfeitos, completos e cheios de "toda a plenitude de Deus". A palavra final é: "e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Tessalonicenses 4:17).

Desse modo temos procurado captar fracamente um vislumbre do amor de Cristo por nós. Você, amigo, se sente triste por si próprio, e algo letárgico, num sentido espiritual? Você considera o culto e a oração como deveres a cumprir? Você tem permitido que o mundo, a carne ou o diabo o derrote e o leve à depressão? O antídoto é meditar e contemplar este amor de Cristo. Você já compreendeu a sua largura, o seu comprimento, a sua profundidade e a sua altura? Você já compreendeu quem e o que você é como cristão? Você já compreendeu que Jesus é "o Amante da sua alma", que Ele dedicou Seu afeto a você? Já percebeu a altura da Sua ambição quanto a você? "Filho de Deus, irá queixar-se?" Iremos manquejar pelo mundo? Ao contrário, devemos responder positivamente à exortação de John Cennick:

Filhos do celeste Rei, na viagem cantai suave; cantai hino ao Salvador glorioso em obras e em Seu ser.

Uma grande causa das presentes condições da Igreja é que não conhecemos o amor de Cristo por nós. Gastamos nosso tempo com

picuinhas e em atividades e discussões espalhafatosas. Se estivéssemos cheios deste amor e do conhecimento deste amor, seriamos transformados inteiramente. É este conhecimento que nos faz poderosos. Aí está por que o apóstolo orava sem cessar para que estes efésios pudessem "perfeitamente compreender, com todos os santos, qual sej a a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento". Oxalá nós O conhecêssemos, e crescêssemos nEle e nos regozijássemos nEle. Sigamos Cennick, na continuação do seu hino:

Bradai, rebanho, louvai, pousareis no trono de Cristo; vosso lugar está preparado, vosso reino e recompensa.

Erguei o olhar, filhos da luz, eis a cidade de Sião; será ali nosso eterno lar, ali veremos o Senhor.

Não temais; ponde-vos alegres nas lindes da vossa terra;

Cristo o Senhor, Deus o Filho, vos manda seguir com vigor.

E então, juntemo-nos a Cennick, dizendo —

Senhor, obedientes prosseguimos; tudo aqui deixamos, felizes; sê Tu somente o nosso Guia, e hoje e sempre Te seguiremos.

1

Salmos e Hinos 134,4ª estrofe, trad, de H. M. Wright. Nota do tradutor desta obra.

Conhecendo o Incognoscível

"(Para) poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus ". Efésios 3:18-19

Tendo examinado a largura, o comprimento, a profundidade e a altura deste conhecimento do amor de Cristo, devemos voltar-nos agora à consideração da natureza ou caráter do conhecimento. Nossa compreensão disto obviamente terá um sério efeito não somente sobre o nosso desejo disso, mas também sobre o nosso empenho e sobre os nosso esforços para obtê-lo. Muitos jamais o conheceram e nunca o experimentaram por haver-se extraviado em suas idéias quanto ao caráter do conhecimento. O apóstolo redobra o seu esforço para ajudarmos nesta questão dizendo-nos três coisas sobre o caráter do conhecimento. Ele emprega três expressões escolhidas deliberadamente com o fim de esclarecer as nuanças do seu significado para os efésios, e para todos os que subsequentemente lessem a Epístola.

A primeira palavra a que devemos dar atenção é a palavra "compreender" — "(Para) poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos...". A palavra significa "apanhar mentalmente com firmeza" uma coisa, ou "agarrar-se a algo com a mente". O termo descreve o processo de captação mental de uma idéia ou de uma verdade. Portanto, uma tradução melhor aqui poderia ser, "Para poderdes apreender, com todos os santos, a largura, o comprimento, a profundidade e a altura".

Existem, naturalmente, diferentes tipos de conhecimento, e é bom para nós que sejamos capazes de distinguir entre elas. Não necessitamos entrar nisso pormenorizadamente, porém devemos contentar-nos em dizer que o tipo que estamos focalizando aqui é o que se descreve como conhecimento "conceptual", um conhecimento de conceitos e idéias. Esse é um definido compartimento do conhecimento. Existe um tipo de conhecimento instintivo, intuitivo, e existe esta outra espécie de conhecimento em que um conceito, uma idéia, é posta diante de nós, e podemos captá-la, agarrá-la, tomar posse dela e fazê-la nossa. Este tipo de conhecimento conceptual aplica-se quando estamos estudando

algum assunto e procurando aprender algo sobre os seus primeiros princípios e suas idéias determinantes. A ênfase está no fato de que é um processo mental, é algo feito com a mente. Assim o apóstolo está orando, em primeiro lugar, para que os cristãos efésios captem com as suas mentes este amor de Cristo.

Imediatamente somos confrontados pelo que parece uma contradição; não somente uma contradição com o que eu estive dizendo anteriormente, mas também uma contradição com o que o próprio apóstolo Paulo estivera dizendo. A duras penas

procurei salientar o que claramente Paulo está salientando, a saber, que quando vocês chegam aos domínios do amor, não se baseiam no intelecto. Vimos isto quando estávamos tratando da importância de estarmos "arraigados" e "fundados" em amor, e estávamos mostrando o único meio de chegar a este conhecimento do amor de Cristo. Acentuei que não abordamos o amor com a nossa mente, com o nosso intelecto, e que somente o amor pode compreender o amor. Entretanto, agora estou dando ênfase ao fato de que o apóstolo escolheu deliberadamente uma palavra que põe às claras o aspecto mental deste conhecimento do amor de Cristo.

Como resolver a notória contradição? A resposta é que quando o apóstolo afirma que deseja que os efésios apreendam, agarrem mentalmente o amor de Cristo, não está dizendo que isto é um processo puramente intelectual. Assim, Paulo não está invertendo o que dissera anteriormente. O que ele diz é que sempre há um elemento intelectual no amor; na verdade, que a apreensão intelectual é sempre uma parte essencial do amor.

Não se pode contestar que a nossa maior dificuldade nestas questões é que toda a nossa noção do amor é gravemente defeituosa. Temos a tendência de considerar o amor de maneira sentimental, como se fosse algo puramente emocional. O conceito de amor comum no mundo hoje é que ele é puramente irracional. Falando de modo geral, não é amor, mas simplesmente o que se chama paixão, e não há nenhum elemento intelectual na paixão! Todavia há sempre um real elemento intelectual no amor, um elemento de entendimento. O amor pode dar razões de si. Esta é a idéia transmitida pelo emprego que o apóstolo faz da palavra "compreender". Ao mesmo tempo, porém, ele não está dizendo que o amor deve ser apreendido por um puro ato do intelecto, e sim que há um elemento no amor que jamais devemos ignorar. O próprio apóstolo elucida este ponto em sua Epístola aos Filipenses, onde ele diz que está orando pela igreja de Filipos: "E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo" (1:9-10). Notem que ele está orando para que o

amor deles aumente em conhecimento e percepção, e no senso de discriminação e na capacidade de diferenciar as coisas que diferem.

No Novo Testamento o amor jamais deve ser entendido como algo intuitivo ou instintivo, como algo puramente emocional e irracional. Duas palavras são empregadas no Novo Testamento para descrever o amor — "eros"e "agape". Pois bem, o apóstolo não está se referindo aqui ao que se pode descrever como amor erótico. Isso é simplesmente da carne; é animal e carnal. É o conceito comum de amor que prevalece no mundo hoje. Os jornais populares constantemente fazem exibição dele. Na verdade, é um dos maios problemas desta geração moderna, dominada pelo sexo, na qual vivemos. Nenhum aspecto do mundo nesta

hora presente é mais trágico do que o modo pelo qual os prazeres e a sexomania estão rebaixando a qualidade do pensamento, como também estão levando a grandes tragédias nas vidas dos homens e das mulheres. Ficamos livres deste mal quando nos damos conta da veracidade daquilo que o apóstolo está salientando com esta palavra "compreender" ou "apreender".

Noutras palavras, o amor é algo que pode ser contemplado; na verdade podemos dizer que o amor sempre tem em si um elemento contemplativo. Se o amor não nos leva a pensar, não é amor; é um instinto puramente físico. O amor gosta de refletir, demorar-se em, olhar para, dissecar, analisar e considerar. Esse é um processo intelectual que envolve o elemento conceptual. Assim, podemos dizer que, virtualmente, o apóstolo está orando para que os efésios, juntamente com todos os santos de toda parte comecem a "estudar" o amor de Cristo. O amor é para ser estudado e, quanto mais vocês o estudarem, mais gostarão dele. Isto pode acontecer até com assuntos seculares. Às vezes, falando livremente, dizemos que estamos "tomando amor"por um assunto. O que queremos dizer é que, como resultado da nossa apreensão dos conceitos, estamos gostando do assunto.

Diz o apóstolo que a nossa primeira real reação a este amor é que começamos a captá-lo com as nossas mentes. É o que estamos fazendo ao considerarmos a sua largura, comprimento, profundidade e altura. Com nossas mentes devemos demorar-nos sobre estas dimensões, falar conosco mesmos sobre elas e meditar nelas. Não é meramente questão de se ter um sentimento. Envolve pesquisa nas Escrituras e exame da manifestação do amor de Deus objetiva e exteriormente. À medida que aplicarmos as nossas mentes a isto, veremos aumentar o nosso amor a Cristo. Não se trata de entrar num estado passivo e de esperar que, ao fazê-lo, alguma grande emoção de repente vá apossar-se de você. Você tem que aplicar deliberadamente a sua mente a isto, tentar captar o conceito e obter uma compreensão

espiritual do amor de Cristo.

Quantas vezes meditamos no amor de Cristo da maneira que vemos no grande hino de Isaac Watts que começa com as palavras, "Quando eu *perscruto* a espantosa cruz"? Quantas vezes a *perscrutamosl* Consideremos a seguinte ilustração. Você pode achar-se em qualquer parte do país e ouvir dizer que não longe dali se obtém maravilhosa vista, embora verifique que terá de subir uma encosta uma ou duas horas antes de a desfrutar. Você sobe e sobe, e finalmente fica a extasiar-se ante o magnífico panorama que se estende à sua frente. Você o contempla, é uma festa para os seus olhos, e você se abebera da esplêndida visão: você a "perscruta". Mas você tem que fazer esforço; tem que escalar a montanha e, tendo chegado ao topo, não olha só de relance. Isso é o que o apóstolo quer dizer neste ponto da sua epístola. Temos que escalar as alturas para contemplar e contemplar o amor divino. Leva tempo "perscrutar" o amor de Cristo é meditar nele. Isto envolve uma atividade mental,

algo conceptual.

A segunda palavra do apóstolo é que devemos *conhecer o* amor de Cristo, "que excede o conhecimento" (na versão utilizada pelo Autor). De muitas maneiras esta palavra é maior e mais forte que "compreender". Ela não fala de conhecimento conceptual, e sim de um conhecimento obtido pela experiência pessoal e nela fundada. Já não se trata de conhecimento conceptual; agora é conhecimento experimental e vivencial. Não estou apresentando teoria da minha lavra; se vocês consultarem os léxicos gregos a respeito desta palavra, verão que as autoridades estão concordes em dizer o que acabei de explicar. Esta é a diferença entre compreender e conhecer. A palavra "conhecer", como empregada nas Escrituras, é sempre pessoal e experimental. Ademais, o verbo "conhecer" refere-se ao conhecimento direto e imediato que não resulta da contemplação e da meditação; isto é, não é mediate, mas sim, imediato e direto. É conhecimento pertencente à esfera da experiência.

Devemos observar cuidadosamente a ordem em que o apóstolo utiliza estas duas palavras. É evidente que o conhecimento conceptual sempre deve vir primeiro; e vem primeiro. Todavia deve levar a este conhecimento experimental posterior. Agora estamos examinando, não primariamente uma atividade da mente ou do entendimento. Um elemento mais passivo entra aqui. Este descreve não tanto uma atividade da nossa parte; descreve mais uma consciência de algo que está acontecendo conosco e que está ocorrendo dentro de nós. Já não estamos vendo extemamente o amor de Cristo com extasiada admiração; agora o estamos experimentando; somos inundados e envolvidos

por este amor, completamente tomados por ele e por ele arrebatados. "Conhecer" descreve a nossa consciência do fato de que Cristo nos ama; de que o nosso Senhor nos está deixando claro e nos está dizendo pessoalmente que nos ama com imensurável amor.

Os homens e as mulheres dotados de algum entendimento espiritual não podem ler o Novo Testamento sem terem conhecimento de que obviamente Cristo ama todo cristão. Nenhum de nós seria cristão se Cristo não nos amasse e não Se desse por nós. A mensagem do evangelho para nós é que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Se eu aceito o ensino de que Cristo levou sobre Si os meus pecados e recebeu o castigo que me cabia, deve ser óbvio para mim que Ele o fez porque me amou; é prova do Seu amor. Vejo esta verdade como vem exposta nas Escrituras, estou ciente dela e nela creio; aceito-a e descanso fiado nela. Mas há um sentido em que toda esta realidade está fora de mim. Creio no conceito, descanso no conceito. Como isso é diferente de dizer-me Cristo pessoalmente que me ama — de me fazer ciente disto simples e claramente num sentido íntimo, direto e

experimental!

Somos forçados a utilizar analogias nesta altura. Você pode ficar ciente do amor de outrem por você pelas ações dessa pessoa, porém o que o amor sempre requer é uma declaração pessoal. O amor sempre deseja uma palavra pessoal; não se contenta com manifestações gerais. Aqui o apóstolo está afirmando que ao cristão é possível "conhecer" o amor de Cristo neste sentido imediato, direto, experimenta] e vivencial. Além e acima do conhecimento conceptual há este conhecimento experimental. É uma possibilidade tão gloriosa que o apóstolo afirma que dobra os seus joelhos diante de Deus Pai e ora incessantemente para que os cristãos efésios tenham esse conhecimento. Ele sabe que eles são crentes, e já os fez lembra-se disso; eles foram "selados com o Espírito Santo", e há muitas outras coisas verdadeiras sobre eles: entretanto, ele sente que não *conhecem* este amor como deviam. Não só lhes falta um conhecimento conceptual dele; não o conhecem por experiência, como ele o conheceu; razão porque ele ora no sentido de que venham a conhecê-lo desse modo.

A terceira expressão que o apóstolo emprega em conexão com o amor de Cristo é, *excede o entendimento* (ou "o conhecimento"). Significa realmente, "ultrapassa o conhecimento". Lembro que uma vez um amigo me contou o que ouvira de um estranho pregador, num dos estado sulinos da América do Norte, ao expor ele esta expressão. O que o pregador disse foi muito pitoresco e, num sentido era verda-

deiro, e noutra era errôneo. O pregador estava tratando da declaração do apóstolo em Filipenses sobre "a paz de Deus, que excede todo o entendimento" (4:7). O sentido, disse o pregador, é que, descendo do céu, ela passa ao lado da cabeça e vai direto ao coração! Vimos que num sentido ele estava certo; mas errou ao dizer que deixa de lado a cabeça. O que o apóstolo afirma é que a "excede", a "ultrapassa". Não "passa de largo", porém a "ultrapassa"! Transcende-a, excede-a. Portanto, uma boa tradução seria, "o superior ou sobreexcelente conhecimento do amor de Cristo"; quer dizer, embora possamos vir a conhecê-lo, só conheceremos algo dele; é um "mar que nunca vaza", inesgotável e inescrutável. É sempre maior do que se pensa; por mais que se tire dele, será ainda o começo. Este é um ponto em que a linguagem falha completamente, e o apóstolo se vê forçado a recorrer a este oximóron com o fim de comunicar a idéia de que, por muito que tenhamos, sempre há muito mais. Assim esquecemos o que para trás fica e prosseguimos para a frente e para o alto, sempre a fazer novas descobertas. É amor que ultrapassa o conhecimento, este amor de Cristo!

Tendo considerado as expressões, chegamos ao ponto em que devemos fazer uma pergunta: este conhecimento que estivemos descrevendo é realmente possível para todos os cristãos aqui e agora, nesta vida e neste mundo; ou é uma daquelas hipérboles que os escritores às vezes se permitem? Será simplesmente um exemplo

de imaginação poética inflamada por uma idéia? Mas fazer essa sugestão não é somente insultar o apóstolo Paulo, é também negar as Escrituras. Todavia, não é surpreendente que o apóstolo faça essa espécie de pergunta, pois o ensino do apóstolo aqui parece muito distante da experiência cristã comum. Mas o apóstolo afirma que ela está acessível a todos os cristãos, e assim ora para que os membros da igreja de Éfeso, cada um deles, e todos os santos de toda parte, venham a ter este conhecimento do amor de Cristo — o conceptual e o experimental. Isso é possível nesta vida e neste mundo.

O apóstolo Pedro, escrevendo em sua primeira Epístola a numerosos cristãos que ele não conhecia, os quais descreve como "estrangeiros dispersos", diz, referindo-se ao Senhor Jesus Cristo: "Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" (1:8). Também recordamos o que nós é dito acerca das manifestações do Filho de Deus aos que verdadeiramente O conhecem, em especial no capítulo quatorze do Evangelho segundo João. Essa porção das Escrituras deve ser mantida em nossas mentes como o pano de fundo para esta oração que estamos

considerando. O nosso Senhor diz: "Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós". "Aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele." Ele vai manifestar-Se a quem já crê nEle (14:20-21). E depois, no capítulo dezessete do Evangelho segundo João, versículo 23, há uma estonteante declaração na oração do Senhor pelos Seus: "... e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim". Não se trata aqui de um conhecimento conceptual do amor de Deus, e sim de um conhecimento imediato, direto do amor de Deus por nós. *Como* amou Seu Filho, assim nos ama. É preciso que tenhamos esse conhecimento.

Não obstante, alguém poderá perguntar se este ensino das Escrituras se verificou nas subseqüentes experiências do povo de Deus ao longo da história da Igreja Cristã. A resposta é sim, e de forma abundante. Há numerosos testemunhos disso em todos os séculos, em todos os lugares e entre todos os tipos e classes de pessoas. Esta experiência não se limita aos apóstolos e a alguns santos proeminentes, mas algumas pessoas humildes e desconhecidas têm-se regozijado neste conhecimento conceptual e experimental do amor de Cristo. Por exemplo, num hino de George Wade Robinson, um ministro congregacional do século dezenove, lemos:

Amado com amor eterno,

Guiado pela graça que o amor conhece,

Espírito, do alto soprando,

Tu me tens ensinado que é assim.

Oh, plena e perfeita paz!

Oh, divino transporte!

Num amor que jamais pode cessar,

Eu sou dEle, e Ele é meu.

No alto o céu é mais azul,

A terra em volta é mais verde;

Em cada cor vive algo Que sem Cristo nunca os olhos viram;

As aves cantam mais alegres cantos,

As flores com maior beleza brilham Depois que eu soube, como agora sei,

Que eu sou dEle, e Ele é meu.

Para sempre dEle, e somente dEle:

Quem separará meu Senhor de mim ?

Ah, com que descanso bendito Cristo pode encher o coração que ama!

O céu e a terra podem esvair-se,

E a prístina luz desvanecer; mas enquanto Deus e eu existirmos,

Eu sou dEle, e Ele é meu.

Ora, ninguém poderia escrever tais palavras, se não fossem verdadeiras. Seria quase uma blasfêmia. Somente a experiência pode produzir tais declarações.

Muitos outros hinos poderiam ser citados. Num hino traduzido do galês para o inglês, escrito por um dos grandes "pais" metodistas do século dezoito, William Williams, vemos a oração:

Fala, peço-Te gentil Jesus;

Que suaves são Tuas palavras Soprando em meu turbado espírito

A paz que o mundo nunca dá!

As vozes sedutoras do mundo,

E todas as vis tentações,

Aos Teus melodiosos e brandos tons

Ficam subjugadas, e tudo é paz.

Ele sabia o que era ouvir a voz deste "gentil Jesus", e quando temporariamente deixava de ouvi-la, ficava ansioso para ouvi-la outra vez. Nenhuma outra coisa podia satisfazê-lo. Podemos apropriar-nos desta linguagem? Charles Wesley repete freqüentemente a mesma coisa com palavras como,

Jesus, Amante da minha alma,

Permite-me voar para o Teu seio.

e

Ó Cristo, és tudo que eu desejo;

Bem mais que tudo em Ti encontro.

Mas esta experiência não se restringe aos poetas. Acha-se em prosa. As seguintes palavras foram escritas por um homem mórbido, introspectivo por natureza e por temperamento, e inclinado ao ceticismo. Fora cristão durante vinte e oito anos, e era um mestre, professor de filosofia. Estava longe de ser o que se poderia descrever como uma pessoa superficial e sujeita a ser arrastada emocionalmente, porém era um homem cuja ocupação era analisar e dissecar, e viver nos domínios

dos conceitos. Entretanto, Daniel Steele veio a conhecer o amor de Cristo neste sentido experimental, e aqui está como ele o descreve:

Quase uma semana, e várias vezes por dia, uma pressão do Seu grande amor sobreveio ao meu coração em tal medida que fez meu cérebro latejar, e todo o meu ser, alma e corpo geme sob a tensão da quase insuportável pletora de alegria. E, contudo, em meio a esta plenitude, há uma fome de mais, e em meio à consumidora chama de amor, está sempre em meus lábios o paradoxal brado: "Queima, queima, ó Amor, dentro do meu coração, queima ferozmente noite e dia, até que toda a escória dos amores terrenais esteja extinta e seja eliminada".

E diz ele mais:

O celestial habitante da minha alma mudou tudo isso. Ele abriu todos os compartimentos do meu ser e os encheu e inundou com a luz da sua radiosa presença; o *vacuum* tomou-se um *plenum',* uma intocável mancha foi alcançada, e toda a suas aspereza derreteu-se na presença daquele solvente universal, "O Amor divino,

que excede todos os amores". Agora eu gostaria de ter o poder de mil corações para amar, e a capacidade de mil línguas para proclamar Jesus, o Senhor absolutamente admirável, o Salvador completo, capaz de salvar totalmente aqueles que por Ele se chegam a Deus.

Deixem-me citar também algo da vida de Edward Payson, homem piedoso que viveu nos Estados Unidos da América (1783-1827). Diversamente de Daniel Steele, Payson era um forte calvinista em sua teologia e em sua doutrina. Payson também tinha sido cristão por muitos anos, exercera um grande ministério e tinha sido usado e abençoado por Deus antes de experimentar o que o habilitou a escrever a certo clérigo:

Ah, se os ministros tão-somente enxergassem a inconcebível glória que está diante deles, e a preciosidade de Cristo, não poderiam refrear-se e deixar de sair por aí saltando e batendo palmas de alegria, e exclamando: "Sou um ministro de Cristo! Sou um ministro de Cristo!" Quando lia a descrição que Bunyan fez da terra de Beulá, onde o sol brilha e os pássaros cantam dia e noite, eu costumava duvidar de que houvesse tal lugar. Mas agora a minha própria experiência me convenceu, e isso transcende infinitamente todas as minhas concepções anteriores.

Ainda mais, escrevendo à sua irmã, diz ele:

Se eu adotasse a linguagem figurada de Bunyan, poderia datar esta carta "da terra de Beulá", da qual fui um feliz habitante durante algumas semanas. A Cidade Celestial enche a minha visão; suas glórias refulgem sobre mim, suas brisas me arejam, seus aromas fluem para mim, seus sons percutem os meus ouvidos, e o seu espírito sopra em meu coração. Nada me separa dela, senão o Rio da Morte, que agora me parece apenas um insignificante córrego que se poderá atravessar com um único passo, quando Deus der a permissão. O Sol da Justiça vinha chegando cada vez mais perto, mostrando-Se maior e mais brilhante à medida que Ele Se aproximava; e agora Ele preenche o hemisfério todo, despejando uma corrente de glória na qual parece que flutuo qual inseto nos raios do sol, exultante ainda que trêmulo, ao contemplar extasiado este fulgor quase excessivo, e indagando com indescritível espanto por que Deus condescende em fulgir sobre um mundo pecaminoso.
Um simples coração e uma simples língua parecem totalmente inadequados às minhas necessidades; quero um coração completo para cada emoção em separado, e uma língua completa para expressar essa emoção.

E finalmente:

Os cristãos poderiam evitar muitos problemas e muita inconveniência, se tão-somente cressem no que professam, que Deus pode fazê-los felizes, independentemente de qualquer outra coisa. Eles imaginam que se um querido amigo morresse, ou se tais ou quais bênçãos fossem retiradas, eles se sentiriam

miseravelmente infelizes, ao passo que Deus pode fazê-los mil vezes mais felizes sem elas. Para mencionar o meu próprio caso, Deus me privou de bênção após bênção (Payson estava no leito de morte quando escreveu isto), mas quando cada uma delas era retirada, Ele vinha e preenchia o seu lugar. E agora, quando sou um aleijado e incapaz de mover-me, sou mais feliz do que jamais fui em minha vida, e do que jamais esperei ser; e se eu tivesse crido nisto há vinte anos, poderia ter-me poupado muita ansiedade.

Eu e você devemos apreender e conhecer, com todos os santos, este amor de Cristo. Isto não é uma fantasia ociosa; é uma gloriosa possibilidade. Devemos orar incessantemente por nós mesmos, fazendo a oração que Paulo fez pelos efésios, até podermos dizer, com Daniel

Steele e Edward Payson, com total sinceridade, que habitamos “na terra de Beulá”, e que Cristo pessoalmente nos fez conhecido o Seu amor pessoal por nós.

O Círculo Mais íntimo

"(Para) poderdesperfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus ". Efésios 3:18-19

Chegamos a um ponto no qual devemos fazer uma pergunta simples e óbvia. Onde estamos, com respeito à mensagem do apóstolo? Nada é mais danoso do que considerar este ensino como ele no-lo dá, sem aplicá-lo. Não nos referimos a uma simples familiarização intelectual com estas coisas; elas são destinadas a serem práticas, e de nós se espera que as conheçamos. A questão que temos de encarar é, pois, se estamos compreendendo esta largura e comprimento, e profundidade e altura. Conhecemos "o amor de Cristo que excede o conhecimento"? É bem provavelmente que variaremos consideravelmente em nossas respostas. O piedoso Edward Payson, já citado por mim, dá-nos um meio prático e conveniente de provar-nos, descrevendo vários grupos ou classificações com respeito a esta questão. Diz ele:

Suponhamos que os que se professam religiosos fossem enfileirados em diferentes círculos concêntricos ao redor de Cristo, como o seu centro comum. Alguns têm a presença do seu Salvador em tão alta conta que não podem suportar que sejam afastados dEle nem um pouco. Mesmo o trabalho que realizam, eles o elevam e o fazem à luz do Seu semblante, e embora empenhados nele, serão vistos elevar constantemente os olhos para Ele, como se temerosos de perder um só raio da Sua luz.

Aí ele descreve o círculo interior dos que vivem para Ele, fazem o seu trabalho em Sua presença e mantêm erguidos para Ele os seus olhos, para não perderem nem sequer um raio da Sua luz. Depois ele descreve o círculo seguinte, expondo de dentro para fora.

Outros que, certamente, não ficariam contentes vivendo fora da Sua

presença, são todavia menos absorvidos por esta do que aqueles, e podem ser vistos um pouco mais afastados, empenhados aqui e ali em suas várias ocupações, seus olhos geralmente postos em seu trabalho, mas com freqüência olhando para o alto, para a luz que amam.

Em seguida, diz ele, há uma terceira categoria:

Uma terceira categoria, para lá destas duas, mas ainda dentro dos raios vivificantes, inclui uma duvidosa multidão, muitos dos quais se acham tão envolvidos em seus

esquemas terrenais que podem ser vistos de lado para Cristo, olhando mais para o outro caminho e só de vez em quando voltando os seus rostos para a luz. E mais longe ainda, entre os últimos e difusos raios, tão distantes que muitas vezes é duvidoso que possam entrar na área da sua influência, está um grupo misto de indivíduos ocupados, alguns com as costas inteiramente voltadas para o sol, a maioria deles tão preocupados e aflitos com as suas muitas coisas, que dedica apenas um pouco de tempo ao seu Salvador.

Aí entendo que temos uma análise justa e exata. Cristãos há que se acham naqueles vários círculos, naquelas várias posições. De fato é possível estar no terceiro círculo descrito por ele, e ainda ser cristão. Este círculo contém cristãos que parecem passar a maior parte do seu tempo com as costas voltadas para Cristo, e que só muito ocasionalmente se viram para procurá-lO e olhar para Ele. Há muitas gradações possíveis entre essa posição e o círculo interior daqueles para quem Cristo é tudo e que podem dizer com o apóstolo Paulo: "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho". O ponto que estou acentuando é que aqueles que pertencem ao círculo do extremo externo são cristãos, e a oração do apóstolo os inclui. Ela nada tem a ver, naturalmente, com os não cristãos; o apóstolo está interessado na relação dos que já creram, como estes efésios, e que, como eles, tinham experimentado muito, os quais ele ainda sente que não conhecem este amor de Cristo que excede o conhecimento.

Payson prossegue e diz algo que, penso eu, é profundamente verdadeiro: "A razão pela qual os homens do mundo fazem pouco caso de Cristo é que não olham para Ele; suas costas estão voltadas para o sol, eles só podem ver as suas próprias sombras e, portanto, estão completamente fechados em si mesmos; ao passo que o verdadeiro discípulo, olhando só para cima, vê unicamente o seu Salvador e aprende a esquecer-se de si mesmo". Temos aí a chave da vida cristã

e da experiência cristã. O único meio de livrar-se do ego é olhar para Cristo. Você não se livrará do ego indo para um mosteiro e fazendo-se monge. Não o fará sendo um heremita no alto de uma montanha, nem vivendo numa ilha deserta, totalmente por sua conta. Você poderá ficar tão cheio de ego nesses lugares como sempre estivera. Há somente um meio de perder o ego, e este é amar o Outro e perder-se nEle. Como Payson diz, se você estiver de costas para o sol, estará vendo a sua própria sombra o tempo todo, estará pensando em si mesmo, olhando para si e preocupado com si mesmo. Só há uma coisa para fazer, a saber, virar-se e olhar para o sol; então você começará a esquecer-se de si por completo. Nada é mais vital do que examinar-nos deste modo.

Suplementemos o testemunho de Payson introduzindo outra declaração, desta vez a de um piedoso homem de Deus que viveu na Escócia e que morreu cedo, por volta de 1851. Este homem tinha as mesmas idéias doutrinárias de Edward Payson.

Acrescento esse fato a seu respeito porque existem aqueles que, ao que parece, pensam que estas experiências íntimas com o Senhor Jesus Cristo só se acham entre certas pessoas que sabem pouco de doutrina e que têm noções e idéias vagas, místicas e soltas. O escocês que vou citar agora não se caracterizava somente pelo seu apego à doutrina, à teologia, ao estudo e ao entendimento, mas, acima de tudo, era um brilhante filósofo e pensador. Estou me referindo a W.H. Hewitson. Ele não é tão conhecido como deveria ser, porém é alguém que podemos colocar na mesma categoria de Robert Murray McCheyne. Eles viveram na mesma época e se conheceram. Eis como Hewitson escreve:

Vocês não acham que, no caso de muitos cristãos, a regeneração é acompanhada por um considerável período, não de trevas, mas de obscuridade, como o da compreensão na infância, deixando a alma incapaz de assumir um Cristo completo e, conseqüentemente, de gozar perfeita paz? Tais cristãos vivem muito abaixo dos seus privilégios como reconhecidos filhos da adoção, nascidos para uma herança, não em si mesmos, mas em Cristo.

É-nos possível ser verdadeiramente regenerados e, todavia, viver como pobres, tendo pouco ou nenhum conhecimento das gloriosas possibilidades. Alguém, escrevendo sobre Hewitson, descreve-o assim:

Desde a ocasião em que ele foi levado a ver claramente a Cristo como seu Tudo, sua alma encheu-se da glória de Cristo, como um Salvador presente e um amigo que vive sempre e para sempre. Sua

comunhão com Ele tomou-se mais e mais semelhante à de um amigo com outro que se acham pessoalmente próximos, e não à de um correspondente distante. Sua santa ambição era seguir plenamente ao Senhor.

Eis mais duas citações de Hewitson:

Uma bênção que está além de todas as demais é ter ouvidos moucos para a música do mundo, mas estar totalmente desperto para a voz dAquele que é o Principal entre dez mil, e totalmente admirável. Bem-aventurança é estar realmente nEle. Nenhuma alma desperta deveria privar-se da percepção e do gozo experimental da união com o Senhor. Nenhuma alma convertida deveria ficar satisfeita enquanto não pensasse e não falasse tudo que se pode falar em comunhão com Jesus. A um confessante carnal, ou a um filho de Deus ainda em grande medida carnal, isto pareceria um padrão demasiado alto, mas ter um padrão mais baixo é ignorar a nossa posição em Cristo, o que nEle temos, a intimidade da nossa união com Ele e o caráter que devemos manter para estarmos em harmonia com a nossa profissão de fé em Seu nome.

Não posso imaginar melhor de expor o que o apóstolo Paulo tinha em mente quanto

aos efésios.

À luz disso tudo, à questão é: onde estamos? Não é mais que verdadeiro quanto a muitos de nós, que somos como pessoas às quais foi legada uma grande fortuna no testamento de alguém, mas que não parecem perceber que isso é um fato? Parece bom demais para ser verdadeiro. Estamos há tanto tempo acostumados à pobreza e à penúria, e a lutar para viver dentro do orçamento apertado, que, embora nos digam que nos foi deixada uma fortuna, continuamos a viver como se nada tivesse acontecido. Ou, para variar a figura, parecemos pessoas que receberam convite para ir a um grande banquete, as quais ficam na rua, fora da sala do banquete, no frio e na chuva, olhando ocasionalmente pelas janelas e vendo as brilhantes luzes lá dentro e tentando imaginar a natureza da festa que foi preparada.

Do mesmo modo, muitos de nós, com freqüência, dizem que o padrão é alto demais, que estas coisas são impossíveis. Mas o que é totalmente importante é que devemos examinar-nos à luz do ensino do Novo Testamento. Já atingimos este nível? De fato, deixem-me fazer uma pergunta mais penetrante ainda: já chegamos ao padrão e ao nível do Velho Testamento? Lemos sobre um salmista que dizia: "Vale mais

um dia nos teus átrios do que em outra parte mil", e: "Preferiria estar à porta da casa do meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade" (Salmo 84:10). Isso seria verdade a nosso respeito? Podemos dizer isso? Para ajudar-nos neste exame introspectivo, sirvamo-nos de Augustus Toplady. Sua posição doutrinária era militantemente calvinista, mas nestas questões ele e os Wesley, com suas fortes opiniões arminianas, estão de acordo. Eis como Toplady escreveu:

Objeto do meu primeiro desejo,

Jesus, na cruz morto por mim; todos quantos aspiram à felicidade acham-na somente em Ti:

A Ti conhecer e a Ti louvar — bem-aventurança é nossa aqui;

Ver-Te, contemplar-Te e Te amar — bem-aventurança é nossa no céu.

Senhor, não será vida que se viva, se a Tua presença me negares;

Senhor, se me deres a Tua presença, morrer deixará de me ser morte.

Dadivosa fonte de repouso, só do Teu sorriso este provém; a felicidade e a paz Te pertencem; minhas são, se Tu estás em mim.

Enquanto eu sentir Teu amor por mim, tudo explodirá de alegria; oxalá eu ande sempre conTigo; épara mim glória pura e imensa:

Deixa-me, Senhor, fazer-Te meu,

-supra-sumo da felicidade; gozarei, então, bênção real,

— o céu cá embaixo, e o céu lá em cima.

Notem a ênfase experimental, e o verbo "sentir" na última estrofe. Muitos há que não hesitam em dizer (com isso confirmando a suposição de Hewitson) que tudo isso impõe um padrão alto demais; e vão além. Dizem eles que tudo isso não passa de misticismo, um estado doentio em que, através de toda a história da Igreja, certas pessoas têm caído, voltando-se para si mesmas, e se tomaram introspectivas e egocêntricas. São pessoas, dizem eles, que passam o tempo tomando o

seu pulso espiritual e gozando experiências, que nunca fazem nada de prático e não têm nenhum valor para ninguém. Tais pessoas, dizem eles, só vivem de experiências, enquanto que se espera de nós, como cristãos, que creiamos e conheçamos o ensino que temos; noutras palavras, tão-somente ver a verdade extemamente nas Escrituras e aplicá-la em nossa vida diária. Não fomos destinados a conhecer e a falar de experiências diretas e imediatas, e de amar a Cristo pessoalmente. Isso tudo, dizem eles, sugere uma imaginação febril, para não dizer uma condição que às vezes vai além dos limites e se toma psicopatológica.

Infelizmente, há até muitos cristãos conservadores que negam que Deus tenha quaisquer ligações diretas com os homens hoje, e que lançam ao descrédito o sentimento e a emoção. Freqüentemente eles confundem a verdadeira emoção com um frouxo sentimentalismo. Temem o poder do Espírito Santo, e têm tanto medo de certos excessos que às vezes se vêem no misticismo e em certas pessoas que alegam ter experiências extraordinárias com o Espírito Santo, que eles "extin-guem o Espírito" e nunca têm qualquer conhecimento pessoal de Cristo. Na verdade, muitas vezes vão tão longe que negam a possibilidade de tal conhecimento.

Obviamente isto é algo de que temos de tratar, pois, se defendemos este conceito particular, claro está que nunca buscaremos o conhecimento do qual o apóstolo está falando e, portanto, jamais o teremos. Então, como responder a esta acusação?

Há, por certo, um misticismo falso. Isto se vê com clareza nos livros sobre o assunto, e especialmente nas biografias de certos místicos. Sem dúvida houve aberrações nas vidas de muitos deles, e havia muita coisa mórbida e não saudável. Há um tipo de misticimo mórbido, introspectivo, egoístico, nada prático e inútil. Mas, devido certos místicos serem condenáveis por essas coisas, não devemos deixa-nos cegar para o misticismo legítimo e saudável, misticismo ensinado pela própria Bíblia. Há sempre o risco de rejeitarmos um ensino verdadeiro por não gostarmos de uma falsa apresentação dele. Há muitos que hoje estão fora da Igreja pela única razão, aparentemente, de que conheceram um homem que era cristão e membro da igreja e

que levava uma vida egoística e era maldoso para com a esposa e os filhos. Repudiam o cristianismo todo por causa de um representante indigno! Mas, evidentemente, isso não é nada inteligente, e as mesmas pessoas não usam esse mesmo argumento noutras áreas. Na área da política, por exemplo, jamais diriam que não poderiam ser conservadores simplesmente porque conhecerem um homem indigno que era um ativo membro do Partido Conservador. Igualmente com o Partido Trabalhista. Na esfera

política eles não julgariam desse modo, porém procedem assim com respeito à religião. Da mesma maneira há cristãos que usam exatamente esse argumento e, por causa de certos excessos no caso de alguns místicos, repudiam o misticismo por completo. O corretivo para tal raciocínio é assinalar que o oposto ao falso misticismo não é uma total negação do misticismo, e sim o verdadeiro misticismo. Entretanto, acima de tudo, temos que ser governados pelas Escrituras, e apegar-nos ao que elas ensinam.

Nesta parte que estamos examinando vemos um verdadeiro misticismo cristão. Ele refulge noutras passagens em declarações como, "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gaiatas 2:20), "Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece" (Filipenses 4:13), "Para mim o viver é Cristo" (Filipenses 1:21). Paulo fala como um verdadeiro místico cristão em declarações como essas. Quando o vemos dizer, em Filipenses 3:10, "para conhecê-lo", ele não está dizendo que ainda não O "conhecera" neste sentido pessoal, que até então só tinha uma fé objetiva, e que esperava conhecê-lO um dia. É porque já O conhecia que desejava conhecê-lO melhor; é o brado de quem ama, clamando pela pessoa amada. Ele quer passar mais tempo com Ele, quer conhecê--10 mais íntima e completamente.

Encontra-se o mesmo ensino nos escritos do apóstolo João. Às vezes se traça uma falsa distinção entre estes dois apóstolos e se sugere que Paulo é lógico, apegado à lei e à doutrina, ao passo que João é místico. Essa afirmação é inteiramente falsa. Ambos são lógicos e ambos são místicos verdadeiros. Mas de novo devemos lembrar-nos de que este ensino se encontra, talvez supremamente, nas próprias palavras de nosso bendito Senhor. No capítulo quatorze do Evangelho segundo João, tendo-lhes falado que estava prestes a deixá-los, diz o nosso Senhor: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim". Turbaram-se quando lhes foi dito que Ele ia deixá-los. Tinham estado com Ele três anos, tinham contemplado o Seu rosto, tinham visto os Seus milagres, ouvido os Seus sermões, e sempre haviam podido fazer-Lhe perguntas. Todavia agora ia deixá-los, e temiam que não lhes seria possível continuar vivendo e serem felizes sem Ele. Sua resposta foi: "Voltarei para vós. Eu me manifestarei a vós" (versículos 18,21 e 22). No entanto, ainda mais explicitamente, no capítulo dezesseis O vemos dizer:"... vos convém que eu vá" (versículo 7). Seria bom para eles que Ele os deixasse e deles Se ausentasse na forma em que estava até então com eles, porque (como Ele continuou explicando),

“se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei”. Como poderia ser bom para os discípulos que Ele os deixasse na carne e deles Se ausentasse no corpo? Como é que isso pode

ser verdade, se não é possível ao cristão conhecê-lO imediata e diretamente? Obviamente, a suprema bem-aventurança é estar com Ele, em Sua presença e em Sua companhia. O que Ele estava dizendo realmente era que, depois que partisse e os batizasse com o Espírito Santo, Ele seria mais real para eles do que o era naquele momento. E foi o que de fato aconteceu. Eles O conheceram muito melhor depois do Pentecoste, do que antes. Ele era mais real, mais vivo, mais vital para eles depois, do que o fora nos dias da Sua carne. Sua promessa foi cumprida e comprovada literalmente.

Além disso, porém, no dia de Pentecoste o apóstolo Pedro disse aos seus ouvintes: “A promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe” (Atos 2:39). Apromessa de nosso Senhor não foi feita somente aos apóstolos. O apóstolo Paulo não estava presente naquela ocasião, mas posteriormente ele teve experiências iguais às de qualquer dos outros apóstolos. E, como vemos, agora ele está orando para que a mesma bênção venha para os cristãos efésios, e para “todos os santos”. O Senhor Jesus Cristo não está agora entre nós na carne; todavia no Espírito Ele pode ser muito mais real, e podemos conhecê--ÍO com uma intimidade que os discípulos e os apóstolos não desfrutaram quando Ele estava aqui nos dias da Sua carne.

O apóstolo João faz um sumário deste ensino para nós em sua primeira Epístola, onde ele diz àqueles cristãos primitivos que lhes estava escrevendo, “para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo” (1:3). O desejo não era apenas que tivessem comunhão com ele e com os demais apóstolos. Isso eles já gozavam em certa medida. Seu profundo desejo era que eles entrassem na comunhão que ele e os demais apóstolos estavam gozando com o Pai e o Filho, para que a alegria deles fosse completa. Eles já tinham a alegria preliminar, experimentada pelos que crêem no Senhor Jesus Cristo e compreendem que os seus pecados estão perdoados; não obstante, o desejo do apóstolo é que a alegria deles “seja completa”. É a “paz perfeita” a que Augustus Toplady se refere. E isso é possível a todo cristão. Não é um misticismo vago. Não deve ser entendido em termos do falso misticismo das pessoas que se retiram do mundo, usam vestes de pelos de camelo e escarificam a própria carne. Aquilo a que Paulo se refere é possível a todos os que verdadeiramente crêem na Palavra de Deus, e crêem no Senhor Jesus Cristo.

Portanto, este ensino não pode e não deve ser rejeitado com base nalguma vaga objeção ao misticismo. Mas também devemos tratar da crítica quanto ao aspecto prático. Vivemos dias em que o aspecto prático do cristianismo está sendo acentuado

quase exclusivamente por

alguns cristãos. É o dia do ativismo e dos ativistas. Jamais o mundo esteve tão ocupado, tentando tratar dos seus vários problemas; e a mesma coisa é muito verdadeira quanto à Igreja. O tipo de cristão prático, ativista, desconfia do ensino que ele julga fará as pessoas ficarem sentadas e isoladas, à espera de experiências. "Nunca fazem outra coisa", diz ele; "não são cristãos práticos; não se envolvem com as atividades usuais". Esse argumento se baseia na pura ignorância, não só das Escrituras como também da história da Igreja. Na verdade, o fato é que os homens que estiveram ocupados no serviço do seu Senhor e Mestre, ao longo da história da Igreja, foram sempre os que O conheceram melhor e mais se regozijaram em Seu amor.

Comecemos com o exemplo supremo. Que foi que levou o Senhor Jesus Cristo a fazer tudo que fez? Ele nos diz repetidamente que foi para que glorificasse a Seu Pai. Foi por essa razão que Ele veio do céu à terra, suportou a contradição dos pecadores contra Ele, e foi resolutamente para Jerusalém e para a cruz. Ele declara em Sua oração sacerdotal registrada no capítulo dezessete do Evangelho segundo João: "Eu glorifiquei-te na terra" (versículo4). Seu único motivo era mostrar Seu amor pelo Pai e o amor do Pai por Ele.

Encontramos a mesma coisa subsequentemente nas vidas dos Seus servos. Examinem o caso dos apóstolos e especialmente Pedro, que havia sido tão temeroso e tão covarde, com tanto medo de ser levado à morte, que até negou seu Senhor. Contudo, depois do batismo com o Espírito Santo e depois de ter vindo a conhecer realmente o amor de Cristo, quando as autoridades lhe ordenaram que parasse de pregar, respondeu-lhes dizendo: "Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido" (Atos 4:20). Tendo vindo a conhecer este amor de Cristo, Pedro tinha que falar disso a todos os outros. O apóstolo Paulo disse ao coríntios que "o amor de Cristo nos constrange" (2 Coríntios 5:14). Ele não podia conter-se; o amor de Cristo o pressionava e o impelia. Nunca houve um homem mais ocupado ou mais ativo que este grande apóstolo. Não só porque era um homem ativo por natureza, mas porque o amor de Cristo o dinamizava e lhe dava compaixão pelos pecadores. O que quer que estivesse acontecendo, grilhões e prisão ou liberdade, ele tinha que ir e cumprir este ministério, e falar a todo o mundo do amor de Deus em Cristo Jesus.

Ora, esta experiência não está limitada aos apóstolos. Referi-me anteriormente ao conde Zinzendorf e à sua afirmação acerca da "sua única paixão". Lemos sobre ele que em certo dia, enquanto observava um quadro do Cristo crucificado, disse: "Fizeste isso por mim; que posso fazer por Ti?" Essa é a explicação da sua carreira subseqüente. De muitas maneiras ele foi fundador da obra missionária estrangeira,

enviando missionários para a Groenlândia cinqüenta anos antes da fundação da Sociedade Missionária de Londres ("London Missionary Society"), a Sociedade

Missionária da Igreja ("Church Missionary Society"), e outras. Era o seu conhecimento, a sua compreensão do amor de Cristo que o impulsionava, e a muitos outros com ele.

Nada se ergue mais proeminentemente na vida de George Whitefield que a sua consciência do amor de Cristo. Ele o conhecia num grau excepcional, e vocês verão que era sempre depois de ter tido alguma excepcional experiência com Cristo, que lhe era dado um extraordinário engrandecimento e liberdade em sua pregação, e que homens e mulheres se quebrantavam e se derretiam diante da sua santa eloqüência e da sua descrição do amor de Deus em Cristo Jesus. Charles Wesley sabia-o igualmente bem, e assim escreve:

Alarga, inflama e enche o meu coração com Teu ilimitado e divinal amor!

Assim minha energia porei em ação, e os amarei com zelo igual ao Teu, Senhor.

Esta é a verdade a respeito dos maiores servos de Deus de todas as eras, de todos os séculos, em todos os lugares.

Talvez o maior perigo que confronta a Igreja e o povo cristão hoje seja que, em vez de percebermos que a suprema necessidade do momento é este conhecimento do amor de Cristo, gastamos nosso tempo e energia organizando atividades. Fazemos da atividade um fim em si. Dizemos que temos que "estar em atividade". E de maneira carnal tentamos realizar a obra de Deus. Mas quão pouco acontece! Isso não é de admirar. Estamos esquecendo o verdadeiro motivo e o poder que energiza. Não devemos trabalhar como cristãos simplesmente porque é bom e certo que os cristãos trabalhem. O motivo é absolutamente importante. Devemos trabalhar por causa do amor de Cristo. Não devemos trabalhar porque decidimos fazê-lo ou porque nos disseram que agora que somos convertidos temos de "estar em atividade". Querer as igrejas cheias também não deve ser o nosso motivo. Isso é inverter o quadro e o método do Novo Testamento, como também o é toda a idéia de treinar pessoas a fim de serem testemunhas e para fazerem evangelização pessoal. Tudo hoje tem que ser organizado, e a impressão que se tem é que ninguém pode testemunhar sem fazer um curso de treinamento.

A resposta para essa idéia moderna é descobrir o que aconteceu nos séculos passados, especialmente no primeiro. Não havia aulas de treinamento, exames e diplomas naqueles tempos. O segredo dos

primeiros cristãos, dos primeiros protestantes, puritanos e metodistas é que eles foram ensinados sobre o amor de Cristo e se encheram de conhecimento deste amor. Uma vez que um homem tenha o amor de Cristo em seu coração, não será preciso treiná-lo para testemunhar; ele ofará. Ele conhecerá o poder, o constrangimento, o motivo; tudo já está ali. É pura mentira insinuar que as pessoas que consideram

este conhecimento do amor de Cristo como a coisa suprema são uns místicos doentios e inúteis. Os servos de Deus que mais adornaram a vida e a história da Igreja Cristã sempre foram homens que compreenderam que esta é a coisa mais importante de todas, e passavam horas em oração, buscando a face do Senhor e fruindo o Seu amor. O homem que conhece o amor de Cristo em seu coração pode fazer mais numa hora do que o homem "ocupado" pode fazer num século. Não permita Deus que façamos da atividade um fim em si. Tratemos de compreender que em primeiro lugar vem o motivo, e que o motivo sempre deve ser o amor de Cristo.

Concluo com a pergunta que fiz no princípio: a qual dos círculos vocês pertencem? Estão se esforçando para chegar ao círculo central? Talvez tenham visto pessoas em multidão, quando a rainha ou alguma outra pessoa notável está passando, e elas se esforçam para ir para frente, a fim de ver melhor. A mesma coisa ocorre em vários jogos. Há aqueles que sempre querem estar na frente para terem melhor visão. Estamos nós fazendo esforço rumo ao círculo mais central? Estamos em busca do rosto do Senhor? Ambicionamos o conhecimento do Seu amor? O apóstolo orou em favor de cada um dos membros da igreja em Éfeso para que ele ou ela pudesse "perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento". Que tragédia, alguns de nós viverem como mendigos nas ruas frias, quando a sala do banquete está aberta e a festa preparada. Busquemos o conhecimento do Senhor nas Escrituras e leiamos as vidas dos santos de todos os séculos. Quando o fizermos, não ficaremos satisfeitos enquanto não estivermos no círculo mais próximo do centro, contemplando a bendita face do Senhor.

PROCURANDO COMPREENDER

"(A fim de) poderdes perfeitamente compreender, com todos os

santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a

profundidade Efésios 3:18

Resta-nos agora considerar a questão muito prática e direta quanto a como podemos alcançar este conhecimento. Presumo que agora estamos ávidos e ansiosos por conhecê-lo e experimentá-lo. Estou certo de que, quando chegarmos ao céu e à glória, ficaremos admirados; não somente pelo que ali veremos e de que nos aperceberemos, mas ainda mais por nossa cegueira enquanto estávamos na terra. Então veremos claramente aquilo que poderia ter sido o caso conosco. Veremos o que poderíamos ter usufruído. Veremos como desperdiçamos o nosso tempo. Veremos como permitimos que outras coisas interviessem entre nós e a maravilhosa e bendita experiência que pode ser o quinhão de todo e qualquer homem ou mulher deste mundo. E por esta razão estou enfatizando esta questão com tanto empenho e urgência para a consideração de vocês.

Conto com a autoridade do Novo Testamento para dizer que é possível aos cristãos experimentarem algo como um sentimento de vergonha quando virem o Senhor como Ele é. Em sua primeira Epístola, o apóstolo João exorta os cristãos primitivos a se esforçarem para progredir nestes aspectos para que não sejamos "confundidos por ele", ou "não fiquemos envergonhados diante dele em sua vinda" (2:28). Existe claro ensino sobre um julgamento que envolve recompensas entre os crentes, de maneira que devemos estudar este assunto à luz daquele ensino. O homem cujo pensamento é: "contanto que esteja perdoado, contanto que esteja salvo, contanto que vá para o céu, tudo está bem" descobrirá que, ao adotar essa atitude, rejeitou o ensino do seu Senhor. O propósito do Senhor era fazê-lo desfrutar muito mais benefícios, usá-lo para ajudar outros e usá-lo como padrão e exemplo. Assim, considerações pessoais à parte, devemos examinar esta questão do ponto de vista de que a medida em que falharmos em ajustar-nos a esse padrão, será a medida em que estaremos falhando com o nosso bendito Senhor.

A descrição muitas vezes feita no Novo Testamento é que Deus é nosso Pai e que, como um pai terreno tem orgulho dos seus filhos e gosta de olhar para eles protetoralmente, e de sorrir para eles, e deseja que todos pensem bem deles, assim Deus, como nosso Pai do céu, deleita-Se em nós e deseja exibir-nos como "padrões e exemplos das obras das Suas mãos". Ele quer mostrar a Sua graça aos outros através de nós e por nosso intermédio, como vimos quando estivemos estudando o versículo 10. Por todas estas razões nos convém descobrir como é que nós, com todos os santos, podemos vir a conhecer este amor que ultrapassa o conhecimento.

Há abundante ensino com respeito a isso no Novo Testamento. Há um sentido em que o restante desta Epístola aos Efésios trata precisamente deste assunto, Nos capítulos seguintes o apóstolo continua a tratar em detalhe de vários assuntos relacionados com a conduta e com o comportamento, e esse é um dos melhores modos de ensinar como conseguir este conhecimento do amor de Cristo.

Podemos sumariar este ensino com certo número de princípios. O primeiro é fazer uma advertência negativa, porém extremamente importante. Nunca se deve pensar nesta questão em termos mecânicos. Com isso quero dizer que jamais se deve presumir que, desde que façamos certas coisas, logo, inevitável e automaticamente, gozaremos a bênção. Essa suposição nunca é verdadeira na vida espiritual. Para usar uma ilustração óbvia: não há nenhum mecanismo tipo caça--níqueis com relação à vida espiritual. Por outro lado, todas as seitas são caracterizadas justamente por esse ensino. Todas elas afirmam, noutras palavras, que, por assim dizer, basta você colocar uma moeda na abertura da máquina e puxar a gavetinha, e terá a sua barra de chocolate, ou seja o que for. Tal ensino é alheio ao Novo Testamento e, se começarmos a pensar dessa maneira mecânica, estaremos condenados à decepção.

Devo desenvolver isto porque sei, por experiência própria, deste perigo, e sei que é um laço do diabo. Às vezes funciona da seguinte maneira: você está lendo a biografia de um grande santo, por exemplo, um daqueles cujas obras tenho citado. Ali você lê sobre um homem que fora cristão durante anos, mas que nunca tinha conhecido este amor de Cristo, e então ele lhe conta como veio a conhecê-lo. Isso pode ter acontecido de uma dentre muitas maneiras. Pode tê-lo procurado anos e anos, sem nada acontecer; então, um dia, quando estava lendo um livro, quase casualmente a página pareceu iluminar-se e ele percebeu que Deus lhe falava diretamente, e ele passou a conhecer este amor de Cristo que excede o conhecimento. A tentação que vem neste ponto é

você procurar descobrir que livro ele estivera lendo e depois começar a ler o mesmo livro, persuadindo-se de que aquilo que acontecera ao outro terá que acontecer a você. Daí você lê a página, todavia ela parece completamente morta! O erro foi ter um conceito mecânico. O santo estava fazendo isso quando obteve a bênção; logo, se eu fizer a mesma coisa, também obterei a bênção!

Por outro lado, você lê a respeito de homens que testificam que tinham lido a Bíblia muitas vezes sem jamais enxergar estas coisas, porém, súbita e inesperadamente, quando liam dado capítulo, veio a iluminação. Entretanto esta não vem a você, quando lê o mesmo **capítulo. A falha que está por trás desta abordagem errada é que** estamos lidando com relações pessoais, e que, nos domínios das relações pessoais, os métodos mecânicos não somente não contam, mas também podem ser o maior obstáculo possível. Não estamos lidando com algum objeto ou com alguma experiência como tal; estamos falando de conhecer “o amor de Cristo que excede o

conhecimento". Discernimos instintivamente, quanto ao amor de um ser humano, que ele é intensamente pessoal e direto; assim, devemos ter o mesmo discernimento aqui.

Temos que começar dando-nos conta de que isto é algo que está inteiramente nas mãos de Deus, e que ele dispensa as Suas bênçãos como quer, quando e onde, e a Seu próprio modo. Vocês não podem garantir coisa alguma, nestas questões. Não podem dar nenhuma garantia de que, se fizerem "isto", logo acontecerá "aquilo". Sabemos que nas relações humanas comuns tais idéias fracassam completamente. No momento em que sentimos que estamos sendo subornados, ou que alguém está tentando nos manipular, imediatamente toda emoção e todo real afeto se apagam. Isto é igualmente verdade na esfera espiritual de que estamos tratando. É por isso que se pode dizer que, conquanto os livros e manuais sobre a vida de devoção e consagração sejam de utilidade e de valor até certo ponto, também podem ser extremamente perigosos. O diabo pode usá-los para introduzir a noção mecânica, e acabaremos ficando mais longe dAquele a Quem estamos procurando.

Voltando-nos para o positivo, vemos que certas coisas são ensinadas com simplicidade e clareza nas Escrituras. A primeira é que existe isso, de colocar-se alguém no caminho da bênção. Não podemos ordenar bênçãos ou "reclamá-las". Deus, em Sua soberana vontade e graça, dispensa as Suas bênçãos. Mas, embora não possamos ordená-las, podemos fazer o que fez o cego Bartimeu. Lemos que Bartimeu ouvira que o Senhor Jesus Cristo ia passar por certa estrada, e que ele

foi bastante inteligente para fazer seu ponto ao lado dessa estrada. É o que todos nós podemos fazer. O Senhor caminha por certas estradas; é Sei costume e Seu hábito passar em certas direções. Assim, tudo que posso fazer é dizer-lhe como tomar posição ao lado destas estradas. Coloque-se no caminho das bênçãos. Não lhe posso garantir nada; contudo sei que as Escrituras nos exortam a fazer certas coisas. T ambém sei que todo santo que já chegou ao conhecimento do amor de Cristo, neste sentido íntimo e pessoal, geralmente cumpriu estas coisas.

O primeiro passo é o que Paulo mesmo já mencionou no versículo 16. Devemos orar por nós mesmos sem cessar, como o apóstolo orou pelos efésios, para que Deus, "segundo as riquezas da sua glória, nos conceda que sejamos corroborados com poder pelo Seu Espírito no homem interior". Isso é um absoluto essencial. É essencial — tenho que ser repetitivo porque somos muito propensos a esquecê-lo — dada a grandeza do conhecimento do Seu amor. É tão grande que quase pode destroçar a estrutura humana, tão glorioso que mal cabe no coração do homem. Lembramo-nos das experiências do profeta Isaías, e do apóstolo João na ilha de Patmos. Mas também necessitamos dele por mais esta razão, que assim que empreendermos este esforço, seremos alvos dos ataques concentrados e extraordinários do diabo.

Esta é de novo a experiência universal dos santos. Ninguém jamais foi tão tentado

pelo diabo neste mundo como o Filho de Deus; e quanto mais perto dEle chegarmos, mais provados e tentados seremos. A princípio o diabo faz tudo que pode para impedir que o indivíduo se tome cristão; no entanto, se ele falha e nos tomamos cristãos, todo o seu esforço então será no sentido de manter-nos como meninos em Cristo, de manter-nos unicamente no estágio dos princípios elementares, de manter-nos satisfeitos com o círculo periférico. No momento em que começamos a crescer e a desenvolver-nos, o diabo fica preocupado, porque nesse caso nos tomamos melhores recomendações de Cristo. Se nos tomamos homens, adultos, o reino do diabo fica ameaçado, de modo que ele faz tudo para impedir o nosso crescimento, e põe em ação os seus agentes e os seus poderes contra nós.

Permitam-me citar as palavras de alguém que foi uma grande autoridade nestas questões. Numa frase maravilhosa, ele disse: “Os momentos batismais são sempre seguidos de uma tentação no deserto”. Naturalmente ele se refere ao que aconteceu com o próprio Senhor Jesus quando foi batizado por João Batista no Jordão e deu início ao Seu ministério público para realizar a Sua obra como o Messias. O Espírito Santo desceu sobre Ele na forma de uma pomba. Agora Ele está equipado. Foi selado pelo Pai, foi ungido pelo Espírito para pregar e levar a efeito a obra de redenção. Lemos, porém, que logo depois Ele

foi levado pelo Espírito para o deserto para ser tentado pelo diabo durante quarenta dias. “Os momentos batismais são sempre seguidos de uma tentação no deserto”. Todo aquele que sempre se esforçou para percorrer esta estrada sabe quanta verdade há nisso. Quanto mais buscarmos o rosto do Senhor e o conhecimento do Seu amor, mais conhecermos “as ciladas do diabo” e “os dardos inflamados do maligno”. Com isso o diabo nos faz um grande cumprimento; mas devemos lembrar-nos de que ele é forte e poderoso, e se formos com a nossa própria força e poder, certamente ele nos derrotará. Portanto, devemos orar para que sejamos fortalecidos com poder pelo Seu Espírito no homem interior, e também, como o apóstolo o expressa no último capítulo desta Epístola, devemos “revestir-nos de toda a armadura de Deus”. Sem esta, estamos condenados ao fracasso. Se você procurar estar perto de Cristo, o diabo porá em ação todas as suas reservas contra você, e você terá consciência das profundezas de Satanás de um modo que nunca antes imaginou.

Os cristãos que não sabem o que é ficar sujeito a uma arremetida de Satanás ou a um ataque satânico, são apenas meninos em Cristo. Ele não tem necessidade de tratar as crianças desta maneira; mas no momento em que você começar a crescer e se tomar um “jovem”, no momento em que você se tomar forte e conhecer crescentemente a Cristo e Seu amor, poderá esperar tentação. Assim se vê nas vidas de todos os maiores santos, que, lado a lado com as suas gloriosas experiências do amor de Cristo, há uma percepção em tempos de conflito, como se o inferno ficasse solto ao redor deles. Deve ficar claro, portanto, que estamos numa esfera completamente diversa da esfera mecânica à qual pertence o ensino de todas as seitas,

como acontece com todo ensino evangélico superficial que assegura que "é muito simples". Como o apóstolo diz mais tarde, no capítulo 6, a nossa luta não é "contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (6:12). Estamos seguindo os passos do Senhor, que foi tentado pelo diabo de maneira tão dura que nos é impossível concebê-la.

A seguinte questão vital a que devemos dar ênfase é que temos de aprender a buscar o Senhor. Quero dizer que não devemos contentarmos com idéias concernentes a Ele, ou com proposições a respeito dEle. Mais uma vez é essencial salientarmos que, se bem que as doutrinas, a teologia e o entendimento são absolutamente vitais para o cristão, é sempre errado parar unicamente nestas coisas. Temos que ir além, e compreender que o propósito de todo conhecimento da doutrina é levar-nos ao conhecimento da Pessoa de Cristo. Como vimos, "Para

conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição" era a ambição do maior mestre e pregador doutrinário e teológico que a Igreja já conheceu. Sem conhecimento da doutrina podemos ser vítimas de um falso misticismo, ou podemos simplesmente permanecer meninos em Cristo. Para sermos fortes, para crescermos e para nos tomarmos viris e poderosos, é-nos essencial um entendimento da verdade. Mas isso deve levar-nos a buscar um conhecimento da própria Pessoa.

Esta é uma questão muito sutil. Todos os que se têm interessado por estas questões sabem que os esperam laços. Às vezes um homem, ao corrigir um subjetivismo falso, vai para o outro extremo e se toma tão objetivo que a sua alma e o seu espírito ficam secos. Entretanto os extremos são errôneos. A glória do evangelho é que ele envolve o homem todo, sua mente, seu coração, sua vontade, realmente, a personalidade inteira. Se falta um aspecto, falta equilíbrio. Saliento este grande perigo de contentar-nos com idéias e verdades acerca do Senhor Jesus Cristo, em vez de conhecermos o Senhor Jesus Cristo. Você se enamorou dos pensamentos, dos princípios e dos conceitos, e pode ficar tão embevecido neles que eles podem intrometer-se entre você e a Pessoa. A própria doutrina concernente a Ele pode ocultá-lO aos seus olhos. Nada é mais trágico do que isso! Muitos de nós têm que confessar terem estado nessas condições por anos. É uma armadilha terrível; é tão perigosa como permanecer uma criança em Cristo.

Deixem-me acentuar ainda que devemos buscar o Senhor em Pessoa, e não meramente experiências que nos vêm de maneira geral na vida cristã. Graças a Deus pelas experiências de gozo na leitura ou pregação da Palavra, experiências que sobrevêm nas reuniões de oração, experiências que vêm enquanto cantamos um hino, ou as experiências que temos na comunhão cristã, e em muitos outros aspectos. Graças a Deus por essas experiências cristãs gerais. Mas enquanto as agradecemos a Deus nesta esfera particular de que estamos tratando, temos que dar-nos conta de que

mesmo elas podem ser perigosas. Isto não deveria desanimar-nos. É certo dizer que cada nível da vida cristã tem seus próprios problemas peculiares. Há muitos que não têm nenhuma experiência espiritual; simplesmente aceitaram certas coisas com as suas mentes. Evidentemente, isso é totalmente inadequado, porém, tendo dito isso, prosseguimos dizendo que temos que ser cuidadosos acerca das experiências. Que há problemas especiais em cada estágio é uma verdade quanto à nossa vida comum neste mundo. Os problemas da infância não são idênticos aos da adolescência, e os problemas da adolescência não são idênticos aos da meia idade; e os problemas da meia idade não são os da idade avançada. À superfície, o ensino parece contraditório. Todavia, não é; quando

ficamos mais velhos entramos numa esfera diferente, chegamos a um estágio diferente, e pode ser que tenhamos de fazer num estágio algo que parece estar em franca contradição com o que tivemos de fazer num estágio anterior. É precisamente a mesma coisa na vida cristã.

Deixem-me expressá-lo de maneira mais simples e mais direta. Muitos cristãos vivem de "reuniões", e não do Senhor Jesus Cristo. Podem sentir-se perturbados ou infelizes em sua experiência espiritual, e isso pode muito bem significar que o Espírito Santo lhes esteja falando. Não obstante, ao invés de fazerem o que nos é dito aqui, e de procurarem este conhecimento do Senhor e este Seu amor que excede o conhecimento, ficam freqüentando uma interminável série de reuniões. Nas reuniões se sentem felizes, e vão para casa achando que tudo está bem. De novo se sentem em condições miseráveis; então vão a outra reunião, e a experiência se repete. Podem sair todas as noites de semana para irem a uma reunião ou outra com o fim de manterem numa condição de regozijo. O que está acontecendo é que eles estão vivendo de reuniões!

Esta verdade não vale só para as reuniões; também pode acontecer com livros. É possível viver de livros uma espécie de vida espiritual de segunda mão. Dá-se da seguinte maneira: sentindo-nos insatisfeitos e inquietos, interiormente conscientes de que a nossa vida não é o que deveria ser, e que há algo muito mais grandioso possível, pomo-nos a ler certos livros — a biografia de um santo, por exemplo, ou um livro que fala dos níveis mais elevados da vida cristã. Apreciamos grandemente fazer isso, e nos comovemos. Embora não tenhamos tido pessoalmente a experiência da qual estamos lendo, sentimo-nos melhor e mais felizes. Podemos fazer isto durante anos, sem percebermos que estamos vivendo de livros, em vez de vivermos de Cristo. Podemos viver das experiências doutras pessoas que ouvimos numa reunião, ou que lemos em livros, sem termos experiência propriamente nossa.
Só porque nos sentimos bem e um pouco mais felizes, damo-nos por satisfeitos e não vamos em busca do Senhor.

Na verdade, é possível que façamos tão mau uso dos meios da graça que vivemos

deles, em vez de prosseguirmos através deles para descobrir o Doador de toda a graça. Como é sutil isso tudo! Assim é porque ainda não somos perfeitos, e por causa das ciladas do diabo. A grande regra que jamais devemos esquecer é: busquem o Senhor. Busquem a Pessoa. A vida cristã não é simplesmente uma questão de adotar certo número de idéias; o cristianismo não é uma filosofia, não é uma coleção de pensamentos e conceitos. Sua glória especial, e o que o toma único, é que ele não somente nos ensina a aplicar um ensino, como também a conhecer tuna Pessoa (Deus) e a andar com Ele na luz.

É pessoal, é individual. A essência do bom êxito nesta questão é manter isso sempre no primeiro plano. Não nos deixemos satisfazer por coisa alguma, por melhor e mais benéfica que seja, em nossa vida espiritual, enquanto não pudermos dizer realmente: conheço a Cristo pessoalmente.

Isto é particularmente verdadeiro com respeito à oração. Oração realmente significa falar com Deus, ouvir a Deus e ter comunhão com Deus. Isso, obviamente, envolve relação pessoal. Que sabemos realmente da verdadeira oração? Podemos iludir-nos facilmente pensando que, se nos pusermos de joelhos e tivermos certos bons pensamentos, ou se certos bons pensamentos concernentes a Deus passarem pelas nossas mentes, estaremos orando. Creio que Deus, em Sua misericórdia, está disposto a aceitar até isso; entretanto não é oração verdadeira. "A nossa comunhão", diz João, "é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo". Com o termo "comunhão" ele quer dizer, conhecer o Pai e o Filho e andar com Eles.

George Müller, de Bristol, sabia mais sobre a oração do que a maioria dos cristãos; e vocês verão que a primeira coisa que ele sempre fazia quando orava era assegurar-se de uma percepção da presença de Deus. Ele não apresentava as suas petições enquanto não se apercebia da Sua presença. Este era o segredo daquele grande homem de oração. Falamos da fé grandiosa de Müller, e naturalmente era uma grande fé; mas o real segredo de George Müller não era a sua grande fé, e sim o fato de que ele conhecia a Deus e falava com Deus como alguém que O conhecia. Percepção da presença de Deus! Vocês não poderão conhecer o amor de Cristo enquanto não conhecerem a Cristo. Essa é a razão pela qual o apóstolo diz aos filipenses que a sua maior ambição era "conhecê-lo" (3:10). A primeira coisa que temos de fazer é aperceber-nos da presença da Pessoa, buscar o Senhor pessoalmente — não Suas bênçãos, não pensamentos ou ensinos concernentes a Ele. Estas coisas são excelentes, e devemos continuar a buscá-las; mas não devemos deter-nos nelas. Devemos apropriar-nos delas e usá-las para buscar a bendita Pessoa propriamente dita.

O princípio subsqüente, em conexão com este ensino, segue-se disso de maneira inevitável; é que sempre devemos lembrar-nos de que é mister que o Senhor Jesus Cristo habite em nós: "que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no

homem interior, para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". O que precisamos fazer neste ponto é dar-nos conta de que Ele próprio disse: "eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Apocalipse 3:20). Quando isso se toma um fato, Cristo está em nós. Às vezes penso que a percepção disso é o

evento mais transformador que pode suceder a alguém. É a essência e o segredo da santificação. Não é questão de se tentar obter alguma coisa, não é simplesmente lutar para viver num certo nível moral; o segredo disso tudo é dar-nos conta de que Ele habita em nós, de que Ele está em nossos corações. O apóstolo nos ensina isso, não somente acerca do nosso Senhor, e sim também acerca do Espírito Santo.

Como somos lerdos para aprender as grandes lições das Escrituras! No capítulo seis da sua Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo trata do assaz prático problema do pecar no corpo. "Fugi da prostituição", diz ele (versículo 18). Todavia, ao mostrar como se deve fazer isso, ele não condescende em ministrar algum vago ensino moral, ou em fazer uma preleção sobre as conseqüências do pecado na saúde, ou em fazer um apelo geral. Seu método é muito diferente. Diz ele (AV): *"Quê/Não* sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, que vós tendes de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais são de Deus" (versículos 19 e 20). O modo de dominar o pecado é darem-se conta de que o Espírito Santo está habitando em vocês, e que os seus corpos são Seu templo. O Espírito Santo está envolvido, por assim dizer, com aquilo que vocês fazem com os seus corpos. *"Quê!"* Todo o segredo da santificação é, num sentido, saber proferir esta palavra, "Quê!" Assim, na próxima vez que vocês forem tentados, quando o diabo vier tentá-los a pecarem desta ou daquela maneira, parem e digam: "Quê!? Nem pensar! É impossível! O Espírito Santo habita em mim; meu corpo é Seu templo. Cristo está em mim."

Devemos falar conosco mesmos dessa maneira, e aplicar a nós mesmos a verdade. É porque deixamos de fazer isso que somos como somos, e o que somos. Devemos sair em busca desta Pessoa, e é preciso que nos demos conta de que Ele está em nós. Sua Palavra é verdadeira e não pode ser quebrada. Portanto, devo viver como quem acredita que Cristo, o Senhor, habita nele; na verdade, que está plenamente persuadido de que o Senhor habita nele. "Não sou meu"; Ele veio morar em mim. Toda a minha perspectiva e atitude será determinada por esta percepção.

Finalmente, tendo dado estes passos, devemos buscar positiva e ativamente o seu amor. O apóstolo ora para que estes cristãos venham a conhecê-lo em sua largura e comprimento, altura e profundidade. Tendo-nos apercebido da verdade concernente a esta gloriosa possibilidade, devemos agora buscar o Senhor em Pessoa, devemos procurar conhecer o Seu amor e recorrer a Ele para obter este conhecimento. Tomo a

dizer que tem sido esta a prática universal de todos quantos

foram capazes de testificar que conheceram verdadeiramente este amor. Vemos isso acentuado, não somento no Novo, mas também no Velho Testamento. Por exemplo, um profundo anseio e desejo de conhecimento de Deus é expresso em muitos Salmos, como por exemplo nos Salmos 42,63 e 84: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (42:1-2); “A tua benignidade é melhor do que a vida” (63:3); “Preferiria estar à porta da casa do meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade” (84:10). Este mesmo desejo tem feliz expressão num hino em galês, de autoria de William Williams, e assim traduzido:

Dize que és meu, ó Salvador;

Dá-me certeza firme e clara;

Os meus sombrios medos bane,

As minhas dúvidas acalma.

Se tão-somente aplicássemos à vida espiritual o que sabemos e praticamos tão bem na vida natural, a nossa condição espiritual seria muito diferente. Não há nada que mais desejamos do que nos dizerem que aqueles que amamos nos amam. Atos não são suficientes; gostamos que nos digam com palavras. Portanto, insistamos com Ele que Ele nos faça saber com certeza que nos ama pessoalmente com amor eterno.

PREPARANDO-NOS PARA O HÓSPEDE

"E conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento,

para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus ". Efésios 3:19

Temos visto, de acordo com o ensino das Escrituras (e é amplamente confirmado por todos quantos experimentaram ricamente este conhecimento do amor de Cristo), que, embora não possamos reivindicar esta grande bênção, ou pretender que, devido certas coisas serem verdadeiras a nosso respeito, nós já a temos, há, não obstante, certas coisas que podem ajudar-nos a pôr-nos no caminho da bênção. Levando tudo isso como lastro em nossas mentes, partamos de vez para a consideração pormenorizada do que nos cabe fazer. O princípio dominante e determinante é buscar a Pessoa — não buscar bênçãos gerais, e sim buscar a *Pessoa* do Senhor. Mas há também certas coisas que temos de fazer detalhadamente. Estou cada vez mais convencido de que muitos vivem a vida cristã neste mundo sem este conhecimento, simplesmente porque nunca saíram da esfera das generalidades para a das particularidades. Vocês precisam começar com o geral, porém isso deve levar ao particular. É coisa inútil ler um livro que descreve alguma experiência grandiosa e achar que você daria o mundo inteiro para tê-la, se pudesse, se depois nada faz a respeito. Temos que colocar-nos no caminho da bênção, como fez o cego Bartimeu.

A primeira e óbvia regra é ler a Palavra de Deus com regularidade. Esta Palavra foi dada a fim de O revelar a nós. Num sentido, o propósito central das Escrituras é revelar o Senhor Jesus Cristo. Isso é verdade tanto com relação ao Velho Testamento como com relação ao Novo. Trazemos à memória como, após a Sua ressurreição, o nosso Senhor levou dois dos Seus confusos discípulos através da Lei, dos Profetas e do livro de Salmos com o fim de mostrar-Se a eles em todas as Escrituras (Lucas 24:27,44). Cabe-nos vê-lO em toda parte nas Escrituras. Um hino bem conhecido lembra-nos que a Bíblia é: "O quadro de Cristo, a viva Palavra, no céu desenhado". Cabe-nos vê-lO, não somente nos quatro Evangelhos, onde O vemos em Seu terrenal estado de humilhação, mas também nas Epístolas. Todas elas se referem a Ele,

todas elas são revelações dEle. Assim, toda vez que vocês lerem a Bíblia, poderão vê-10, se souberem como fazê-lo.

É-nos possível ler as Escrituras de maneira totalmente inútil. Se vocês lêem as Escrituras mecanicamente porque acreditam que é certo e bom fazer isso, ou porque lhes disseram para fazê-lo, provavelmente auferirão pouco benefício. Vocês poderão ter uma imediata sensação de satisfação própria e de justiça própria por terem lido a sua porção bíblica para o dia; todavia isso não é ler as Escrituras. Todos os componentes da inteligência são necessários quando lemos as Escrituras; todas as

nossas faculdades e inclinações devem ser empregadas. Nem isso é suficiente; temos que orar, pedindo a iluminação e a inspiração do Espírito Santo. Sempre que recorrermos às Escrituras devemos falar conosco mesmos antes de começar a ler; caso contrário, a nossa leitura não nos trará proveito. E devemos fazer isso, não somente com a Bíblia, mas também com outros livros e compêndios. Podemos passar horas com um compêndio aberto diante de nós, olhando para as páginas e para as palavras, contudo, se não concentrarmos a atenção, não receberemos nenhuma instrução. É possível se fazer mais em cinco minutos, às vezes, quando realmente se concentra, do que em muitas horas, quando a mente divaga e não se aplica.

Não há livro que mais exija a aplicação e a concentração de todos os nosso poderes e faculdades, do que a Bíblia. Portanto, devemos falar conosco e fazer a nós mesmos perguntas como estas: que espero receber das Escrituras? Por que estou lendo? Qual é o meu objetivo? Não devemos parar no ponto em que dizemos que é bom lê-la porque é a Palavra de Deus. Devemos ir além e dizer a nós mesmos: ela é uma Palavra viva. O fato é que Deus continuou falando aos santos ao longo dos séculos por meio da Sua Palavra. Leiam as experiências deles, e verão que muitos deles, na verdade, virtualmente todos eles, tiveram as suas maiores experiências pessoais do amor de Cristo quando estavam lendo as Escrituras. Subitamente parece que Ele vem ao encontro deles mediante uma palavra particular; Ele sai do Livro, por assim dizer, e eles sabem que Ele lhes está falando pessoalmente.

E nós podemos ter experiências semelhantes, se aprendermos a ler a Bíblia com reflexão e meditação. Não obstante, a meditação e a contemplação não são fáceis, como sabemos por experiência própria. Concentrar-nos no que estamos lendo e meditar nisso requer esforço e disciplina. A contemplação e o pensamento interior são mais difíceis ainda. De acordo com os manuais sobre a vida piedosa, o estágio final da vida santa é o da contemplação. Poucos chegam lá. Assim, se nesta questão de conhecer o amor de Cristo ficarmos entregues a nós mesmos, veremos que isso será quase impossível. Mas Deus desceu até

a nossa fraqueza e nos providênciou a Palavra, as ilustrações, a instrução e o ensino. Portanto, devemos tirar pleno proveito disso tudo e utilizá-lo em nossos esforços para conhecê-lO.

Quando, por exemplo, você ler os Evangelhos, lembre-se de que são retratos de Cristo, mostrando como Ele era quando estava neste mundo. Depois, lembre-se de que Ele ainda é, essencialmente, a mesma Pessoa. Devemos aplicar deliberadamente as nossas mentes à procura dEle e ao conhecimento do Seu amor. Noutras palavras, devemos ir às Escrituras com espírito de grande expectativa. Devemos ir num estado de grande avidez, indagando: será que Ele vai falar comigo pessoalmente, como também o faz indiretamente mediante a Palavra? Tendo olhado o retrato,

lembre-se de que Ele continua o mesmo — "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e etemamente" (Hebreus 13:8). Essa foi a maravilhosa e comovente descoberta feita pelos diversos apóstolos que O viram após a Sua ascensão.

Há uma descrição do Senhor ressurreto no capítulo primeiro do livro de Apocalipse, onde o apóstolo nos conta como, quando ele se encontrava na ilha de Patmos e Cristo lhe apareceu, ficou alarmado, até que o Senhor pôs Sua mão em seu ombro, provando que Ele continua sendo o mesmo, apesar de estar na glória. Devemos lembrar-nos disso deliberadamente, e não contentar-nos com uma noção vaga do Senhor Jesus Cristo. Devemos compreender que Ele ainda é um "cordeiro que foi morto", Aquele que foi morto, porém "vive para todo o sempre" (Apocalipse 5:12,14). Portanto, devemos buscá-lO. As Escrituras foram dadas para ajudar-nos, e devemos aplicar o que lemos nelas. O grande princípio é que a verdadeira leitura da Bíblia envolve pensamento, meditação, preparo pessoal e, acima de tudo, expectativa, uma ávida antecipação, uma procura do Senhor e uma prontidão para achá--ÍO em toda parte.

O subseqüente elemento essencial nesta busca é a oração. Já tive que acentuar antes precisamente o mesmo princípio. Podemos passar muito tempo na posição de oração e, todavia, sem orar realmente. É por isso que os horários estabelecidos, embora indispensáveis para muitos, podem ser muito perigosos nestas questões. Aqui, de novo, a instrução espiritual parece contraditória, ora ensinando a importância da disciplina e da regularidade, ora indicando os perigos relacionados com isso. O fato é que necessitamos conhecer-nos e conhecer nossas necessidades, como também saber o que temos que evitar em dados estágios. Além disso, necessitamos da ajuda pastoral neste aspecto. Permitam-me expor isto na forma de uma ilustração. Na agricultura científica moderna este princípio foi descoberto e se confirma cada vez mais. Se

você quiser obter as melhores colheitas das suas terras, valerá a pena fazer uma análise científica do solo. Você envia uma amostra do solo ao laboratório, e lhe dirão se é demasiado ácido ou demasiado alcalino. Depois terá que tratá-lo de acordo com a análise feita. Se puser cal numa terra que já é demasiadamente alcalina, arruinará o seu campo. Mas se a terra foi ácido, então precisará de mais álcali. No entanto, é interessante notar que, ao levar avante o processo, verá que o solo muda de natureza completamente. Assim você não poderá dizer que, porque a primeira amostra era ácido, sua terra precisará de álcali para todo o sempre. Você pode muito bem chegar a um ponto em que ela tenha se tomado alcalina demais e, então, precisará dar-lhe ácido. Parecerá estar se contradizendo, mas de fato estará simplesmente sendo inteligente. Você compreende que está lidando com processos vivos no solo, não com materiais inorgânicos estáticos, e que, portanto, precisa tratar do solo como ele é em dada ocasião. A mesma coisa se aplica à estrutura **e constituição humana. Alguém pode corrigir com tanto exagero o** hiper-acidez do seu organismo, que

causará uma outra doença chamada alcalose. Ele se toma demasiada alcalino e talvez precise tomar algum ácido para restabelecer o equilíbrio.

O mesmo princípio se aplica nos domínios da vida espiritual. Pode ser que, pela disposição natural, comecemos sendo moles e indolentes. Entendemos que precisamos ter um horário, e adotamos um. Contudo, inconsciente e gradativamente nos tomamos escravos do nosso horário, e será necessário que nos digam que esqueçamos o horário e experimentemos mais da liberdade do Espírito. Por causa dos restos de pecaminosidade que permanecem em nós, vamos de um extremo ao outro. Assim, temos que conhecer-nos a nós mesmos, temos que examinar-nos e vigiar a nós mesmos, e temos que assegurar-nos bem de que não perdemos de vista o grande objetivo, o qual é, conhecer a Cristo e conhecer o Seu amor.

Insisto, pois, em que, quanto à oração, não há nada mais importante que a meditação e exame preliminar daquilo que vamos fazer. Isto é o que os santos chamavam de "reflexão", a qual realmente significa que você conversa consigo mesmo sobre você e sobre o que anda fazendo. A maior falta que cometemos é que não conversamos conosco mesmos o quanto deveríamos. Temos de falar conosco sobre nós mesmos. Há pouco propósito em começar a falar com Deus e a orar, se não compreendemos a nossa própria condição. Não proceder assim significa que talvez estejamos indo à presença de Deus num estado pessoal completamente falso. Podemos achar que temos sido tratados de maneira muito dura, nada bondosa e, na verdade, muito cruel; enchemo--nos de auto-piedade; vamos a Deus nessas condições e Lhe pedimos

certas coisas. Se tivéssemos parado para analisar-nos a nós mesmos, e se tivéssemos conversado conosco mesmos com toda a sinceridade, teríamos descoberto que, provavelmente, estávamos em condições totalmente más e indignas, que realmente estávamos precisando ser chicoteados espiritualmente, e que, essencialmente, o problema estava em nós mesmos. Tivéssemos feito isso, quão diferente seria a nossa oração! Antes de começarmos a orar, precisamos examinar-nos a nós mesmos; e, depois, havendo feito isso, precisamos lembrar-nos do que vamos fazer. Precisamos meditar nisso de novo, e precisamos aperceber-nos das possibilidades. Acima de tudo, precisamos pensar de novo nEle, em nosso grande Sumo Sacerdote nas alturas. Com Isaac Watts, devemos dizer:

Com alegria meditamos nós na graça do nosso Sumo Sacerdote nas alturas;

Seu coração é feito de doce ternura, e transborda de amor.

Fazer isso, e compreender que isso vale para nós, transformará a nossa maneira de orar. Estaremos verdadeiramente buscando o Senhor, e esperando dEle uma resposta viva.

Outro elemento importante é a ação de graças. Quando lemos uma grandiosa

passagem, como a que estamos considerando, ou as experiências dos que conheceram o amor de Cristo, nossa tendência é achar que é disso que necessitamos, que daríamos muito para possuí-lo, que devemos começar a orar e a clamar por isso; e simplesmente passamos a fazê-lo. Mas essa atitude contém uma verdadeira falácia. É como a criança que vive fazendo pedidos e exigências aos seus pais, porém nunca mostra apreciação. Devemos compreender que Deus tem prazer em ouvir as nossas palavras de gratidão e louvor. Daí o apóstolo, corrigindo a tendência dos filipenses para a ansiedade, dizer: "Não estejais inquietos por coisa alguma: antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças" (4:6). Antes de pedirmos a Deus quaisquer novas e adicionais bênçãos e benefícios, devemos ter sempre o cuidado de agradecer-Lhe o que já recebemos. Se crêem que o Senhor morreu por vocês, agradeçam-Lhe isso. Quantas vezes o fizeram? Esse é um verdadeiro teste da nossa fé. Se um ser humano nos faz uma gentileza, logo lhe agradecemos. Dizemos que cremos que Cristo morreu pelos nossos pecados, mas quantas vezes Lhe agradecemos isso? Quanto mais vocês Lhe agradecerem e Lhe expressarem seu débil amor por Ele, maior probabilidade terão de conhecer o Seu amor por vocês no sentido maior

a que Paulo se refere. Quanto mais proeminente forem o louvor e a ação de graças em nossa vida de oração, mais conheceremos este amor, que excede o conhecimento.

Também deveria ser óbvio que devemos procurar agradá-lO em todas as coisas. Isso fica patente quando expresso em termos de uma analogia humana. Se amamos certas pessoas, instintivamente procuramos agradá-las; e quanto mais as agradamos, mais elas mostrarão o seu amor por nós. É realmente simples assim. O nosso Senhor pessoalmente afirma isso com a maior clareza e simplicidade no Evangelho segundo João: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele" (14:21). E, contudo, quantas vezes nos esquecemos disso! Temos a tendência de dividir as nossas vidas em compartimentos. Quando estamos lendo as Escrituras ou algum livro sobre a vida de um santo, vemos esta maravilhosa possibilidade e a desejamos, e começamos a orar e a rogar esta bênção. Mas depois nos defrontamos com os duros fatos, dificuldades e problemas da vida, e parece que esquecemos isso tudo. Tomamo-nos irritadiços, precipitados, grosseiros e impacientes. Tomamos a pensar ao nível humano, e fazemos coisas que não deveríamos fazer. O resultado é que a nossa oração é realmente de pequeno valor.

A Bíblia é um livro muito prático, e quer mostrar-nos que o amor não é um vago sentimento. Diz-nos o nosso Senhor que mostremos nosso amor por Ele guardando os Seus mandamentos. Se realmente desejamos conhecê-lO e conhecer o Seu amor, devemos realizar com todas as nossas forças tudo que Ele mandou que fizéssemos. Ficamos sem desculpa, se não nos damos conta disso. É-nos ensinado no Sermão do Monte, nas Epístolas, na verdade em toda parte no Novo Testamento. Sejamos

diligentes, portanto, na observância dos Seus mandamentos. Ou, para expor negativamente o assunto, tratemos de compreender quão importante é evitar desagradá-10, Certas coisas são completamente incompatíveis com a Sua presença. Às vezes isso é expresso numa frase que eu abomino. Há os que falam em "levar Cristo com eles". Isso é completamente errado, pois não O levamos conosco.
A questão é se Ele nos acompanhará ao fazermos certas coisas. Há certas coisas que Ele não fazia nos dias da Sua carne: e ainda não as faz, pois são inimagináveis em Sua presença. Portanto, as Escrituras nos advertem com muita clareza acerca do perigo de "entristecer o Espírito". O que se aplica ao Espírito Santo, aplica-se igualmente ao Senhor Jesus Cristo. E por isso que é tão importante estar sempre pensando nEle e nos lembrando de que, devido sermos cristãos, Cristo está em nós e o

Espírito está em nós aonde quer que formos e seja o que for que fizermos. Portanto, se você anela a manifestação do Seu amor, evite fazer as coisas que sabe que Ele não pode suportar, as coisas que Ele odeia, as coisas que O enviaram à morte na cruz. Evite-as!

Posso ilustrar isso com uma ilustração simples, que muitas vezes me ajudou pessoalmente, e ainda me ajuda. É uma história simples, quase ridícula, de uma coisa que aconteceu dentro da esfera da minha experiência pessoal; e sempre me faz lembrar tudo que tento dizer a mim mesmo quando enfrento esta questão particular.

Fui criado num distrito rural, agrícola, onde todos nós sabíamos **tudo uns dos outros, e sabíamos tudo** que **acontecia. Havia** um homem naquela área, filho de um lavrador, que estava muito apaixonado por uma certa moça e queria desposá-la. E ela o amava. Não obstante, havia um obstáculo para ser transposto. Este pobre sujeito, como muitos outros, tinha uma fraqueza, que era a de beber muito quando ia à cidade, uma vez por semana. Ela odiava esse hábito, e ele lutava para deixá-lo. Mas, de repente ele escorregava e caia, ao ser tentado. Ela então não queria mais nada com ele. Toda a vizinhança vinha observando como as coisas se desenrolavam, durante vários anos. Ela deixou perfeita-mente claro que, enquanto ele tocasse em bebida, não quereria mais nada com ele. Todos nós perguntávamos qual seria o resultado disso tudo. O que de fato aconteceu foi que o homem a amava tanto, que abandonou a bebida para todo o sempre. O resultado foi que eles se casaram e viveram juntos e felizes por muitos anos.

Essa singela história ilustra a essência mesma desta questão. A escolha com a qual este homem se defrontou era, que é que ele queria mais, esta jovem que ele amava, ou a bebida e os alegres companheiros do dia da feira? Ele tinha que chegar a uma decisão básica; e o seu amor pela moça era tão grande que ele desistiu da bebida para sempre. Assim, ele a conquistou, recebeu o seu amor, e ela se deu a si mesma a ele.

Há certas coisas que o Senhor Jesus Cristo detesta e abomina; assim é simples questão de lógica afirmar que, se nos apegamos a essas coisas e as permitimos, realmente não temos direito de esperar nenhuma manifestação do Seu amor. Lembro-lhe mais uma vez que você pode ser cristão sem conhecer deste modo o S eu amor; porém, se você quiser ser a espécie de cristão que Paulo queria que estes efésios fossem, terá que desistir das coisas que Ele odeia, custe o que custar. Então verá que, na hora que o Senhor quiser, Ele sorrirá para você e manifestar-Se-a você, bem como o Seu amor.

Cada um de nós sabe individualmente qual a coisa, ou quais as coisas que se interpõem entre nós e Ele. Façamo-las partir! Expulsemo-las! Mesmo que elas sejam legítimas em si mesmas, se você tem

certeza em seu coração de que elas são um empecilho, elas têm que sumir. “Se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti”; “Se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti” (Mateus 5:29-30). Esse é o ensino do próprio Senhor nesta matéria. Agrade-O positivamente; e evite tudo que você sabe ser desagradável aos Seus santíssimos olhos. E faça isso não somente durante um período limitado, como o da quaresma; faça-o, sempre.

O quarto princípio envolvido nesta questão requer importunidade, quer dizer, concentração ou dedicação total. Vemo-lo exposto no livro de Jeremias: “E buscar-me-eis, e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração” (29:13). Isso veio a ser muito conhecido num oratório, com as palavras: “Se de todo o vosso coração verdadeiramente me buscardes, certamente me achareis”. A ênfase cai na frase, “de todo o vosso coração”. Tambémno livro de Salmos lemos: “Une o meu coração ao temor do teu nome” (86:11). O salmista está cônscio da dificuldade, de modo que ora a Deus, pedindo-Lhe que una o seu coração para que ele O busque com todo o seu ser. Recordemos o ensino do nosso Senhor concernente aos bons olhos: “Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso” (Mateus 6:22-23). (AV, versículo 22: “Se o teu olho for único”, “não duplo”).

Nada é mais importante, nesta esfera, do que ter o “olho único”, isto é, o olhar posto numa só direção, concentrado, fechado para tudo mais que esteja fora do campo de visão; quase uma monomania. Este tem sido uma grande característica dos santos de Deus. Ou tomem o ensino do nosso Senhor registrado no Evangelho segundo Lucas, acerca da viúva importuna (18:1 -8). O juiz injusto, “que nem a Deus temia nem respeitava o homem”, foi confrontado por uma viúva que persistia em ir ao tribunal com a sua petição. Afinal o juiz, reduzido a um estado de desespero, decidiu que era melhor conceder-lhe o que pedia. Vão a Deus com a importunidade daquela viúva, diz o Senhor Jesus Cristo. Quem mais teria ousado dizer isso? A importunidade é essencial. Todos estamos prontos para começar, todavia também

prontos para contentar-nos com um sentimento ocasional e, com esforços espasmódicos ocasionais. Mas devemos perseverar, persistir, e nunca desistir.

Devemos tomar-nos mais semelhantes ao patriarca Jacó em Peniel. Pensem nele ali, naquela noite crítica; dentro de algumas horas ele se encontraria com Esaú. Relembrem o seu temor e o seu pressentimento. Ele tinha mandado tudo e todos atravessarem o ribeiro, e ali estava ele sozinho quando, de repente, apareceu um homem e começou a lutar com ele. Jacó, sentindo que era Deus que estava lidando com ele,

persistiu até o raiar do dia, e proferiu as imortais palavras: "Não te deixarei ir, se me não abençoares"(Gênesis 32:26). E esse espírito que devemos cultivar, o espírito de concentração, o espírito de importunidade, o espírito que diz: "Não te deixarei ir". Quando agirmos assim, Ele nos fará várias coisas. Deixem a questão do tempo inteiramente com Ele, mas — para copiar uma expressão utilizada pelo puritano Thomas Goodwin — "Movam-Lhe a demanda, solicitando isso", e continuem a fazê-la, como a viúva importuna fez com o juiz injusto.

Isso nos leva ao nosso último princípio, que, como todos os outros, também é sumamente vital. Pode ser descrito como responsividade[1] às iniciativas de aproximação do Senhor. Estamos tratando de questões muito sensíveis e delicadas. Ou, para variar a descrição, estamos no monte do Senhor, onde o ar é muito puro e rarefeito, e as leves alterações são imediatamente sentidas. A responsividade às aproximações de Deus significa buscá-las, esperar por elas, contar com elas. Muitas vezes ficamos tão ocupados lendo as Escrituras, orando e fazendo tudo que estivemos considerando, que achamos que nada está acontecendo. Entretanto, muita coisa pode estar acontecendo, e o problema é que somos tão lerdos e tão destituídos de responsividade, ou estamos tão ocupados, que não tomanos consciência disso.

O Senhor bem pode vir muito silenciosa e brandamente, a princípio. O Espírito Santo é comparado com uma pomba, a mais gentil de todas as aves. Essa é, também, uma descrição do nosso bendito Senhor. Nem sempre Ele manifesta a plenitude do Seu amor. Pode acontecer que lhe dê somente leves indicações dele. O amor humano pode expressar-se com um olhar apenas. O olho que pode severamente, pode também olhar com ternura e amor. Um simples cintilar nos olhos pode dizer-nos tudo e trazer-nos alegria indizível. O nosso Senhor trata-nos dessa maneira. Ele é o nosso Amante celestial, e às vezes a manifestação do Seu amor é tênue; Ele nos dá apenas uma ligeira indicação dele. Por isso, devemos estar buscando estas coisas. Seu amor não vem de maneira estereotipada. São muitas as maneiras pelas quais Ele manifesta o Seu amor. Estejam sempre à espreita, atentos à mais leve manifestação dele! Jamais "desprezem o dia das pequenas coisas".

No momento em que você, meu amigo, perceber o mais leve traço ou indicação do

Seu amor, aja em cima disso imediatamente, venha como vier. Você pode estar lendo um livro, por exemplo, sem realmente estar pensando muito neste assunto particular, quando subitamente toma consciência de um impulso ou de um chamamento para orar. Toda a essência da sabedoria nesta questão consiste em deixar de lado o livro imediatamente, não importa quão interessante seja, e começar a orar. Não queira terminar o capítulo e orar depois. Se o fizer, poderá ver que o maravilhoso, glorioso momento se foi; e não poderá recapturá-lo. No momento em que você sentir o mais leve movimento ou indicação do Seu amor, corresponda, aja, renda-se a Ele imediatamente. Seja o que for que Ele o chame para fazer, faça-o logo. E quando você agir assim, verá que Ele virá mais freqüentemente, e as manifestações serão mais patentes e mais claras. E então poderá chegar o dia em que a experiência será mais gloriosa em seu vigor e poder. Como diz William Cooper:

/is *vezes uma luz surpreende O cristão quando ele canta;*

E o Senhor em alto vôo,

Trazendo cura nas asas.

Ao mesmo tempo, demos ouvidos à advertência concernente precisamente a esta questão que se acha no capítulo cinco de Cantares de Salomão, nos primeiros seis versículos:

"Já vim para o meu jardim, irmã minha, minha esposa: colhi a minha mirra com a minha especiaria, comi o meu favo com o meu mel, bebi o meu vinho com o meu leite: comei, amigos, bebei abundamente, ó amados."

Aí temos a chegada do noivo, quando ele bate à porta da noiva. Mas a resposta dela é:

"Eu dormia, mas o meu coração velava; eis a voz do meu amado, que estava batendo; abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, minha imaculada, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos das gotas da noite: já despi os meus vestidos; como os tomarei a vestir? Já lavei os meus pés; como os tomarei a sujar?" Seu amado está ali, implorando-lhe que abra a porta; porém ela está cansada e acha que não deve incomodar-se e deixar o leito e sujar de novo os pés para abrir a porta. Ela o deseja, naturalmente, mas não lhe é conveniente recebê-lo naquele momento. "Eu dormia, mas o meu coração velava." Ela reconhece a voz, contudo não pode ser importunada para levantar-se naquele momento. A narração continua:

"O meu amado meteu a sua mão pela fresta da porta, e as minhas

entranhas estremeceram por amor dele."

Tendo visto a mão dele, ela diz:

“Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos gotejavam mirra sobre as aldrabas da fechadura”.

Ela pensava que ia vê-lo e que seria arrebatada pelo seu amor. No entanto, eis que lemos em seguida:

“Eu abri ao meu amado, mas já o meu amado se tinha retirado, e se tinha ido: a minha alma tinha-se derretido quando ele falara; busquei-o e não o achei; chamei-o, e não me respondeu”.

O cântico prossegue, descrevendo como ela o procurou. Saiu e caminhou pelas ruas. Foi maltratada, castigada e ferida; sofreu abuso. Ainda assim, continuou e continuou a procurá-lo. (Claro, o noivo simboliza Cristo). Graças a Deus, Ele não a deixou para sempre. Estava simplesmente lhe ensinando esta grande, central e absolutamente importante lição de que, sempre que Se aproxima, deve ser agarrado, deve ser seguro imediatamente, com pronta reação. Não a retarde, não a posterque. Agradeça-Lhe toda indicação, por mais tênue que seja; corra para Ele, receba-O, seja-Lhe responsivo. E quando formos responsivos a Ele e a cada aproximação dEle, Ele Se chegará mais e mais a nós; e nos aqueceremos ao refulgente calor da Sua face, regozijando-nos com os Seus abraços e nos embriagando com o Seu glorioso e eterno amor.

Achamo-nos aqui numa atmosfera muito delicada e sensível. Queira Deus encher-nos com o Seu Espírito e com sabedoria e entendimento, para que possamos estar despertos, alertas e sensíveis a cada aproximação dEle, e para que jamais venhamos a ser repreendidos por Ele devido termos recusado, ou não termos reconhecido, alguma das Suas temas aproximações. Lembre-se de que Ele está dizendo a você: “Eis que estou à porta, e bato”. Não permita Deus que haja tanto barulho na casa das nossas almas que não O escutemos! Não permita Deus que haja tanto estrondo dos ruídos do mundo que não O ouçamos, e que O deixemos lá fora, batendo à porta. Sejamos sensíveis a Ele, estejamos preparados, estejamos sempre a ouvi-lO, anelantes, e esperando por Ele. E quando procedermos assim, com toda a certeza Ele virá e Se manifestará a nós.

1

Introduzo o neologismo “responsividade”, tomado literalmente do inglês, embora de raiz latina. Os dicionários da lingua portuguesa registram “responsivo”, que significa “que contém resposta”, “que responde”. “Responsividade” significa “qualidade ou estado de ser responsivo”. Contém a idéia de corresponder à iniciativa alheia. Nota do tradutor.

“TODA A PLENITUDE DE DEUS”

E conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. " Efésios 3:19

Chegamos agora a uma frase, a uma declaração, que foi bem e acertadamente descrita como “o clímax de toda oração”. É mais que certo que não se pode conceber nada que seja mais elevado que isto, quer na esfera da oração e súplica, quer na esfera da experiência. Estivemos seguindo o apóstolo e observando como, nesta oração, ele esteve escalando uma montanha, por assim dizer. Ele foi subindo e subindo, passo a passo, e aqui, afinal, chega ao pico culminante. Seu desejo quanto a estes efésios, e os seus pensamentos concernentes a eles, realmente, a sua exposição da fé cristã e das possibilidades da vida cristã neste mundo, foram subindo passo a passo, até que ele chegou a esta grande altitude.

Ele não estava satisfeito com estes crentes como eles estavam. Ele dá graças a Deus pelo fato de que eles, que tinham sido pagãos, e então estavam longe de Cristo e sem Deus no mundo, foram aproximados — “chegastes perto”. Mas ele não está satisfeito; isso é apenas o começo, não a totalidade de redenção. Ele tinha sido chamado e separado para “pregar entre os gentios as insondáveis riquezas de Cristo”, e eles ainda tinham pouco conhecimento a respeito disso. Eles tinham os primeiros princípios, os elementos incipientes da fé cristã, e nada mais. É por isso que ele ora da maneira que ora por eles. Ele quer que compreendam que existem possibilidades mais altas, maiores, infinitas; e não somente isso, quer também que eles participem delas; deseja ansiosamente que as desfrutem. Por isso planejou que a sua oração subisse de degrau em degrau; e aqui chegamos ao clímax, ao apogeu, ao zênite disso tudo.

Tem-se dito, e com acerto, que “a perfeição do homem consiste em ser cheio de Deus”. Aqui o apóstolo está orando por essa perfeição. A conexão entre os vários passos da oração é importante, e assim notamos que a primeira expressão desta frase é “para que”, “a fim de que”. Ele deseja que eles compreendam com todos os santos qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e que conheçam o amor de

Cristo, que ultrapasse o conhecimento, *para que* eles (e nós com eles) “sejam cheios de toda a plenitude de Deus”.

Em toda a extensão das Escrituras não há afirmação mais estonteante que esta. Estamos face a face com a realidade máxima em matéria de experiência, com a doutrina mais elevada de todas. Devemos, pois, abordá-la com um sentimento de reverência, e com um sentimento de total inadequação; e todavia, graças a Deus, com um sentimento de ardente antecipação. Não há no mundo privilégio mais alto do

que examinarmos juntos esta declaração particular. As nossas mentes naturais, é claro, são totalmente inadequadas para conceber isto plenamente, ou para entendê-lo. Já nos foi lembrado várias vezes nesta epístola que os olhos do nosso entendimento precisam ser iluminados pelo Espírito, se é que havemos de compreendê-lo pelo menos em parte. Àqueles cristãos que se orgulham de serem práticos, e para os quais nada importa senão a aplicação social ou política ou cultural do cristianismo, isto não passa de uma doentia consideração dos nossos estados, disposições e experiências interiores. No entanto, os que dão abrigo a esses sentimentos, estão simplesmente confessando que os seus olhos não foram iluminados; e, como vimos anteriormente, eles não se deram conta de que, historicamente, os homens que de fato têm feito mais para o alívio do sofrimento neste mundo são os que mais conheceram da "plenitude de Deus". Concentremos a nossa atenção nisso, a fim de que, sob o domínio de Deus, também possamos tomar-nos utilizáveis, e possamos ser usados por Ele para fazermos alguma coisa neste mundo para aliviar a sua dor, a sua tragédia e a sua tristeza. As pessoas verdadeiramente práticas, diversamente dos meros tagare-las e teóricas, são homens e mulheres que, à semelhança do apóstolo Paulo, têm algum conhecimento desta plenitude. Eles são os maiores benfeitores da raça humana que o mundo já conheceu.

Ao examinarmos esta espantosa frase, de novo somos levados a começar com uma negativa, por causa da errônea compreensão daqueles que a abordam com olhos cegos, olhos naturais. Outra vez acentuo que não estamos lidando com um falso misticismo. Como vimos, há falsos tipos de misticismo que fazem uso completamente equivocado desta frase e a compreendem de forma totalmente errada. Há, por exemplo, aqueles que falam da possibilidade de dissolver-nos ou perder-nos em Deus, no Eterno ou Absoluto. Algumas das religiões orientais insinuam isso. A salvação final é a absorção no Eterno. Você perde a sua individualidade, a sua personalidade e se funde no Divino e no Eterno. Mas não é isso que significa ser "cheio de toda a plenitude de Deus". O chamado panteísmo também entende mal esta frase. O

panteísmo ensina que Deus está em tudo e que, portanto, num sentido, tudo é Deus. Embora diferindo radicalmente um do outro, estes dois ensinos têm uma coisa em comum, a saber, que se perdeu a distinção entre Deus e o homem. Jamais se encontram tais ensinos na Bíblia, onde há sempre uma distinção essencial entre Deus e o homem. Não há nada deste "dissolver-se em Deus"nem deste "Deus em tudo"; essas idéias são uma completa contradição de mensagem essencial das Escrituras, e particularmente do ensino e dos escritos do apóstolo Paulo. Ele teve que combater precisamente isso, como vemos por exemplo no capítulo dois da sua Epístola aos Colossenses. Havia as religiões de mistério, assim chamadas, e várias seitas e outras religiões nos seus dias, como ainda há, e o apóstolo teve que luta contra elas. Havia um ensino que falava de uma série de gradações entre o homem e Deus, e de como o homem podia ascender de um nível para outro. O apóstolo reprova tais ensinos, a

que ele chama “filosofias”, e “rudimentos do mundo”.

Outros pensam que o que temos nesta frase é o que se chama, numa figura de linguagem, hipérbole. Eles virtualmente insinuam que o apóstolo estava sendo arrebatado pela sua própria eloqüência. Claro, um homem pode ser arrebatado pela sua própria eloqüência, e pelo ímpeto do seu falar. Ele pode ter chegado a um estágio em que quase parou de pensar. Isso de fato acontece, e um orador ou escritor pode usar palavras e frases sem pensar sóbria e seriamente no que está dizendo. Muitas vezes foi feita esta acusação contra o apóstolo Paulo; mas é uma acusação inteiramente falsa. Quanto mais analisamos as suas declarações, mais vemos que quando ele escreve uma frase como esta, apesar da sua mente se comover pela glória e transcendência daquilo que ele está dizendo, ele não esquece a conexão lógica com o que foi dito antes. Ele continua construindo a sua argumentação; a lógica ainda está ali, a estruturação não foi abandonada. Seu clímax continua coerente com tudo que foi dito até ali, e na verdade é a conclusão inevitável disso. Portanto, não é mera eloqüência, não é um caso de empilhar afirmação sobre afirmação, e de atirar palavras ao léu, sem pensar. É uma afirmação lógica, clara e muito precisa. Jamais o apóstolo se fez culpado de fazer “arte pela arte”. Nunca se propôs deliberadamente ser eloqüente. Sua eloqüência é incidental, ou melhor, quase incidental. É a glória da verdade que produz a eloqüência. O apóstolo não estava interessado em formas literárias, ou em meramente causar impressão. Ele não foi um retórico profissional, nem tampouco um literato profissional.

A última interpretação errônea para a qual chamo a atenção é a que afirma que tudo aquilo a favor do que o apóstolo está realmente orando

é que os efésios recebam e gozem as múltiplas bênçãos que Deus tem para dar-nos, e que quando ele diz, “para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus”, de fato está dizendo, “para que sejais cheios de todas as múltiplas bênçãos que Deus pode dar ao cristão que crê”. Rejeito tal insinuação também, e por esta razão, que seria um anticlímax, e não um clímax. Referir-se somente às bênçãos da vida cristã depois de falar de Cristo habitando pela fé no coração, e de compreender “a largura, o comprimento, a altura e a profundidade”, e conhecer o amor de Cristo de maneira imediata e direta, seria patético. Essa é uma coisa da qual nunca se pode culpar o apóstolo. Não! Aqui se trata do passo final numa série ascencional. Aqui ele chegou ao ápice, está num dos grandes picos do plano divino de redenção, não havendo nada mais alto. Esta afirmação não deve ser reduzida ao nível de uma bênção geral. Ele quer dizer o que diz; podemos ser verdadeiramente “cheios de toda a plenitude de Deus”.

Portanto, que é que pode ser mais importante do que saber exatamente o que o apóstolo quer dizer com esta expressão? Desafortunada-mente, a “Authorized Version” (Versão Autorizada) é um tanto falha, pois introduz a palavra “com” —

"para que sejais cheios com toda a plenitude de Deus". Isso tende a dar a impressão de que é possível a nós, seres humanos, sermos cheios com toda aquela plenitude que é Deus. O apóstolo não está dizendo isso, como devo passar a demonstrar. Uma tradução melhor seria, como geralmente se concorda, não "para que sejais cheio *com* toda a plenitude de Deus", e sim "para que sejais cheios *para* ou *com respeito a* toda a plenitude de Deus.[1] Traduzir assim evita aquela idéia sumamente infeliz.

Evidentemente é impossível ao ser humano conter a total plenitude de Deus. Contudo, historicamente, houve fanáticos na Igreja que, não sabendo o que diziam, reivindicavam isso para si mesmos. Isso geralmente levava a conseqüências desastrosas. O diabo está sempre esperando para segurar-nos e impedir-nos de seguir a verdade, ou, quando já estamos dentro dos domínios da verdade, forçar-nos a avançar e a fazer-nos pretender demais e tomar-nos fanáticos. Fanatismo é perder o equilíbrio da verdade e o equilíbrio da fé, e acaba levando a uma condição trágica e patética, e muito dano tem feito à Igreja. Ser como Deus, é para o homem — cristão ou não — uma pura e simples impossibilidade. Vê-se isso claramente no capítulo três do livro de Gênesis, onde lemos: "Então a serpente disse à mulher: certamente não

morrereis (se comerdes do fruto). Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal (versículos 4 e 5). Noutras palavras, o diabo estava insinuando que Deus fora injusto para com o homem e a mulher; que Ele os estava mantendo em baixa condição, porém, se comessem do fruto, viriam a ser como "deuses" (AV), e iguais a Deus.

Talvez seja melhor tratar da questão que está diante de nós de maneira teológica. Tradicionalmente tem sido costume, no ensino da doutrina e da teologia cristãs, dizer que se pode dividir os atributos de Deus em dois grupos. Certos atributos de Deus são incomunicáveis; não podem ser comunicados. Mas certos outros atributos são comunicáveis. A vital distinção entre os dois grupos dá-nos a chave para entendermos a nossa frase, "para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus". Se fosse certo dizer que a totalidade de Deus pode habitar em nós, tudo que é próprio de Deus seria própria de nós. Todavia os atributos incomunicáveis de Deus tomam imediatamente claro que isso não pode acontecer.

Os atributos de Deus são, primeiro, a eternidade. Deus é etemo, "de eternidade a eternidade". É óbvio que este atributo é incomunicável; é algo que pertence exclusivamente a Deus. Outro atributo é a imutabilidade. Deus não pode mudar. Ele é etemamente o mesmo, "o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17). Isso nunca é próprio do homem. Há depois a onipresença. Deus está em toda parte. Deus está no céu; Deus está na terra; Deus está em toda parte. O Salmo 139 dá-nos uma notável expressão desta verdade. Este

atributo também é claramente incomunicável. Em seguida, pensemos na onisciência de Deus. Deus sabe todas as coisas; não há nada que Ele não saiba. Depois vem a onipotência. Não há limite para o poder de Deus; é um poder absoluto, sem nenhum limite. Obviamente, de novo, este não é comunicado ao homem.

Mais maravilhosa ainda é a bem-aventurança absoluta de Deus; Ele é "etemamente bendito" (2 Coríntios 11:31). Isso leva à Sua glória. É algo que não podemos conceber, e é o atributo que permeia e ilumina todos os outros. Deus é glorioso em majestade e poder. A Bíblia fala constantemente do "glorioso Deus" e da "glória de Deus". Significa Sua perfeição, Sua majestade, Seu esplendor. "Deus nunca foi visto por alguém" (João 1:18) e "Ninguém pode ver a Deus, e viver". Isto é por causa do esplendor de Deus, da Sua majestade e da Sua glória. Até a Moisés, quando desejou ver a Deus, foi dito que ele não podia ver a face de Deus. Deus lhe disse que só lhe seria permitido vê-lO "pelas costas" (Êxodo 33:20-23). Os que tiveram uma visão de Deus geralmente ficaram estupefatos. O apóstolo João, em Patmos, "caiu como morto"

(Apocalipse 1:17). Isso por causa da glória e majestade de Cristo Jesus. Todos estes atributos de Deus são Seus atributos essenciais e, obviamente, todos eles são incomunicáveis. Assim, nunca devemos interpretar a nossa frase como se dissesse que Deus, como Ele é, pode habitar em qualquer ser humano, até mesmo num homem poderoso. Isto se vê com muita clareza na encarnação do nosso Senhor, como vem explicada na Epístola aos Filipenses, onde nos é dito que Ele "humilhou-se a si mesmo" a fim de fazer-Se semelhante aos homens (2:5-9).

Por outro lado, os atributos comunicáveis podem ser dados ao homem e, pela graça de Deus, são dados ao homem. Um é a santidade. Deus é santo; todavia, é Ele que nos ordena assim: "Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pedro 1:16). Portanto, a santidade é comunicável. O mesmo se aplica à retidão, eqüidade e justiça. A glória central da salvação cristã é que "uma justiça de Deus" agora é dada ao homem mediante a redenção que há em Cristo Jesus. Outros atributos comunicáveis são a bondade, o amor, a misericórdia, a compaixão, a benigni-dade, a longanimidade, a fidelidade. Na Epístola aos Gálatas Paulo faz um sumário disso, dizendo: "O fruto do Espírito é: caridade (amor), gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (5:22-23). Os atributos comunicáveis de Deus aparecem no homem como "o fruto do Espírito".

Agora começamos a entender algo do significado desta grandiosa frase. Ela não deve ser tomada num sentido absoluto; e, todavia, há um sentido em que ela deve ser tomada literalmente. Não se refere somente às bênçãos de Deus; é de fato a comunicação de algo da plenitude do próprio Deus. A questão que agora surge é: como isto se toma nosso? Em que sentido o apóstolo ora corretamente para que os efésios, e todos os cristãos, sejam cheios para, "com respeito a", "toda a plenitude

de Deus"? Tudo isso acontece, devemos recordar, em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e mediante Ele. Tudo isso tomou-se possível como resultado da Sua encarnação e da obra que Ele realizou a nosso favor. Noutras palavras, a plenitude da qual Paulo fala tomar-se nossa mediante a habitação de Cristo em nossos corações e o nosso conhecimento do Seu amor.

Com que cuidado o apóstolo constrói a sua argumentação e a desenvolve! Ele já tinha orado para que Cristo habite pela fé em nossos corações, porque sem isso, sermos cheios da plenitude de Deus é pura impossibilidade. Mas quando Cristo habita de fato em nossos corações pela fé, e quando começamos a conhecer o Seu amor, então a plenitude de Deus começa a penetrar em nós.

Certas Escrituras paralelas ajudam a elucidar esta afirmação. Tomem uma vez mais o que o nosso Senhor ensina no capítulo quatorze

do Evangelho segundo João. Diz Ele: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada" (14:23). Aí temos uma afirmação semelhante. Notem os vários passos — "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amarás, (nós o Pai e o Filho) viremos para ele, e faremos nele morada". O Pai e o Filho! Esta afirmação se relaciona com a doutrina do Espírito Santo, o Consolador que havia de vir. No Evangelho segundo João vemos o nosso Senhor profetizar o que ia tomar-se possível. Paulo afirma que *agora* é possível. Acontecera com ele, e ele está orando para que o mesmo aconteça com os efésios. Primeiramente, diz ele, precisamos ser fortalecidos com poder pelo Espírito no homem interior; depois Cristo estabelece a Sua habitação no coração pela fé; e depois Deus o Pai — o Pai a quem ele está orando — concede que Sua plenitude habite em nós. É a mesma ordem que vemos no capítulo quatorze do Evangelho segundo João. Acaso não é assombroso que, estando ainda num mundo como este, podemos pensar nessas verdades tão maravilhosas e gloriosas, e examiná-las? Não estamos discutindo teologia abstrata; é verdade intensamente prática. O apóstolo ora para que os cristãos a conheçam e a experimentem.

Isto é possível graças àquilo que é próprio do Senhor Jesus Cristo. Se Cristo habita pela fé no meu coração, segue-se que a plenitude da Deidade está em mim pela fé. Permitam-me demonstrar que é este o caso. Referindo-se ao Senhor Jesus Cristo, diz-nos o apóstolo em sua Epístola aos Colossenses que "foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse" (1:19). Pouco depois, a respeito de Cristo, ele diz: "Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" ("do conhecimento") (2:3). Toda a sabedoria e todo o conhecimento de Deus estão ocultos em Cristo. E depois ele vai ainda além, e diz: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Av: "Divindade", com inicial maiúscula) (2:9).

Como é fraca a linguagem! Como são raquíticos a mente e o entendimento humanos! Mas aí está a verdade! Olhem para Jesus de Nazaré. Vê-se claramente que é um

homem no corpo, como todos os outros homens. Ele está verdadeiramente num corpo; não é um fantasma coberto de carne, é tão verdadeiramente homem como nós, Seu corpo é tão real como o seu e o meu. E, contudo, "nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade". A totalidade de Deus estava nEle. Ou vejam a Epístola aos Hebreus. "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas", diz o autor, "a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho." Depois ele descreve o Filho, Jesus assim: "O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa..." O resplendor da

Sua glória! O fulgor, a expressa imagem da Sua pessoa! Não é apenas uma aparência, e sim a própria coisa, o resplendor da glória e da imagem de Deus.

A doutrina é, pois, que em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo "habita corporalmente toda a plenitude da divindade". Segue-se, portanto, que, se Ele habita em nossos corações, também somos cheios de toda a plenitude de Deus. Este é o propósito de Deus e nosso respeito. O apóstolo ensina isto explicitamente na Epístola aos Romanos, onde ele diz: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (8:29). Havemos de ser "conformes à imagem de seu Filho".

Entretanto, essas outras Escrituras à parte, o ensino é claro no capítulo quatro desta Epístola aos Efésios. Diz ali o apóstolo que Deus deu apóstolos e profetas, evangelistas, pastores e mestres, "querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (AV: "à medida da estatura da plenitude de Cristo") (11-13). Nada menos! Isso é essencial ao cristianismo. Cristianismo não é você parar na conversão e no conhecimento de que os seus pecados estão perdoados, e então contentar-se com isso pelo resto da vida; cristianismo é ingressar e desenvolver-se rumo à medida da estatura da plenitude de Cristo. Precisamos desenvolver nossas mentes e nossas faculdades, se é que desejamos tomar posse disso. Se nos contentamos com menos que isso, não passamos de crianças em Cristo, e somos indignos deste glorioso evangelho.

Ademais, neste capítulo quatro da Epístola aos Efésios, o apóstolo diz a estes cristãos que, à luz disso tudo, eles devem "despojar-se do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano". "E vos renoveis", diz ele, "no espírito do vosso sentido; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade", ou "na santidade da verdade", na própria santidade de Deus. Esse é o método de Paulo para ensinar santidade. Você não poderá ser santo, se não conhecer bem a doutrina. Doutrina é a ligação direta que leva à santidade. É somente quando compreendemos estas verdades fundamentais que

podemos atender ao apelo lógico para a conduta e o comportamento agradáveis a Deus.

Finalmente vamos considerar como funciona tudo isso na prática. A resposta se acha na gloriosa doutrina neotestamentária da união do crente com Cristo. Estamos "em Cristo"; e Cristo está "em nós". Não

tentem compreender isto, pois "ultrapassa o conhecimento", "excede o entendimento". Diz-nos o Novo Testamento que somos unidos a Cristo, que estamos "nele". No capítulo cinco da mesma Epístola vemos o apóstolo dizer que somos "membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos" (versículo 30). Isso indica a natureza da união. Para podermos ter uma idéia de como isto funciona, vejamos algumas das mais gloriosas declarações que se acham na Bíblia inteira. O apóstolo João escreve no prólogo do seu Evangelho: "E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça" (versículo 16). O nosso Senhor tinha ensinado essa verdade nos dias da Sua carne, quando disse: "Eu sou a videira, vós as varas" (João 15:5). Essa é a relação — a de uma videira e os seus ramos. Isto nos ajuda a entender como podemos ser cheios da plenitude de Deus. Já no capítulo primeiro desta Epístola aos Efésios, referindo-se à Igreja, o apóstolo diz: "Que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (versículo 23).

Por conseguinte, a plenitude de Deus pode residir em mim exatamente do modo como a plenitude da vida da videira também está em cada um dos ramos e brotos individuais. A plenitude da videira, a essência, a vida, aquele elemento da seiva que faz da videira uma videira autêntica, está nos ramos também. Toda a plenitude da videira está nos ramos por causa da ligação orgânica, da união vital de todas as suas partes.

Ou tomando o ponto em termos do corpo, analogia que tantas vezes o apóstolo usou, é próprio dizer que toda a plenitude da minha vida e do meu ser está em meu dedo mínimo por causa desta união orgânica e desta relação das partes. As diversas partes do meu corpo não são postas juntas de maneira solta; são partes vivas de mim, e o meu sangue passa pelo meu dedo mínimo como pela minha cabeça. A plenitude da minha cabeça está em meu dedo mínimo por causa desta relação orgânica, vital. Daí, posso dizer que a plenitude da minha vida está no meu dedo. Há um sentido em que a totalidade da minha vida não está no meu dedo. Posso viver sem o meu dedo mínimo; e todavia, enquanto este dedo mínimo fizer parte do meu corpo, minha vida estará nele, minha plenitude estará nele.

Noutras palavras, para compreendermos esta grande verdade concernente à plenitude de Deus em nós, temos que parar de pensar em termos de quantidade, e pensar mais em termos de qualidade. Se Cristo está em mim, "toda a plenitude da divindade" está em mim no sentido de que essa qualidade de vida está em mim. A quantidade varia consideravelmente no mesmo homem de tempos em tempos; varia de um

cristão a outro, mas todos podemos receber da plenitude.

Com relação a isso, ouvi uma vez uma ilustração que achei útil para mostrar como podemos ter a plenitude, e todavia ter mais dela. Implicava o sopro de ar numa bexiga ou num balão. Você sopra certa porção de ar nele, e pode dizer que ele está cheio de ar; depois sopra mais ar nele, e ele continua cheio de ar, se bem que maior do que antes. O balão estava cheio de ar em ambas as ocasiões, todavia ficou maior. Ou você pode pegar uma garrafa e enchê-la de água do mar. Pode dizer que a garrafa agora está cheia do mar. Mas você pode usar um grande tanque para fazer a mesma coisa. Tanto a garrafa como o tanque têm uma plenitude, porém não têm a mesma quantidade. A plenitude do mar é sempre a mesma, e a pequena garrafa tem as mesmas características do mar em sua plenitude, como o tanque, embora em termos de galões haja grande diferença. Assim, é-me possível "crescer na graça" como também no "conhecimento do Senhor". Não significa que somos todos idênticos porque todos temos a plenitude de Deus. Não significa que todos temos os mesmos dons. O apóstolo continua a dizer no capítulo seguinte que há variedades — alguns são apóstolos; alguns são profetas; alguns são evangelistas; alguns são pastores; alguns são mestres; e assim por diante. Os dons diferem e as graças também. Contudo Deus é sempre um, e como a plenitude de Deus está em todos nós, somos todos um, porém não idênticos em todos os aspectos.

Dessa maneira, pode-se ter dois cristãos, um dos quais tem um brilhante intelecto, e o outro sendo uma pessoa bem comum, sem nenhum dom notável. Não obstante, graças a Deus, este pode ser cheio da plenitude de Deus exatamente do mesmo modo que aquele. Esta plenitude não transforma o homem comum num gênio de repente; ele não se toma subitamente um brilhante escritor ou orador ou pregador ou outra coisa qualquer. Seus dons permanecem como eram, como permanecem todas as suas inclinações e faculdades. Mas, porque Cristo está nele, e por causa da sua relação com Cristo, ele é cheio de toda a plenitude de Deus tão verdadeiramente como o outro cristão. O que importa não é a quantidade, e sim a qualidade da nossa relação com Cristo, e a nossa experiência do amor de Cristo. Isso o eleva acima da esfera dos dons e faculdades.

Termino lembrando a vocês como o nosso Senhor expressou isso pessoalmente no Sermão do Monte, quando disse: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48). Ele disse isso quando falava sobre o amor, sobre amar os seus inimigos e fazer o bem aos que o odeiam. Deus faz isso, diz Ele, e vocês devem ser como Ele e fazer o mesmo. Isto não significa que subitamente nos tomamos divinos e deixamos de ser homens; nós não nos tomamos eternos, imutáveis, absolutos, onipotentes e oniscientes; entretanto a

plenitude de Deus em Seus atributos comunicáveis adentra o nosso ser, e nos tomamos capazes de manifestar e demonstrar o mesmo amor aos inimigos que Deus

mostra para com os pecadores. É isso que devemos procurar; é por isso que devemos fazer esta oração que Paulo fez pelos efésios — fazendo-a por nós mesmos dia após dia e incessantemente, até chegarmos à "medida da estatura da plenitude de Cristo".

[1]

A Versão de Almeida é passível da mesma apreciação crítica do Autor. Nota do tradutor.

A EXPERIÊNCIA DA PLENITUDE

"E conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento,

para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus. " Efésios 3:19

Ao darmos continuidade a este grande assunto, eu gostaria de insistir particularmente em que nos lembrássemos de que estamos tratando de algo essencialmente prático, e não de uma espécie de contemplação místico, abstrata, vaga. O apóstolo que escreveu estas palavras era um evangelista, um mestre e um pastor; e ele não estava interessado em dar aos cristãos efésios um prazer místico, ou algum interessante problema metafísico para deslindarem. Ele não escreveu com a finalidade de incentivá-los a discutirem doutrina; escreveu sua Epístola com o fim de ajudá-los em sua vida e em seu viver diário. Algo essencialmente prático, uma realidade concreta, está aqui diante de nós. Deveras afirmo que não há nada tão completamente prático como isto. Estou disposto a asseverar que esta oração do apóstolo em favor dos efésios é a questão mais urgentemente prática para a consideração da Igreja Cristã na hora presente.

Receio que é próprio acrescentar que a Igreja não percebe isto, pois temos a curiosa idéia de que ser prático é entregar-nos a atividades do nosso próprio nível. Não é esse o ensino do Novo Testamento. Se realmente desejamos fazer algo para Deus e por Cristo, então, de acordo com o ensino do Novo Testamento, não devemos começar de imediato; primeiro devemos certificar-nos de que somos cheios da plenitude de Deus, e do poder que, necessariamente, disso resulta. É de presumir que o apóstolo Paulo fez mais na Igreja e por ela do que qualquer homem que já viveu, mas nunca esqueçamos que ele passou três anos na Arábia antes de empreender o seu ministério. Ele não começou a agir a partir do momento em que foi convertido. Ele não subscreveu o moderno lema: "Dê ao recém-convertido algo para fazer". Três anos na Arábia! Todavia, quando se retirou da Arábia, veio cheio da plenitude de Deus e de poder. Essa é a explicação da sua atividade vigorosa e dos maravilhosos resultados que acompanharam o seu ministério.

A mesma coisa tem-se repetido muitas vezes na história doutros

servos de Deus através dos séculos. Em certo sentido, nunca houve homem mais ocupado nem mais ativo que João Wesley antes de 1738; no entanto ele era um completo fracasso. Mas depois, e como resultado daquela experiência singular na Rua Aldersgate, Londres, quando seu coração "aqueceu-se estranhamente", todo o seu ministério mudou e logo ele se tomou um poderoso e vigoroso evangelista. Nisso ele seguira o padrão do Novo Testamento. Percebia que lhe faltava poder, e especialmente que lhe faltava o conhecimento de Cristo que certos irmãos morávios tinham; de fato achava que devia parar de pregar; e foi só depois que lhe foi dada a

certeza de que os seus pecados foram perdoados, que Deus o usou e o empregou de maneira extraordinária.

Por isso garanto que não existe nada mais prático do que esta experiência. O homem verdadeiramente prático não é o que está sempre alvoroçado, ocupado, agitado, sempre correndo para lá e para cá, mas sim, é o que está sendo usado por Deus o Espírito Santo. Ah, se a Igrej a fosse levada a compreender isso! Este é o avivamento de que a Igreja necessita. Somente quando ela for avivada pelo Espírito é que se tomará poderosa. Enquanto continuarmos confiando em nossas habilidades e atividades, não serviremos para nada. A Igreja precisa desta plenitude de Deus — a única maneira pela qual ela poderá ser levada à verdadeira atividade prática.

Recentemente dei com uma declaração que me pareceu atingir em cheio a verdade acerca de muitos cristãos dos dias atuais. O escritor escreveu: "A religião parece fazer parte do quintal da vida, não examinado e quase não utilizado". Ele se referia aos que estão dentro da Igreja. Sua religião parece estar nos fundos, e não na frente das suas vidas, não no centro. Utilizando o que considero uma excelente ilustração, ele continuou, dizendo: "Para a vasta maioria, (a religião) pode ser comparada com o conhecimento de que, numa emergência, pode-se discar determinado número", o número do pronto-socorro. Cada qual trata de examinar-se. Onde estas coisas entram em sua vida? Porventura a verdade cristã é algo que você gosta de ter e de saber que estará aí se ficar gravemente enfermo, ou se algum ente querido ficar doente, ou se de repente tiver que enfrentar a perda da sua renda, ou quando suceder algum desastre, ou quando você estiver no leito de morte? Ela é meramente algo que você mantém no fundo do quintal da sua vida? Ela não foi destinada a ocupar essa posição.

Não é isso que o apóstolo pede em oração para os efésios. A fé cristã não é um fundo de reserva a que você possa recorrer. Não é um pronto-socorro para o qual você possa telefonar pedindo ajuda numa hora de dificuldade. Não é algo que se possa descrever como "não examinado e quase não utilizado". Sabemos o que é ser "fortalecido com poder"

pelo Seu Espírito no homem interior? Estaria Cristo habitando pela

fé em nossos corações"? Sabemos nós, com todos os santos o comprimento e a largura, a altura e a profundidade deste amor de Cristo que ultrapassa o conhecimento, para que sejamos "cheios de toda a plenitude de Deus"? Isto nos interessa? É central em nosso pensamento? Onde o cristianismo entra em nossas vidas? É algo que só lembramos domingo de manhã e que esquecemos durante o restante do domingo, para não dizer durante a semana? É algo de que você só se lembra de vez em quando? Ou é o centro, "a razão de ser e o ponto final" da nossa vida, existência e atividade? Paulo ora para que seja isso; para que, de fato, conheçamos toda a plenitude de Deus.

No entanto, que é que isso significa na prática? Que significa experimentalmente? Já examinamos o assunto doutrinariamente; agora vamos examiná-lo experimentalmente e de um ponto de vista prático. Que será próprio de um homem que sabe o que é ser cheio de toda a plenitude de Deus? Primeiramente, significa que Deus habita em nós de tal modo que Ele nos domina e domina todas as nossas faculdades; na verdade, de tal modo que, por uma inevitabilidade lógica, Deus domina a totalidade de nossa vida. Ele domina o nosso pensar, as nossas emoções e as nossas ações externas. Deve-se pensar no homem em termos da sua mente, do seu coração e da sua vontade. Se somos cheios de toda a plenitude de Deus, significa que Deus nos está dominando na mente, na esfera da cognição; no coração, as emoções, os sentimentos; e na esfera da vontade, as ações externas e todas as nossas atividades.

Tudo isso significa, primeiro e acima de tudo, que o nosso pensamento é dominado por Deus e pela mente de Deus. Há declarações nas Escrituras que indicam com muita clareza o que quer dizer isso. Tomem, por exemplo, a declaração na Epístola de Paulo aos Romanos: "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos — vossos corpos literais, físicos — em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimentais qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus" (12:1-2). Notem a menção que Paulo faz da "renovação da mente". As nossas mentes nunca são livres. Não existe isso de "livre pensamento". É sempre run total impossibilidade. Sei que a Associação da Imprensa Racionalista ("Rationalist Press Association") afirma que a mente do homem é livre, porém isso não passa de uma ilusão do homem em pecado. Por natureza, e como resultado do pecado, a mente é sempre dominada pelo mundo e pela

perspectiva do mundo. A diferença entre o incrédulo e o cristão é que, ao passo que a mente do incrédulo é dominada pelo mundo, a do cristão foi "transformada" e "renovada" pelo Espírito Santo. O resultado é que agora o cristão pode pensar de maneira espiritual, ao passo que anteriormente não podia.

Vê-se uma exposição particularmente clara desta verdade na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. O apóstolo explica que a mente do homem natural "não compreende as coisas do Espírito de Deus". Esta coisas "lhe parecem loucura; e não pode entendê-las." Diz ele também: "Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus". O homem natural não as compreende nem as pode entender "porque elas se discernem espiritualmente". Então ele acrescenta: "Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido" (AV: "julga... não é julgado"). "Porque, quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo" (2:11 -16). O

apóstolo quer dizer que, se formos cheios de toda a plenitude de Deus, e se Cristo habitar pela fé em nossos corações, então teremos "a mente de Cristo". Isto é inevitável, como afirmo o apóstolo.

Noutras palavras, Paulo afirma que o homem cheio de toda a plenitude de Deus é que pode pensar espiritualmente. Não há nada mais glorioso, nada mais romântico acerca da vida cristã do que a maneira pela qual ela muda inteiramente o tipo de pensamento de um homem, na verdade todo o seu método e modo de pensar. Acaso está clara para nós a diferença entre pensar naturalmente e pensar espiritualmente? O cristão não somente tem uma nova perspectiva, tem também um novo modo de pensar, um novo tipo de pensamento. Segue-se disso que uma boa prova para ver se somos cristãos é a nossa reação a porções das Escrituras como a que estamos examinando. Sentimo-la inteiramente estranha, ou ela nos fala? O apóstolo pensava de modo espiritual, e ele não escreve segundo as palavras do pensamento do homem ou da língua do homem, mas de acordo com o Espírito. A terminologia é espiritual, na verdade tudo é espiritual. E, naturalmente, se não tivermos a mente renovada, transformada, estas coisas serão loucura para nós. Entretanto, para o homem em quem Cristo habita, para o homem que tem em si esta "plenitude de Deus", para o homem cuja mente agora está sendo dominada e governada por Deus, estas coisas são tudo, e são o seu maior deleite. Isso encontra feliz expressão no bem conhecido hino de Francês Ridley Havergal,

Toma a minha vida, e faze-a... **-261** -

Num dos seus versos ela emprega esta expressão:

Toma o meu intelecto, e sua Todo o poder, como quiseres.

É muito difícil expressar estas coisas em palavras, mas todo o modo de pensar é essencialmente diferente. É diverso do pensar político ou filosófico; é de natureza espiritual. É por isso que o homem cujo intelecto foi revestido da graça de Deus, pode pensar espiritualmente e compreender as Escrituras com muito maior êxito do que o homem que tem um grande cérebro, todavia não tem entendimento espiritual. A fé cristã necessita de um tipo e modo de pensar inteiramente diverso. O novo homem em Cristo tem um sentido espiritual, um instinto espiritual, que o capacita a seguir e a compreender a verdade espiritual a qual não significa nada para o homem natural, ou seja, o incrédulo.

O segundo elemento posto sob domínio é a parte emocional do nosso ser, onde está sediada a emoção. Isto de novo é igualmente inevitável. O homem em quem habita toda a plenitude de Deus é dominado pelo amor de Deus. Vê-se isto supremamente no caso do nosso Senhor Jesus Cristo, e quando Ele habita em nós, toma-se uma característica de nós. Disse Ele repetidamente que não tinha vindo ao mundo para fazer a Sua própria vontade; tinha vindo para agradar e glorificar o Pai. E Ele

pôde dizer no fim da Sua carreira terrena: “Pai, eu glorifiquei-te na terra” (João 17:4). Noutras palavras, quando Deus domina os nossos corações, deixamos de ser governados pelo ego. Quando o amor de Deus entra, o amor do ego sai. E quando o amor do ego sai e o amor de Deus entra, começamos a amar os outros.

Um dos mais notáveis exemplos e ilustrações disso acha-se no caso do mártir Estêvão. Ele fora condenado injustamente e estava sendo apedrejado até à morte, contudo sua oração foi: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (Atos 7:60). Fora de tal modo liberto do ego que, à semelhança do seu bendito Senhor e Mestre antes dele, pôde orar pelos seus inimigos; pôde amar os seus inimigos e rogar a Deus que tivesse misericórdia deles. Vemos o mesmo espírito no apóstolo Paulo. Em sua Primeira Epístola aos Coríntios ele diz: “A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tão pouco a mim mesmo me julgo” (4:3). Que transformação! Houve tempo em que ele era muito sensível ao julgamento e à crítica. Ele julgava os outros, mas detestava ser julgado. Mas tudo mudara. Por quê? Porque fora cheio de amor de Deus! O antigo amor do ego e a antiga preocupação consigo mesmo tinham desaparecido. Ele foi

dominado por Deus e, assim, o que preocupava agora não era o que as pessoas diziam e pensavam dele, e sim o que pensavam de Deus e do Senhor Jesus Cristo.

Da mesma maneira, a vontade é dominada por Deus, bem como todas as nossas ações e atividades. O nosso Senhor diz de Si: “Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (João 6:38). O Filho de Deus não Se agarrou às Suas prerrogativas; humilhou-Se, fez-Se um servo, pôs de lado a Sua vontade, e tudo quanto dizia e fazia era determinado pela vontade do Pai.

Isto caracterizava também o apóstolo Paulo. Numa passagem lírica do livro de Atos, vemo-lo despedir-se dos presbíteros da igreja de Éfeso. Ele estava a caminho de Jerusalém, e diz: “Não sei o que lá me há de acontecer; senão o que o Espírito Santo de cidade em cidade me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações, mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (20:22-24). Sua vontade perdera-se inteiramente na vontade do seu Senhor.

Toma a minha vontade, e faze-a Tua;

Ela não será mais minha,

tinha sido a sua oração, e esta fora respondida, tinha se concretizado. Mais adiante, em Atos, vemos uma quase exata repetição do que ele dissera em Éfeso. Certos amigos estavam insistindo com Paulo que não fosse para Jerusalém, porque sabiam que ele seria tratado com crueldade. Entretanto Paulo respondeu: “Que fazeis vós,

chorando e magoando-me o coração? porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus" (21:13). Ele não tinha vontade própria; sua vontade se absorvera na do seu Senhor; ele a entregara, e na dEle ela desaparecera. Ele era inteiramente governado pela mente, pelo coração e pela vontade do Senhor Jesus Cristo que habitava pela fé em seu coração.

Tudo isso é o primeiro resultado de sermos "cheios de toda a plenitude de Deus". Isso é expresso de maneira incomparável num dos mais grandiosos hinos de Charles Wesley:

Dá-me a fé que pode remover

Montanha, e torná-la uma planície;

Dá-me o amor que ora qual criança,

Que anela Tua casa reconstruir;

Teu amor me domine o coração

E sorva a minha alma redimida.

Quero remir o precioso tempo,

Quero viver mais por isto só —

Gastar e ser gasto por aqueles Que ainda não conhecem o Salvador;

A missão por eles cumpro, e aspiro,

Para respirar o Teu amor.

Meus dons, talentos e virtudes Em Tuas mãos benditas toma, ó Deus,

Deixa-me viver para pregar A Tua Palavra, e para a Tua glória,

Todo o santo instante meu passar Anunciando o Amigo dos pecadores.

Alarga, inflama e enche-me o coração Do divino amor, sem limites;

Em ação porei todas as forças E os amarei com zelo igual ao Teu;

E os conduzirei para o Teu lado,

Ovelhas por quem seu Pastor morreu.

Com estas comoventes palavras, Charles Wesley nos conta o que ele pedia para si em oração, e é apenas um reflexo daquilo que Paulo pedia em oração para os efésios. Quando a plenitude de Deus habita em nós, a mente, o coração e a vontade são subjugadas e governadas pelo Senhor Jesus Cristo.

Em segundo lugar, cheio de toda a plenitude de Deus é o homem do qual todo objetivo e instinto espiritual é satisfeito. No momento em que nascemos de novo, ou que somos regenerados, no momento em que este novo princípio é posto em nós, no momento em que nos tomamos participantes da natureza divina, novos instintos, novos desejos, novos alvos, novos objetivos vêm à existência. Estes começam a agitar-se dentro de nós; ficamos ansiosos por ver o seu cumprimento; e eles vêm a ser crescentemente cumpridos e satisfeitos. Por exemplo, no momento em que temos esta vida em nós, começamos a ter um desejo que nunca tínhamos conhecido antes de conhecermos a Deus. Não digo conhecer "acerca de" Deus, mas "conhecê-lO". Este era o conhecimento do salmista: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus,

do Deus vivo: quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?" (42:1-2). Conhecemos esse desejo? Esse desejo está sendo satisfeito? "Para o conhecer", Paulo diz. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Não conhecer algo acerca dEle abstratamente, teoricamente, de modo que se pode falar e discutir sobre Ele, porém uma intimidade, algo direto, um verdadeiro conhecimento de Deus!

Nalgum grau, este desejo deve estar em todo filho de Deus. Ele continua tendo interesse por outras formas de conhecimento; entanto estas são todas secundárias, em relação a este desejo de conhecer o Senhor. Similarmente, há nele um instinto amoroso, bradando e clamando por satisfação. Refiro-me não somente a conhecer o amor de Deus e de Cristo, e sim ao fato de que um filho de Deus anela estar cheio de amor. Ele se sente infeliz se o amor está ausente da sua vida. Com William Cowper, ele diz:

Senhor, a minha queixa maior É que é fraco e débil meu amor.

Ele anseia amar a Deus mais verdadeiramente, e amar mais a Cristo. Ele quer ser cheio de amor a seus semelhantes, homens e mulheres. E quando lê 1 Coríntios 13, diz: meu anelo é ser assim; quero estar cheio desse amor e ser alguém que exemplifica esse amor.

Quando um homem é "cheio de toda a plenitude de Deus", amolda-se cada vez mais ao padrão do amor, porque "o fruto do Espírito (o primeiro e supremo) é o amor" (Gálatas 5:22). Deveria ser este o assunto da nossa meditação diária. "A caridade (ou amor) é sofredora, é benigna: a caridade não é invejosa: a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus

interesses , não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca falha" (1 Coríntios 13:4-8). Se verdadeiramente somos filhos de Deus, anelamos ser cheios desse amor, e cada vez mais conhecemos algo dele, para nossa admiração!

Depois, ainda, há o anseio por justiça. Disse o nosso Senhor: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos" (Mateus 5:6). O filho de Deus deve, necessariamente, estar faminto, sedento e anelante por justiça. Você não está cansado de pecar? Não está cansado de falhar? Não está cansado de extraviar-se? Há no filho de Deus um instinto que pede santidade e justiça. Ele não se queixa mais de que a vida cristã é estreita e restritiva. Se você acha que é, está confessando que lhe falta este instinto de bebê recém-

-nascido em Cristo. Se você tem que se arrastar para prestar culto a Deus, é uma pobre criança, se é que na verdade é uma criança afinal. Examine-se a si mesmo. Instintivamente o filho de Deus tem um anseio, um desejo de justiça e santidade. E temos a bendita promessa de que seremos cheios, de que o instinto será satisfeito.

Outro desejo instintivo é o anseio por ter capacidade para servir ao Senhor e glorificar o Seu nome. O hino de Charles Wesley expressa isso perfeitamente; era sua única e ardente paixão. Mais poderosamente ainda, Paulo conta como era governado por isso. Na Epístola aos Colossenses, referindo-se ao Senhor Jesus Cristo, ele diz: "A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a seu eficácia, que obra em mim poderosamente" (1:28-29). O apóstolo sabia o que era ser movido pelo emocionante poder de Deus mediante o Espírito Santo. De igual modo, ele diz aos coríntios que o seu falar e a sua pregação eram em demonstração do Espírito e de poder. Sabemos alguma coisa disso?

Permito-me dizer com toda a humildade que não há nada debaixo do céu que seja mais bem-aventurado do que conhecer algo do poder do Espírito Santo. Lamento por aqueles que nunca o experimentaram quando pregavam e procuravam expor as Escrituras. Há uma diferença quase inexprimível entre pregar com o próprio poder, e pregar com o poder do Espírito. Isto pode acontecer também na conversação e em todas as atividades e esforços do cristão. Quando somos cheios de toda a plenitude de Deus, todos os nossos instintos e alvos espirituais são satisfeitos. O hino de Johann Caspar Lavater, citado anteriormente, e que deveria ser nossa oração diária, diz tudo:

Ó Senhor Jesus Cristo, cresce tu em mim,

E as outras coisas todas se retirarão.

O hino descreve o filho de Deus clamando pela satisfação destes novos instintos e desejos.

Faze este pobre ego decrescer;

Sê Tua minha vida e a minha meta.

Mostra como ele anela ser liberto das trevas—

A minha escuridão Tua luz desvanece,

Tua vida elimina a minha morte.

Expressa o anseio por ser liberto, por ser posto em liberdade do ego e do pecado, da vergonha, do fracasso e da fraqueza, e ser "cheio de toda a plenitude de Deus". Todos estes novos instintos são satisfeitos quando somos cheios dessa plenitude.

Finalmente, quando um homem é "cheio de toda a plenitude de Deus", vai-se toda a sensação de carência, de vazio e de insuficiência. Permitam-me lembrar-lhes o que o nosso Senhor disse à mulher samaritana. Apontando para a fonte de Jacó, Ele disse: "Qualquer que beber desta água tomará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d'água que salte para a vida eterna" (João 4:13-14). *"Nunca* terá sede"! Como poderão ter sede, se estão cheios de toda a plenitude de Deus?

Mas o nosso Senhor não Se contentou em dizer isso só uma vez. Ele o repete nesse mesmo Evangelho segundo João, capítulo 6, versículo 35: "Aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede". Você está com fome? Está com sede? É infeliz? Não está bem? Às vezes você se vê sem saber o que fazer na próxima hora? Você tem uma sensação de incerteza e de perda, de vacuidade e de irresolução? Se se sente assim simplesmente significa que você não se mantém na busca do Senhor Jesus Cristo. "Aquele que vem a mim" significa "aquele que persevera em vir a mim". Como é que pode ter fome ou sede, se a própria vida, a vida de verdade, a vida mais abundante, está dentro de você?

Aí temos, pois, as promessas do nosso Senhor: são verdadeiras? Cumprem-se na prática na vida? O apóstolo Paulo dá-nos a resposta em sua Epístola aos Filipenses: "Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância: em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (4:11 -13). As promessas são verdadeiras! Paulo está numa condição em que nunca está faminto e nunca está sedento. Diz ele mais adiante no mesmo capítulo: "... bastante tenho recebido, e tenho abundância" (versículo 18). Ele estava na prisão quando

escreveu estas palavras, e naquele tempo as prisões muitas vezes eram úmidas, escuras e insalubres. Talvez estivesse algemado a um soldado. Mas, “bastante tenho recebido, e tenho abundância”. “Cheio estou.” Naturalmente que está! Ele estava cheio de toda a plenitude de Deus! Ele se abre mais ousadamente, e diz: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus”

(versículo 19). É isso que significa ser “cheio de toda a plenitude de Deus”.

Povo cristão, conhecemos esta alegria? Isto é cristianismo! Foi para tomar isto possível que o Filho de Deus deixou o céu, veio à terra è foi para a cruz no monte do Calvário. Ele não morreu somente para que pudéssemos ser perdoados e salvos do inferno. Morreu para que pudéssemos ser “cheios de toda a plenitude de Deus” — aqui, nesta vida! Não quando vocês estiveram mortos e tiverem passado para o céu e para a glória, mas aqui e agora! Vamos tê-lo em maior plenitude lá, porém é para sermos completamente cheios aqui e agora. E por isso que Paulo estava orando em favor destes efésios. Não é um vago ideal que ele está pondo diante deles; está orando para que eles conheçam verdadeiramente isto, exatamente como ele o conhecia.

Isso é cristianismo! Contentar-se com menos que isso é pecaminoso e é desonrar ao Senhor. Não se contente com o mero fato de que você crê em Cristo, de que os seus pecados estão perdoados e de que você é membro de igreja. Empenhe-se, não se dê nem descanso nem paz; faça esta oração em favor de si próprio, faça-a completa, e continue fazendo-a até conhecer algo desta bendita satisfação e perceber algo desta plenitude. Não pense nisto como se fosse uma espécie de substância, como um objeto. Não pense em termos de analogias, como despejar um líquido de um jarro numa vasilha. Isto é pessoal, é Deus, Cristo habitando em nós. Portanto, concentre-se na Pessoa. Dirija-se à Pessoa do Senhor, aja com base em sua fé e fale com Ele; conte-Lhe suas carências e necessidades, espere nEle, passe tempo com Ele. Ele lhe dará da Sua plenitude, e então você poderá concordar com outro autor de hinos, William Tidd Matson. Seu pai foi um grande vulto no mundo da política, e William era um jovem de grande capacidade, também destinado ao mundo político, e indubitavelmente teria sido brilhante nessa área. No entanto, aos vinte anos de idade teve uma profunda experiência evangélica. Foi convertido e recebeu esta nova vida de Deus em sua alma. Desistiu de todas as esplendidas e fascinantes perspectivas e se tomou um humilde pregador do evangelho. Achava que tinha feito um grande sacrifício? Não! Foi todo um ganho, como ele nos diz:

Ó bendita vida! o coração em repouso,

Quando fora tudo perece tumultuado,

Que confia numa vontade superior,

E a esta considera superior, e não a minha.

Ó bendita vida! a mente que vê e enxerga

Toda alteração que os anos consigo tragam,

E ainda uma bênção em tudo que sucede E a refulgir por entre todos os mistérios.

Ó vida, bendita vida, vida divina!

Alta e elevada, muito mais alta que tudo,

Ó Salvador, cumpre o meu profundo desejo E faze que minha seja esta vida bendita.

John Ryland, pregador que viveu de 1753 a 1825, e que também conhecia algo desta plenitude, assim a expressa:

Ó Senhor, deleitar-me quero em Ti E do Teu cuidado depender;

Rumo a ti fugir quando há problema,

A Ti, meu melhor e único Amigo.

Quando secam todos os ribeiros,

Tua plenitude a mesma é;

Que esta me faça satisfeito E o Teu Santo nome eu glorifique!

Nas criaturas bem nenhum se vê,

Mas se pode achar, Senhor, em Ti;

Tudo posso ter, e em abundância,

Enquanto, ó Deus, fores Deus pra mim.

Aquele que o céu me garantiu,

Aqui todo o bem me proverá;

Se Cristo rico é, posso ser pobre?

Que é que poderei pedir-lhe mais?

Ó Senhor, meus cuidados lanço em Ti;

A vitória tenho, e eu Te adoro;

Doravante todo o meu interesse Será agradar-Te e amar-Te mais.

A GRANDIOSA DOXOLOGIA

"Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundamente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém. " Efésios 3:2021

"Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundamente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém."

Com estas palavras, uma doxologia, o apóstolo termina esta notável oração que elevou a Deus em favor dos cristãos efésios. Nada poderia ser mais pertinente que isso, depois de uma oração como essa. Na verdade, nenhuma outra coisa seria pertinente. Temos visto como o apóstolo foi subindo de petição em petição, e de altitude em altitude, até que chegou ao clímax, ao apogeu, além do qual nada é possível. Nada maior jamais poderá acontecer-nos do que a resposta à petição que sejamos "cheios de toda a plenitude de Deus", e a sua satisfação. Tendo pedido isso e orado por isso, nada mais se pode fazer, não há oração suplementar, nada mais resta, senão louvar a Deus.

Assim o apóstolo conclui com esta doxologia, e não é surpreendente que ele tenha sentido este desejo de louvar a Deus. Ele estivera orando para que estes efésios fossem "fortalecidos com poder pelo Espírito no homem interior". Essa já é em si uma grande solicitação. Ele prosseguira, orando para que Cristo "habitasse pela fé nos seus corações" e, então, para que "conhecessem o amor de Cristo que ultrapassa o conhecimento", e, acima de tudo, para que fossem "cheios de toda a plenitude de Deus". Em seguida, por assim dizer, ele pára e pergunta a si mesmo que é que toma possível tudo isso. Há somente uma resposta, é a graça de Deus. Ele já estivera enaltecendo essa graça no capítulo dois, lembrando aos cristãos efésios que é Deus que, "pelo seu muito amor com que nos amou", fez isso tudo: que tudo se deve às "insondáveis riquezas da sua graça" e à "sua bondade para conosco em Cristo Jesus".

Assim aqui, tendo elevado as petições, Paulo compreende que as respostas a petições tão espantosas só são possíveis por causa da graça de Deus. É tudo de graça. Não há nada no homem que mereça tais bênçãos, nada há no homem que o recomende. Todas as bênçãos que nós gozamos nos vêm pelo caminho da salvação que Deus providenciou em Seu Filho unigênito, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e por meio dEle. O apóstolo estava tão profundamente cônscio disto, e tão comovido pela percepção disto, que a sua alma e o seu coração pareciam arder de desejo de louvar e dar graças e glória ao Deus que tomou possíveis essas coisas aos homens.

Estou opinando que o apóstolo conclui com esta doxologia porque não podia fazer outra coisa. O que ele tinha pedido para estes cristãos era um possibilidade tão gloriosa que ele irrompe neste grandiosa hino de louvor devoto e de adoração. Seu desejo é que toda a glória seja atribuída Àquele que é o Autor e Doador da salvação e que é o único que merece a glória, a honra e o louvor.

A questão que agora surge é: sentimo-nos impelidos a juntar-nos a ele? Animam-nos as mesmas emoções e os mesmos pensamentos? Tendo lido as várias petições da oração, e tendo chegado ao clímax, estamos cônscios da inevitabilidade da doxologia? Sentimos, como o apóstolo sentiu, este quase irreprimível desejo de louvar a Deus e de magnificar a Sua graça? Será que ficamos emocionados e comovidos, como o apóstolo ficou, quando compreendemos as tremendas possibilidades abertas para nós na presente vida? Seria muito errôneo começar a considerar esta doxologia sem encarar essas questões. Ou será possível que, antes, nós estejamos achando que o apóstolo exagerou? Cremos no evangelho, somos cristãos e cremos que tudo é pela fé; mas quando ele se põe a falar sobre Cristo habitar em nossos corações e sobre conhecermos este amor de Cristo e sermos cheios de toda a plenitude de Deus, aí suspeitamos que ele foi longe demais, que ele ultrapassou a si mesmo e se fez vítima da sua própria eloqüência. Acharíamos que estas coisas só são possíveis para pessoas extraordinárias como o próprio apóstolo, ou para os chamados "santos" que se segregavam do mundo e se retiravam para os mosteiros? Acharíamos que estão fora do alcance do cristão comum, assim chamado, e que certamente não nos são possíveis?

Estamos numa destas duas posições. Se já apanhamos um vislumbre destas coisas e vimos a possibilidade, então certamente sentiremos o desejo de externar a doxologia e de unir-nos ao apóstolo nisso. Todavia se ficamos em dúvida e hesitantes, estaremos discutindo e argumentando conosco mesmos, e perguntando se isso não é alguma

estranha espécie de misticismo. A doxologia nos prova e prova a nossa profissão da fé cristã.

Isto não é algo que pode ser considerado de maneira puramente objetiva. Juntamo-nos ao apóstolo de coração e sentimos esta doxologia jorrar de dentro de nós? Receio que muito de nós mereçam a repreensão que Deus passou aos filhos de Israel na antigüidade, no Salmo 81, quando os faz lembrar-se do que Ele teria feito por eles se não fosse a sua incredulidade. Diz Ele: "Ah, Israel, se me ouvísses!" Não há fim para o que Ele fará por eles, se tão-somente derem ouvidos. "Abre bem a tua boca, e ta encherei." "Ah, se o meu povo me tivesse ouvido! Se Israel andasse nos meus caminhos! " (versículos 8,10,13). Mas eles não ouviram; temiam o inimigo, e lhes faltava a fé para receberem estas promessas. Achavam que eles eram grandes demais; eles hesitavam na incredulidade. Não criam na Palavra de Deus, não criam

nas promessas, e por isso vagaram e deram voltas em sua peregrinação, como o registro nos informa, cheios de dúvida, de vacilação e de medo, muitas vezes ficando sentados em suas tendas, com pena de si mesmos. Que triste figura faziam! Tudo devido ao fato de que não podiam crer nas promessas porque achavam que elas eram boas demais para serem verdadeiras. Qual a nossa posição com respeito a elas? Qual a nossa reação às petições que Paulo apresentou, uma após outra, e que levaram ao grande clímax quanto a sermos "cheios de toda a plenitude de Deus"?

Vejo-me especulando sobre se o apóstolo teve a sensação de que alguns dos efésios teriam tais pensamentos. Levanto essa questão porque ele ajeita as suas expressões nesta doxologia de molde a responder a essa possível dificuldade. O apóstolo sempre foi mestre e pastor. Mesmo numa doxologia como esta, na qual ele está atribuindo louvor e glória a Deus, há uma exortação. Ele trata de uma possível falta de fé, uma possível vacilação na incredulidade, pelo que diz: "Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória". Ele podia ter dito: "Ora, Àquele, o Deus que tanto promete, glória na Igreja, por Jesus Cristo"; entretanto, deliberadamente acrescenta as outras expressões. Assim como o apóstolo louva a Deus, ao mesmo tempo nos anima a orar e a louvar, e nos ensina como fazê-lo.

Você tem dúvidas sobre estas coisas? Você crê realmente que Cristo pode habitar pela fé em seu coração? Ele está habitando em seu coração pela fé? Você tem sido capaz de "compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade", e já conheceu "o amor de Cristo, que excede todo o entendimento"? Você

o sentiu, experimentou-o, conheceu-o de maneira experimental? Pode ser que creia nisso e que o tenha aceitado pela fé, mas existe a questão mais profunda do nosso conhecimento vivencial destas coisas. Vimos que a palavra "conhecer" carrega uma ênfase experimental; é um conhecimento por experiência. "O amor de Jesus, o que é ele, é simplesmente Seus amados conhecer." Conhecemo-lo neste sentido? E conhecemos algo acerca de sermos "cheios de toda a plenitude de Deus" — a satisfação que vimos considerando? Se não "conhecemos" estas coisas, é porque, em última instância, somos ignorantes de Deus, ignorantes da glória e do poder de Deus, ignorantes do que Ele planejou para nós em Cristo Jesus. Somos ignorantes daquilo que Ele entesourou e depositou para nós na Pessoa do Seu Filho unigênito, em que "habita corporalmente toda a plenitude da divindade", e em quem somos completos.

Demos ouvidos à exortação contida no doxologia. O apóstolo deseja ajudar-nos; ele se inclina para chegar à nossa fraqueza, encontra-se conosco no local da nossa ignorância e incredulidade. Ele nos afirma que o que precisamos acima de tudo mais é conhecer a grandeza do poder de Deus. Podemos conhecer isso, diz-nos ele,

primeiramente examinando-o objetivamente, examinando-o diretamente. Depois ele nos pedirá para examiná-lo subjetivamente, e por fim em termos da Igreja.

O tema da grandeza do poder de Deus, visto objetivamente, está na mente do apóstolo, desde o fim do capítulo primeiro da Epístola. No capítulo primeiro o apóstolo diz aos crentes efésios que está orando por eles sem cessar, e pedindo que "tenham iluminados os olhos do seu entendimento". Ora por eles, apesar de já terem crido no evangelho, já serem salvos e já terem sido selados pelo Espírito. Ora para que sejam iluminados a fim de "saberem qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos". Depois ele prossegue, descrevendo esse poder em termos do poder exercido por Deus quando ressuscitou Seu Filho do túmulo; noutras palavras, em termos do poder da ressurreição. Esse é o poder que opera nos cristãos.

No capítulo dois ele desenvolveu isso experimental e minuciosamente; e aqui ele retorna a isso. Quer que eles conheçam "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos". Se tão-somente conhecêssemos esse poder, jamais vacilaríamos na incredulidade, em quaisquer circunstâncias. Ele já o definira, já o descrevera e o ilustrara com o poder da ressurreição, porém aqui ele o descreve de

forma diferente. E o faz numa linguagem sumamente extraordinária.

A linguagem nunca foi tão forçada e usada até ao limite extremo como nesta doxologia. Isto porque a linguagem é inadequada. O apóstolo agora está tentando definir o indefinível. Está tentando tomar a medida do imensurável. Está tentando colocar em termos humanos aquilo que é ilimitado — o absoluto! Vejam como ele empilha as palavras umas sobre as outras. A Versão Autorizada ("Authorized Version") [1] é muito defeituosa aqui, e não expressa adequadamente o pensamento. Diz ela: "Àquele que é poderoso para fazer muitíssimo mais abundantemente acima de tudo que pedimos ou pensamos". Contudo, o que de fato o apóstolo escreveu consiste de um superlativo acrescido de um superlativo. Primeiramente ele diz: "Àquele que é poderoso acima (ou além) de todas as coisas". Poderíamos pensar que isso era suficiente, mas Paulo não ficou satisfeito. Ele acrescenta: "muitíssimo mais abundantemente, além de tudo que pedimos ou pensamos". Assim, a sentença inteira pode ser traduzida desta maneira: "Ora, àquele que é poderoso acima de todas as coisas para fazer muitíssimo mais abundantemente além do que podemos pedir ou pensar". Isto mostra a total inadequação da linguagem.

Nossos mais grandiosos superlativos não descrevem o poder de Deus. Adicionem um a outro, multipliquem-nos, juntem-nos, tomem a multiplicá-los, e continuem fazendo isso "além de todas as coisas", "muitíssimo mais abundantemente além de

todas as coisas", e ainda vocês não conseguirão descrevê-lo. Haverá algo "além de toda as coisas"? O poder de Deus é muitíssimo mais abundante, além de todas as coisas.

Assim o apóstolo tenta em vão dar-nos uma concepção do poder de Deus. Ele parece estar fazendo uma série de perguntas, tais como: vocês acham que estou indo longe demais? Acham que fui empolgado por minha retórica ou eloqüência? Acham que estou perdido num estado místico em que a lógica e a razão são deixadas para trás? Ouçam, diz ele, venho orando Àquele cujo poder é eterno e absoluto, acima de todas as coisas, Àquele que pode fazer muitíssimo mais abundantemente, além do nosso pensamento apical. Esse é o poder em que estou pensando e que desejo que vocês experimentem.

O apóstolo desce ao nosso nível e nos ajuda em nossa descrença e em nossas dúvidas e hesitações. Às vezes, em nossas orações pensamos que fomos um tanto atrevidos, e pedimos algo completamente impossível. Diz-nos o apóstolo que nunca devemos dar guarida a tais pensamentos, porque Deus pode fazer muitíssimo mais abundante-

mente além do que podemos pensar. John Newton compreendeu isso, pelo que nos concita, num dos seus bem conhecidos hinos, a parar e pensar, e a lembrar-nos de certas coisas, antes de começarmos a orar. Não devemos precipitar-nos com nossas petições e correr para a presença de Deus. Precisamos fazer certas perguntas. A quem vou orar? Quem é o Ser e qual é a verdade concernente ao Ser a quem estou prestes a dirigir-me? Newton responde sua própria pergunta, dizendo:

Ante um Rei vens comparecer,

Grande pedições vens trazer;

Pois Sua graça e Seu poder são tais Que ningue'm pode pedir demais.

Tragam as suas mais ousadas petições, tragam os seus pedidos mais impossíveis, a crescentem-lhes outros; que toda a Igreja se junte em seus mais desabridos desejos e exigências! Não há perigo de transpor o limite — "Pois Sua graça e Seu poder são tais que ninguém pode pedir demais". Seu poder está além de tudo quanto possamos pedir.

E não só isso, o poder de Deus está até além do que podemos pensar. Não se trata de uma divisão sem distinção. Há diferença entre o que pedimos e o que pensamos. Constantemente traçamos esta distinção na vida diária. Falamos acerca da esfera do possível. "A política", dizem-nos, "é a arte do possível"; esse é o limite da sua capacidade. Há coisas das quais dizemos que seria maravilhoso se pudéssemos tê-las, mas estão além dos limites da possibilidade. Os homens têm pensado e escrito

acerca de um ideal, um estado perfeito, um tipo de utopia, porém num mundo como este, isso é inatingível. Temos de restringir-nos ao que é possível. Noutras palavras, há distinção entre o que pedimos e o que pensamos. Pomos limite a nossos pedidos, a nossas petições reais, porque sabemos que estamos cercados e limitados por esta idéia do possível. Não obstante, logo queremos voar em nossas mentes e imaginações, e pensar em impossibilidades e com elas sonhar. Subimos a um nível mais alto e, embora saibamos que tais coisas não podem acontecer neste mundo, ainda assim podemos concebê-las e pensar nelas. Mas o apóstolo abrange isso também. Deus não somente pode fazer muitíssimo mais abundamente além de tudo que podemos pedir; pode também fazer além de tudo que podemos imaginar, de tudo que podemos pensar, de tudo que podemos suplicar com os nossos mais elevados e mais inspirados pensamentos e imaginações.

Certamente o nosso maior problema na vida cristã é a nossa incapacidade de compreender que Deus não é como o homem. O maior pecado de todo cristão, e da Igreja Cristã em geral, é limitar o poder

etemo e absoluto de Deus, reduzindo-o à medida das nossas mentes, dos nossos conceitos e dos nossos entendimentos. Sempre o povo de Deus tem-se feito culpado disso. “Limitaram o Santo de Israel.” “Se tão-somente”, Deus lhes diz repetidamente. Também foi o que aconteceu quando o nosso Senhor esteve neste mundo, nos dias da Sua carne. Esta foi a condenação que Ele lançou sobre os judeus quando proferiu o lamento: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste?” (Lucas 13:34). “Se tão-somente conhecesses”!

O povo de Deus, como Sara, mulher de Abraão, constantemente se fez culpado de falta de fé em Deus e de confiança em Seu poder. Isso se vê igualmente no Velho Testamento e no Novo. Quando o arcanjo Gabriel anunciou a Maria que ela haveria de dar nascimento ao Filho de Deus, ela vacilou em sua descrença, e o anjo teve que repreendê-la, dizendo: “Para Deus nada é impossível” (Lucas 1:30-37). Ao perguntar, “Como se fará isto?”, ela estava pensando somente em termos do poder humano e, com isso, estava limitando a Deus.

Recordem também a ocasião em que os discípulos estavam observando o nosso Senhor quando Ele falava com o “jovem rico” que afirmou que tinha guardado a lei de Deus desde a sua mocidade. Para mostra-lhe sua necessidade de arrependimento, o Senhor repreendeu-lhe a imcompreensão da Lei. Provavelmente o jovem tinha bela aparência e era conhecido por seus atos de beneficiência e pela alta moralidade do seu viver; contudo, “ficou muito triste” (Lucas 18:1823). Os apóstolos se espantaram e perguntaram ao nosso Senhor: “Quem pode salvar-se?” O nosso Senhor fitou-os e disse (AV): “Para o homem é impossível, mas não para Deus, pois para Deus todas as coisas são possíveis.” Quão constantemente cometemos o pecado

de limitar o poder de Deus em nossas petições e súplicas por nós mesmos! Por isso, quando nos é dito que podemos ser “cheios de toda a plenitude de Deus”, achamos que não é possível.

Somos culpados da mesma incredulidade quando limitamos as nossas petições com relação aos outros. Por exemplo, podemos dizer de certo homem que ele se impregnou tanto do pecado, que nada o pode salvar. Pode ser que você esteja preocupado com alguém que lhe é caro e que se opõe a Cristo e blasfema Seu nome, e por quem ou por cuja conversão você orou durante anos; e você começa a dizer que não vale a pena continuar orando, e que, afinal, os psicólogos estão certos quando falam sobre temperamento religioso. Você acha que a conversão dele é impossível. A resposta ainda é: “Para Deus nada será impossível". Ele “é poderoso para fazer muitíssimo mais abundante-

mente, acima e além de tudo que pedimos ou pensamos”. Como na antigüidade, a Palavra de Deus para nós hoje é: “Abre bem a tua boca, e ta encherei”. Lembremo-nos disso, quando estivermos orando a Deus, o Onipotente, o Eterno e Sempitemo. Assim o apóstolo nos convidou para examinarmos a grandeza do poder de Deus objetivamente.

Sigamo-lo agora, quando ele nos pede que examinemos a grandeza do poder de Deus subjetivamente e na esfera da experiência. “Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera”. Com as palavras, “segundo o poder que em nós opera”, entramos na esfera do subjetivo. Pode-se ouvir ou ler estas descrições maravilhosas do poder de Deus e, todavia, achar que tudo está longe e muito afastado da nossa vida e experiência diária. Soa “bom demais para ser verdade”, algo que não pode acontecer conosco de maneira alguma. Não somente pode acontecer, mas de fato acontece, afirma Paulo, “segundo o poder que em nós opera”. O apóstolo não está falando de maneira puramente acadêmica ou teórica, e sim está apelando à nossa experiência. O poder do qual ele está falando, assevera ele, é o poder que já está operando em nós. Isto, num sentido, é uma prova ainda maior do poder de Deus, porque responde a todas as objeções que possam surgir dos nossos sentimentos subjetivos. O apóstolo resume aqui muito do que disse nesta Epístola, nos três primeiros capítulos. É como se estivesse desafiando qualquer que, em Éfeso, estivesse duvidando do poder de Deus, e estivesse sendo tentado a achar que Paulo estava indo longe demais e buscando o impossível. Daí dizer ele que, em acréscimo a todas as provas externas do poder de Deus, há outra prova, a saber, o poder que está operando em nós.

Sem dúvida o apóstolo estava, em primeira instância, pensando nele próprio. Lembramos como ele se refere a si no começo deste capítulo três, quando diz: “Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

como me foi este mistério manifestado pela revelação". Ali ele os remetera à sua própria experiência. Alguém duvida do poder de Deus? Bem, se duvida, olhe para mim! Houve tempo em que eu fui um blasfemo, um perseguidor e uma pessoa nociva. Eu odiava a Cristo com toda a intensidade do meu ser; fiz o máximo que pude para massacrar os membros da Igreja e para eliminá-la totalmente. Saí para Damasco um dia, respirando ameaças e mortes contra os cristãos. Nunca houve um homem tão oposto ao cristianismo, nunca houve um homem tão preso a preconceitos, preconceito nacional, preconceito de treinamento, preconceito de religião

e de conhecimento, preconceito de amor próprio e de justiça própria. Como é que um homem como eu, Saulo de Tarso, pude tomar-me cristão? Mas eu sou cristão. Sou o homem que teve o privilégio de pregar o evangelho a vocês. Como aconteceu isso? Há só uma explicação — o poder de Deus!

Nada senão o eterno poder de Deus poderia ter transformado o fariseu blasfemo e perseguidor no apóstolo de Cristo, sim, no apóstolo dos gentios. Entretanto, isso não estivera operando somente em Paulo; o mesmo poder estivera operando nos cristãos efésios também. Ele já os fizera lembrar-se disso. "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência, entre os quais todos nós também andávamos nos desejos da nossa came, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, com os outros também." Eles estavam numa condição completamente desesperada — espiritualmente mortos! Mas ele acrescenta à descrição: "Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis gentios na carne... que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (2:1-3, 11-12). Estavam-lhes vedadas as bênçãos que os judeus conheciam, impedidos por uma parede de separação, estavam em total desesperança, perdidos, condenados. Como foi que tais pessoas puderam tomar-se cristãos? Como puderam tomar-se herdeiros de Deus? Como tais pessoas puderam tomar-se concidadãos e herdeiros junto com os judeus? Para o homem era pura impossibilidade; e contudo, diz o apóstolo, vocês sabem que isso aconteceu; e vocês são membros da Igreja de Cristo. E tudo isso aconteceu por causa deste mesmíssimo poder de Deus. Foi unicamente esse poder operando em vocês que os capacitou a crerem no evangelho. Por si mesmos não teria crido; vocês estavam mortos.

Ninguém pode crer por si mesmo no evangelho; somente o poder do Espírito pode levar alguém a crer; sem esse poder, estamos espiritualmente mortos, perdidos, arruinados, e sob a ira de Deus. No entanto, Deus pode vivificar os mortos! E Ele tinha vivificado os efésios. Tinha posto nova vida neles; e os tinha ressuscitado juntamente com Cristo e os fizera "assentar nos lugares celestiais em Cristo". Eles, que tinham estado tão longe, e tão completa e inteiramente sem esperança,

haviam sido aproximados (“chegastes perto”) pelo poder de Deus. Isso acontecera de fato na experiência deles. Assim, a lógica do argumento do apóstolo é que o Deus que pode fazer isso, pode fazer qualquer coisa, pode fazer tudo. Não há limite para tal poder!

Mais uma vez fazemos uma pausa para fazer-nos uma pergunta: conhecemos este poder? Acaso este argumento particular sobre “o poder que em nós opera” aplica-se a você e o convence? Você tem experimentado esse poder concedendo-lhe nova vida? Está consciente da nova vida vibrando em seu ser? Porventura tem consciência do Espírito santificando você, revelando o pecado a você, “trazendo à luz as coisas ocultas das trevas”(1 Coríntios 4:5), explicando-lhe a Palavra de Deus, criando desejos de santidade e de justiça no seu íntimo? Está ciente de que Deus está lidando com você? Ele está agindo em você? Você acha e sabe que Ele pode impedi-lo de cair? Este argumento é sem valor para todos os que jamais conheceram a origem do poder. Mas se conhece este poder de Deus operando em você, então deve ira adiante; deve ser lógico e dizer: o Deus que já fez isto por mim é um Deus que fará tudo que prometeu! Não há fim nem limite para este poder; é necessariamente infindável e eterno.

O argumento do apóstolo é que, se os cristãos conhecem este poder, não devem vacilar na descrença, nem duvidar, nem hesitar quando ele lhes diz que podem “ser cheios de toda a plenitude de Deus”. Assim é que o apóstolo os leva a examinarem o poder objetivamente e, depois, subjetivamente.

Em terceiro e último lugar, Paulo lhes pede que examinem a grandeza deste poder como se vê e se manifesta na Igreja. “Àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém”. Uma vez mais o apóstolo faz um sumário daquilo que já tinha ensinado. Além dos argumentos propiciados pelas provas objetivas do poder de Deus e pelas nossas experiências pessoais e individuais dele, há outro poderoso argumento para levar-nos à percepção deste poder de Deus. Devemos estudar a Igreja Cristã.

A Igreja Cristã é um milagre. O apóstolo já tinha chamado a atenção para isto várias vezes em sua epístola. Os efésios eram gentios, estrangeiros, estavam fora da comunidade de Israel e eram estranhos aos concertos, às alianças da promessa. E ali estavam os judeus — com sua justiça própria, orgulhosos e nacionalistas. Uma parede de separação havia no meio, entre eles. Reconciliação de judeu e gentio? Parecia pura loucura; isso não estava dentro da área da política prática. Era uma coisa que não podia acontecer. Contudo acontecera. “Mas agora em Cristo Jesus, vós que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de

separação que estava no meio, na sua

came desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmos dos dois um novo homem, fazendo a paz" (2:13-15). E mais: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (versículos 19 e 20). Tinha acontecido. Nada senão o poder de Deus poderia levar a efeito esta reconciliação, poderia produzir a Igreja, o corpo, e nos habilitar a dizer: "Porque por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito".

Não há nada que tanto mostre o poder e a glória de Deus como a Igreja Cristã. O apóstolo nos lembra isso, dizendo: "Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (3:10). E a sabedoria é exposta mediante o poder. O apóstolo já utilizara este argumento no capítulo primeiro, quando ele ora para que os efésios conheçam "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos". Este é, diz ele, o "poder que (o Pai) manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (versículos 19 a 23). Paulo está apenas repetindo isso aqui, como gosta de fazer em toda parte.

Não há nada que dê tanta glória a Deus como a Igreja Cristã. Deus manifestou o Seu poder quando disse: "Haja luz", e houve luz! As montanhas, os rios e o furioso mar, os raios e os trovões, proclamam todos a Sua glória. "Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos" (Salmo 19:1). Mas não há nada que tanto proclame a glória de Deus como a Igreja Cristã, o corpo cuja Cabeça é Cristo, nada é tão maravilhoso como o fato de que homens e mulheres, como eu e vocês, homens e mulheres envoltos, perdidos e mortos em pecado, haveríamos de tomar-nos membros do corpo de Cristo. Aqui temos a mais grandiosa manifestação da glória de Deus. Assim, não é surpreendente que o apóstolo diga: "A esse glória na igreja, por Jesus Cristo". É tudo "por Jesus Cristo", e é tudo por intermédio dEle. Estamos nEle, Somo "membros do seu corpo, da sua came e dos seus ossos". O Filho glorifica o Pai, e o Filho é glorificado em nós. É o que Ele diz em Sua oração ao Pai, antes de sofrer (AV): "Neles sou glorificado" (João 17:10). Ele glorificou o Pai, e nós, estando "nEle" e na Igreja, também contruibuímos para a glória do Pai. Que quadro maravilhoso!

Isso nos leva à frase final em que, de novo, o apóstolo parece estar fora de si próprio, e empilha adjetivo sobre adjetivo e superlativo sobre superlativo. De novo

a Versão Autorizada é inadequada, com a sua expressão, “A ele seja a glória na igreja por Cristo Jesus, através de todas as eras, etemamente”. O que Paulo de fato escreveu deveria ler--se: “A ele seja a glória na Igreja para todas as gerações, da era das eras”. Nada se pode acrescentar a isso! “Todas as gerações." De quê? “Da era das eras.” Que é “a era das eras”? Não existe era para as eras; é *a* era das eras, era sobre era sobre era, para sempre e sempre, um número infinito de eras.

Notem o que Paulo diz. A Igreja existirá para todo o sempre. Eu e você existeremos, para todas as gerações da era das eras. Os principados e poderes nos lugares celestiais olharão para nós com espanto e admiração e, ao ver-nos, atribuirão a Deus toda a honra e a glória e a majestada e a força e o domínio e o poder. É em nós, na Igreja, que eles vêem a glória e a sabedoria de Deus, como não as vêem em nenhum outro lugar. Estaremos assim manifestando a glória de Deus para todo o sempre, “para todas as gerações da era das eras”. Tal é o poder de Deus. Enquanto estivermos neste mundo, é um poder suficientemente grande para livrar-nos de cair. A doxologia de Judas nos leva a lembrarmos dAquele “que é poderoso para nos guardar de tropeçar”, e a Ele nos encomenda. Mas Ele não é somente poderoso para guardar-nos e manter-nos; também é poderoso para “apresentar-nos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória”. Não admira que Judas acrescente: “Ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nossos Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora, e para todo o sempre. Amém” (versículos 24 e 25).

Você, meu amigo, vai participar desta grandiosa doxologia? Tendo examinado as possibilidades que estão abertas para você agora mesmo, em Cristo Jesus, e tendo elevado por si mesmos estas petições, você está dizendo: “Toda a glória nos céus, e na terra e no mar, e onde quer que haja quaisquer seres, toda a honra e glória seja atribuída ao Deus bendito, o Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o nosso Deus, o Deus da nossa salvação. A ele seja a glória na igreja, por Jesus Cristo, para todas a gerações da era das eras”? Você está pronto a unir-se a Samuel Davies no cântico:

Grandioso Deus, os Teus caminhos todos Incomparáveis são, e divinais;

Porém, as belas glórias da Tua graça,

Mais divinas refulgem, sem rival.

Ah, que esta estranha graça, incomparável,

Este divinal milagre de amor,

A terra encha de gratos louvores E os exércitos de anjos no alto entoem: Quem é Deus como Tu, que assim perdoas? E em quem há graça rica e livre assim ?

[1]

Almeida *é* passível da mesma observação do Autor. Nota do tradutor.

AS INSONDAVEIS RIQUEZAS DE CRISTO

Os sermões que compoem este terceiro volume de exposições sobre a Epístola aos Efésios foram pregados por Dr. Lloyd-Jones aos domingos de manhã na Capela de Westminster. Eles fazem parte da série que se extendeu de 1954 a 1962.

Este capítulo 3 contém o ensino mais profundo do apóstolo Paulo, como também o seu desenvolvimento da experiência cristã no seu sentido mais elevado. Certamente o fervor do seu magnânimo coração de pastor se evidencia aqui de maneira que não se encontra em qualquer outro lugar. O registro do seu próprio chamado para pregar Cristo e das suas orações fervorosas a favor dos cristãos efésios, nos apresenta uma das declarações mais sublimes que achamos em todos os seus escritos. Que benção maior poderia ele desejar para seus irmãos do que o estarem *"cheios de toda a plenitude de Deus" ?*

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 - 3^{2} andar - sala 17 - 01041-000 São Paulo, SP